

MANEL LOUREIRO

# APOCALIPSE

Os DIAS  
EsCUROS

MANEL LOUREIRO DOVAL

**APOCALIPSE**

2

**OS DIAS  
ESCUROS**

Tradução de Sandra Martha Dolinsky  
Formatação de LeYtor

Este eBook foi originalmente formatado pelo grupo Toca Digital, o qual reaproveitei apenas os textos em si, fiz toda a formatação novamente, corrigindo erros e adequando a formatação do ePub à formatação do livro físico.

*LeYtor*

Para Maribel, que não chegou a vê-lo,  
mas que o teria adorado.

A civilização praticamente já não existe. Não há internet nem televisão. Não há casas ou escritórios. Nem escolas ou supermercados. Não há quase ninguém vivo para conversar. Não há quase nada que possa lembrar que um dia a humanidade já existiu, a não ser pequenos grupos isolados de pessoas assustadas e quase sem recursos para manterem-se vivas. O Apocalipse já começou.

Agora só há um objetivo:

**SOBREVIVER**

“E os mortos delas serão lançados, e de seus  
cadáveres se levantará fedor; e os montes  
se dissolverão pelo sangue deles.”

*ISAÍAS 34:3*

## Em algum lugar do Saara Ocidental

O pequeno lagarto estava há horas imóvel sobre a pedra aquecida pelo sol. De quando em quando seus flancos se inflavam e desinflavam, enquanto respirava o ar tórrido que o cercava, como um bafo saído do inferno. Algumas vezes mostrava sua língua áspera, enquanto esperava, paciente, que chegasse a noite para poder sair à caça naquele recanto inóspito e desolado do deserto que era seu lar.

Subitamente, percebeu um infrassom que teria sido totalmente inaudível para qualquer ser humano, se houvesse algum ali. O lagarto se encolheu instintivamente na concavidade sobre a pedra, perguntando-se em seu pequenino cérebro se aquele ruído representaria alguma ameaça à sua vida na forma de algum desconhecido e temível predador.

Logo aquele som se transformou em um ruído audível, primeiro um leve tremor que, em um crescente contínuo, se transformou, durante alguns segundos, em um barulho ensurdecedor muito próximo. A seguir, pouco a pouco, o som foi diminuindo até finalmente desaparecer por completo.

O pequeno lagarto pôs cautelosamente a cabeça para fora. Com seus olhos remelentos pestanejou um pouco, enquanto se habituava à intensa luz do meio-dia. Por um instante, contemplou o límpido e implacável céu azul do Saara Ocidental que tremulava de calor.

Se tivesse saído apenas meio minuto antes, teria sido testemunha de um espetáculo absolutamente incomum naquele recanto do mundo. Teria visto passar um enorme helicóptero Sokol pintado de amarelo e branco, com um desbotado logotipo do governo da Galícia desenhado na lateral e uma estranha rede de carga, cheia de barris e garrafões, a maioria já vazia, pendurada em sua barriga. E se tivesse olhado com mais atenção, talvez visse o piloto, um sujeito pequeno, quarentão, louro, de fartos bigodes, três dedos amputados na mão direita, que dirigia o aparelho com uma expressão cansada e mecânica; e os passageiros, duas mulheres de idades díspares e um homem com a barba de poucos dias.

Se pudesse ter observado mais de perto, teria visto o homem acariciar lentamente um enorme gato persa, que dormia calmamente em seu colo, enquanto seu dono observava com ar ausente a paisagem desértica que se abria diante de seus olhos, sua mente muito, muito longe dali.

O homem, de uns 30 anos, era alto, magro e de feições angulosas; seu olhar denotava cansaço profundo. Se alguém lhe perguntasse sobre sua história naquele momento, poderia ter contado que havia apenas dez meses levava uma vida chata e rotineira como advogado em uma pequena cidade do norte de Espanha.

Seu dia a dia, até que se desencadeasse o Apocalipse e tudo fosse para o inferno, transcorria entre seu trabalho, sua família, seus amigos e o enorme buraco de dor que deixara a morte de sua esposa apenas um ano antes. Sua

vida parecia ter entrado em uma espiral infinita de dor e rotina, mas, de repente, um dia, dez meses antes, tudo mudou.

Tudo.

No início, foi apenas uma série de confusas notícias no jornal, o típico comentário ao qual não se presta a menor atenção. Algum grupinho jihadista de uma remota ex-república soviética tivera a brilhante ideia de assaltar uma base do Exército russo no Daguestão, com a intenção de conseguir armas químicas, reféns ou simplesmente armamento convencional para vender no mercado negro. Isso era algo difícil de adivinhar.

O que os assaltantes não sabiam era que aquela base tinha sido um centro de pesquisas biológicas, com alguns dos vírus mais perigosos do mundo dormindo calmamente dentro de seus tubos de vidro. Para ser justo, não é que fosse culpa dos jihadistas, pois aquela base era um resíduo meio esquecido do velho império soviético, e nem mesmo os serviços secretos ocidentais sabiam de sua existência; mas, para tudo o que aconteceu depois, isso era o de menos.

Na verdade, de uma maneira ou de outra, o assalto foi um sucesso. Ou um fracasso absoluto e terrível, dependendo do ponto de vista. Porque, embora tenham conseguido tomar a base, também libertaram acidentalmente alguma coisa, uma pequena estirpe de um ser que nunca deveria ter sido criado. E por isso, menos de quarenta e oito horas depois do assalto, todos os guerrilheiros estavam mortos. Ou quase.

O mais grave foi que aquele pequeno ser, aquele vírus, já estava livre e, sem nada nem ninguém que o enfrentasse, espalhava-se como fogo na savana africana.

Naturalmente, no início, ninguém sabia nada disso. Na velha e confiante Europa, assim como na América e na Ásia, a vida seguia seu curso, tranquila e calmamente. Naquelas primeiras setenta e duas horas poderia ter sido feito alguma coisa, dominado a pandemia, mas o Daguestão era um país muito pequeno e pobre e, mesmo que seu governo quisesse fazer alguma coisa, não teria tido recursos para isto. A fase de eclosão já havia sido superada.

Era tarde demais.

Ninguém, nem mesmo o advogado de feições angulosas, começou a se inquietar antes que vários dias tivessem se passado. As primeiras notícias de uma estranha febre hemorrágica, no meio das montanhas do Cáucaso, chegavam pelos jornais e televisão como um ruído de fundo, quase abafado entre a última contratação do campeão da Europa e o enésimo escândalo político.

Mas, embora quase ninguém lhe prestasse atenção, continuava ali, crescendo.



Só depois de alguns dias alguém percebeu que algo estava definitivamente errado. Grandes áreas do Daguestão permaneciam escuras e em silêncio, como se não restasse nem uma única pessoa viva. O governo da pequena república deu uma olhada, e o que viu o encheu de tanto terror, que imediatamente ligou para a Rússia, a antiga potência, para que intervisse. E o que os russos viram foi tão aterrador, que imediatamente decretaram o fechamento das fronteiras, não só do Daguestão, mas também de seu próprio país. Mas já era tarde demais. As notícias começaram a se espalhar pelo resto do mundo, primeiro como uma confusão, e depois na forma de uma série de comunicados e contra comunicados do governo russo, do CDC de Atlanta e de mais sete organismos que afirmavam que se tratava de um surto de ebola, de varíola, de febre do Nilo, do vírus de Marburg ou de nenhum dos anteriores. Os rumores, cada vez mais inflamados e disparatados, passaram a circular, enquanto o manto de escuridão pulava do Daguestão para os países limítrofes, seguindo o rastro de refugiados que fugiam "daquilo", fosse o que fosse. Finalmente, na tentativa de tomar o controle da situação, o governo de Putin decidiu decretar o bloqueio às informações em todo o país, suprimir a liberdade de imprensa dentro da Confederação Russa e, de quebra, como quem não quer nada, pedir ajuda internacional urgente.

Mas, de novo, já era tarde demais.

Naquele momento, não só o advogado, mas metade da humanidade estava atenta ao que quer que fosse que estivesse acontecendo naquele lado do mundo. A notícia já não era uma breve nota, mas começava a ocupar espaços nas primeiras páginas dos jornais. Imagens filtradas pela férrea censura mostravam intermináveis filas de refugiados em um sentido, e colunas militares igualmente longas no outro. Os mais observadores apontaram que era muito estranho que se combatesse uma epidemia com o exército, mas aquelas vozes eram uma minoria. Ninguém prestava atenção em nada além da informação oficial. Finalmente, as equipes de ajuda internacional deslocaram-se até a região para colaborar com o controle da epidemia. Quinze dias antes, teriam tido alguma possibilidade de sucesso.

Mas, então, de novo, já era tarde demais.

Alguns dias depois, quando as equipes de ajuda internacional começaram a voltar a seus países de origem com vários de seus membros feridos por aqueles a quem haviam ido auxiliar, o problema subitamente se tornou mundial. Naquele momento, embora ninguém soubesse, a pandemia já estava definitivamente fora de controle. O mais lógico teria sido eliminar fisicamente os infectados (os governos já começavam a ter uma ideia do que estavam enfrentando), mas o interesse político e o controle da opinião pública puderam mais que o bom-senso.

Assim, a última possibilidade de controlar a pandemia desapareceu, e o vírus começou sua galopada mortal, transformando a pandemia em Apocalipse.

Naquela época, o advogado estava tão aterrorizado quanto o resto do mundo com acesso a uma tevê, rádio ou internet. As notícias sobre a pandemia se sucediam sem parar nos meios de comunicação. Impotente, contemplava dia a dia o vírus lentamente ganhar terreno. De repente, cessaram as notícias do Daguestão. Poucos dias depois, acontecia o mesmo com a Rússia. E com a Polônia, Finlândia, Turquia, Irã, e sucessivamente com todos os países do mundo. O vírus se espalhava como uma mancha de óleo por todo o planeta, mas, mesmo nessa época, a censura continuava exercendo seu férreo controle sobre a informação. O governo da União Europeia, em um gesto sem precedentes, selou um acordo: criar um Gabinete de Crise Único, que administrava as notícias a conta-gotas, enquanto metade dos países europeus fechava suas fronteiras e decretava a Lei Marcial. Já nesse momento, começavam a aparecer na internet os primeiros rumores absurdos de mortos que andavam ou de doentes possuídos por uma agressividade furiosa. Também não faltava quem falasse de controle extraterrestre, do Anticristo, de experimentos genéticos ou de monstros do inferno. Havia quase tantas teorias quantos sites.

Mas todo o mundo concordava que, fosse o que fosse, era muito contagioso e letal. E que eram os próprios infetados que propagavam a doença.

No dia em que o advogado viu na televisão o Rei da Espanha, de uniforme do Exército, como no 23-F, decretando a Lei Marcial, soube que aquela breve notícia de duas semanas antes chegara à Espanha.

Então, de todas as ideias desafortunadas que os governos poderiam ter tido, escolheram a pior. Seguindo uma lógica médica esmagadora (isolar os saudáveis dos doentes errantes), decidiram concentrar toda a população saudável em recintos habilitados para isto por todo o país, denominados "Áreas Seguras". Essas áreas eram imensos pedaços de cidade, convenientemente cercados e isolados, onde os cidadãos estariam a salvo dos "vetores de infecção" (naquela época, todo o mundo sabia que um encontro com um infectado podia acabar muito mal).

O advogado, de todas as ideias afortunadas que poderia ter tido, escolheu a melhor. Não queria ir para uma Área Segura (parecia-lhe, suspeitosamente, algo semelhante ao gueto de Varsóvia), e, assim, quando o grupo militar de evacuação percorreu seu bairro, escondeu-se em sua casa e deixou que todo mundo fosse embora, e ele ficou voluntariamente para trás.

Sozinho.

Mas não por muito tempo.

Em questão de dias, o mundo começou a ruir de verdade. A energia e as comunicações passaram a falhar à medida que os funcionários encarregados da manutenção não iam trabalhar ou simplesmente desapareciam sem deixar rastro. Logo os canais de televisão do mundo todo só passavam filmes enlatados, interrompidos por breves noticiários que, de forma quase

histórica, ordenavam a toda população que se concentrasse nas Áreas Seguras. Naquele momento, a censura, já capenga, caiu por completo. Reconhecia-se abertamente que os infectados, de alguma maneira, voltavam à vida depois de falecer, animados por algum tipo de impulso que os tornava imensamente agressivos contra os outros seres vivos. Parecia argumento de filme B, e seria risível, não fosse verdade que, devido a isso, o mundo inteiro estava ruindo em questão de dias.

O pequeno monstro de proveta liberado por acidente vinte dias antes finalmente mostrava sua verdadeira cara.

O que aconteceu nas quarenta e oito horas seguintes é muito difícil explicar. O sistema estava caindo aos pedaços, a corrente elétrica começava a falhar na maior parte do mundo, e ninguém tinha uma visão global. As Áreas Seguras mostraram ser uma armadilha mortal para os refugiados. O barulho e a presença de uma multidão humana agiam como ímã para as criaturas não mortas que perambulavam à solta pelo mundo todo. Quando as Áreas começaram a ser assediadas por hordas de não mortos, o pânico se desatou e muitos desses centros foram esmagados e invadidos pelos seres, com o catastrófico resultado de que a maioria dos refugiados acabou transformada, por sua vez, em não mortos. A mensagem oficial veiculada pelos poucos canais sobreviventes mudou radicalmente e passou a dizer que ninguém devia se aproximar das Áreas Seguras que restavam.

Mas, mais uma vez, era tarde. Tarde demais. A situação já fugia a qualquer controle possível.

O advogado, isolado em sua casa, em um bairro abandonado, com Lúculo, um preguiçoso gato persa, como única companhia, assistiu atônito à ruína. Quando finalmente até a internet parou de funcionar, ele começou a se preparar para o pior.

Coisa que não tardou a chegar. Menos de quarenta e oito horas depois os primeiros não mortos começaram a vagar por aquela que, até esse momento, havia sido a tranqüila rua de um bairro residencial de uma pequena cidade do Norte. Aterrorizado, percebeu que era um sobrevivente preso na própria casa. Ao longo dos dias seguintes, contemplou com pavor, da segurança de sua janela, o desfile interminável de não mortos.

Era o inferno na Terra.

Alguns dias depois, tomou a decisão de fugir de sua casa em direção à Área Segura de Vigo, o mais perto de sua cidade. Motivava-o não só o fato de que precisava ver outros rostos humanos, mas também, na verdade, porque ficara sem comida e sem água. As alternativas eram ou tentar chegar a um lugar seguro evitando os não mortos, ou perecer de inanição em casa. Apesar dos avisos oficiais, ir para a Área Segura transformara-se, de repente, em sua única opção válida.

Assim começou uma temerária viagem de vários dias, arriscando a vida em cada momento, atravessando cidades desoladas e estradas bloqueadas

por acidentes que ninguém fora socorrer. Quando finalmente conseguiu chegar à Área Segura de Vigo, cabotando a costa com um veleiro abandonado no Porto de Pontevedra, sua última esperança caiu por terra. A Área Segura de Vigo, a antiga Zona Franca do Porto, estava total e absolutamente arrasada. Não restava ninguém vivo ali, exceto dezenas, milhares de não mortos vagando sem rumo.

Quando começava a cogitar seriamente a possibilidade de suicídio, reparou num velho cargueiro enferrujado, o Zaren Kibish, que ainda semi ancorado no porto, mostrava sinais de vida. A bordo do barco, tripulantes, que naquele momento não eram mais que um grupo de sobreviventes amontoados, narraram-lhe o horror das últimas horas da Área Segura de Vigo, e sua queda face ao assalto dos não mortos, a fome e as doenças, uma história que se repetira, na mesma época em milhares de lugares do mundo.

E, mais uma vez, a sorte lhe sorriu. A bordo do Zaren conheceu um homem, um ucraniano bigodudo de 40 anos, louro e com olhos muito azuis, que atendia pelo nome de Víktor "Prit" Pritchenko. Aquele ucraniano, um dos poucos sobreviventes da Área Segura de Vigo e refugiado como ele a bordo do navio, era um dos pilotos de helicóptero que todos os verões chegavam à Espanha provenientes dos países do Leste, contratados pelo governo para enfrentar os incêndios florestais. Preso pelo Apocalipse em Vigo, longe de sua casa e família, o ucraniano Pritchenko logo fez amizade com o advogado, outro ser solitário e arrastado pelo caos daqueles dias.

Depois de umas terríveis semanas nas quais não só tiveram que enfrentar os não mortos, como também o despótico e desequilibrado capitão do navio, finalmente os dois homens bolaram um plano. O helicóptero do ucraniano, um Sokol anti-incêndios, ainda estava na base florestal, situada a poucos quilômetros do porto. Se chegassem até ele, iam conseguir voar até as Ilhas Canárias, um dos poucos lugares no mundo, por conta de seu isolamento, conseguira escapar da pandemia, e onde segundo as últimas notícias recebidas antes da queda do sistema, o governo e os sobreviventes estavam tentando reunir os poucos pedaços que restavam da civilização.

O único problema era conseguir burlar a vigilância do capitão do navio e de seus marinheiros armados, absortos nos próprios planos de salvar a pele (planos nos quais Prit e o advogado eram simples sacrificáveis). Quando, após um arriscado plano, que os levou a atravessar toda a cidade arrasada, finalmente conseguiram fugir, parecia que tudo ia dar certo.

Mas ainda faltava uma nova prova a superar.

Em uma antiga concessionária de veículos abandonada, que tinham escolhido como refúgio provisório para passar a noite, Víktor Pritchenko, o piloto ucraniano, sofreu um absurdo acidente enquanto manipulava um pequeno artefato pirotécnico. O que em condições normais não teria sido mais que um simples acidente doméstico, naquelas circunstâncias representava um terrível ferimento que, sem tratamento médico, poderia

levá-lo à morte.

Com seu colega sofrendo queimaduras de segundo grau e a amputação de vários dedos, o advogado não tinha mais remédio que tentar chegar com ele a um hospital. Era evidente que não haveria um único médico ali e, possivelmente, estaria infestado de não mortos, mas pelo menos poderia encontrar material médico suficiente para proporcionar a seu amigo os cuidados de que necessitava.

Com o que não contava era que aquele imenso hospital abandonado, com suas dezenas de corredores, salas e escadas às escuras, pudesse se transformar em uma prisão mortal. Ali, cercados de não mortos e perdidos nas entranhas do edifício, quando a situação parecia mais desesperadora, Lucía surgiu para resgatá-lo.

Dentro de um edifício cavernoso povoado de não mortos, que parecia uma imagem saída de um pesadelo demente, aquela garota era a pessoa mais improvável que se esperaria encontrar. Com pouco mais de 17 anos, alta e esbelta, uma longa cabeleira negra que combinava admiravelmente bem com seus arrebatadores olhos verdes puxados, a presença de Lucía naqueles corredores escuros era tão incongruente, que no início o advogado e Pritchenko pensaram que estavam tendo algum tipo de alucinação. Só quando a garota lhes contou sua história perceberam que Lucía, assim como eles dois, era uma sobrevivente aterrorizada que o destino deixara misericordiosamente estacionada ali.

O porão do hospital era uma espécie de enorme depósito estanque reforçado, com apenas duas portas de acesso fortemente protegidas. Nos dias finais do caos, Lucía, afastada acidentalmente de sua família, acabou ali por acaso, enquanto tentava localizar seus pais desaparecidos. Não conseguiu localizar ninguém conhecido, como aconteceu com tantos outros milhares de pessoas perdidas na confusão final, mas durante os últimos dias colaborara como auxiliar dos poucos médicos extenuados que obstinadamente tentavam manter aquele lugar em funcionamento.

Quando as massas de não mortos finalmente convergiram em torno do edifício, Lucía pôde se refugiar na segurança do porão, tendo como única companhia Irmã Cecília, uma freira enfermeira que decidira ficar como voluntária no hospital até o fim. A partir daquele momento, haviam permanecido entrincheiradas no porão, esperando a chegada de grupos de resgate que jamais viriam. Só quando ouviu o som de tiros e vozes humanas ricocheteando pelos corredores a jovem se atreveu a sair da segurança do refúgio.

É justo dizer que sua surpresa foi tão grande quanto a do advogado e do piloto. Em vez do aguerrido grupo de resgate que esperava encontrar, deu de cara com dois refugiados sujos, famintos e perdidos, um deles gravemente ferido, e ambos à beira do colapso emocional.

Onde outros teriam se rendido, porém, a jovem agiu como uma mulher

de muito mais experiência e idade. Arrastou os dois sobreviventes e seu peludo gato laranja para o porão. Ali, Irmã Cecília, possivelmente a única enfermeira viva em centenas de quilômetros, pôde cuidar do ucraniano ferido e, por fim, depois de tantas semanas de terror, o advogado e seu amigo encontraram um refúgio confortável, quente e seguro.

Os meses seguintes transcorreram como um sonho. Confortavelmente instalados na segurança daquele porão profusamente abastecido de víveres para centenas de pessoas e com geradores autônomos de eletricidade, os quatro sobreviventes se entregaram a uma vida tranquila e subterrânea, esperando que acontecesse algo que lhes permitisse sair dali e voltar à segurança.

Mas, novamente um imprevisto os obrigou a abandonar sua confortável toca e retomar o plano de chegar às Canárias. Uma forte tempestade elétrica de verão originou um incêndio a poucos quilômetros do hospital. Em um mundo abandonado, cheio de restos inflamáveis e mato, o fogo avançou sem controle e sem que ninguém o enfrentasse quase até as portas daquele que um dia havia sido um moderníssimo hospital. Só por sorte os quatro sobreviventes souberam, antes que fosse tarde demais, do furacão de fogo que se abateria sobre eles. Conseguiram sair do edifício quando as primeiras chamas lambiam as paredes, mas a tempo somente de preparar a bagagem.

Assim, após encher completamente o tanque de combustível e pendurar em uma rede de carga todos os barris de combustível que puderam carregar, dois dias antes tinham entrado naquele helicóptero e levantado voo rumo às Canárias, um dos poucos lugares onde supunham que ainda poderiam encontrar algum resto da humanidade, com uma única ideia em mente.

Sobreviver.

– Prit! Prit! Está me ouvindo? Maldito ucraniano psicopata!

Xinguei baixinho. O amaldiçoado rádio do helicóptero estava quebrado de novo. Era a terceira vez que isso acontecia desde que havíamos decolado das proximidades de Vigo. De repente, tive de me segurar com força no apoio lateral enquanto o pesado helicóptero dava uma nova guinada ao cruzar um bolsão de ar quente. Prit, indiferente aos sacolejos, continuava pilotando alegremente a toda velocidade, enquanto cantarolava uma terrível versão eslava de James Brown que martelava inclemente meus ouvidos.

Apoiei Lúculo em sua cesta, observando com inveja aquela enorme bola de pelo laranja que, após se espreguiçar como só os felinos sabem fazer, tornou a dormir calmamente, indiferente ao terrível estrondo dos motores do nosso pássaro. Após cinco dias consecutivos de voo, aquele som, mesmo filtrado pelos fones protetores, estava me deixando louco. Perguntei-me como, diabos, Lúculo fazia para suportar. Capacidade de adaptação dos gatos, imagino.

Voltei-me para dentro da cabine de passageiros. Irmã Cecília estava fortemente amarrada a uma das poltronas, rezando monotonamente baixinho enquanto manipulava de forma mecânica o rosário na mão direita. A pequena freira, com seu hábito impoluto e enormes fones vermelhos na cabeça, oferecia uma imagem chocante. A única mácula era a leve cor esverdeada de seu rosto e a expressão de angústia que surgia cada vez que o helicóptero atravessava uma zona de turbulências. Estava claro que voar não era com ela, mas precisava reconhecer que ela aguentara toda a viagem heroicamente. Nem uma única queixa saíra de seus lábios naqueles cinco dias.

Na poltrona da frente, esticada voluptuosamente, estava Lucía. Usava shorts bege justos e camiseta manchada de graxa do rotor do helicóptero (ela insistira em ajudar Prit a checar as hélices na última parada). Naquele momento, dormia profundamente e uma mecha de cabelos rebelde escorregava sobre seus olhos. Estiquei a mão e a afastei de seu rosto, procurando não acordá-la.

Suspirei. Eu tinha um problema com aquela garota e não sabia como resolvê-lo. Ao longo daqueles cinco últimos dias Lucía ficou permanentemente colada em mim... e eu a ela. Estava claro que ela me desejava e estava decidida a me seduzir por todos os meios. Eu, de minha parte, não podia negar que também me sentia profundamente atraído por aquela morena de pernas intermináveis, curvas voluptuosas e olhos de gata, mas, ao mesmo tempo, tentava manter a cabeça fria.

Em primeiro lugar, não era momento nem lugar para iniciar um romance, e, por outro lado, e não menos importante, havia a diferença de idade. Ela

era uma adolescente de apenas 16 anos (sim, 17, corriji mentalmente), e eu, um homem de trinta. Eram quase catorze anos de diferença, por Deus!

Lucia se mexeu em sonhos enquanto murmurava algo incompreensível com uma expressão de gozo no rosto que me fez engolir em seco. Precisava de ar fresco.

Passando pelo estreito corredor que ligava a zona de carga e passageiros com a cabine, deixei-me cair no banco do copiloto, ao lado de Pritchenko. O ucraniano voltou-se e me dirigiu um luminoso sorriso, enquanto me passava uma garrafa térmica com café que carregava em um pequeno suporte às costas. Aceitei-a desanimado e dei um longo trago. Enormes lágrimas encheram meus olhos enquanto eu tossia incontrolavelmente, tentando respirar. Aquele café devia ter quase cinquenta por cento de vodka pura.

— Café com gotas — o ucraniano disse enquanto me arrancava a garrafa térmica das mãos e dava um prolongado trago sem pestanejar. Após tomar metade da garrafa de uma vez, deu um soco no próprio peito e arrotou estrondosamente. — Muito melhor para pilotar — a seguir, passou-me de novo a garrafa, que peguei mecanicamente. — Sim, senhor, muito melhor — estalou a língua satisfeito e me ofereceu outro de seus maravilhosos sorrisos. — Na Chechênia toda minha esquadrilha tomava vodka pura. Mas lá fazia mais frio — concluiu com uma gargalhada.

Meneei a cabeça, e deixei Víktor; que estava impossível. Fazia calor dentro da cabine, muito calor. O ucraniano usava umas calças militares surradas e o tronco estava nu, brilhante de suor. Completavam seu conjunto um impossível chapéu preto de caubói, que ele encontrara pendurado na parede de um bar, e uns óculos verdes espelhados, sob os quais saíam seus imponentes bigodões. Fazia-me lembrar vagamente de um personagem saído de *Apocalypse Now*.

A verdade é que Víktor pilotava admiravelmente bem. No primeiro dia, quando decolamos de Vigo, foi capaz de levantar o pássaro com os tanques transbordando de tão cheios e uma rede de carga com mais de duas toneladas de galões de combustível pendendo da barriga do Sokol. Foi uma coisa admirável.

As imagens da viagem não paravam de passar diante de meus olhos, incansáveis. Definitivamente, foi ao longo desses últimos dias que pudemos nos dar conta do verdadeiro alcance de todo o caos do Apocalipse. Caso nos restasse alguma dúvida, já tínhamos total certeza de que a civilização tinha ido definitivamente para o brejo.

As primeiras horas tinham sido as piores. Enquanto nos dirigíamos para o sul margeando a costa portuguesa a poucas centenas de metros de altitude, nosso olhar passeava com espanto por todos os lugares. O caos e a desolação eram generalizados.

A primeira coisa que chamava a atenção era a luz. A atmosfera estava clara de uma forma incomum, quase transparente. Levando em conta que



já há meses as fábricas tinham parado de funcionar e que não havia trânsito poluindo o ambiente, entendia-se um pouco melhor. De qualquer maneira, aquele ar límpido tinha um quê de irreal e fantástico. Não fosse pelo permanente cheiro de carne podre, lixo e restos orgânicos que exalava por todos os lados, quase poderíamos pensar que estávamos em um território virgem de cinco mil anos atrás. Um breve olhar nos "presuntos" que passeavam por todos os lados logo estilhava essa ilusão.

As estradas, por sua vez, estavam totalmente intransitáveis. A cada poucos quilômetros, as retas pretas de asfalto viam-se pontuadas por restos de veículos ou, às vezes, monstruosas colisões múltiplas que as obstruíam completamente. Em duas ocasiões, inclusive, vimos alguns viadutos desabados ou estradas totalmente cobertas por deslizamentos de terra. Um trecho especialmente inclinado da estrada que ligava Porto a Lisboa se transformara em uma espumosa e selvagem correnteza ao longo de alguns quilômetros, nos quais as águas provenientes de uma represa transbordada corriam livremente, criando ondas de espuma que se quebravam contra as carcaças de veículos, que, por sua vez, se transformavam em surpreendentes recifes.

A natureza pouco a pouco ia reclamando seu terreno. As orgulhosas construções humanas, suas assombrosas e às vezes quase incríveis façanhas de engenharia civil estavam sendo lentamente devoradas pelo mato, água, terra e o que fosse que Deus quisesse pôr em seu caminho.

Um chiado nos fones do rádio me tirou de repente daqueles devaneios e me levou de novo ao Saara. O maldito aparelho havia decidido voltar a funcionar.

— Estamos quase secos — a voz de Víktor ressoava metalizada em meus ouvidos. — Vou dar uma volta sobre esta área. Fique atento. Procure um bom lugar para aterrissar.

E fique de olhos bem abertos, pensei. Nem mais um maldito susto, agora que falta tão pouco.

Os reabastecimentos anteriores haviam corrido razoavelmente bem, mas todo cuidado era pouco.

Bastava recordar o que acontecera no dia anterior.

Foi em uma das últimas paradas, em um lugar perdido entre Portugal e Estremadura. O helicóptero pousou no estacionamento de um empoeirado restaurante de beira de estrada. A esplanada de cimento estava totalmente deserta, exceto por um enferrujado Volkswagen Polo e um Seat Leon abandonados, que descansavam sobre quatro pneus meio murchos. O letreiro luminoso do restaurante estava coberto por uma grossa camada de pó e, no geral, tudo tinha um aspecto abandonado e solitário. Tinha todo o jeito de que éramos os primeiros seres humanos a passar por ali havia mais de um ano.

O Sokol aterrissou no meio de uma gigantesca nuvem de areia lançada para todos os lados. Antes que a areia começasse a baixar, Prit e eu já tínhamos saltado, cada um por um lado do aparelho, com um Fix nas mãos e o gosto do medo na boca, enquanto observávamos desesperadamente por entre o pó, tentando adivinhar a figura cambaleante de algum não morto.

Só quando o pó baixou e vimos que a esplanada continuava deserta foi que o ritmo do meu coração começou a se acalmar. Quando as turbinas do Sokol pararam, um silêncio sepulcral se estendeu sobre o estacionamento. Não se ouvia nem o mínimo som, sequer o piar dos pássaros.

Com certeza todos os bichos de penas tinham se assustado com o estrondo do helicóptero ao pousar. Ou pior, corriji mentalmente: não restava nem um maldito pássaro vivo naquela região. Tudo era possível.

Por um instante, tive a inquietante sensação de que éramos os últimos homens sobre a face da Terra. De repente, Lúculo miou inquieto, quebrando aquele estranho feitiço. Hora de se mexer.

Rapidamente, Pritchenko foi até a rede de transporte e, ajudado por Lucía, desenganchou a argola superior. A resistente rede de carga deslizou por cima da pilha de barris amarelos cheios de querosene CB-1-A. Afastando três ou quatro barris vazios, o ucraniano rolou um dos ainda cheios até o helicóptero. Uma vez ali, com habilidade, abriu o barril e introduziu nele um tubo de borracha conectado ao tanque de combustível do Sokol. Pronto, o querosene começou a fluir para dentro dos tanques do pássaro.

A partir desse instante, encher o tanque era apenas uma questão de minutos, mas durante esse tempo éramos extremamente vulneráveis. Com o pássaro em terra, a rede de carga aberta e um garrafão de produto altamente inflamável bombeando para os tanques, uma decolagem rápida ficava descartada. Definitivamente, se os não mortos aparecessem por ali de repente, estaríamos bem ferrados.

Após me certificar de que nada se movia pelos arredores, fiz um sinal para Prit e abri um dos compartimentos da cabine traseira do Sokol para pegar um cigarro. Franzi o cenho, contrariado. Só me restavam dois Camel amassados e cheirando a umidade. Tínhamos conseguido provisões e

medicamentos suficientes no hospital, mas de cigarro andávamos extremamente apertados.

Olhei para o restaurante situado do outro lado da esplanada, hesitante. Era uma churrascaria de beira de estrada fuleira, mas eu podia apostar um milhão de euros que havia uma máquina de cigarros na porta ou nos fundos, embaixo da tevê. Devia dar uma olhada, pensei. Afinal de contas, aquilo estava totalmente abandonado.

Voltei-me para o grupo, para avisá-los. Lucía e Prit estavam de costas, em uma discussão acalorada sobre a melhor maneira de empilhar os barris vazios na rede. Irmã Cecília dormia calmamente, aproveitando aqueles minutos em terra longe das aterrorizantes alturas, e Lúculo... bem, Lúculo estava se lavando como só os gatos sabem fazer, indiferente ao resto do mundo. Dei de ombros e fui para o restaurante. Seria questão de um minuto só.

A porta, naturalmente, estava fechada. Olhei a minha volta. Uns vasos com plantas murchas decoravam a fachada, coberta por um telhadinho empoeirado. No chão, jogado de qualquer jeito, jazia uma placa de sorvetes desbotada pelo sol. Ao lado, um guarda-sol rasgado, duas cadeiras de plástico e uma mesa empoeirada completavam o panorama. Em um canto, acumulando terra, uma jaqueta jeans de cor indefinida apodrecia lentamente, no mesmo lugar em que alguém a deixara cair de qualquer jeito, como que sem tempo de apoiá-la em um lugar melhor.

A porta parecia resistente, mas uma das janelas da fachada lateral não. Era uma velha janela de esquadria de madeira que dava para a cozinha. O passar do tempo e o calor gerado pela grelha da carne situada bem ao lado, lá dentro, conseguiram arqueá-la ao longo dos anos e havia uma pequena folga de uns dois centímetros na parte inferior.

Desembainhei a faca que carregava no flanco e inseri a lâmina naquele vão. Tive de forçar só um pouco, até que um apagado "crac" indicou que a tranca se quebrara. A folha da janela, velha, mas perfeitamente lubrificada, girou silenciosamente sobre suas dobradiças, franqueando minha passagem para o interior fresco e sombrio.

Com cuidado entrei na cozinha, tentando perfurar a penumbra com meus olhos. A mudança do luminoso exterior para a relativa escuridão do interior me deixou sem visão por alguns segundos. Porém, não podia pensar nisso, porque o cheiro podre ali dentro era sufocante. Com uma manga da camisa, tentei tapar o nariz, enquanto meus olhos lacrimejavam e a ânsia de vômito subia pela garganta.

Assim que me habituei àquela meia-luz, pude ver em detalhes o interior da cozinha. O cheiro provinha de uma enorme geladeira industrial escancarada, onde quilos e quilos de carne de porco e novilho apodreciam lentamente há meses. Em cima do balcão, algo que em algum momento tinha sido uma costela de porco fervia coberto de milhares de vermes

brancos, que rastejavam inclusive sobre o cabo da faca apoiada ao lado. Junto a ela, uns tomates putrefatos esperavam eternamente que alguém os cortasse em rodelas para uma salada que jamais seria servida. Em cima do fogão uma frigideira chamuscada, com um enorme círculo preto de fumaça marcado no teto. O registro daquela boca estava aberto, mas o gás já acabara fazer muito tempo, após manter a chama acesa durante dias, com certeza. Aquele lugar não ardera até o alicerce por milagre.

A imagem geral era de uma fuga apressada. Em pânico, tanto, que nem sequer haviam pensado no mais elementar. Eu podia imaginar o que os assustara dessa forma.

Abri com cautela a porta da cozinha. O salão, em claro-escuro, era composto por uma dúzia de mesas, várias das quais ainda com restos putrefatos de comida sobre elas. Uma bolsa solitária pendia do encosto de uma cadeira, abandonada por sua dona na fuga apressada.

Meu olhar passou pela sala desolada, até que finalmente pousou em uma máquina de cigarros, situada em um canto do saguão, ao lado do balcão do café, acima do qual presidia um calendário, parado para sempre em fevereiro do ano anterior, entre garrafas de conhaque e fotos e cachecóis do Real Madrid. Fui para trás do balcão e comecei a revirar gavetas, até que, na terceira, ao lado de um monte de contas, encontrei um molho de chaves. Sorri, satisfeito. Alguma delas tinha que ser a da máquina de cigarros.

Enquanto abria a máquina, de fora chegava abafado o som dos barris de metal vazios chocando-se entre si. Isso significava que Prit e Lucía deviam estar fechando a rede de carga para decolar de novo. Subitamente, senti uma absurda sensação de angústia ao imaginar que decolariam sem mim e me deixariam esquecido naquele buraco sujo e perdido da mão de Deus. O pensamento era totalmente infundado, mas como todas as ideias estúpidas, em uma mente pouco descansada como era a minha naquele momento, tomou forma de realidade. Eu não tinha muito tempo. Apressadamente, enfiei em uma mochila todos os maços de cigarros que pude, até mesmo os de pior qualidade, deixando cair vários pelo chão por conta da pressa. Não sabia onde poderia encontrar o próximo centro de abastecimento nessa viagem.

Estava prestes a sair quando senti o chamado da natureza. Depois de mais de sete horas consecutivas de voo, minha bexiga estava a ponto de explodir. Prit afirmava tranquilamente que era possível urinar em uma garrafa no helicóptero. Não que eu duvidasse da palavra do ucraniano, mas é que a ideia de mijar na frente de uma freira e de uma menina de 17 anos não me convencia, de modo que agüentei a vontade até esse momento.

Coloquei o fuzil a tiracolo e, desabotoando a calça pelo caminho para ganhar tempo, fui para o banheiro. Posicionei-me diante de um dos mictórios e logo senti uma imensa sensação de alívio.

Quando ia abotoar a calça, vi uma mão refletida na válvula da descarga,

bem atrás de mim. E atrás da mão, o braço, e o resto daquela mulher. Era gorda, de cabelo crespo, pelo menos o que restava dele. Algo ou alguém devorara metade de seu rosto e arrancara um braço. Fugazmente pude ver um dos braços semi devorados no chão do banheiro, no meio de uma poça de sangue seco, enquanto o outro, o que eu vira abrir a porta, pendia preso pelo ombro só por dois tendões, balançando de um jeito macabro cada vez que sua proprietária se mexia.

Antes que tivesse tempo de me voltar, aquela besta se jogou em cima de mim, esmagando-me contra a parede. Senti seu hálito na nuca, enquanto ouvia seus dentes se chocando contra o cano do fuzil, a tiracolo em minhas costas. Era enorme, devia pesar uns bons cento e tantos quilos, e se movimentava com a inépcia própria dos não mortos.

Felizmente não tinha braços, do contrário, teria acabado comigo ali mesmo. Resisti ao primeiro assalto, mas a situação continuava terrivelmente comprometedor. Apoiando as mãos na parede, impulsionei meu corpo para trás, com aquela coisa e seus dentes firmemente agarrados ao cano do fuzil, enquanto meus pés escorregavam espasmodicamente no chão do banheiro.

Caímos rolando pelo chão. Livrei-me como pude daquele peso morto e comecei a engatinhar de costas para a porta, vindo com espanto aquele monstro cravar seus dentes em uma de minhas botas e atacá-la com ferozes dentadas. Histericamente, comecei a chutá-la com o outro pé, no meio do buraco avermelhado que um dia fora seu rosto.

Eu não queria morrer. Não assim. No banheiro de um sujo e perdido bar de beira de estrada, com as calças desabotoadas e me arrastando pelo chão. Não desse jeito.

Pegando com as duas mãos um dos virotes que sempre carregava na bainha colada à perna (o arpão ficara no helicóptero), levantei-o acima de minha cabeça e o cravei com força no centro de seu crânio. Com um suave som viscoso, a ponta de aço deslizou para dentro da cabeça daquela coisa até tocar uma parte dura, onde ficou encaixada.

Apoiando-me na parede, levantei-me, sem perder de vista o corpo da Não Morta nem por um instante. Como sempre me acontecia nesses casos, comecei a sentir um profundo mal-estar e um intenso suor frio percorrendo meu corpo depois que a luta terminou. Tudo aconteceu em pouco menos de quinze segundos. Com mãos trêmulas, tentei acender um cigarro, mas tive de desistir após algumas tentativas. Não conseguia nem girar a roda do isqueiro. Foi um piscar de olhos, quinze segundos no máximo. Cristo Bendito, não podia acreditar.

Saí do banheiro cambaleando, com o gosto amargo da bile na boca, enquanto sentia a queda da adrenalina em cada poro da minha pele. Não conseguia me acostumar, e achava que nunca conseguiria. Cada vez que matava um desses seres, mesmo sabendo que não estavam vivos, ficava doente. Cada vez que via minha vida em perigo, a angústia e o terror me

paralisavam. Todas as noites, há meses, horríveis pesadelos eram meus companheiros habituais na cama.

Eu não era o único. Via Lucía mexendo-se à noite, fugindo em intermináveis pesadelos. Também vi Prit acordando de repente, banhado em suor frio e com um olhar enlouquecido. Depois, passava horas olhando o infinito, com expressão ausente e esvaziando, trago após trago, uma garrafa de vodca. Eu imaginava que, quando acordava à noite, minha expressão devia ser a mesma. De qualquer maneira, acho que nenhum de nós foi capaz de dormir mais de cinco horas seguidas durante meses.

Acendi um dos cigarros com mãos trêmulas, enquanto abria a tranca da porta principal e saía de novo. A luz do sol me fez semicerrar os olhos por um instante, enquanto olhava a minha volta, um tanto desorientado. Girei a cabeça para o Sokol, cujas enormes pás já começavam a traçar lentamente enormes círculos no ar. Da janelinha do copiloto Lucía me observava com ar escrutador, enquanto Pritchenko checava todos os níveis antes de iniciar o voo.

Fui para o helicóptero arrastando os pés pelo pó, sentindo o intenso olhar de Lucía me perfurar, adivinhando que algo tinha me acontecido dentro daquele poeirento restaurante abandonado. Eu me sentia cansado, cansadíssimo, e esgotado emocionalmente. Aquele pequeno episódio era um resumo do que era minha vida naquele momento.

Aquele pesadelo era interminável.

Responda! *Dabai, Dabai!* Está me ouvindo? — a voz de Prit ressoava entre crepitações e estalos pelo rádio. Perdido em meus pensamentos, não o ouvi até esse momento. Sacudi a cabeça, afastando as recordações do pesadelo da minha mente e voltando ao Sokol, que voava como uma flecha sobre o Saara.

— Diga, Prit — gritei no microfone, por cima do uivo das turbinas, enquanto o helicóptero traçava ampla espiral em volta de um ponto abaixo de nós.

— Acho que esse poderia ser um bom ponto para aterrissar — disse o ucraniano quando deslizei como uma enguia para a cabine do piloto.

Segui a direção que o pequeno piloto me indicava com o dedo. Estávamos voando sobre um ermo vilarejo encostado às margens do oceano Atlântico, bem onde as areias do Saara afundavam sob as geladas águas do mar. Aquele lugar não tinha mais de quinze ou vinte casas, uma mesquita de tijolo caiado, meia dúzia de longas canoas de pesca apoiadas na praia e umas raquíticas plantações em volta do povoado. Uma estrada poeirenta que corria de norte a sul o atravessava, perdendo-se na distância.

Na entrada sul do povoado havia uma ampla esplanada, a mais de duzentos metros das casas mais próximas, rodeada por uma cerca imunda de madeiras e arbustos espinhosos. Aquilo devia ter sido um curral de cabras, mas já não havia nem rastro delas. Era um lugar perfeito para pousar.

Com uma graciosa pirueta final, Prit mergulhou o aparelho em um prolongado S, até que ficamos estáticos a uns cinco ou seis metros acima do nível do solo, bem em cima do antigo curral. Os barris, na maior parte vazios, entrechocaram-se com um sonoro som metálico quando a enorme malha de carga tocou a superfície. Com um leve toque em um dos comandos, o ucraniano nivelou o aparelho bem ao lado da rede de carga. Depois de alguns segundos, o Sokol aterrissou mais uma vez, levantando um verdadeiro furacão de areia em volta e quase desfazendo a cerca.

Quando a tempestade de areia baixou, pudemos vislumbrar com mais calma o espaço que nos cercava. Apenas o som do vento passando por entre as casas de tijolo quebrava o silêncio sepulcral que reinava na aldeia. Quase imediatamente sentimos o calor sufocante. Devíamos estar pelo menos a uns 45 graus centígrados. O ar era denso, espesso como um caldo quente; tanto, que era até difícil respirar. Aquele vilarejo, situado bem às portas do deserto, nunca devia ter sido um lugar agradável para viver, nem mesmo em seus melhores tempos, e naquele momento, em ruínas e desabitado, tinha um aspecto abominável.

Com os sentidos alertas, Prit e eu saímos do recinto fechado para dar uma breve olhada lá fora e, de quebra, esticar um pouco as pernas, coisa

necessária após várias horas de voo. A rua principal do povoado, uma miserável estrada onde os pedaços de asfalto desapareciam por entre enormes buracos cobertos de areia, parecia não ter sido pisada em meses.

Fomos com cautela para a aldeia, caminhando pelo centro da estrada e prestando muita atenção onde pisávamos. Aquele vilarejo ficava muito perto da área onde a Frente Polizário agia antes que se desencadeasse o Apocalipse, e muitos dos acostamentos das poucas estradas da região ainda estavam semeados de minas desse grupo ou do Exército marroquino. Teria sido uma ironia absurda morrer despedaçado por uma delas faltando tão pouco para alcançar as Canárias.

Ao chegar a uma das primeiras casas, fomos assaltados por um forte cheiro azedo, como leite talhado. Nos olhamos, profundamente confusos. Não era o cheiro típico da putrefação que nos acompanhava desde o começo da nossa viagem. Era mais suave, diferente, um pouco picante até.

Víktor e eu assentimos e, sem uma palavra, engatilhamos silenciosamente nossas armas, o ucraniano com muito mais decisão que eu. Inspirando profundamente, viramos de repente a esquina da casa, enquanto apontávamos descontroladamente para todos os lados.

— Mas... — a expressão de Pritchenko era de total desconcerto. — Que diabos é isso?

— Não faço ideia, Prit — respondi, enquanto baixava a arma e coçava a cabeça, intrigado. — Mas não teria gostado de estar aqui quando aconteceu.

Diante de nós, em um estreito beco, empilhava-se uma dúzia e meia de corpos jogados de qualquer jeito no chão, como tantos outros que víamos ao longo do caminho.

A diferença era que aqueles corpos — indubitavelmente mortos — não estavam decompostos como se poderia esperar. O calor extremo, a extrema secura do ambiente e o ar tórrido do deserto haviam completado um trabalho de mumificação perfeito. Os restos esfarrapados de roupa mal cobriam as extremidades esqueléticas de uma coloração mogno profundo, enegrecidas e chamuscadas pelo sol. A pele esticada como um tambor cobria aqueles despojos, empilhados no fundo do beco.

Com precaução, nos aproximamos um pouco dos corpos, que exalavam um característico cheiro acre que então eu reconhecia perfeitamente. Aqueles cadáveres faziam lembrar as múmias dos faraós que podiam ser vistas no Museu do Cairo. Dei um pontapé no que estava mais perto de mim. Soou como se tivesse chutado um pedaço de lenha. Estavam secos, totalmente desidratados.

Quase todos os cadáveres tinham ferimentos de bala na cabeça e restos de sangue seco na roupa, além de várias feridas e mutilações. Depois de tantos meses vivendo entre não mortos, para nós estava claro o que aqueles seres haviam sido em outro momento, antes que alguém os liquidasse.



Prit se agachou para pegar um pedaço de cobre caído no chão.

— 5,56 OTAN -- disse, após dar uma olhada. — Possivelmente de um HK como a que você leva nas costas — acrescentou. Depois, fez silêncio. Não precisava dizer mais nada.

O Exército marroquino ainda usava o velho Cetme espanhol de 7,62 mm que a Espanha lhe havia vendido aos milhares quando renovou seu arsenal, nos anos 1990. Isso significava que aquilo não tinha sido feito pelos marroquinos, pelo menos não por elementos regulares. Quem fizera aquilo, e quando, era uma incógnita.

De repente, um grunhido profundo surgiu da montanha de cadáveres mais à direita. O ucraniano e eu demos um pulo, como se tivéssemos levado um choque. O grunhido se repetiu mais uma vez, profundo e áspero, mas nem um movimento alterou a quietude do monte de despojos.

Nervoso, pus a mão na trava do HK, enquanto olhava interrogante para Prit. O ucraniano passou a língua pelos lábios ressecados, hesitante. Finalmente, aproximou-se do monte, com muita cautela, como se fosse de uma bomba atômica.

O grunhido se repetiu pela terceira vez, e, então, localizamos sua origem. Saía de um corpo que estava com as costas apoiadas em uma parede, com as pernas estendidas ao longo do chão, os braços caídos de lado e a cabeça inclinada sobre o peito, atravessado por vários buracos de bala. Uma suja mancha de sangue seco adornava a parede ali, onde o torso escorregara até cair naquela posição. Os dois joelhos estavam totalmente destruídos por tiros e, de fato, uma das pernas estava unida ao resto do corpo apenas por uns tendões ressecados.

Assoviei baixinho, atônito. Aquele não morto teve o azar de ser deixado inválido pelos tiros, mas sem nenhum ferimento fatal na cabeça. Incapaz de se mexer, considerado definitivamente morto por seus executores, aquele infeliz ficara abandonado à sua sorte num beco esquecido, durante meses, secando ao sol do deserto, incapaz de morrer.

Aproximei meu rosto de seu corpo. Suas extremidades, totalmente desidratadas, haviam perdido a elasticidade, e sua carne, lentamente, fora se consumindo até ficar parecida com bacon ou madeira. Aquele bicho era incapaz de mexer um só músculo, mas, no fundo de seus globos oculares murchos ainda pulsava uma centelha de vida (ou de Não Vida, corriji mentalmente). Pela primeira vez desde o início de tudo aquilo, senti uma verdadeira pena por um daqueles seres. Eu não sabia se ele tinha consciência de si mesmo ou não, mas não era capaz de imaginar o inferno que podia habitar um corpo transformado em um pedaço de madeira. Em algum lugar dentro daquele crânio ressecado aninhava-se uma essência, furiosa por estar ali presa para sempre, possivelmente louca de pedra por conta daquela situação.

Um maldito não morto louco de pedra. Que ótimo.

Porém, aquela descoberta nos fez relaxar ostensivamente. Se aquele ser estava naquele estado lamentável, isso significava que qualquer não morto que andasse pela região há mais de duas semanas teria de estar ressecado como palha e igualmente incapaz de se mexer.

Não deixava de ser irônico. As únicas áreas seguras do mundo para os seres humanos passaram a ser as mais inabitáveis: os desertos. Evidentemente, o próprio fato de serem inabitáveis as descartava completamente como lugar onde se assentar para viver. Era uma difícil alternativa.

Prit estava silencioso, contemplando aquela besta. Algo passava pela cabeça do piloto, eu não tinha a menor dúvida.

— Víktor... o que foi, amigo? — perguntei, pondo minha mão em seu ombro. O ucraniano teve um calafrio ao voltar à realidade.

— Estava pensando... — ele passou a língua pelos lábios, hesitante, antes de prosseguir. — Estava pensando que se o calor extremo pode fazer isso com essas coisas, então imagino que o frio também as deva congelar. Entende? — perguntou.

— Não sei aonde você quer chegar, Prit, mas não acho que...

— O inverno na Alemanha é rigoroso, muito rigoroso — seus olhos brilhavam de excitação. — Minha mulher e meu filho estavam em Düsseldorf, e ali, no inverno, as temperaturas beiram os 10 graus negativos. Se todos os não mortos ficassem congelados, então há uma possibilidade de que minha família esteja bem! — o pequeno ucraniano já estava quase dando pulos de excitação. — Talvez devêssemos ir até lá!

Olhei consternado para meu amigo. Agarrava-se desesperadamente à esperança de que sua família estivesse viva.

— Prit, acho que está se confundindo, e sabe disso — contrariei-o com delicadeza, tentando não ferir seus sentimentos. Calor e frio extremos não são a mesma coisa. Esses seres, esses não mortos, não podem morrer congelados e, enquanto estiverem se movimentando, duvido muito que possam se congelar por completo. Imagino que em áreas que estejam a cinquenta ou sessenta graus abaixo de zero poderiam se congelar, sim, mas a vida humana ali seria quase impossível — acrescentei, observando a expressão ansiosa de meu amigo.

— Mas... não entendo como...

— Prit, pense um pouco. Aqui não se trata de uma questão de temperatura, mas sim de desidratação — expliquei pacientemente. — Um corpo é composto de mais de noventa por cento de água, e quando perde esse líquido por causa do calor, fica assim — apontei para a pilha de não mortos amontoados a nossos pés. — Porém, por mais frio que faça no norte, com um pouco de umidade no ambiente, até onde sei, esses filhos da puta podem continuar se mexendo eternamente — concluí, deixando cair os

braços.

Observei Pritchenko desolado. Sua expressão revelava claramente que tinha consciência do alcance do que eu dizia. Aqueles animais condenados não morriam nem de frio, nem de fome, nem de sede, nem de calor. Uma vez mais, as possibilidades de que sua família estivesse viva na Alemanha se reduziam ao mínimo. Como as da sobrevivência de meus familiares, pensei amargamente. Éramos as últimas ervilhas da lata.

Afastamo-nos lentamente dali, não sem que antes Prit, por ódio, precaução ou piedade, enfiasse a lâmina de sua faca no cérebro do não morto atravessando um olho, o que desligou imediatamente os grunhidos.

A exploração do resto da aldeia não trouxe grandes surpresas. Alguém (possivelmente os mesmos que haviam exterminado todos os não mortos do lugar) tinha limpado a fundo aquele lugar. Não encontramos nada de proveitoso, nem comida (que estava começando a ficar alarmantemente escassa), nem combustível, armas ou água. O poço da aldeia, terrivelmente profundo, estava situado à sombra de um telhadinho, bem em frente à porta da mesquita. A água era extraída com uma bomba a motor, mas daquele motor não restava nem rastro. A pessoa, ou pessoas, que saqueara criteriosamente a aldeia levava tudo que tivesse proveito, inclusive aquele motor, do qual só restavam os parafusos que, em algum momento, o mantivera preso ao chão.

As casas de tijolo estavam começando a rachar sob o sufocante calor do deserto. Algumas delas tinham perdido o telhado por causa do forte vento da região, deixando o interior à vista. Possivelmente, se ninguém consertasse aquilo, no prazo de dois anos o deserto devoraria aquele povoado, fazendo-o desaparecer, como se nunca tivesse existido.

O sol começava a se pôr sobre o oceano, tingindo o céu de uma espetacular cor avermelhada, enquanto a temperatura refrescava um pouco. Decidimos passar a noite naquele lugar. Após revistá-lo a fundo, não encontramos nem um único não morto além do monte de cadáveres daquele beco e mais dois corpos apodrecendo dentro de uma das casas. Decidimos montar nosso acampamento dentro da mesquita, a única construção da aldeia que tinha o chão forrado de tapetes.

Naquela noite, sentado na praia escura, com um cigarro nas mãos e sob um céu polvilhado de estrelas, senti-me relaxado pela primeira vez em muitos meses. Naquele momento, tive consciência de que havia conseguido, e que ainda estava vivo. E, então, pela primeira vez desde que aquela viagem começara, comecei a chorar.

## 4 Canárias

— Virgem Santíssima! Estamos salvos! — A voz da Irmã Cecília trinava de emoção, enquanto o contorno brumoso de Lanzarote, a ilha mais oriental do arquipélago, perfilava-se no horizonte.

Olhei com curiosidade para a pequena freira que, diante da visão da terra próxima, parecia ter saído de seu estado de permanente vigília, e naquele momento berrava excitada no pequeno espaço disponível na cabine de passageiros. Lucia, por sua vez, cobriu-me, e a Viktor, de beijos sonoros e deu um aperto em cada um que quase nos sufocou.

E não era para menos. A meta estava perto.

Havíamos decolado do continente africano duas horas antes. O vento de cauda nos fizera percorrer a distância mais rapidamente do que calculáramos e agora, com as luzes do meio-dia, a ilha de Lanzarote brilhava como uma miragem no meio de um mar de um profundo turquesa. Era a imagem mais bonita que eu via em meses.

Voltei-me sorridente para Prit, que, com uma expressão serena, me disse que em cerca de vinte minutos estaríamos em terra. — E dentro de quarenta pretendo estar tomando uma cerveja gelada — ele acrescentou. — Ou melhor, um barril inteiro, e um pacote de charutos canários no bolso — disse com ar divertido, depois de pensar durante um segundo. Enquanto isso, por trás eu podia ouvir Lucia explicar aceleradamente para Irmã Cecília que não via a hora de arranjar alguma roupa que não fosse três números maiores que o dela. Algo adequado para uma garota e que realce meu corpo, ela disse exatamente.

A atmosfera dentro do Sokol era de festa. Até o pobre Lúculo, contagiado pela excitação que percebia no ambiente, dava saltos elétricos de um lado para o outro na cabine, obrigando-nos a introduzi-lo de novo em sua cesta entre grandes miados de protesto da sua parte. Por minha vez, sentia-me imensamente aliviado. Havíamos conseguido realizar uma viagem sem volta de mais de dois mil quilômetros sem sofrer nenhum percalço, coisa que, dadas as circunstâncias, era um feito mais que considerável. Eu estava satisfeito.

Comecei a mexer no rádio, procurando uma frequência de contato com a ilha, para anunciar nossa chegada. A última coisa que queríamos era que algum dedo nervoso apertasse um gatilho antes da hora. Éramos novos no pedaço, e devíamos agir com cautela.

Imagino que foi minha expressão que fez emudecer pouco a pouco a algararra da cabine. Por mais que girasse o sintonizador do rádio do Sokol, não conseguia captar mais que estática nas ondas curtas. Uma horrível bola gelada bateu no fundo do meu estômago. Se o rádio não captava nenhum tipo de transmissão, isso só podia significar duas coisas: ou a ilha de

Lanzarote guardava silêncio absoluto de rádio por algum motivo desconhecido... ou já não havia ninguém capaz de manipular um rádio na ilha toda.

Senti tontura. Se a epidemia tivesse chegado às ilhas, então nossas possibilidades de sobrevivência diminuiriam muito. Estávamos a mais de dois mil quilômetros da Europa, voando para um arquipélago no meio do Atlântico com nossas últimas reservas de combustível esgotando-se no tanque, e sem possibilidade de voltar, nem de ir a qualquer outro lugar. Apostáramos tudo na carta das Canárias... e, pelo visto, havíamos perdido.

Fez-se silêncio na cabine do Sokol. Eu podia sentir três pares de olhos cravados em minha nuca, enquanto o helicóptero devorava as últimas milhas náuticas que nos separavam do solo. Em poucos minutos estaríamos com os "pés secos", como ouvira Prit dizer.

Que diabos ia dizer a eles? E, principalmente, que diabos íamos fazer? Minha cabeça girava.

— Não se recebe nenhum sinal, não é? — Irmã Cecília quebrou o pesado silêncio, com uma nota de fatalismo na voz..

— Não, Irmã — respondi após intermináveis segundos. — Acho que não há ninguém ali embaixo — as primeiras areias da costa já passavam velozes sob nossos pés naquele momento.

— Não pode ser... Não pode ser! — Lucia meneava a cabeça com obstinação. — Deixe-me tentar — disse, enquanto me afastava do rádio com um empurrão e me arrebatava os fones.

Observei com fascinação a espigada jovem enquanto manipulava o rádio. Seus dedos giravam os comandos de sintonia com a delicadeza e precisão de um ourives, parando em cada pequeno chiado ou interferência, em busca do ponto exato que fizesse adivinhar uma mão humana por trás do sinal. Compreendi que me deixara levar pelo nervosismo uns minutos antes, e mexi no aparelho com brusquidão excessiva, comparado com a delicadeza com que Lucia varria a frequência. De repente, sua expressão mudou e meu coração começou a galopar ferozmente dentro do peito.

— Tem alguma coisa aqui! — sua expressão era quase frenética. — Ouçam isso! — tirou os fones de repente, enquanto Prit, com sua mão saudável, tateava o painel e ligava o som aberto na cabine, sem afastar os olhos do terreno vulcânico que se estendia diante dele.

— ... Aeroporto de Tenerife Norte GCXO, aviso de emergência automático... cabeceiras 12/30 livres, pista principal livre..., contatem torre no canal 36, não aterrissem, repito, não aterrissem sem autorização... Vão diretamente para a Área de Quarentena. Aeroporto de Tenerife Norte GCXO, aviso de emergência automático... cabeceiras 12/30 livres... — a mensagem se repetiu mais duas vezes antes de ser substituída pelo mesmo texto, mas em inglês.

– O que significa isso? – Lucía perguntou, confusa. – Do que se trata?

– Aeroporto Tenerife Norte... – Prit murmurou – ... Los Rodeos.

Assenti com a cabeça. O Aeroporto Tenerife Norte, mais conhecido como Los Rodeos, era um dos dois terminais aéreos de Tenerife, junto com o aeroporto Reina Sofía, ao sul da ilha. Aquele sinal automático indicava que ainda devia restar alguém ali que sobrevivera à epidemia. A parte da mensagem que falava de uma "Área de Quarentena" levava a pensar nisso. Esta era a parte boa da notícia.

A parte ruim era que ainda tínhamos de chegar até ali. E uma breve olhada no indicador de combustível do Sokol me bastou para saber que aquilo não seria possível.

Uma luz vermelha começou a piscar no painel, enquanto um estridente alarme soava dentro da cabine. Víktor puxou uma pequena alavanca situada à sua direita e a luz se apagou, sendo substituída por outra fixa cor de laranja. Todos olhavam inquisitivamente para o pequeno ucraniano.

– Acabei de conectar a reserva de combustível – disse. – Ainda temos para quinze minutos de voo. Depois... – não concluiu a frase.

– Que vamos fazer? – perguntei baixinho.

– O rádio do aeroporto de Lanzarote continua funcionando, mas isso não significa nada – o ucraniano replicou. – Ele tem baterias alimentadas por placas solares, de modo que se ninguém puser as mãos nelas, poderiam funcionar em modo automático e indefinidamente durante meses. Não sei o que vamos encontrar ali – concluiu.

Por um instante, um pesado silêncio reinou entre nós. As alternativas eram poucas.

– Para o aeroporto de Arrecife – disse, após pensar apenas uns segundos. – Acho que é nossa única opção.

O ucraniano assentiu, enquanto inclinava o pesado Sokol para a esquerda, seguindo o sinal do radiobaliza do aeroporto de Arrecife, Lanzarote.

Depois de uns seis ou sete minutos passamos roçando os telhados das primeiras casas de Arrecife, cidade que costumava ter uns cinquenta mil habitantes antes da epidemia.

Porém, naquele momento, pelas janelas não podíamos distinguir ninguém circulando pelas ruas.

Parecia uma cidade como tantas outras que tínhamos visto ao longo daquela interminável viagem, só que esta era levemente diferente. Não havia sinais de luta em nenhum lugar, nem engarrafamentos de veículos abandonados, nem edifícios queimados até a fundação, nem nenhum dos sinais do Apocalipse. Os jardins públicos, embora desmantelados e selvagens, não ofereciam aquela imagem de selva de outros parques urbanos abandonados à sua sorte há mais de um ano. As ruas estavam sujas, mas não acumulavam enormes quantidades de lixo, escombros e papéis voando, tão habituais por todos os lados. A cidade, enfim, parecia adormecida, como se fosse um domingo bem cedo. Quase se esperava ver passar o caminhão dos jornais virando uma esquina, como um dia normal.

— Ali! — Lucia berrou. — Naquela praça, entre os dois ônibus verdes!

Todos olhamos naquela direção. Engoli em seco. Entre os dois ônibus urbanos viam-se naquele instante dois homens, um deles usando o inconfundível uniforme militar da Legião Espanhola. O outro era um civil alto, de uns 40 anos, de terno e gravata e o cabelo desgrenhado. Ambos iam caminhando em paralelo, como se conversassem amistosamente, totalmente alheios ao estrondo do Sokol sobre sua cabeça. Uma imagem perfeitamente normal, não fosse por o civil não ter metade do rosto e uma enorme crosta de sangue seco cobrir o torso do legionário.

Eram não mortos.

Estavam ali.

De alguma maneira, a epidemia alcançara aquele lugar.

Dei um soco furioso em uma das colunas do helicóptero, enquanto Prit soltava uma ladainha de palavões em russo. Lucia, por sua vez, estava completamente pasma, contemplando aqueles dois sujeitos com seus binóculos, incapaz de acreditar no que tinha diante de seus olhos. Por sua vez, Irmã Cecília retomara seu rosário e, com voz monótona, murmurava uma oração suavemente. O rosto da velha freira irradiava uma estranha paz, em contraste com nossas expressões. Ela estava perfeitamente ciente de que só nos restavam algumas horas de vida, no máximo, e estava ajustando suas últimas contas para quando tivesse de cumprimentar Deus pessoalmente. O que seria em breve, se não déssemos algum jeito. Eu tinha de pensar em alguma coisa.

— Há aqui, alguma coisa está estranha — eu disse. — A cidade não está

arrasada, como todas as que vimos até agora, nem tem sinais de luta — gritei acima do barulho dos rotores para me fazer entender. — Reparem bem! Há muito poucos não mortos pelas ruas, umas dúzias, no máximo!

— É verdade! — Prit respondeu, também gritando. — A cidade toda dá a sensação de ter sido abandonada de forma organizada! Eu apostaria até minha última garrafa de vodca que esses não mortos aí embaixo chegaram à cidade de outro lugar, pouco depois de ter sido evacuada!

— Isso explicaria por que há tão poucos — respondi —, mas não explica onde todos se enfiaram, nem por que evacuaram a cidade.

— Nem de onde saíram esses não mortos — Lucía apontou, lúgubre.

Ficamos em silêncio, mergulhados em nossos pensamentos, enquanto o helicóptero cruzava os últimos quilômetros antes de chegar ao aeroporto. Engatilhei cuidadosamente o HK, com um estalo que fez todo mundo se arrear em suas poltronas. Enquanto as perguntas se amontoavam em minha cabeça, não podia evitar que um calafrio percorresse minhas costas, pensando no que poderíamos encontrar ao chegar ali.

Sentia minha camisa colada às costas por conta do suor. Aproveitei os últimos minutos antes de chegar ao aeroporto para passar para a parte traseira da cabine e vestir a roupa de neoprene como pude, arfando e me contorcendo.

Quando acabei de vestir meu velho traje (que realmente estava cada vez mais velho e surrado, e com duas feias costuras, lembrança de incidentes passados), a sombra do Sokol já deslizava sobre o asfalto da cabeceira da pista do aeroporto de Lanzarote.

— Veja isso! — disse Prit, enquanto indicava com o braço a torre de controle. — Aqui, sim, parece que houve algum tipo de agito!

Segui a direção apontada pelo braço do ucraniano. A torre de controle estava enegrecida por causa da fumaça e das chamas que a haviam consumido. Os vãos das janelas pareciam cáries abertas no topo da torre desmantelada, cercada de enormes quantidades de escombros e vidros quebrados a seus pés.

Era muito estranho. Dava a sensação de que a torre fora incendiada intencionalmente por algum motivo, em vez de ter sido vítima de algum fogo fortuito. De fato, o resto do pequeno terminal resplandecia intacto sob o sol do meio-dia, com três ou quatro pequenos aviões da companhia Binter, empresa que anteriormente ligava as ilhas entre si, que agora apodreciam lentamente na posição em que foram deixados pela última vez.

No fundo da pista, e como um estranho contraponto, um enorme 747 jazia tombado, com o nariz meio enterrado em uma montanha de areia. Era branco e vermelho, com as palavras TALA AIRWAYS pintadas em enormes letras de forma na fuselagem e na cauda.

Eu não tinha nem ideia de que companhia era aquela, nem de onde era.



Pelas cores, era europeia ou asiática. Algum tipo de pequena companhia charter, provavelmente.

O que estava claro era que a pista do pequenino aeródromo de Lanzarote era curta demais para receber um daqueles mastodontes do ar que, após aterrissar, não conseguira frear sobre o cimento e finalmente saíra pela lateral. Aterrisse como puder, amigo.

Porém, não se viam restos do acidente em nenhum lugar. Na verdade, tudo parecia escrupulosamente organizado e tranquilo, como se depois de ter aterrissado tão aparatosamente, alguém tivesse decidido recolher todos os restos e ajeitar o lugar. Enquanto o Sokol dava uma última volta secando o tanque de combustível, pude ver que certas partes do avião, como os flaps, tinham sido cuidadosamente desmontados e levados para algum lugar.

– Canibalizado – disse Prit baixinho pelo rádio.

– Como? – respondi, confuso.

– Canibalizado. Na Chechênia, às vezes tínhamos problemas de fornecimento de peças, principalmente quando os mujahedins aprenderam a usar mísseis antiaéreos leves. Então, para poder manter um mínimo de aviões da esquadrilha no ar, tirávamos peças em bom estado dos aparelhos mais danificados para colocá-las nos que iam voar – fez uma pausa. – Canibalizados – o ucraniano concluiu baixinho, mais concentrado em pousar o Sokol ao lado dos tanques de combustível do aeroporto que em conversar comigo.

Depois de dois minutos o helicóptero pousou com suavidade na pista, e logo o zumbido das hélices foi se apagando, quando Víktor desligou as turbinas. Àquela altura, eu já estava correndo para um dos pequenos caminhões de abastecimento de combustível que vira do ar. À medida que me aproximava, sentia meu coração ir se encolhendo. Aquele caminhão também fora "canibalizado" por completo. Desprovido de rodas, descansava sobre quatro sólidos blocos de cimento, e o capô aberto permitia ver o enorme vão onde um dia esteve instalado o motor que o impulsionava. O tanque traseiro, soube antes de chegar a ele, estava seco como o deserto do Saara.

Voltei-me para Prit, mas ele e Lucía já se dirigiam com passo firme a um pequeno cercado metálico que rodeava algo que fazia lembrar remotamente uma bomba de combustível. O ucraniano sacudiu a porta da cerca, fechada por uma simples fechadura comum. Dando alguns passos para trás, pegou impulso e deu um tremendo pontapé no mecanismo, destruindo-o com um sonoro estalo. A porta ficou pendurada nas dobradiças em um estranho ângulo que deixava apenas um pequeno vão. Lucía o aproveitou para escorregar para dentro como uma enguia, atenta às instruções do piloto.

– Aperte essa alavanca. Assim não, no outro sentido! Você tem de apertar o botão de limpeza do sistema. É esse botão... Esse não, o do lado! – o ucraniano se desmanchava em explicações enquanto conectava

trabalhosamente uma enorme mangueira a uma das bocas que saíam da bomba.

Fui até eles correndo para dar uma mão, mas, de repente, estanquei. Duas figuras cambaleantes se recortavam ao longe, vindo do prédio do terminal. E, atrás deles, saindo de várias portas, surgiam mais várias dezenas, todos concentrados no improvisado espetáculo que oferecíamos no fundo da pista.

O espetáculo de quatro sobreviventes tentando encaixar uma mangueira, alheios, até aquele momento, à presença que se aproximava lentamente.

– Temos companhia! – gritei a plenos pulmões.

Eu já ouvira essa frase em uma infinidade de filmes de Hollywood. Na boca dos aguerridos protagonistas dos filmes sempre soava confiante, viril e potente, mas, aos meus ouvidos, meu próprio grito soou como a granada assustada de um eunuco.

Lucía e Víktor levantaram a cabeça, surpresos, e rapidamente redobram seus esforços para pôr a bomba em funcionamento. Eu, de minha parte, apoiei um joelho no escaldante chão da pista enquanto tirava o HK do ombro.

Mentalmente, calculei as possibilidades que tínhamos de que aquilo acabasse bem. Mesmo não sendo um gênio da estatística, logo percebi que seria praticamente impossível encher o tanque do Sokol antes que aquela multidão nos alcançasse. Por um instante, temi perder o controle da bexiga, mas me recuperei. Se tivéssemos de tombar, que não fosse sem lutar, pelo menos.

Que diabos! Aquela era um dia tão bom quanto qualquer outro para morrer.

Sentia minhas mãos grudadas de suor. Ouvia atrás de mim os esforços do ucraniano e de Lucía para acionar aquela bomba manualmente (evidentemente, não havia eletricidade que fizesse o motor funcionar). A freira havia se juntado a eles, com seu caráter decidido, para dar uma mão, mas o espaço dentro da jaula era tão reduzido que só fazia atrapalhar. Porém, eu entendia perfeitamente que ela estivesse ali. Eu também não ia querer estar sozinho quando os arautos da morte se aproximassem a passo lento.

Eu tinha meus próprios problemas. Os não mortos avançavam cambaleando pela pista em nossa direção, incansáveis. Estávamos a uns quinhentos, seiscentos metros do terminal. Era uma distância considerável para percorrer arrastando os pés, de modo que ainda tínhamos alguns minutos. O problema era que talvez não fossem suficientes para acionar a bomba de combustível e carregar pelo menos os litros necessários para decolar no tanque do Sokol.

O HK tinha trinta balas no pente, e eu tinha mais dois no cinto. Fiz contas mentais novamente e logo vi que era impossível deter aquela maré não humana ou atrasá-la de alguma forma.

Eu tinha menos de cem balas contra uma massa que devia somar pelo menos uns trezentos indivíduos. E, como se não bastasse, eu só tinha atirado com aquela arma umas duas vezes, em um curso apressado que o ucraniano nos dera em um descampado onde havíamos aterrissado, dias atrás.

Além disso, eu sabia que não era um grande atirador, e menos ainda àquela distância. Todos os não mortos que eliminara até o momento haviam tombado quase em um corpo a corpo e com considerável dose de sorte de minha parte.

— Que está fazendo, caralho? — gritou Lucia. — Atire! Atire, caralho! — minha garota podia utilizar a linguagem de um caminhoneiro com uma facilidade impressionante, principalmente quando se assustava.

— Por favor! Faça-os parar! — Irmã Cecilia, em pânico, juntou-se aos gritos da jovem.

Faça-os parar... Estão me zoando. Claro, vou até eles e os convenço a ir tomar umas caninhas no bar do aeroporto. Ou ir à praia, tomar sol e jogar vôlei.

Sentia o pânico rastejando dentro de mim, frio e sorrateiro. O tempo parecia congelado. Eu não conseguia pensar com clareza e, apesar dos gritos, permanecia com um joelho em terra, no meio da pista, completamente travado. De repente, um dos não mortos, um sujeito alto, de meia-idade, usando uma bermuda e uma camiseta desbotada, tropeçou com seu vizinho e se esparramou no chão. Um dos seus chinelos desaparecera fazia tempo, e o pé descalço estava completamente destruído pelo atrito no chão. Naquele momento, conscientizei-me até do mínimo detalhe: a cor esbranquiçada do osso que saía pelo calcanhar destruído, que brilhava a distância sob o sol; o delicado perfume de podridão que o vento trazia daquela massa, o mato que saía timidamente por uma fenda do asfalto, ao lado do meu joelho, o...

ATIRE! — O grito, ou melhor, o rugido saíra da garganta de Prit que, vermelho por conta do esforço e com as veias do pescoço prestes a explodir, bombeava como um possuído a alavanca.

Aquilo me tirou do estado hipnótico. Coloquei a mira do HK conforme o ucraniano havia explicado, ajustei-a a 3 x, sua máxima ampliação, e apontei para a multidão, com a mente totalmente vazia.

Pela mira podia ver o rosto dos não mortos como se estivesse ao lado deles. Homens, mulheres, crianças, jovens e velhos, altos e baixos, todos se confundiam em um mar de rostos vazios de expressão, mas com um brilho sinistro nos globos oculares apagados. Nada me dava mais pânico que aqueles olhos mortos e vazios. Faziam-me lembrar os olhos de um tubarão cinza que havia tido a oportunidade de ver em um mergulho, anos antes, a

muito poucos metros. Era aquele mesmo olhar, escuro, sem sentimentos, que fazia os pelos da nuca se arrepiar de pânico.

O primeiro tiro foi alto, nem sequer roçou o não morto para o qual eu apontava. Os seis ou sete seguintes foram mais atinados, e logo quatro corpos jaziam espartilhados na pista do aeroporto. Porém, nesse tempo, os não mortos tinham avançado mais cinquenta metros e estavam cada vez mais perto. Em pânico, vi que só poderia caçar um punhado deles, no máximo, antes que estivessem em cima de nós. Inconscientemente, comecei a rezar enquanto atirava.

A mangueira conectada à bomba de combustível tossiu. A seguir, uma série de sons metálicos retumbou sob o solo e um penetrante aroma de gasolina de aviação impregnou o ar. O tanque estava aberto. Subitamente, um jato de combustível saltou da boca da mangueira apoiada no chão, salpicando a pista de cimento.

Um grito selvagem de alegria saiu da garganta de Pritchenko, enquanto Lucía batia palmas alegremente a suas costas. Mas logo aquele grito morreu em sua garganta. O jato, forte no início, passou em questão de segundos a um jatinho, depois um fio e, num instante, nada.

— Não pode ser — murmurava o ucraniano baixinho. — Não pode ser!

— Lucía! — ouvi-o gritar, enquanto trocava o pente do meu HK. Os não mortos já estavam a menos de duzentos metros. — Diga-me o que marca o indicador de pressão que está à sua frente quando eu pressionar este botão! Preparada?

— Quando quiser, Prit! — a garota respondeu.

O ucraniano pressionou uma válvula e um agudo assóvio disparou, enquanto um jato de ar que cheirava poderosamente a combustível saía da parte superior da bomba.

— O que está marcando? — gritou Víktor. — O que diz? O que diz?

— Marca novecentos! — Lucía respondeu, tão assustada e confusa quanto os outros.

Os não mortos já tinham avançado mais cinquenta metros, e agora mais de uma dúzia de corpos salpicavam a superfície de cimento da pista. Já estavam perto, muito perto. — Merda! — gritou o ucraniano, dando um pontapé na válvula.

— Merda! — repetiu mais uma vez enquanto jogava furiosamente uma chave inglesa na multidão que se aproximava.

Voltei-me por um momento para observá-lo, estranhando por ouvi-lo xingar em espanhol. Os olhos de Pritchenko estavam marejados de lágrimas e sua expressão era de absoluta desolação.

— O tanque está vazio. Só tem pressão de ar dentro — seu olhar vagava perdido pelos não mortos. — Está vazio.

– Acabou – murmurei baixinho.

– Acabou – Prit repetiu, com uma tristeza infinita na voz e os braços caídos.

Olhei para Lucía, terrivelmente pálida, apoiada na grade. Notei que Prit também observava as duas mulheres e a seguir olhava ostensivamente para o HK que tinha nas mãos. Não deixe que tenham de sofrer a indignidade de ser não mortas, diziam seus olhos.

Não precisava me dizer nada. Eu sabia o que tinha de fazer. Não deixaríamos que aquela turba nos pegasse vivos. Confiava em ter sangue-frio suficiente para ser capaz de chegar até o final e que meu punho não tremesse quando fosse minha vez.

Voltei-me para Lucía, que já estava branca como papel e tremendo como varas verde. Porém, uma expressão de firmeza brilhava em seus olhos.

Com um leve movimento de cabeça, ela assentiu, olhando para mim. Sabia o que ia acontecer. Li um "te amo" em seus lábios. "Eu também", respondi enquanto sentia minha alma se lacerar pelo que ia acontecer. Estremeci. As lágrimas corriam por minhas faces, e eu não conseguia ver com clareza.

Levantei e arma e aponte para Lucia. Depois de alguns segundos, um repique ecoou por toda a pista. Lucia fechou os olhos e estremeceu, antecipando-se ao impacto das balas, mas a única coisa que encontrou quando abriu os olhos foi minha expressão atônita e a cara abobada de Pritchenco e Irmã Cecília.

Aquele repique não era de uma arma de fogo. Era de um rotor de helicóptero. E se aproximava.

— Ali! — o ucraniano gritou, apontando para um minúsculo ponto, no horizonte, que ia crescendo. — Vem direto para nós!

Dizer que sentimos renascer a esperança é pouco demais. Porém, o helicóptero, fosse quem fosse seu piloto, ainda tardaria pelo menos uns dois minutos a chegar.

E os não mortos já se aglomeravam sobre nós, a menos de cem metros. Não ia dar tempo, de modo algum.

— Rápido! Para a torre de controle! — gritou o ucraniano. — Corram, caralho, corram! —

Espere! — repliquei enquanto inseria o último pente que me restava no HK. Os primeiros não mortos já estavam a menos de cem metros de nossa posição. — Tenho de pegar Lúculo!

Meu pobre gato, assustado pelo estrondo dos tiros, miava lastimosamente dentro de sua cesta, abandonada na cabine de passageiros do Sokol. Passando o fuzil a Pritchenko, fui correndo para o helicóptero, enquanto fazia malabarismos para colocar um virote no arpão que carregava nas costas. Só tinha seis projéteis, mas era mais que nada.

Ao chegar ao aparelho, entrei voando, batendo a canela na coluna de aço da lateral. Soltei um palavrão, enquanto esticava uma mão para a cesta de Lúculo e com a que ficara livre apalpava atrás das mochilas empilhadas ao fundo em busca do outro HK que sabia que tinha de estar ali.

De repente, meus dedos tropeçaram com o frio e metálico cano da arma. Com um puxão, tirei-a do monte de coisas, enquanto pensava a toda velocidade onde, diabos, havíamos colocado a caixa de munição de reserva. Como um lampejo, a imagem de Irmã Cecília e Lucía carregando o pesado baú e arfando por conta do esforço me veio à mente. Estava embaixo de tudo, bem atrás das caixas de medicamentos.

Comecei a afastar fardos, mas uma breve olhada pelo acrílico da cabine me fez abandonar o esforço. Um grupo de uns oito não mortos, atraídos por minha presença, estava a menos de dez metros do helicóptero. Se me pegassem lá dentro, sem espaço para me mexer, estava frito.

Sem olhar para trás, saí do helicóptero, praguejando baixinho. Naquele momento, o som dos rotores do aparelho desconhecido sufocava quase totalmente os tiros amortecidos de Prit, que, com assombroso sangue-frio, retrocedia lentamente para a torre de controle, enquanto cobria a fuga apressada de Irmã Cecília e Lucía. O ucraniano, ostentando uma fleuma britânica, segurava seu fuzil à altura dos olhos enquanto caminhava parcimoniosamente de costas. De vez em quando parava, apontava com mais calma para a maré que se aproximava e abria fogo. Quase todos os seus tiros terminavam com um não morto feito um trapo no asfalto, mas naquele

momento já devia estar quase sem munição, e os não mortos estavam a menos de quinze metros dele.

Afastei-me do Sokol, sem perder de vista os oito sujeitos cambaleantes que cercavam o aparelho naquele momento. Um rugido de fúria de Lúculo me alertou a tempo. Voltei-me de repente e quase dei de cara com um grupo de quatro não mortos que não vira até aquele momento. Deviam ter contornado a traseira do helicóptero, e agora intercetavam meu passo para a torre de controle. Passando a cesta de Lúculo para a mão esquerda, aponte para o mais próximo com o arpão e apertei o gatilho. O arpão entrou pela parte inferior do pescoço dele, em ângulo ascendente, produzindo um suave shoop. Quase instantaneamente o não morto começou a sofrer convulsões e caiu no chão, como se estivesse sofrendo um ataque epilético. Soltei rapidamente o arpão descarregado e encarei os outros três sujeitos, que já estavam quase ao alcance de meu braço.

Por uma fração de segundo, fiquei espantado ao ver que eram marroquinos, vestidos com o uniforme da gendarmaria daquele país, mas tão não mortos quanto o resto do bando. O terceiro era uma garota jovem, usando shorts e a parte de cima de um biquíni amarelo que, desarrumado, deixava um seio à mostra. Seria algo até agradável de ver, não fosse pelo enorme buraco fervendo de larvas brancas que tinha no abdômen.

Os dois marroquinos avançavam muito juntos, quase ombro a ombro, estendendo suas mãos para mim. Para situações desesperadas, ideias desesperadas, pensei. Agachando-me como um jogador de futebol americano, investi contra eles, soltando um grito digno de um comanche, embora tingido de pânico.

Os não mortos, surpreendidos por aquele súbito movimento, caíram como pinos de boliche quando os acertei. Porém, desequilibrei-me por causa do impulso e aterrissei aos pés da garota, que se inclinava para minha garganta com uma expressão ansiosa.

Em um ato reflexo, levantei meu braço esquerdo e joguei com toda a força possível a cesta de Lúculo em seu rosto. Um impressionante estalo soou na pista, enquanto a cesta e a mandíbula da garota saltavam despedaçadas. Sem perder um segundo, levantei-me, enquanto sentia as mãos ansiosas de um dos marroquinos escorregando pela perna lisa de meu neoprene. Uma vez mais, abençoei a ideia daquela indumentária. Se estivesse usando outro tipo de roupa, aquele filho da mãe me teria pegado e, então, eu não teria tido nenhuma possibilidade, pois os outros oito já estavam praticamente em cima de nós.

Uma vez em pé, vi, com pavor, que a cesta de Lúculo ficara estraçalhada. Meu pequeno amigo, em pé na pista, ainda um pouco tonto por causa do golpe, olhava alternadamente para mim e para os não mortos que se levantavam nesse momento.

– Vamos, Lúculo – disse suavemente, enquanto engatilhava o HK. –

Corra!

Não sei se os gatos entendem as ordens de seus donos, mas não tenho a menor dúvida de que têm aguçado instinto de sobrevivência. Diante do meu grito (ou melhor, da presença de nossos caçadores), Lúculo saiu disparado para Lucía, cuja imagem, diminuída pela distância, recortava-se na base da torre de controle.

Não fiquei para admirar a paisagem. Agarrando com força o HK comecei a correr por minha vida.



Jaime não era um mau sujeito. Jovem, de uns 25 anos, alto e forte, era uma pessoa muito apreciada por seus amigos. Tinha uma namorada, um emprego, jogava handebol em um time amador e nos fins de semana saía por aí, como todo mundo. Inclusive, acabara de tirar carteira de motorista e comprado um carro. Estava deixando a barba crescer e usava o cabelo bem comprido, mais do que lhe cairia bem, mas ele gostava, como a tatuagem tribal que fizera alguns anos atrás em uma das omoplatas. Enfim, um bom rapaz, um garoto normal, como tantos outros.

O único problema era que Jaime já não se lembrava de nada disso. Porque, naquele momento, cambaleava entre outras dezenas de seres como ele, debaixo de um sol abrasador que se derramava sobre a pista do aeroporto de Lanzarote.

Porque agora era um deles. Jaime era um não morto.

A mente de Jaime, ou aquilo que os seres humanos denominam raciocínio, desaparecera quase um ano atrás, quando passara a ser um não morto. Se um médico pudesse examinar seu cérebro com uma ressonância ou uma tomografia naquele momento, teria ficado enormemente espantado ao ver que toda a atividade neuronal acontecia no tronco encefálico e no cerebelo, o que academicamente se denomina "cérebro reptiliano", a parte mas antiga, básica e primitiva de um cérebro. Nessa hipotética ressonância, esse cérebro reptiliano teria brilhado com alegres e vivas cores, inundado por uma atividade fora do normal, enquanto o resto do cérebro estaria inundado por uma negrura absoluta, como uma cidade sob os efeitos de um apagão.

Jaime não se lembrava de como chegara até ali, ou de onde vinha, ou aonde ia. Por sua indumentária, esfarrapada pelo passar do tempo, poder-se-ia adivinhar que estava havia vários meses naquele estado. Umas queimaduras feias em seu braço direito indicavam que em algum momento estivera perto demais de um fogo abrasador, que, se ainda fosse humano, teria lhe provocado dores terríveis.

Mas, agora, Jaime não sentia nada disso. De fato, não tinha consciência nem sequer do enorme rasgo em sua coxa direita, provocado pela mordida de outro não morto, que o fazia mancar quando apoiava esse pé e que fora seu bilhete de entrada no inferno.

Jaime também não podia falar nem raciocinar. Sua mente não era capaz de efetuar raciocínios complexos, pois essa parte de seu cérebro estava morta fazia bastante tempo. Porém, ainda era capaz de sentir emoções primárias, como fome, excitação... ou ira.

Ira. Uma enorme e arrasadora onda de ira, misturada com desejo e um apetite voraz, envolvia cada um dos poros da pele cerúlea de Jaime cada vez que via um ser vivo cruzar seu caminho, principalmente se fosse humano. Principalmente com os humanos. Eram a presa mais suculenta. Em geral, corriam e gritavam muito cada vez que viam Jaime ou seus colegas de pesadelo, e às vezes eram até capazes não só de fugir, como também de fazer que a cabeça de algum não morto voasse pelos ares

em mil pedaços, graças aos instrumentos de metal e fogo que alguns deles tinham nas mãos. Mas isso era exceção. Normalmente, não tinham nenhuma oportunidade.

Jaime não sabia quantos humanos caçara desde que era um não morto. Também não sabia que tinha duas balas alojadas em seus pulmões, que, se fosse um ser vivo, teriam lhe provocado uma falência respiratória letal. Também não sabia que seu aspecto, para um humano, era aterrorizante, com seu longo cabelo despenteado ao vento, suas roupas de turista duras e cobertas de sangue (algum seu, o restante de outros), sua pele coberta de veias estouradas, e principalmente seu olhar perdido e apagado, mas cheio de ódio.

Não sabia como chegara até ali, nem quem eram os que caminhavam a seu lado (provavelmente, nem sequer tinha consciência de sua presença). A única coisa que Jaime sabia era que estava vagando sem rumo dentro daquele edifício quando um estrondo que vinha do céu o atraiu para fora como um ímã à limalha de ferro. E agora, naquele momento, havia um punhado de humanos correndo bem na frente dele, fugindo, como sempre. E até a última célula de seu corpo gemia com a ânsia de sentir aquela carne quente, viva e palpitante ao alcance de sua pele, para depois poder mordê-la, mastigá-la, sentir seu sangue quente escorrendo por sua boca...

Era algo mais forte que ele. Aquilo era o sentido de sua vida (ou melhor, de sua não vida).

Jaime podia ver pelo menos quatro humanos. Dois deles, com um aspecto mais frágil (Jaime não recordava a diferença entre homem e mulher), estavam praticamente ao pé da destruída torre de controle do aeroporto. Outro acabava de se esquivar de um grupo de não mortos, acompanhado de um pequeno animal de pelo alaranjado que não parava de pular, enlouquecido, entre suas pernas. O último, um sujeito pequeno, de farto bigode louro e frios olhos azuis, caminhava lentamente para trás sem perder de vista o grupo no qual Jaime avançava. De vez enquanto, ele colocava em frente ao rosto um estranho negócio metálico e uma labareda saía da ponta daquilo com um grande estrondo (o cérebro morto de Jaime sabia o que era fogo, e o temia).

Cada vez que saía uma daquelas labaredas, um pesado zumbido passava perto da cabeça de Jaime, seguido normalmente de um estalo e uma explosão de estilhaços e sangue. Ele sabia que de vez em quando um dos não mortos que estavam mais perto caía no chão e não se levantava mais, mas isso não lhe importava. Nada lhe importava. Só queria alcançar aqueles seres e sentir sua vida em suas mãos.

Os dois humanos menores já tinham atravessado as portas situadas ao pé da torre, cobertas de escombros, e estavam tentando desbloqueá-las. O outro logo os alcançou, usando uma roupa de mergulho, acompanhado daquele pequeno animal laranja, e somou seus esforços para tentar fechar aquele acesso. O outro humano, o do bigode amarelado, estava muito mais perto, a apenas alguns passos do grupo de Jaime, que já podia sentir seu cheiro, penetrante e quente, vivo, humano.

Uma vez mais, o pequeno humano levantou sua arma, mas, agora, não houve labareda, só um estalo acompanhou o gesto. Por um instante, o humano contemplou com ar preocupado aquele fuzil, para a seguir jogá-lo com fúria contra o

grupo de Jaime, e, depois disso, sair correndo como um antílope rumo à torre.

No pé da torre, os outros humanos emitiam sons articulados com a boca, algo que Jaime, assim como o resto dos não mortos, era totalmente incapaz de fazer. Por outro lado, Jaime não entendia nada daqueles sons, mas sua mera existência servia como um estímulo para seu desejo, excitava-o, fazia-o sentir com mais força sua ânsia de caçador. Aquele som esporeou todo o grupo de não mortos, que aumentou sua velocidade, encaminhando-se para o pé da torre.

Quando chegaram, encontraram o obstáculo de uma pesada porta metálica fechada. Em condições normais, uma porta como aquela teria representado um obstáculo intransponível para Jaime e seus acompanhantes, mas esta, em particular, arrebatada por uma explosão interna, nem sequer estava bem encaixada no batente.

Logo Jaime, furioso, estava batendo com todas as suas forças no metal da porta, quase esmagado pela multidão que se reunia à sua volta e que tinha o mesmo objetivo. Podia sentir que estavam do outro lado, atrás daquela porta. Uma ideia fixa se acomodou em sua mente, como uma engrenagem mal encaixada de uma bicicleta: tinha de chegar até eles... tinha de chegar até eles, tinha de chegar até eles, tinha de...

As portas, já desencaixadas, não suportaram por muito tempo o peso daquela multidão que as pressionava de fora e, de repente, com um impressionante estalo, as travas laterais cederam, caindo com estrondo no chão. A passagem estava livre.

Jaime, por estar na frente, foi um dos primeiros a se precipitar pelas escadas que subiam até o topo da torre. Sabia que eles estavam ali em cima. Podia sentir.

A escada ecoava sob os pés de dezenas de não mortos que subiam em tropel, seguros de sua iminente presa. De repente, em um dos patamares, Jaime quase tropeçou em um dos humanos. Era aquele que usava a estranha roupa de mergulho, que, plantado no início do trecho seguinte, apontava diretamente para ele um estranho negócio, que, se ainda fosse o Jaime anterior, teria reconhecido como um arpão.

Subitamente, o arpão disparou com um assovio. Jaime sentiu o pedaço de metal atravessar seu osso frontal e cravar-se nas profundezas de seu cérebro. Quando a ponta do arpão tocou o cerebelo, embora Jaime não soubesse disso, nem seu rival, sentiu dor pela primeira vez em meses. Logo a dor se estendeu por todo seu corpo em ondas, alimentando sua fúria. Jaime estendeu os braços para aquele indivíduo, mas, incompreensivelmente, não conseguiu dar um passo sequer. De repente, viu o chão subir rapidamente até seu rosto, e só percebeu ter caído quando sua cabeça se estatelou no chão de cimento do patamar.

Ainda teve consciência de que aquele sujeito, depois de atirar nele, olhava assustado para a multidão que o seguia e fugia para o andar superior. Ainda pôde ver os pés dos demais não mortos passando, alheios à sua presença, seguindo seu caminho atrás daquela presa.

Logo o resto do mundo foi se extinguindo, sufocado por toneladas de escuridão,

*que lentamente iam inundando até o último recanto da essência de Jaime. Depois de um instante, aquela sensação de fúria inextinguível que o acompanhara ao longo dos últimos meses foi desaparecendo, como a água que retrocede na praia.*

*No último milissegundo de sua existência, por um momento, Jaime voltou a ter consciência completa de si mesmo e, antes de se extinguir definitivamente e passar para o outro lado, finalmente pôde sentir uma aliviadora sensação.*

*Paz.*

Dentro da torre estava fresco e escuro, comparado com a temperatura asfixiante da pista. Quando cheguei às portas duplas onde aguardavam Irmã Cecília e Lucía, parei um momento para recuperar o fôlego. Meus pulmões pareciam querer explodir. Tantos meses de vida sedentária dentro do refúgio do Meixoeiro cobraram a dívida de minha forma física, e os quinhentos metros que fizera correndo, embutido no neoprene, me deixaram sem ar. Lúculo, por sua vez, não parava de pular a minha volta, feliz por definitivamente ter saído da cesta (imaginei que sentia saudade da época em que viajava em seu banco do carro, em vez de permanentemente trancado em uma cela de madeira e palha).

Levantei os olhos e observei Prit avançando lentamente pela pista, de costas, sem perder de vista nem por um momento o grupo de não mortos que cada vez estava mais perto dele. Cada poucos segundos o ucraniano parava, apontava com extremo cuidado e dava uns tiros, com uma efetividade assombrosa. O caminho dos não mortos pela pista estava semeado de cadáveres esfacelados, em cima de poças de sangue que secavam lentamente ao sol, mas o grosso do grupo estava cada vez mais perto do piloto, que perdia uns preciosos metros de distância cada vez que parava para atirar.

Subitamente, uma expressão preocupada atravessou o rosto de Víktor. Compreendi que ficara sem munição quando, com um gesto de raiva, jogou seu HK no grupo de não mortos e começou a correr para nós a toda velocidade que suas arqueadas pernas lhe permitiam.

Voltei-me para as garotas, que se empenhavam em colocar no batente uma das duas portas metálicas da torre, que tinham sido arrancadas por uma explosão interna.

— Vamos! — eu disse, excitado. — Temos que colocar isso o quanto antes, ou estamos fodidos!

— Então, pare de falar, mister letrado, e dê uma mão aqui de uma vez, caralho! — Lucía respondeu, cáustica, como sempre ocorria quando ficava nervosa.

Um tanto assustado, levantei uma das folhas metálicas do chão, afastando os escombros e restos de materiais diversos que a cobriam. Aquela porta estava parcialmente abaulada por dentro, como se alguma coisa tivesse impactado com violência nela. Enquanto me empenhava em encaixá-la no lugar, com sua parceira, Lucía e Irmã Cecília se esgoelavam tentando chamar a atenção do ucraniano, que corria na pista como se o diabo em pessoa o perseguisse.

Suando em bica enquanto encaixava aquela folha, praguejei baixinho. Seus malditos gritos seriam ouvidos na outra ponta da ilha e, além disso, pareciam excitar de algum modo o grupo na pista, que, apesar de caminhar

de maneira cambaleante, pareciam andar até mais rápido.

Pritchenko finalmente alcançou a porta, passando como um míssil pelo vão que restava livre entre as duas folhas, e finalmente estatelou-se com estrépito em um monte de escombros atrás de nós.

— Machucou, Prit? — perguntei aos gritos, enquanto encaixava a porta com um pedaço de viga de concreto.

— Só meu orgulho — respondeu o ucraniano, lacônico como sempre, enquanto sacudia o pó das calças e pegava meu HK caído no chão.

— Acha que isso vai aguentar? — perguntou, cético, enquanto observava com ar crítico a barricada que eu estava fazendo.

— Duvido muito — respondi. — As portas estão estouradas e fora das dobradiças — coloquei a última viga na porta. — Acho que não vai aguentar o peso de toda essa multidão, mas, pelo menos, nos permitirá ganhar tempo.

O ruído do helicóptero já era um rugido que mal nos permitia ouvir um ao outro. O aparelho estava voando em círculos sobre a torre, enquanto sua tripulação observava o panorama. Imagino que o piloto devia estar bastante intrigado vendo aquela multidão aglomerada na torre e o Sokol abandonado à sua sorte na outra ponta da pista. Mas, naquele momento, eu tinha outras coisas com que me preocupar.

— Rápido! Para o alto da torre! — gritou o ucraniano, enquanto eu colocava outro virote no arpão.

Os primeiros não mortos já haviam chegado do outro lado da porta e começavam a socá-la desordenadamente. Uma cacofonia de gemidos arrepiantes saía daquelas gargantas. A lembrança dos claustrofóbicos dias passados em um escuro quartinho de uma loja abandonada de Vigo me assaltou com violência. Impotente, senti minhas mãos começarem a tremer.

Irmã Cecília e Lucía (com Lóculo no colo) já subiam, fadigadas, as escadas, seguindo o ucraniano que, com o fuzil em riste, abria caminho para a parte superior. De vez em quando era obrigado a empurrar pelo vão das escadas um monte de escombros que impedia seu caminho. Todos aqueles restos caíam com estrépito na parte de baixo, bem onde estávamos menos de um minuto antes, levantando enormes nuvens de pó que mal me deixavam ver a porta.

Eu esperava de tocaia no primeiro lance de escada, contemplando as portas vibrar cada vez que a massa rugidora lá fora lhe dava um empurrão especialmente forte. Coberto de pó de cimento, tossi descontroladamente, ciente de que já não podia fazer absolutamente nada ali. Aquilo não aguentaria muito tempo.

Comecei a subir as escadas Tateando, até chegar ao terceiro lance, onde fui obrigado a me sentar um instante, tentando respirar um pouco de ar limpo. Um enorme estrépito, parecido com uma explosão, assustou-me de repente. Os gemidos dos não mortos soaram com força redobrada. Soube que

as portas tinham caído.

Já estavam dentro.

Os passos vacilantes dos não mortos ecoavam nas escadas metálicas, que ligavam entre si os patamares de cimento. Engoli em seco, expectante, enquanto sentia minhas mãos suando em volta do cabo do arpão que eu segurava firmemente apoiado na balaustrada.

De repente, surgindo na curva da escada, recortou-se a silhueta do primeiro não morto. Iluminado por uma pequena janela de ventilação, pude vê-lo perfeitamente durante alguns segundos.

Era um sujeito jovem, de uns vinte e tantos anos, cabelo bastante comprido e uma barba incipiente no rosto. Sua roupa, totalmente destruída, deixava ver dois enormes buracos de bala no peito. Um rasgo bem grande em sua perna direita o fazia mancar, mas não o impedia de subir as escadas rapidamente. Todo seu rosto e sua roupa estavam cobertos de sangue seco, e em seus olhos mortos brilhava uma profunda expressão de ódio. O pó de cimento pousara em todo seu corpo, dando-lhe um aspecto diabólico.

Um ricto horrível se desenhou em seu rosto quando me viu. Deu uns passos vacilantes em minha direção. Respirei profundamente e aponteí o arpão para sua cabeça. A menos de dois metros, era um tiro impossível de errar. Com um estalo aquoso que já me era familiar, o virote atravessou sua testa, cravando-se com profundidade no cérebro daquele ser saído do inferno.

Uma expressão confusa se desenhou em seu rosto por um segundo, antes de se estatelar com força no chão de cimento. Sem parar para contemplar o espetáculo, dei meia-volta e saí correndo para a parte superior da torre. Agora, o som do helicóptero rugia estacionário, bem em cima das nossas cabeças.

Uma caveira carbonizada me aguardava sorridente no último lance da escada. Com um calafrio, passei por cima daqueles restos, encaminhando-me para a portinhola que dava acesso ao teto da torre.

Subi pela escadinha, enquanto ouvia os não mortos começar a desembocar na cúpula da torre de controle em ruínas. Prit me puxou pelo cinto para me tirar dali rapidamente, enquanto Irmã Cecília corria para retirar a escadinha do vão. Arfando, contemplei o interior da torre pela portinhola. Embaixo de nós, dezenas de não mortos se aglomeravam raivosos, tentando nos alcançar.

Foi por um triz.

Voltei-me aliviado para Pritchenko, mas sua expressão espantada me fez virar de novo. Estupefato, contemplei o helicóptero que balançava sobre nós, do qual descia rapidamente uma escada.

Aquilo era coisa de maluco. Não podia ser. Porém, estava exatamente diante dos meus olhos.

O helicóptero, pintado com cores militares, inclinou-se naquele momento deixando ver sua porta lateral, que exibia, em letras bem grandes: FORÇA AÉREA ARGENTINA.



Um helicóptero militar argentino.

Nas Canárias.

Minha cabeça era um vendaval. Gendarmes marroquinos, helicópteros argentinos... Que diabos estava acontecendo ali?, eu me perguntava sem parar enquanto subia pela escadinha. Acreditava que as respostas a todas as minhas perguntas estariam na ponta daquela escadinha.

Uma mão enluvada no final de um braço vestido de verde-oliva me ajudou a entrar na carlinga do helicóptero. Quando já estávamos todos a bordo, o aparelho se mexeu, sobrevoando a pista a toda velocidade. Deitei-me no chão da cabine, arfante, sentindo as náuseas do mal-estar que me assaltava cada vez que escapava da morte por um triz. Tentei me conter, enquanto me levantava. Havia alguns desconhecidos a minha frente, e não diria muito a meu favor que a primeira imagem que tivessem de mim fosse me ver vomitando em jatos pela porta de um helicóptero em pleno voo.

Voltei-me sorridente para o homem da mão enluvada. Era um sujeito alto e magro, de trinta e poucos anos, usando um uniforme de voo e com o rosto parcialmente coberto por um capacete tático e óculos espelhados. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, o sujeito abriu a boca.

— Encoste nessa divisória, por favor — a voz, com um inconfundível sotaque argentino, soava educada, mas firme.

— Olá, meu nome é... — tentei me apresentar, enquanto estendia uma mão para meu salvador, mas o cano de um rifle apontado para meu estômago me fez desistir.

— Senhor, pedi que encoste na divisória do fundo... Agora!!

Levantei as mãos e, sem perder de vista o indivíduo do rifle, fui até a divisória de popa, onde já estava apoiado o resto de minha "família". Lucía parecia abertamente assustada com a situação, enquanto Irmã Cecília tinha no rosto a mesma expressão que deviam ter tido os cristãos diante dos leões. Prit, por sua vez, depois de ser despojado de seu rifle, soltava fogo pelos olhos e dava a sensação de estar prestes a voar em cima de alguém e quebrar seu pescoço. Eu sabia que o ucraniano era perfeitamente capaz disso, e de muito mais, de modo que pus a mão em seu ombro tentando acalmá-lo um pouco.

— Calma, velho amigo — sussurrei em seu ouvido, enquanto sentia todo seu corpo fervendo de fúria. — Não faça nenhuma bobagem. Vamos ver o que está acontecendo aqui.

Voltei-me de novo para a parte da frente. A cabine do helicóptero, bem menor que a do Sokol, fazia que ficássemos a apenas um metro de nossos novos companheiros de viagem. Eram dois, um homem e uma mulher, ambos usando uniforme de combate. Na parte dianteira do aparelho, o

piloto e o copiloto se concentravam em controlar o helicóptero, que naquele momento se sacudia violentamente, pego por uma corrente de ar quente. O copiloto falava com alguém pelo rádio. Não pude distinguir o que dizia devido ao ruído do rotor, mas me pareceu perceber uma musicalidade em sua voz que não dava lugar a dúvidas acerca de sua origem portenha.

Argentinos, como o helicóptero em que estávamos. Porém, os uniformes de voo que todos usavam tinha o distintivo bordado do Exército Aéreo Espanhol na manga direita. E eu poderia jurar que, quando a garota se inclinou um instante para o primeiro homem e disse algo em seu ouvido, seu sotaque era inequivocamente catalão. Que confusão!

— Desculpem a recepção — gritou a garota acima do ruído dos rotores.  
— Mas as normas são essas. Não temos nada contra vocês, mas até que passem pela quarentena, existe um protocolo de precaução que devemos seguir — interrompeu-se por um segundo e a seguir olhou para nós com curiosidade. — São Froilos?

— Froilos? — repliquei, estranhando. — O que é isso?

— Esqueça — respondeu a garota, fazendo um gesto com a mão. — Não devido tempo saberão de tudo, se viverem para isso.

Aquilo não soou exatamente lisonjeiro.

— De onde vocês vêm? — perguntou o sujeito alto de sotaque argentino.

Reparei que, apesar de acompanhar a conversa aparentemente relaxado, não tirava os olhos de nós, especialmente de Víktor Pritchenko. Seu dedo, apoiado no gatilho do fuzil, dizia: "cuidado, não faça nenhuma bobagem". Aquele sujeito sabia o que estava fazendo.

— De Pontevedra... bem, de Vigo.

— Viemos da Galícia — Lucía interveio.

— Da Península? — o tom de incredulidade era evidente.

— Isso mesmo — repliquei, um pouco irritado com aquele tom. — Descemos margeando toda a costa africana até chegar à altura das Canárias. Depois, um último pulo até Lanzarote, onde ficamos sem combustível, e agora... vocês — concluí, deixando a última palavra no ar.

Olhei inquisitivamente para nossos interlocutores. Era a vez deles. Trocavam olhares e pareciam um pouco mais relaxados.

— Ouça, vamos manter a calma, ok? — disse o argentino, dirigindo-se mais para Pritchenko do que para mim. — Não sabemos quem vocês são, nem de onde vieram, nem sequer se o que dizem é verdade ou não. Mas, o mais importante, é que não sabemos se pegaram ou não, de modo que enquanto não tivermos certeza disso, desculpem se tomamos nossas precauções, está bem?

Compreendi tudo de repente. Evidentemente, nossos salvadores não sabiam ao certo se estávamos ou não infectados pelo vírus que atacava os

não mortos. Se, como eu suspeitava, pertenciam a uma colônia de sobreviventes, era lógico que tomassem todas as precauções do mundo. Compreendi que, com certeza, nos fariam passar um período de quarentena isolada, até comprovar com total certeza que não havíamos sido infectados. Com um calafrio, adivinhei que, diante da menor dúvida, um pedaço de chumbo na cabeça seria a recepção de boas-vindas que receberíamos. Era melhor falar fino.

— Sério que vieram da Galícia? — a garota catalã se dirigiu a Lucía, com o mesmo tom de dúvida na voz.

— Claro que sim! — Lucía explodiu. — Estou há mais de três mil quilômetros sentada nesta maldita bateadeira russa e, depois de ter atravessado toda a Península e todo o maldito deserto do Saara, estou farta! Está me ouvindo? Farta! Quero um prato de comida quente, quero um chuveiro enorme, quero dormir três dias seguidos em uma cama de verdade! Então, não me pergunte se venho "sério" da Galícia, porque não estou para brincadeiras! Ok?

A jovem explodiu em soluços. A pressão também fora demais para ela.

Estiquei um braço sobre seu ombro e a apertei contra mim, enquanto acariciava seu cabelo. No fundo, apesar de toda a pose de garota durona, era apenas uma menina de 17 anos cujo mundo havia sido roubado. Tinha todo o direito de explodir.

— Para onde vamos? — perguntei.

— Para Tenerife — respondeu o argentino, muito mais calmo. — Para um dos últimos lugares seguros sobre a face da Terra — olhou para mim atentamente, como se quisesse avaliar que tipo de pessoa eu era. — Vamos para casa.

O oceano Atlântico soltava um milhão de cintilações prateadas sob o intenso sol do meio-dia. O silêncio oceânico, por vezes perturbado pelo rumor do vento e os gritos de alguns alcatrazes, somente era quebrado pelo repique do helicóptero voando muito baixo. O vento, impregnado do cheiro de sal, entrava pelas portas laterais escancaradas, revirando nosso cabelo.

— Como está a situação em Tenerife? — perguntei aos gritos, para poder ser ouvido dentro da cabine.

— Não posso comentar nada no momento, lamento — respondeu o argentino alto e magro. — Até que a autoridade competente tome uma decisão sobre vocês e seu status, quanto menos souberem, melhor — concluiu, lacônico.

— O que Marcelo quer dizer — interveio a garota de sotaque catalão — é que ainda precisam passar pela quarentena, e que os serviços de imigração têm que dar o visto de vocês. Não depende de nós, entendam — um leve tom de embaraço impregnou seu último comentário.

— Serviço de imigração? — protestei. — Como assim? Sou cidadão espanhol, como elas, e Prit tem todos os seus documentos em ordem! Não precisamos de nenhuma inspeção para estar em território europeu, que eu saiba.

A garota, de uns 30 anos, pequenina e magra, com ar vivo e inteligente e uma expressão brilhante nos olhos, meneou, pesarosa, a cabeça.

— As coisas não funcionam exatamente como antes do Apocalipse, caso não saibam — enquanto falava, vi com estranheza que tirava uma luva de látex do bolso de seu uniforme de voo e a punha em uma das mãos. — As circunstâncias são tão complicadas que metade de todas as normas, regras e leis anteriores foi para o caralho, mas, de qualquer maneira, a lei continua sendo a lei. As Canárias, nesses dias, não é o paraíso, mas também não é o Velho Oeste — por um segundo fez-se silêncio no helicóptero enquanto assimilávamos aquela pequena pérola de informação. — Além disso, é sempre uma alegria ver seres humanos no meio de toda essa merda — comentou com um enorme e sincero sorriso, enquanto me estendia a mão revestida de látex. — Meu nome é Paula Maria, mas aqui todo mundo me conhece por Pauli — gorjeou, com voz travessa. — Bem-vindos de novo à civilização!

— Muito obrigado, Pauli — respondi, enquanto apertava sua mão prudentemente embrulhada em látex. A garota era amistosa, mas evidentemente prudente. — Esta é Lucia. A freira sentada naquele canto chama-se irmã Cecília, e o cavalheiro do bigode é Víktor Pritchenko, da Ucrânia.

— Bom, pois eu sou Pauli, e esse sujeito tão sério com cara de poucos amigos que está sentado ao meu lado se chama Marcelo — ela nos

apresentou. — Como acho que já adivinharam, pelo sotaque, é argentino — concluiu, enquanto dava uma amistosa cotovelada nas costelas do alto portenho que estava ao seu lado, com o fuzil nas mãos. Marcelo nos cumprimentou com uma seca inclinação de cabeça, enquanto nos contemplava com semblante sério. Tudo o que tinha Pauli de agradável, aquele sujeito tinha de seco. Na realidade, formavam uma curiosa dupla.

— Qual é o procedimento? — Pritchenko perguntou, abrindo a boca pela primeira vez desde que entráramos no aparelho.

— Não tem muita ciência — Marcelo bufou, com seu acentuadíssimo sotaque. — Deixaremos vocês na coberta do navio-quarentena e, depois de realizado o exame médico que comprove que estão limpos, os oficiais da imigração cuidarão de toda a papelada — concluiu. — Rápido e simples.

— Não é tão frio quanto Marcelo faz parecer, mas toda precaução é pouca — interveio Pauli. — Além do mais, suponho que, no caso de vocês, a própria Alicia é quem cuidará de tudo.

— Alicia? — perguntei, um tanto confuso. Depois de tantos meses passados quase sozinho, aquela profusão de nomes em tão poucos segundos estava me aturdindo.

— Comandante Alicia Pons — Pauli esclareceu. — É a máxima responsável pelo serviço de acolhida, trânsito e imigração em Tenerife.

— Oh! — exclamei. — E o que fizemos para merecer a honra de a máxima responsável assumir nosso caso pessoalmente?

— Muito simples — Marcelo replicou, demolidor. — Porque, sendo verdade a história que contam, vocês são os primeiros seres vivos que chegam da Europa há mais de oito meses.

Após aquela frase, um pesado silêncio voltou a se estender na cabine do helicóptero. De vez em quando, era quebrado pelo ocasional zumbido do rádio, enquanto sobre o horizonte começava a se perfilar a inconfundível silhueta do Teide.

Estávamos chegando a Tenerife.

Estávamos voltando à civilização.

Fosse qual fosse.

Logo a conversa foi definhando.

Estávamos mental e fisicamente exaustos, depois de tudo que tínhamos vivido nas últimas horas, e nossos novos companheiros não pareciam estar particularmente comunicativos. A inquieta Pauli parecia um manancial de verborreia inesgotável, mas, diante do mutismo de Marcelo, que nos olhava com profunda desconfiança, e nosso pesado silêncio, logo se viu contagiada pelo ambiente quieto da cabine.

Depois de alguns minutos de voo, finalmente começamos a sobrevoar terra firme: a ilha de Tenerife, território que, acreditando nos tripulantes do helicóptero, estava totalmente livre de não mortos. Este era um conceito que, depois de tanto tempo e tantas experiências, era difícil de assimilar.

Os primeiros edifícios das cercanias de Santa Cruz de Tenerife começavam a aparecer. Naquele momento, o sol mergulhava lentamente no horizonte, antecipando as primeiras sombras da noite. A temperatura refrescara notavelmente, e pesadas nuvens amareladas passaram a se formar a distância. O silêncio total na cabine naquele momento só era quebrado pela falação monótona do rádio, no qual se cruzava meia dúzia de conversas. Pelo que eu conseguia entender acima do estrondo das hélices, a maior parte delas era transmissões militares, mas também uma ou outra conversa mole cruzava as ondas.

De repente, uma música que estivera na moda na última vez que ouvi rádio, fazia quase um ano, começou a se ouvir pelos alto-falantes. Devia ser do gosto do operador do rádio do helicóptero, pois deixou-a tocando um bom tempo, até que finalmente mudou o dial para uma frequência militar de ondas curtas, para receber instruções de aterrissagem.

– O que aconteceu? – Lucia perguntou, alarmada, segurando meu braço, enquanto me olhava com uma expressão de ansiedade no rosto.

– Comigo? – respondi. – Nada, por quê?

– Não minta para mim – pegou minha cabeça com as mãos e me obrigou a olhar para ela. – Você está chorando.

Um pouco perturbado, passei a mão pelo rosto, ainda coberto de pó de cimento da torre de controle de Lanzarote. Enormes lágrimas rolavam sem parar dos meus olhos, deixando rastros nas faces.

– Não é nada – respondi, com a voz trêmula. – É só que essa música...

– Lembra alguém, não é? – ela me interrompeu. – Comigo também acontece, com muitas coisas – seu rosto ensombrou-se. – Todos nós perdemos pessoas queridas.

Passei um braço por seu ombro e a aproximei um pouco mais do meu corpo. Acaricieei seu cabelo, respirando sua fragrância peculiar, então já inconfundível para mim.

— Não é isso — eu disse. — Simplesmente é que é a primeira vez em quase um ano que ouço música... e já havia me esquecido de como era.

— É verdade — Prit interrompeu nesse momento. — Até agora, não tinha reparado nesse detalhe. Um ano sem música... que curioso — murmurou para si mesmo —, que curioso.

É um bom sinal, pensei. Um lugar onde se permite haver uma radiofrequência que transmita música, seja do tipo que for, é um lugar que não está acossado, um lugar onde se pode viver e onde as pessoas têm vontade de se distrair. Um bom lugar, enfim.

De repente, notei movimento em terra, bem embaixo de nós. Alarmado, coloquei instintivamente a mão na perna, onde normalmente levava os virotes do arpão, até que me dei conta de que o haviam tirado de mim ao subir a bordo.

Olhei com mais atenção, tentando distinguir a cena enquanto a luz ia se apagando lentamente no horizonte. Era um grupo de não mais de quinze indivíduos, que avançava lentamente por uma estrada serpeante que subia uma colina. Não pude distinguir quase nada porque o helicóptero voava a toda velocidade, rumo a seu destino. Porém, tive tempo de observar que todos estavam armados.

O porto de Tenerife apareceu de repente diante de nós, ao contornar uma última colina. O helicóptero sobrevoava velozmente as ruas da cidade, onde dezenas, centenas, milhares de pessoas se entrecruzavam em seus afazeres diários. Extasiados, amontoávamo-nos nas portas do helicóptero, contemplando aquele espetáculo que se tornara tão insólito no planeta.

— Veja, Prit! — gritei, em júbilo. — Gente! Gente até onde a vista alcança!

O ucraniano gargalhava, mostrando um feroz sorriso por baixo de seus imensos bigodes.

— Conseguimos! Conseguimos! — repetia, incansável, enquanto seu olhar saltava de um lugar para outro, com uma expressão de alegria quase infantil no rosto.

Irmã Cecilia ria como uma menina, enquanto dava graças alternadamente a Deus e a uma ladainha interminável de santos. Lucía, por sua vez, não parava de apontar para todos os lados, como se quisesse absorver aquela imagem para sempre.

Porém, em poucos minutos, deixamos para trás aquela aglomeração urbana que eu não pudera reconhecer. Meus olhos ansiosos se negavam a desgrudar daquela imagem de vitalidade que lentamente ia ficando para trás. Aquilo era injusto.

De novo, o helicóptero voava sobre o mar, rumo ao lado mais afastado do porto. Ali, longe do resto do mundo, atracado a considerável distância dos outros navios que abarrotavam o porto, balançava um feio barco pintado

daquele cinza da Armada. Tinha um aspecto extremamente desalinhado, com uma enorme super estrutura na parte dianteira do casco, que acabava abruptamente e deixava toda a parte de popa aberta, como uma pequena pista de aterrissagem. No conjunto, dava a sensação de que algum engenheiro naval distraído se esquecera de colocar metade do barco no estaleiro.

Um enorme "L-51" pintado de branco em uma lateral do navio identificava-o como uma unidade da Armada Espanhola. Ao passar pela popa, pude distinguir o nome do barco, pintado no casco. Sorri, ciente da amarga ironia da situação.

É que, depois de quase um ano, de mil e uma aventuras e de percorrer milhares de quilômetros dançando com a morte, voltava para casa.

Para Galícia.

Porque o L-51 no qual íamos aterrissar em poucos segundos tinha sido, até apenas alguns meses antes, um moderno navio de assalto anfíbio, e um dos mais estranhos exemplares que já tinham navegado para a Armada. Aquele navio se chamava Galícia.



O céu já estava se tingindo de um vermelho sangrento quando o helicóptero azul e branco pousou no convés do Galicia. Marcelo esticou o braço para a porta de correr e indicou, com um gesto, que descêssemos do aparelho. Subitamente, o ambiente ficou carregado de tensão. O argentino não disfarçava o fato de que destravara sua arma, e até a jovial Pauli estava agora com uma expressão séria e concentrada, além de um enorme revólver prateado apontado distraidamente para nós, que em suas pequenas mãos parecia ter o tamanho de um canhão.

Pessoalmente, eu tinha certeza de que, se aquela arma disparasse, a pequena Pauli sairia voando para trás por conta do coice, mas, com toda certeza, não valia a pena tentar comprovar. Isto, e o fato de que tanto o piloto como o copiloto, igualmente armados, haviam se voltado para a parte traseira da cabine, convenceu-nos definitivamente a abandonar a relativa segurança do aparelho e pular para ao navio.

Um vento quente e com cheiro de terra nos assaltou assim que pusemos os pés na cobertura metálica do Galicia. Na pista de aterrissagem do barco estavam apenas o helicóptero que nos levava até ali e dois pequenos aparelhos de cobertura bulbosa e envidraçada que não pude reconhecer. Helicópteros leves de reconhecimento, provavelmente. Ansiosamente, dei uma olhada para o topo do mastro, tentando distinguir no lusco-fusco do crepúsculo as cores da bandeira que ondulava. Fiquei estupefato ao ver que, ao lado da bandeira espanhola, outra insígnia flamejava com a brisa do fim do dia; um galhardete que me era desconhecido. Era uma bandeira azul-escuro, com o escudo quarteado da Espanha no centro, mas coberto por uma muralha, em vez da tradicional coroa. Uma rápida olhada aos outros navios atracados no porto me permitiu comprovar que na maioria deles flamejava a mesma combinação de insígnias.

Cocei a cabeça, tentando entender aquilo, mas logo tive coisa melhor em que pensar. Saindo em fila de uma porta situada na base da super estrutura, surgia, no convés, uma dúzia de pessoas vestindo trajes de proteção. As viseiras que cobriam o rosto estavam polarizadas, de modo que não podia distingui-los, nem o sexo ou a idade. Pela altura e o jeito de andar, deduzi que a maior parte era de homens, mas, sem dúvida, três ou quatro eram mulheres. À medida que iam se aproximando de nós, fui me aproximando inconscientemente de Prit, que, por sua vez, e de maneira instintiva, cobria minhas costas.

— Não gosto nada disso, velho — espetou o ucraniano, enquanto não perdia o grupo de vista.

— Se virmos que a coisa vai ficar feia, pulamos pela borda todos ao mesmo tempo, está ouvindo? — murmurei. — Você cuida da freira que eu cuido de Lucía e do gato.

— Acho que Lúculo não vai se emocionar com a ideia de ir nadando até a costa... e eu também não — o ucraniano observou com um calafrio. — Odeio nadar em lugares onde não vejo o fundo.

— Prefiro água salgada a chumbo, Prit — respondi, cortante. — E acho que você também.

— O que eu acho é que é melhor que fiquemos quietos por ora — ele respondeu. Seu olhar de soldado pulava de um lado para outro, calculando friamente nossa situação. — Veja onde fica a borda — Víktor me alertou. — O trecho é grande demais para que o possamos cobrir antes de nos derrubarem à bala. Além disso... — acrescentou discretamente — olhe lá em cima.

Segui a direção que o ucraniano indicava com o olhar. Usando o característico uniforme de combate da Armada, dois soldados posicionados atrás de uma metralhadora pesada em um trecho saliente da estrutura, a uns vinte metros de altura sobre o convés, tinham campo de tiro aberto sobre toda a pista. Não poderíamos nem tossir sem que eles percebessem.

Lucía ouvira perfeitamente nossa conversa e nos olhou com expressão assustada. Suspirei, desalentado. Pelo visto, não restava outra saída se não aceitar o que aquela gente quisesse fazer conosco.

O primeiro indivíduo em traje de proteção chegou até nós. Eu não podia ver seus olhos através do vidro polarizado, mas podia adivinhar seu olhar examinando cada detalhe de todos e cada um dos membros da minha "família", incluindo o pequeno Lúculo, que não parava de se remexer no colo de Lucía. Tenho de reconhecer que éramos um grupo muito pitoresco, quase chocante, de modo que imagino que o longo tempo que ficou nos contemplando estava mais que justificado.

Pelo canto do olho vi Pauli, Marcelo e os dois tripulantes do helicóptero se dirigirem organizadamente para o interior do navio. Tinham se despojado de seus macacões de voo, que colocaram em uns saquinhos plásticos, e só de shorts e camiseta pareciam considerar aquela situação a mais normal do mundo.

— Não se preocupem, rapazes da Península — disse a pequena Pauli ao passar por nós. — A gente se vê quando saírem da quarentena! — e com um alegre movimento de braços desapareceu pela porta, seguida por um Marcelo com cara de poucos amigos.

Maravilha. E agora?, pensei.

— Bem-vindos a Tenerife. Sou o doutor Jorge Alonso — a voz soava distorcida através do filtro do traje de proteção. Quem falou foi o sujeito que estava mais perto de nós e que parecia estar no comando da situação. — Quero que fiquem calmos. Se cooperarem e seguirem as instruções, tudo será tranquilo. Este é um procedimento médico rotineiro de caráter obrigatório, então, relaxem e permitam que façamos nosso trabalho. Quanto antes

acabarmos, antes poderão sair da quarentena. Então, facilitem, ok? — sua voz soava conciliadora, mas firme, enquanto nos indicava a porta por onde a tripulação do helicóptero havia passado.

Como resposta, assenti com a cabeça. Estava aturdido demais por conta de todos os acontecimentos do dia para contestar.

Os corredores do navio estavam pintados da cor regulamentar da Armada, com dezenas de canos e cabos percorrendo o teto em um milhão de direções diferentes. Passamos diante de várias comportas, mas todas estavam escrupulosamente fechadas. Ao passar junto a uma delas dotada de escotilha, pude ver do outro lado três ou quatro marinheiros que se aglomeravam tentando ver de perto os "rapazes da Península", como Pauli nos tinha chamado. Eu estava começando a me perguntar que tipo de bichos éramos para despertar tanta curiosidade. Isso podia ser bom... ou ruim, muito ruim. Já não sabia o que pensar.

Ao chegar a um cruzamento de corredores, paramos por um instante. Aquele que se identificara como dr. Alonso tornou a falar.

— Homens por aqui, mulheres por ali, por favor.

— Espere — repliquei —, preferimos ficar todos juntos. Chegamos juntos até aqui, e pretendemos...

— Não me importa o que pretendem ou deixam de pretender, cavalheiro — interrompeu-me, cortante. — As normas são essas. Homens por este corredor, mulheres e crianças por este. Colabore, por favor.

— Ouça, seja razoável — respondi, manifestando o advogado que dormia dentro de mim. — Compreenda que tudo isto é novo para nós; então, se não se importa, preferiríamos...

— Ouça, amigo — um sujeito alto, também usando um traje de proteção, interveio —, isto aqui não é um debate, nem sequer uma discussão. Vocês vão fazer o que nós dissermos e pronto, ok? E, se não gostarem, é melhor que saibam nadar, porque até a África têm um bom trecho. De modo que não encham mais o saco e façam o que o dr. Alonso disse. Homens à direita, mulheres à esquerda! VAMOS! — rugiu, enquanto reforçava suas palavras esgrimindo um cassetete elétrico com a mão direita.

Levantei as mãos, conciliador, e afastei-me pelo corredor da direita. Prit, após dedicar um olhar assassino ao sujeito, pôs-se ao meu lado. Pela expressão do ucraniano, pensei que não gostaria de ser aquele sujeito alto e cruzar com Pritchenko em um beco escuro qualquer dia.

Irmã Cecília e Lucia, por sua vez, foram levadas pelo corredor da esquerda. Subitamente, Lucía rompeu a barreira que nos separava e parou ao meu lado, depositando Lúculo em meus braços.

— Fique com ele — disse, antes de depositar um fugaz beijo em meus lábios. — Não esquecerei o que me disse na pista de Lanzarote.

– Fique tranquila – repliquei desajeitadamente. – Tudo vai dar certo – meu tom de voz não acompanhava aquela afirmação, mas era o mínimo que podia lhe dizer.

– Tome conta dela, irmã! – gritei para Irmã Cecília enquanto se afastavam pelo corredor. – Cuidem-se! Em breve nos veremos!

– Não se preocupe, meu filho! Estamos nas mãos de Deus!

Nas mãos dessa gente, irmã, pensei comigo mesmo. E não sei se isso é bom.

– Para onde as estão levando? O que vão fazer conosco? – perguntou Pritchenco com uma nota de irritação na voz.

Como única resposta, aquele que se fazia chamar de dr. Alonso deu de ombros e respondeu com voz doce e suave, mas que me encheu de calafrios:

– Já disse, meu amigo – respondeu, enquanto retomava a marcha. – Quarentena. E agora, se não se importa, por aquela porta, por favor.

Basilio Irisarri era alcoólatra. Bebedor compulsivo, foram muitas as ocasiões em que os próprios colegas de tripulação tiveram de levá-lo, arrastado, de novo a bordo do navio. Paradoxalmente, embora Basilio não tivesse consciência disso, essa pequena circunstância salvara sua vida.

Basilio era um marinheiro da velha guarda. Simples, direto, quase bruto, embarcado desde os 17 anos, experiente e capaz, passara por muitos navios ao longo de sua vida, quase sempre como contramestre. Em algumas ocasiões fora promovido a suboficial, mas seu caráter arisco e polêmico, somado à sua descontrolada paixão pela garrafa, sempre acabava levando-o ao fundo de novo. Alto, 45 anos, tinha uma cintura que começava a acumular bastante gordura e dois braços que pareciam pistões de motor, terminados em enormes mãos, cujos nós estavam destruídos pelos socos de infinitas brigas em portos pelo mundo todo.

Um ano e meio atrás, Basilio fazia parte da tripulação do Marques de la Ensenada, um petroleiro da Armada Espanhola, atracado no porto de Cartagena das Índias, na Colômbia. Seis horas após ter desembarcado, ele e dois colegas de tripulação já estavam totalmente bêbados, e tiveram tempo de arrasar uma taberna, quebrar uma cadeira na cabeça de um cafetão e brigar com a polícia colombiana algumas vezes. Finalmente, a Polícia Militar prendeu-os e os mandou de volta ao navio, onde foram confinados por tempo indefinido em seus camarotes.

Basilio passou as quarenta e oito horas seguintes mergulhado em uma ressaca impressionante, mas ainda assim pôde sentir dentro de seu camarote uma série de vozes, correrias e gritos inexplicáveis a bordo do navio. Pela estreita escotilha pôde ver que todo o porto militar de Cartagena das Índias se transformava rapidamente em um formigueiro.

Muitos navios, lotados de gente até o topo do mastro principal, levantavam âncoras precipitadamente e se aglomeravam na boca do porto, tentando sair, enquanto, em terra, centenas, milhares de pessoas, principalmente civis, tentavam alcançar algum artefato flutuante a qualquer custo. Pelo visto, as autoridades tinham decidido evacuar a cidade por mar, mas era evidente que haviam sido vencidas pelos acontecimentos. Era gente demais, e muito poucos navios. De sua pequena escotilha Basilio podia ver os militares colombianos correndo apressadamente de um lado para outro, tentando pôr ordem naquele caos, mas a multidão parecia totalmente aterrorizada e fora de controle.

Basilio não lia jornal, e há vários dias não ouvia rádio nem televisão, de modo que não tinha a menor ideia do caos que estava se desatando sobre a face da Terra durante aqueles dias anteriores ao Apocalipse. Seu primeiro pensamento foi que havia estourado algum tipo de guerra civil ou revolução no país, mas logo o descartou.

Embora se ouvissem muitos tiros provenientes das partes mais afastadas da cidade, mal se ouviam explosões, e alguma coisa no movimento dos uniformizados lhe dava a entender que era outra coisa.

Na enseada estavam atracados, além do Marquês de la Ensenada, um destroyer norte-americano e uma fragata francesa. Grandes destacamentos de suas tripulações (exceto os doentes ou os que, como Basilio, estavam presos) haviam desembarcado, tentando colaborar com os desesperados colombianos na impossível tarefa de controlar aquela multidão presa do pânico. Basilio foi testemunha, com horror, de uma avalanche de vários milhares de pessoas atropelando uma linha de soldados (entre eles, praticamente toda a tripulação da fragata francesa) e se jogando ao mar.

A beira dos píers transformou-se por alguns minutos em um ferredouro de milhares de pessoas, homens, mulheres e crianças mergulhando e se debatendo, tentando não morrer afogados ou esmagados pelos que continuavam caindo sobre eles. A água fervia com fúria, sacudida por milhares de braços e pernas e cabeças que se sacudiam enquanto tentavam pegar um pouco de ar no meio daquela confusão.

Alguém perdeu o controle e começou a atirar enlouquecidamente no meio da multidão. Logo eram dezenas, centenas trocando tiros, em busca de um lugar seguro a bordo de um dos poucos barcos que ainda restavam no porto. Escuras colunas de fumaça preta começavam a se levantar enquanto isso, aqui e ali, ao longo da cidade. O sistema estava ruindo e ninguém podia evitar.

Basilio sentia a boca totalmente seca. Desesperado, passava a mão pelo rosto áspero, desejando que todo aquele inferno fosse fruto de delírium tremens, mas estava dolorosamente consciente de que tudo o que via era realidade. Finalmente, incapaz de suportar aquele espetáculo, afastou-se da escotilha. Porém, nada podia fazer para afastar de seus ouvidos os gritos de milhares de moribundos afogando-se a poucos metros. Os golpes e arranhões de dezenas de pessoas contra o casco do barco, incapazes de subir por sua lisa e elevada borda, eram como golpes em sua cabeça. Ele, porém, não chorou. Afinal de contas, estava a salvo. Cada um com seus problemas, este era seu lema.

Seis horas depois, um dos tenentes do navio abriu a porta da sua cela. Seu uniforme estava encharcado e rasgado, e de uma enorme fenda em sua cabeça saía muito sangue. Era, junto com um cabo, o único sobrevivente do destacamento que descera à terra. No petroleiro, mais de setecentas pessoas, civis a maioria, amontoavam-se aproveitando até o último cantinho de espaço disponível. Apenas quatro membros da tripulação original, incluindo Basilio, tinham sobrevivido ao caos do porto.

O Marquês de la Ensenada começou, assim, uma aterrorizante viagem de volta para casa. Lotado de refugiados, sem víveres, água ou medicamentos para tantas pessoas, com uma tripulação que mal permitia manobrar o

navio, a embarcação teve de atravessar, ainda, um violento furacão que quase a leva a pique. Quando finalmente chegou ao porto de Tenerife, nas Canárias, mais de cem pessoas haviam morrido no trajeto. Delas, quase vinte foram executadas por apresentar feridas "suspeitas" e, ainda assim, houve quinze casos de infecção a bordo. Isto fez que todos a bordo se vissem forçados a passar um mês de quarentena flutuando na enseada do porto. Aquele mês, sem uma gota de álcool, fora o pior para Basílio.

Desde o dia que saíra da quarentena Basílio viveu em Tenerife, ainda alistado na Armada. O mundo mudara muito em um ano e pouco, mas sua tendência a se meter em problemas continuava a mesma. Uma bebedeira, que acabara em uma briga imensa cinco meses atrás, o levava a ser destinado a um batalhão disciplinar. Agora, sua missão era desempenhar tarefas de vigilância no Galícia, o navio-quarentena atracado na enseada, um dos piores destinos que se podia ter na ilha. Afastado da cidade, cercado de possíveis infectados, longe de tudo, era o mais parecido ao inferno em terra do resto do mundo que havia em Tenerife. E naquele momento, por conta de seus problemas com a bebida, Basílio estava ali, amaldiçoando cada instante daquele maldito posto.

A guarita de controle onde ele estava ficava no início do corredor que dava passagem às celas de isolamento. O aposento, mobilado espartanamente, dispunha de duas cadeiras, uma mesa de madeira trazida de terra firme e um pequeno armário de armas onde pendia, pretos e reluzentes, meia dúzia de HK (embaixo da gaveta de munição havia duas garrafas de rum local, mas isso era algo que só Basílio sabia).

Ele acabava, justamente, de deixar uma daquelas garrafas no lugar, com mãos trêmulas, depois de ter dado um bom trago. Tinha de pensar em algo, rápido. Basílio sabia que estava bem fodido, e que não ia sair daquela facilmente. "A culpa foi da maldita freira, oh, sim, senhor, claro, a culpa é da freira do caralho por se meter onde não foi chamada. Não, pensando melhor, a culpa é de todo esse maldito grupo que chegou da Península, quando já ninguém acreditava que pudesse restar alguém vivo ali."

Aquele grupo tinha sido um estorvo para Basílio desde o início. Passados os primeiros meses do Apocalipse, eram poucos os sobreviventes que chegavam a Tenerife e tinham de passar pela quarentena, de modo que o serviço a bordo do Galícia, embora pouco agradável, era bem tranquilo, já que não havia muito o que fazer. De vez em quando, pequenos grupos de magrebinos ou africanos à beira da morte chegavam às Canárias a bordo de embarcações. Basílio desprezava profundamente toda aquela gente. Para ele, não eram mais que um monte de merda africana que não tivera o bom gosto de ficar para morrer em seu país. Para aquele contramestre, era incompreensível que se aceitasse aquela gente nas Ilhas, principalmente tendo em conta a alarmante escassez de recursos. Ele teria mandado todos de volta à África com três gramas de chumbo no crânio cada um, mas aqueles malditos veados do governo não queriam atuar no assunto como

verdadeiros homens.

Basilio cuspiu, desdenhoso, enquanto pensava em tudo aquilo. Os africanos eram um problema, mas, ao mesmo tempo, representavam uma grande diversão, principalmente as mulheres. A maior parte delas não falava espanhol, nem inglês, nem nada semelhante. Geralmente, só árabe, ou, na pior das hipóteses, algum daqueles incompreensíveis dialetos africanos que nem Deus entendia, mas isso era bom para Basilio e alguns guardas. Em mais de uma ocasião tinham se divertido com algumas daquelas garotas em um quarto situado no fundo do navio, que chamavam, de maneira jocosa, de "O Paraíso".

Evidentemente, nem a equipe médica, nem a chefia, nem ninguém da administração civil sabia daquele pequeno segredo de Basilio e seus comparsas. Se soubessem, teriam tido um problema sério de verdade. A Lei Marcial continuava vigente em todo o território, e as agressões sexuais eram castigadas com pena de morte. Porém, nenhuma daquelas pobres garotas africanas podia fazer uma denúncia, pois não falavam castelhano. Além disso, a maioria delas passara tanto sofrimento pelo caminho até chegar ali, que ser violentada mais uma vez não representava grande diferença.

De qualquer maneira, não era conveniente reclamar nem bem chegavam ao único lugar seguro em dois mil quilômetros, de modo que a imensa maioria delas se calava. As que insistiam em criar problemas... pois bem... Basilio sorriu amargamente, enquanto derramava metade do rum que tentava servir em um copo. Não era a primeira que tinha sua ficha mudada de gaveta e ia parar no arquivo dos "Provavelmente infectados". Disto, a virar comida dos peixes do porto, era só um passo.

Mas aquele grupo era diferente. "Ah, caralho... Basilio, em que confusão você se meteu!", pensava enquanto se servia outra dose. Em primeiro lugar, eram europeus, o que mudava enormemente o tratamento. Além disso, haviam chegado voando da Península, da Europa, nada menos que isso! De alguma maneira, aqueles sujeitos tinham conseguido sobreviver durante mais de um ano no meio no caos mais absoluto, cercados de não mortos por todos os lados. As autoridades estavam enormemente interessadas neles, e até a própria Alicia Pons assumira pessoalmente o assunto.

"Quando ela souber disso, sou um homem morto", Basilio pensou. "Pons vai cortar minhas bolas e me fazer engoli-las com pimenta."

Ele deu um soco de frustração na mesa, enquanto queimava os miolos tentando encontrar uma saída.

Aquele grupo era estranho. Primeiro, aquele indivíduo, o advogado do gato. Alto, magro, de uns 30 anos, não parara de encher desde o primeiro dia, exigindo falar com algum responsável. Quando tentaram sacrificar o maldito gato, ele ficou de tal jeito, que os médicos não tiveram mais remédio que desistir (um deles com um braço quebrado em dois lugares). Finalmente, a própria Alicia Pons terminou por decidir que o gato podia viver, decisão



inédita até o momento. Basílio não podia entender como aquele maldito intelectualzinho conseguira sobreviver durante todo aquele tempo. Simplesmente não o via capaz nem de usar uma arma.

O ucraniano era outra história. Oh, sim, esse sujeito era perigoso. Baixo, louro-claro, perto dos quarenta, com uns enormes bigodes amarelados, aquele fulano não tinha vários dedos da mão direita. Com certeza os teria perdido em alguma briga de porto ou em um acidente de carro, tempos atrás, supunha Basílio. Aquele sujeito era muito calado, tranqüilo, mas o olhava daquele jeito que ... ah, caralho, o deixava arrepiado cada vez que cravava aqueles olhos pálidos no pescoço de alguém. Dava a sensação de que estava pensando onde podia machucar mais rápido (Basílio não podia saber quanto perto aquilo estava da realidade).

A garota novinha era uma gatinha. Magra, corpo bom, com umas curvas que o deixavam tonto, e aquela carinha... Cristo Bendito, faria ferver até o sangue de um monge de claustro, e estava ali, tão à mão...

Durante as primeiras semanas, Basílio foi cauteloso e, além de algumas frases grosseiras ao fazer a ronda, não tivera mais contato com Lucía. Porém, aquela manhã, quando levava a garota e a freira para o exame médico, sua mão tinha escapado para os seios da garota. Estava muito bêbado, e quase não pensou no que fazia (com as africanas fizera isso frequentemente, e aquelas garotas, acovardadas, permitiam), mas a reação dessa garota tinha sido fulminante, dando-lhe uma bofetada na cara.

Álcool e fúria eram uma mistura ruim (Basílio sabia por experiência própria), e formavam um coquetel explosivo que aquele homem não era capaz de dominar. Antes que se desse conta, um véu vermelho se formou diante de seus olhos e suas têmporas começaram a palpitar. Nenhuma vadia punha a mão nele, e muito menos na frente de seus homens. Fechando a mão, deu um soco na têmpora da garota que a fez cair no chão feito um trapo. Pegando o cassetete, levantou-a acima de sua cabeça pronto para lhe dar uma boa lição (Oh, sim, aquela puta ia ver o que era bom). De repente, a maldita freira se metera no meio e, com uma audácia incrível, dera-lhe outra bofetada.

E ele perdeu o controle.

Basílio deu uma cabeçada na parede, enquanto pensava como tinha sido estúpido. Quando por fim recuperara a sensatez, a freira estava caída inconsciente no chão, perdendo muito sangue pela cabeça aberta.

Não sabia se a matara e, para acabar de foder a situação, tudo acontecera no último dia de quarentena, duas horas antes de serem postos em liberdade. Naquele momento, a comandante Pons se dirigia para o Galicia, para tratar dos papéis do grupo e levá-los para terra, e ele estava com a freira na enfermaria, mais morta que viva, e metade dos guardas a bordo procurando onde se esconder até que acabasse a tempestade que adivinhavam. Merda.

Em quarenta minutos, a não ser que lhe ocorresse alguma coisa (e rápido!), Basilio Irisarri teria problemas de verdade.

A tinta do teto estava descascada, bem em cima do meu catre. Estive observando esse descascado, dia após dia, ao longo do último mês, até memorizar perfeitamente sua forma. Suspirando, levantei-me, enquanto passava a mão pelo rosto. O contato com a barba que usava havia duas semanas me fez perceber o passar do tempo. Nos primeiros dias, tinham me dado artigos para me barbear, mas, desde o dia em que impedira que levassem Lúculo, haviam retirado todo tipo de objeto cortante, e imaginava que naquele momento eu devia parecer um vagabundo, ou algo pior, com aquele ridículo pijama de hospital verde-pálido.

Meu enorme e peludo gato deu um pulo do chão e aterrissou em meu colo com aquela elegância inata que só os felinos possuem (e como sempre fez, desde que não era mais que uma minúscula bola de pelo choramingante, apoiando seu traseiro bem em cima dos meus testículos ao pousar). Com uma cara de irritação, peguei Lúculo por sua redonda barriga e o apoiei no catre, ao meu lado, onde começou a ronronar, enquanto eu o coçava atrás das orelhas.

No início, eu me esgoelava, exigindo falar com a pessoa no comando, ameaçando, pedindo, rogando, ordenando, e finalmente suplicando, mas tudo foi em vão. Finalmente, com a voz trêmula e rouca, deixei-me cair apoiado na parede da minha pequena cela de dois por dois metros. Meu camarote não tinha janelas, e como único mobiliário, dois catres superpostos, um pequeno banco onde me sentar, parafusado na parede, uma pia (sem água corrente) e um vaso sanitário sem tampa. As paredes eram grossas lâminas de aço soldadas no chão e no teto, e este último, com uma espécie de respiradouro situado no meio, parecia ter sido acrescentado depois também. Eu tinha a sensação de que havia quartos similares em cima, dos lados e embaixo.

Possivelmente, haviam transformado o enorme compartimento de carga do Galicia em uma grande colmeia de celas, capazes de acolher todos os refugiados que chegassem à ilha.

Lembrei-me de um documentário que assistira em uma ocasião sobre aquele navio. O depósito do Galicia ser inundado totalmente com água do mar por um enorme portão situado na popa, pois, onde eu estava naquele instante, normalmente se alojariam várias lanchas de desembarque. Com um calafrio, compreendi que aquilo que eu tomara por um respiradouro no teto não era mais que o meio de entrada de água na cela em caso de necessidade.

Os construtores daquele centro de quarentena haviam pensado em todas as possibilidades, inclusive um motim. Em caso de necessidade, simplesmente apertando um botão poderiam afogar todas as pessoas alojadas naquele compartimento. Rápido, fácil, e, acima de tudo, discreto. Aquilo bastou para me tirar a vontade de armar confusão. Isto, e o fato de

que, pelo silêncio, eu tinha a sensação de que aquele navio devia estar praticamente vazio. Possivelmente meu grupo e eu éramos os únicos hóspedes do Galicia.

Três vezes ao dia me passavam uma bandeja de comida pela fresta habilitada para isso na porta. O menu, embora pobre, era variado. Havia principalmente arroz, lentilhas, comida liofilizada (que, depois de um ano, eu abominava) e, para minha surpresa, vegetais frescos (alface, cenoura, batatas), mas em pouca quantidade. Não sou capaz de descrever o prazer que senti no dia em que vi um tomate fresco na bandeja.

Fazia quase um ano que não comia vegetais frescos e, não fosse pelos complementos de vitamina C que havíamos ingerido regularmente desde o Meixoeiro, possivelmente teríamos desenvolvido algum tipo de anemia e provavelmente algo pior, como escorbuto, por conta da alimentação desequilibrada. Aquele pequeno tomate teve um gosto melhor que qualquer jantar de gala que eu já tivesse frequentado na vida.

Enquanto o mordia, com os olhos fechados, e sentia seu suco descer por minha garganta, imaginei por um instante que nada de tudo aquilo estava acontecendo e que, quando abrisse os olhos, estaria na sala da minha casa, preparando uma salada, antes de me jogar no sofá com Lúculo para ver um jogo de futebol na tevê. Infelizmente, quando os abri, a única coisa que vi foi o maldito descascado no teto.

Uma vez por dia três médicos entravam em minha cela, tiravam amostras de sangue, mediam temperatura, pulso e pressão arterial, enquanto verificavam se não estava me transformando em um não morto. No início, vinham escoltados por dois soldados armados, que ficavam no corredor (a pequena cela não os comportava), mas logo minha atitude submissa os fez ganhar confiança e, depois de duas semanas, já realizavam a checagem sem escolta, provavelmente por considerá-la desnecessária. Até aquele dia, duas semanas atrás.

Certa manhã, os três sujeitos da equipe médica entraram na minha cela (eu os reconhecia facilmente por um bracelete vermelho que usavam no lado direito do traje de proteção). Antes de começar os exames, um deles me disse que tinham de levar meu gato para "fazer uns exames clínicos". Algo no tom da voz daquele sujeito me pôs em alerta. Longos anos de experiência profissional como advogado haviam me ensinado a detetar os sutis matizes e mudanças de voz que emitimos inconscientemente quando mentimos. E aquele sujeito, que não era um bom mentiroso, estava me mostrando todo o catálogo.

Alguma parte do meu subconsciente tomou a decisão antes que eu me desse conta do que estava fazendo. Quando o dr. Mentiroso se agachou para pegar Lúculo, que estava enroscado em meus pés, empurrei sua nuca com meus braços, enquanto levantava rapidamente o joelho, acertando seu nariz.

Mentiroso deu um grito de dor, enquanto um jorro de sangue vermelho intenso que escorria do seu nariz quebrado manchava a parte interna de sua máscara de acrílico. Enquanto se retorcia angustiado no chão, aproveitei que a surpresa deixara os outros dois sujeitos paralisados e pulei neles.

Peguei o braço direito do mais alto e o puxei com força para mim. Dr. Alto tropeçou em dr. Mentiroso, que continuava no chão, e acabou se estatelando na pia. Eu mal tinha lugar para me mexer, de modo que quando Dr. Mentiroso se levantou do chão, dei-lhe um pontapé nas costas que o fez se chocar de novo com Dr. Alto.

O braço esquerdo deste ficara enganchado entre o vaso sanitário e a pia, então, quando dr. Mentiroso se chocou contra ele, o ombro do Dr. Alto traçou um ângulo impossível, enquanto um estalo impressionante saía de sua extremidade. Aquilo soava a fratura múltipla.

Voltei-me para o terceiro, mas ele já estava no corredor, dando o alarme. Subitamente, tomei consciência do que fizera. Fiquei em pé, paralisado, no meio da cela, enquanto dr. Mentiroso e dr. Alto, gemendo de dor, saíram da cela apoiando um ao outro. Alguém fechou a porta atrás deles e apagou a luz, deixando-me no escuro.

Tremendo, peguei Lúculo no colo e me encolhi no catre, olhando fixamente para a porta. Pronto, pensei, agora fodeu tudo de verdade. A qualquer momento alguém vai abrir essa porta e vão me surrar, ou coisa pior. Você pode ter assinado sua sentença de morte, imbecil. Enfim, pelo menos que não o vejam suplicar, pensei para me animar. O orgulho é algo absurdo, mas quando é a única coisa que nos resta em uma situação desesperada, transforma-se em nosso maior valor.

De modo que ali fiquei encolhido e expectante, tenso como uma corda de violão, esperando que a qualquer momento entrassem três ou quatro animais na cela e me dessem uma (merecida) surra ou um tiro na testa.

Porém, nada aconteceu na hora seguinte. Nem no dia seguinte.

De fato, nada aconteceu.

A única mudança, a partir desse dia, foi que acabaram os exames médicos. Continuavam me dando comida diariamente, pela fenda, e tenho certeza de que me observavam pelo olho mágico na porta, mas ninguém tornou a entrar em minha cela nas duas semanas seguintes, nem a falar comigo. Aquela situação, naquele pequenino quarto, era de enlouquecer. Eu recordava as histórias que lera sobre os internos das prisões de segurança máxima dos Estados Unidos, que, trancados a vida inteira em pequenas celas, acabavam perdendo a razão. Eu me perguntava se meu destino seria o mesmo.

Esses pensamentos ocupavam minha mente naquela manhã, enquanto coçava pensativamente minha incipiente barba. De repente, soaram uns passos no corredor, com umas vozes que não pude identificar. Os passos se

detiveram repentinamente em frente a minha porta. A seguir, ouvi um tilintar de chaves, enquanto a fechadura girava ruidosamente. Levantei-me da cama, pondo Lúculo atrás de mim. Agora, sim, vêm atrás de você, pensei, enquanto retesava todos os músculos do meu corpo, preparado para o que fosse.

Uma figura feminina se destacou no claro-escuro da porta, com as mãos na cintura. Apertei os olhos, tentando adaptar minha vista à luz que entrava pela porta. A figura deu um passo e entrou na cela, então pude distingui-la perfeitamente. Por um instante, ambos nos contemplamos em silêncio. De repente, a mulher falou:

— Sou a comandante Alicia Pons, responsável pelo corpo médico — sua voz soava firme, mas suave ao mesmo tempo. — Você passou pelo período de quarentena, não sem alguns "problemas" — notava o sarcasmo que tingia sua voz, e que logo se transformou em um tom muito mais sério. — De fato, você não é o único membro do grupo que sofreu algum incidente. De qualquer forma, quero dizer que conseguimos. Estou aqui para lhes dar as boas-vindas formais à Área Segura de Tenerife.

Saímos para o corredor. Depois de um mês trancado dentro daquele cubículo, os primeiros metros foram um tanto desconfortáveis para se caminhar. Com Lúculo no colo, tive de parar um instante, apoiado na

parede, para recuperar o equilíbrio. Só um guarda nos acompanhava, e era, embora ele não soubesse, totalmente desnecessário. Eu estava tão fraco que não teria podido correr nem cinquenta metros, e nem digo fugir do barco ou chegar a nado à costa.

Finalmente, desembocamos em um luminoso quarto, com grandes janelas sobre a plataforma de voo. No meio dela, um oficial do Exército estava sentado a uma mesa, com um computador (o primeiro que via funcionando havia mais de um ano), uma impressora e outros vários aparelhos.

Uma civil gentil fez fotos minhas, enquanto outro funcionário pedia educadamente minha colaboração para tirar minhas impressões digitais. Não pude evitar a estranha sensação de que, depois de um ano vivendo como um foragido do oeste selvagem, estava entrando de novo no sistema (sem saber muito bem, claro, que diabos era aquele sistema).

— Em poucos minutos sua documentação estará pronta, cavalheiro — disse o oficial sentado ao computador, enquanto digitava rapidamente. — Documento de identidade, passes, cartela de racionamento — ele enumerou rapidamente. — Tudo de que necessita para poder viver em Tenerife. Enquanto isso...

— Enquanto isso, poderíamos aproveitar para uma breve conversa — interrompeu-o Alicia Pons — e nos atualizarmos mutuamente de todas as circunstâncias. O que acha?

— Uma ideia brilhante — repliquei, com certa ironia. — Nada me

agradaria mais que saber que diabos está acontecendo a minha volta.

— Siga-me — disse Pons. — Na sala ao lado poderemos conversar com mais calma. Além disso, se não me engano, acho que nos serviram um pequeno lanche, que tornará mais agradável a espera.

Quando passamos para a sala contígua, meus olhos se arregalaram. Em cima de uma mesa, organizadamente dispostas, havia várias travessas cheias de frutas frescas, sanduíches, pão quente, uma tortilla de batatas e até uma cafeteira fumegante que inundava toda a sala com o embriagante aroma de café. Depois de vários meses comendo só comida enlatada, aquilo me parecia o melhor cardápio do mundo. Tive de reunir toda minha força de vontade para não voar na mesa como um huno enlouquecido.

— Por favor, sente-se e sirva-se à vontade — disse Alicia Pons, enquanto pegava uma xícara e a enchia de um café grosso e fumegante. — Imagino que deva estar faminto e querendo provar algumas dessas coisas.

Agradecendo seu convite, ataquei as travessas de sanduíches, enquanto Pons me observava atentamente, sentada em uma cadeira. Aproveitei para dar uma olhada nela. Uns 30 anos, altura mediana, puxando para ruiva, magra, feições miúdas; podia dizer que era uma mulher bonita. Usava um uniforme de passeio da Marinha, mas sem o quepe, e sua abundante cabeleira estava presa em um laço na nuca. Na mão direita usava uma aliança de ouro, e com a esquerda brincava inconscientemente com uma caneta azul. Embora aparentasse um ar frágil, uma breve olhada em seus olhos bastava para perceber que aquela mulher devia ter um caráter resoluto e decidido. Eu tinha reparado no extremo respeito com que tratara todos os soldados, oficiais e civis que havíamos cruzado pelo caminho. Evidentemente, era uma pessoa de peso ali, e, o que é mais importante, sabia se fazer respeitar.

— Então... — ela começou a falar, olhando um papel que estava em cima da mesa. — Um médico com fratura de septo nasal e outro com uma fratura exposta no braço e luxação no ombro. Quer me explicar que diabos lhe passava pela cabeça?

— Foi um acidente — respondi, com a boca meio cheia, enquanto pegava outro sanduíche. — O braço, quero dizer. O nariz, bem... imagino que não pensei que ia bater tão forte — calei-me, um tanto envergonhado, enquanto notava seus penetrantes olhos claros me perfurando.

— Você e seus amigos nos contaram um relato realmente surpreendente — disse, enquanto folheava uma pilha de papéis que estava em cima da mesa. — Um barco russo, uma maleta explosiva, um refúgio em um hospital, uma cidade em chamas, um voo de helicóptero de dois mil quilômetros... — levantou os olhos dos papéis e esboçou um sorriso. — Vejo que não tiveram tempo para se entediar nos últimos meses.

— Na verdade, foi uma temporada bastante agitada — respondi, com a boca cheia de sanduíche e os olhos dançando sobre todos os pratos da mesa,

incapaz de me decidir por algum.

– Todos nós, vivemos tempos agitados – ela replicou, enquanto passava mais papéis. Pude ver, no meio daquela montanha de papéis, várias fotos minhas, de Prit, Lucía, Irmã Cecília, e até de Lúculo. Em uma delas, tirada de cima, estávamos correndo apressadamente pela pista do aeroporto de Lanzarote, perseguidos por uma multidão de não mortos.

– Quase todo mundo que vive aqui tem uma história fascinante para contar. Algumas são divertidas, a maior parte é dramática, mas a sua supera a maioria, acredite.

– Só tentamos ficar vivos – respondi, esticando a mão para o bule de café. – Como todo mundo, imagino.

– Acredite, saíram-se notavelmente bem – a ruiva respondeu. – De fato, vocês são os primeiros sobreviventes a chegar da Península desde a Operação Juízo, e por meios próprios, o que tem ainda mais mérito.

– Operação Juízo? – perguntei, um tanto confuso. –

A evacuação das Áreas Seguras que ficavam na Península há dez meses – olhou-me com estranheza. – Não sabe mesmo nada do que aconteceu em todo esse tempo?

– Não comprei muitos jornais ultimamente, tenente Pons – repliquei, enquanto mordía uma suculenta maçã e seu caldo escorria por meu queixo. – Por onde estive durante esse tempo não havia bancas de jornal abertas.

– Capitã.

– Como?

– Capitã. Sou a capitã Pons, mas, se preferir, pode me chamar de sra. Pons, como fazem muitos civis. O que me dizia?

– Dizia, capitã Pons – repliquei, acentuando o "capitã" –, que não tenho acesso a nenhuma fonte externa de informação há quase um ano. Não tenho nem ideia do que acontece no mundo, o que ficou em pé e que parte foi para o inferno. Não sei onde estou, que status tenho, onde estão meus amigos ou quem, diabos, é a senhora, e a quem ou o que representa.

À medida que ia falando, me exasperava. Sem deixar que me interrompesse, continuei.

– A única coisa que sei é que há um ano andamos percorrendo uma paisagem saída do inferno e coberta de não mortos, e que, quando finalmente chegamos a um lugar onde essas coisas não estão vagando, fomos tratados como criminosos e jogados na prisão por um mês. Também sei que agora estou sentado à sua frente, que tiraram minhas impressões digitais como de um trombadinha vulgar, e que a senhora não é tenente, e sim capitã, como teve a delicadeza de me esclarecer há um instante... capitã – concluí, deixando sair abruptamente toda minha indignação contida. – De modo que a senhora conclua se estou bem informado.



Alicia Pons ficou petrificada por um instante, surpresa com minha repentina explosão. Subitamente, jogou a cabeça para trás e soltou um riso incontrolável. Por um instante, enfureci-me com ela, pelo que considerava uma falta de respeito, mas seu riso era tão fresco e contagioso que, finalmente, até consegui um sorriso.

— Oh, lamento, lamento de verdade, por favor, desculpe — disse, ainda com um sorriso trêmulo na boca, enquanto tentava se recompor —, mas é que as circunstâncias atuais são tão complicadas que às vezes esqueço quão ridículo e longo pode ser o procedimento. Compreendo sua indignação — acrescentou —, mas, por favor, relaxe. Somos amigos, acredite. Vamos começar de novo — ela disse, enquanto me estendia a mão por cima da mesa. — Sou a capitã Alicia Pons, mas pode me chamar de Alicia, se preferir.

— Prazer em conhecê-la, Alicia — respondi, visivelmente mais relaxado. — Agora que já sabe minha história, se importaria de me contar que, diabos, aconteceu no resto do mundo enquanto isso?

— Claro — Alicia respondeu, mas desta vez com um semblante muito mais sério. — Mas advirto-o de que não é um relato agradável, longe disso. O mundo que você conhecia desapareceu, e agora temos... Bem, é melhor que espere eu acabar de lhe contar tudo.

Por um instante considerei, divertido, que nos últimos tempos minha vida parecia ter se transformado em um ciclo. Não muitos meses antes eu mantivera uma conversa similar em outro barco, e com outro "capitão", conversa que tinha sido o início de um longo caminho que me conduzira quase à beira da morte. Esperava que esta, pelo menos, me levasse a um final mais agradável.

— No início ninguém levou a sério — Alicia começou a explicar, enquanto se levantava para se servir de outra xícara de café. — Durante a primeira semana, de fato, nem sequer existia informação confiável a respeito. Putin deixou-se levar pela tradicional paranoia russa do segredo de Estado e decretou um bloqueio total sobre o assunto. Se você assistiu a televisão naqueles dias, deve se lembrar de que todos os noticiários estavam cheios de... nada. Essa era mais ou menos a mesma situação em que se encontravam todos os governos do mundo. Ninguém sabia de nada. De fato, os governos ocidentais sabiam mais ou menos o mesmo que a CNN, tamanho era o grau de controle russo sobre a informação.

— Como isso é possível? Há satélites e...

— Os satélites são só máquinas que batem fotos. Os humanos é que interpretam o que "veem" nelas, para que me entenda. E para encontrar alguma coisa, primeiro é preciso saber o que é que se procura. Evidentemente, ninguém naquele momento buscava não mortos nas fotos dos satélites. Acima de tudo, porque ninguém suspeitava de sua existência. E não se esqueça de que o Daguestão era... é — corrigiu-se — um lugar

verdadeiramente remoto. Não fluía muita informação naquele momento. Finalmente, só depois de oito dias o governo norte-americano, por meio de uma fonte da CIA dentro do Kremlin, teve acesso a um relatório completo da situação.

— Oito dias? A situação ainda levou muito mais tempo para se tornar incontrolável! Por que não fizeram nada enquanto isso?

— Porque não acreditaram no relatório, apenas isso — ela deu um gole em seu café e olhou pensativa para o fundo da xícara. — Depois do desliz de 11 de Setembro e das inexistentes armas de destruição em massa no Iraque, a veracidade dos informes de inteligência da CIA estavam em xeque. De modo que, quando alguém pôs em cima da mesa um informe falando de mortos que se levantavam dos túmulos e atacavam os vivos, como em um filme B, ninguém levou muito a sério. Perderam-se semanas que foram vitais.

Porém, os norte-americanos sabiam que algo estava acontecendo — prosseguiu —, algo que não era ebola nem vírus de Marburg, nem febre do Nilo, nem nenhuma das dez desculpas diferentes que os russos deram ao longo daquela primeira semana. E, além do mais, esse algo, que sem dúvida era biológico, era suficientemente impressionante para manter o Kremlin realmente assustado, tanto que, finalmente, permitiram que uma missão da OMS e do CDC fosse para o Daguestão. Ao mesmo tempo, as potências europeias, o Japão e a Austrália enviaram unidades médicas avançadas para ajudar a controlar o que se supunha ser uma epidemia.

— Lembro-me perfeitamente — interrompi. — Os batalhões médicos do Exército, que iam colaborar com os russos para controlar a situação.

— Para controlar a situação, e, de quebra, xeretar um pouco no terreno e descobrir que diabos estava acontecendo ali — ela meneou a cabeça tristemente, enquanto seu olhar se perdia na parede. — De todas as decisões ruins que foram tomadas naqueles dias, essa foi, sem dúvida, a pior de todas as possíveis. Centenas de pessoas foram enviadas, membros de equipes numerosas demais que confluíram para uma região que naquele momento já estava em situação crítica. A infecção estava totalmente descontrolada. O Daguestão já era um "Ponto Quente", com milhares de não mortos pulando por todos os lados. Visto em perspectiva parece evidente, mas naquele momento não sabíamos nada de tudo o que fomos descobrindo depois.

Alicia Pons fez silêncio por um instante, enquanto brincava inconscientemente com os papéis de meu arquivo, organizadamente empilhados diante dela. Após um instante, prosseguiu com o relato.

— Três ou quatro dias depois de chegar, a verdadeira situação se tornou evidente para todo mundo. As equipes médicas logo perceberam que do que realmente se necessitava no Daguestão eram unidades de combate para acabar com aqueles animais, e não equipes sanitárias. Infelizmente,

perceberam tarde demais, quando mais de um médico já havia sido atacado por um suposto paciente em estado de choque.

— Os não mortos — arrisquei.

— Efetivamente ela replicou. — Diante disso, muitas unidades deslocadas para a região receberam ordens de voltar a seus países de origem a toda velocidade. Evidentemente, levaram com eles todos os seus feridos. Inclusive, suspeitamos que os japoneses levaram alguns "pacientes" com o objetivo de fazer exames mais detalhados do vírus e da infecção em seu país.

— Santo Deus — murmurei. Os corpos de emergência é que haviam ajudado a propagar o caos.

— Assim, em questão de quarenta e oito horas, os infectados "zero" se espalharam por praticamente todos os cantos do mundo. Só os lugares relativamente isolados, como as Canárias, ficaram livres de vetores de infecção nas primeiras horas, de modo que os poucos casos que aconteceram aqui puderam ser controlados rapidamente, pois, quando surgiram, já tínhamos uma ideia mais ou menos clara do que estava acontecendo — Alicia continuou. — Para falar a verdade, no início, ninguém sabia que diabos era aquilo ou qual era o vetor de infecção. Infelizmente para todos, tardariam bem pouco a descobrir o que se avizinhava.

— Mas como é possível? — perguntei. — Como pode ser que ninguém percebeu o que estava acontecendo? Quero dizer, para qualquer um é evidente a relação causa-efeito entre ser mordido por um não morto e transformar-se em um deles. Como puderam ser tão insensatos a ponto de levar gente infectada para a Europa, a Ásia e a América?

— Conforme eu dizia — ela replicou —, ninguém em seu juízo perfeito acreditava naquela estranha história de mortos que voltavam à vida. Era absurda demais para ser verdadeira, assim como outra meia dúzia de teorias disparatadas que circulavam naqueles dias. A única coisa que diferenciava essa teoria das outras é que ela se mostrou verdadeira. Mas ninguém sabia naquele momento — Alicia calou-se por um segundo e, de repente, levantou os olhos. — Deixe eu lhe mostrar uma coisa.

Afastando a xícara de café, começou a procurar algo em uma pasta preta que estava à sua direita. Após revirá-la por alguns segundos, tirou uns papéis e os colocou diante de mim. Eram umas fotos tiradas por microscópio, ampliadas vários milhares de vezes. A primeira era uma cultura de células, com um aspecto estranho. As paredes celulares tinham dezenas de pequenas rachaduras em forma de vulcão salpicando toda a superfície. Parte do material celular parecia ter sido projetado para fora pelas rachaduras e estava esparramado desordenadamente, enquanto outras áreas apareciam enegrecidas, como se um pequenino e imaginário maçarico as tivesse torrado. Passando aquela folha, mostrou-me outra fotografia, desta vez mais ampliada. Era o interior de uma daquelas células, cheia de

pequenos pontinhos. Parte dos pontinhos se projetara por uma das rachaduras abertas no invólucro celular, impregnando outras células da cultura. A última foto era a mais ampliada. Nela via-se uma espécie de pequeno tubo alongado, de aspecto inocente, que se curvava à medida que chegava a uma das pontas. Lembrava vagamente um cajado de pastor.

— Permita-me que lhe apresente o Tsj-Daguestão — ela disse simplesmente.

Com um movimento do pulso, deixou cair a foto, que foi dançando até ficar no centro da mesa. Meu olhar ficou cravado naquele "tubo" de aspecto inofensivo. Parecia incrível que aquele pequeno bastardo fosse o responsável pela espécie humana se encontrar à beira da extinção.

— A partir da segunda semana, as coisas começaram a ficar realmente interessantes — Alicia continuou —, mas, antes de prosseguir, permita-me que me sirva outra xícara de café. Falta muito para contar ainda.

A militar se serviu pausadamente uma generosa xícara. Observei que o bebia puro, sem acrescentar leite ou açúcar.

— Depois de duas semanas, a situação já era de absoluto descontrole — bebeu um gole, fez uma careta de desgosto e, após pensar melhor, acrescentou meia colherzinha de açúcar. — A partir desse instante, a informação se tornou errática e fragmentada, na melhor das hipóteses, ou simplesmente desapareceu. Muitos países decretaram o fechamento de suas fronteiras, mas, embora ninguém soubesse, isso já era inútil àquela altura — levantou o olhar para mim. — Foi como fechar as portas do castelo com o inimigo dentro. Não há estimativas cem por cento confiáveis, mas acreditamos que, passadas as primeiras setenta e duas horas desde o retorno das equipes médicas de ajuda do Daguestão, o vírus já estava fora de controle.

— Mas, como é possível? — perguntei. — Não posso entender tamanha velocidade de propagação!

— É muito simples — Pons replicou, pacientemente. — O TSJ é um filho da puta imensamente esperto. Quem quer que o tenha projetado no Daguestão era alguém com um conhecimento de virologia suficientemente amplo para melhorar as características que garantissem sua capacidade de propagação. Os especialistas acham que a base do Tsj-Daguestão foi uma cepa do vírus do ebola profundamente modificada, à qual acrescentaram parte da carga genética de outros vírus, alguns parcialmente modificados para dotá-los de características próprias — ela fez uma pausa. — Na opinião de alguns especialistas do Centro de Controle de Doenças de Atlanta, é obra de um verdadeiro gênio em sua área. O que você sabe sobre o ebola? — ela me perguntou de repente, à queima-roupa.

— Do ebola? — respondi, sentindo-me como um aluno em um exame. — Sei que é um vírus hemorrágico da África, para o qual não há cura e do qual existem várias cepas. Falou-se muito do ebola na mídia durante as semanas

anteriores ao Apocalipse, mas não lembro...

— O ebola é um assassino impiedoso — Alicia Pons me interrompeu. — É transmitido, como o TSJ, pelo contato com os fluidos corporais, sangue, saliva, sêmen ou suor, o que o transforma em um patógeno altamente contagioso. No prazo de dois dias, o paciente infectado cai vítima de uma febre altíssima e cefaleias. Pelo menos na metade dos casos, três ou quatro dias depois o infectado começa a sangrar por todos os orifícios do corpo, enquanto o ebola, sistematicamente, vai transformando seus órgãos internos em algo parecido a um purê de células mortas. O sangue que jorra dos pacientes pelos olhos, boca, ouvidos e ânus não é nada além de seus órgãos vitais reduzidos a um jato de putrefação. Em poucos dias, mais de noventa por cento dos pacientes morre. É efetivo, rápido e letal.

— Caralho — sussurrei baixinho, impressionado.

— Mas, justamente sua enorme efetividade é sua maior fraqueza — continuou a militar ruiva, impávida. — O ebola é tão letal e tão rápido, que não permite a seu hospedeiro percorrer uma longa distância antes de cair gravemente doente da febre hemorrágica. Como sua origem está no coração da selva africana, onde os deslocamentos são extremamente lentos e trabalhosos, todos os casos de surtos de ebola documentados não afetaram mais que um raio de poucos quilômetros. O ebola é um assassino tão perfeito que mata suas vítimas antes que tenham tempo de espalhar a infecção para novos hóspedes.

— Deixe-me adivinhar — aventurei. — O TSJ não tem esse ponto fraco.

Alicia Pons deu um sorriso frágil antes de responder.

— O ebola não passa de um resfriado comum, perto do TSJ. Este é transmitido, assim como seu antecessor, por meio do contato de fluidos corporais, como, com certeza, já deve ter adivinhado. Saliva, sangue... são caldos de cultura perfeitos.

Uma vez no organismo infectado, começa a se replicar rapidamente, instalando-se principalmente nos órgãos internos, e passa a devorá-los por dentro, como o ebola. A partir desse momento, o hóspede está condenado. No prazo de cinco dias, ele ou ela, embora não saiba, estará morto e transformado em algo muito pior. Porque é neste momento que o pequeno TSJ mostra todo seu potencial de maldade. O TSJ, diferente dos demais vírus, não se satisfaz com desaparecer quando seu hospedeiro falece por conta de seu "trabalho".

Por um procedimento que ainda estamos tentando compreender, e que não lhe posso explicar, o TSJ consegue manter o corpo falecido do hóspede em um estado de animação suspensa, no qual... — subitamente ela explodiu em uma gargalhada amarga, que terminou de maneira um tanto brusca ao notar meu rosto surpreso. — Mas o que estou lhe contando? O que vem a seguir você sabe perfeitamente!

— Imagino — respondi —, mas, ainda assim, vi um infectado se levantar transformado em um não morto em questão de horas, sem precisar esperar cinco dias — as imagens de Shafiq, o marinheiro paquistanês do Zaren Kibbish, agonizante na loja abandonada de Vigo, voltou com força a minha mente.

— Isso porque deve ter falecido por outras causas — Pons replicou, categórica. — A maioria dos não mortos chega a seu estado atual em questão de pouco tempo. Calculamos que leve de três a vinte minutos entre o falecimento de uma pessoa infectada até que se levante transformada em um não morto.

— Então...

— Então, pelo menos cinquenta por cento das pessoas atacadas por um não morto falecem no ato ou durante a hora seguinte, por conta dos ferimentos infligidos por seus agressores. Então, nos vinte minutos seguintes, no máximo, levantam-se já transformados em não mortos. E o ciclo diabólico continua — ela arrematou a frase em tom funesto. — O problema surgiu com aqueles que mal foram arranhados por um infectado no Daguestão, ou que simplesmente tiveram contato com seus fluidos corporais; alguém salpicado por sangue, saliva, ou mil coisas diferentes. Essas pessoas foram para casa, com certeza horrorizadas pelo que haviam visto, mas totalmente inconscientes de que já levavam consigo a sentença para toda a humanidade. Essas pessoas, quando chegaram em casa, beijaram o marido, a esposa, filhos, compartilharam um copo com amigos em um bar, assim espalhando a doença. Por conta disso, quando os casos começaram a aflorar, não houve "um" paciente zero. Foram milhares, simultaneamente, distribuídos por todo o mundo. A pandemia já estava instalada praticamente antes que alguém percebesse.

Minha cabeça girava, eu estava horrorizado. Uma coisa era eu ter suspeitado do meio de contágio do vírus (e, de fato, fora extremamente cuidadoso cada vez que me vira obrigado a tocar em algum daqueles seres), e outra muito diferente era ouvir uma confirmação oficial da virulência e fácil contágio do vírus.

Eu poderia ter me transformado em um não morto ao longo daquelas caóticas semanas sem saber, como, com certeza, havia acontecido com dezenas de milhares de pessoas. As peças do horrível quebra-cabeça estavam começando a se encaixar.

— Mas, até quando vão durar? Existe alguma vacina, algo que se possa fazer? — As perguntas se amontoavam em minha cabeça, lutando para sair.

Alicia Pons ficou em silêncio por alguns segundos, enquanto me olhava pensativamente, como se hesitasse sobre o que ia me dizer. Finalmente, juntou as mãos em cima da mesa, e engoliu em seco antes de falar.

— Pelo que sabemos até agora, esses seres têm uma duração indefinida. Apesar de estarem mortos, os processos naturais de putrefação permanecem

totalmente detidos, ou, pelo menos, imensamente lentos. Não respiram, de modo que seu organismo não está sujeito à oxidação. Além disso, seu nível metabólico é tão baixo, que nem sequer parecem ter necessidade de se nutrir. Pelo pouco que sabemos, esses seres poderiam ser... — subitamente ela se calou.

— Poderiam ser o quê? — perguntei com um punho de gelo me apertando o coração. Internamente, já sabia a resposta que ia ouvir.

— Poderiam ser eternos — disse Pons, com voz cavernosa. — É possível que a humanidade tenha de conviver com eles para sempre, a não ser que os exterminemos antes... ou eles nos exterminem primeiro.

A última frase retumbou como um tiro de canhão em minha cabeça durante alguns segundos. Se não tivesse passado um ano vivendo no fio da navalha, lutando permanentemente contra esses monstros, teria pensado que tudo era uma invenção ou uma deturpação da realidade. Porém, eu sabia perfeitamente que tudo era real. E, ao mesmo tempo, paradoxalmente, tudo continuava parecendo terrivelmente irreal.

— Tudo isso é... absurdo — não consegui dizer mais nada. Sentia-me arrasado.

— Claro que é absurdo — Pons replicou, enquanto se levantava da mesa e se aproximava de um frigobar situado em um canto. — O simples ato de falar de pessoas que ressurgem dos mortos e que atacam os vivos é absurdo em si; mas eles estão aí. E o fato de que aparentemente não precisam comer, respirar nem dormir também é absurdo. E, mais, o não sofrerem nenhum tipo de deterioração, putrefação ou desgaste, apesar de definitivamente mortos, e ainda assim se moverem, não é menos absurdo. E, apesar de irreal que possa parecer, você sabe tão bem quanto eu que tudo o que acabo de lhe dizer é real, e que eles estão aí fora.

Sua voz soava amortecida, enquanto remexia dentro do frigobar. Garrafas de vidro tilintavam ao se chocar umas com as outras, enquanto Alicia procurava algo lá dentro. Finalmente, com um gesto de vitória tirou uma lata de refrigerante do fundo do pequeno refrigerador e endireitou o corpo. Dando meia-volta, aproximou-se da mesa com a lata e um copo na mão.

— Talvez queira beber algo — ela disse, enquanto abria a lata com um estalo. — Costuma ser um choque enfrentar acontecimentos que a razão, o bom-senso e a ciência dizem que não podem ser possíveis, mas eles estão aí. A reação de todo o mundo costuma ser muito parecida. E, agora mesmo, sua cara não está muito boa.

Aceitei agradecido o copo de refrigerante que Alicia Pons me estendia. Sentia a boca terrivelmente seca. Após beber o conteúdo do copo em dois grandes goles, comecei a me sentir um pouco melhor. Mas minha cabeça era um verdadeiro turbilhão.

— Ao longo de todo esse tempo fui salpicado mais de uma vez por sangue e vísceras desses seres, Alicia, mais do que teria desejado, acredite — disse com voz rouca, tentando controlar o nervosismo. — Se a transmissão desse... Tsj, ou como, diabos, se chama, é como você diz, como é que não me infectei? Alicia contemplou pensativamente o copo de vidro vazio que estava em cima da mesa, como se sua mente estivesse muito longe dali.

— Sabe? — disse —, não deveria ter bebido tão rapidamente. As latas de refrigerante estão começando a faltar, até no mercado negro, e pode ser que passe bastante tempo antes que consiga beber outra. Procure saboreá-la. Pelo que sei, já estão com preços astronômicos.

Seu olhar carregado de tristeza tornou a pousar na lata meio vazia e, de repente, ergueu-se novamente até meu rosto.

— Se tivesse sido infectado, teria se transformado em um desses seres e já teria uma boa dose de chumbo no cérebro, meu amigo — explicou simplesmente, enquanto me servia um pouco mais de refrigerante. — Além disso, a quarentena é justamente para isso, para termos cem por cento de certeza de que os novos habitantes não vão representar um... "problema".

Por outro lado — acrescentou, enquanto se esticava na cadeira —, para ser infectado é preciso que um fluido corporal são entre em contato com outro infectado, ou seja, que seu sangue, saliva, líquido lacrimal ou das fossas nasais seja salpicado por algum vetor com o vírus, e é evidente que isso não aconteceu nem com você nem com seus amigos.

Pensei que aquela explicação não parecia muito alentadora. Se tivesse algum corte aberto cada vez que havia sido salpicado, ou se tivesse entrado um pouco do líquido em meus olhos, minha história teria terminado abruptamente, e eu teria entrado, sem saber, na confraria dos não mortos. Que perspectiva!

— Depois que começaram a aflorar os pacientes "zero", todo o planeta se transformou em um inferno em questão de dias — Alicia retomou, monocórdia, seu relato do Apocalipse. — Os serviços sanitários entraram em colapso durante as primeiras horas, até que ficou claro que as centenas de pacientes internados, afetados por aqueles terríveis sintomas, estavam longe de qualquer cura. Infelizmente, quando o Exército tomou as rédeas, já era tarde demais. Dezenas, talvez centenas de não mortos haviam transformado os hospitais em verdadeiros matadouros, armadilhas mortais para quem estivesse ali. Não temos dados de outros países, mas acreditamos, com base em estatísticas, que cerca de setenta por cento do pessoal médico da Espanha faleceu nas primeiras quarenta e oito horas desde os surtos iniciais.

— Setenta por cento? Tanto? — perguntei, incrédulo.

— Essas são as estimativas mais conservadoras. Se nos ativermos à quantidade de médicos e enfermeiras graduados que sobreviveram e que temos nas ilhas neste momento, a quantidade deve ter sido muito mais alta



– o rosto de Alicia Pons foi tomado por uma sombra. – Algo do gênero aconteceu com a Polícia, os bombeiros, as ambulâncias... Todo aquele que tentava ajudar nas primeiras horas do caos, invariavelmente se submeteu a um risco mortal.

O zumbido do ar-condicionado soava monótono na sala, enquanto as palavras de Alicia flutuavam no ambiente. Todos os pequenos fragmentos da dramática cena começavam a ganhar forma.

– Nesse momento, os governos realmente tiveram consciência do que se avizinhava, e os telefones das diferentes chancelarias começaram a soltar fumaça – ela suspirou. – Houve até uma reunião de chefes de governo da União Europeia para abordar o assunto.

– Eu me lembro. A cara deles ao sair, era impressionante.

– Porque, naquele momento, se assustaram de verdade – a voz de Alicia endureceu nesse instante. – Porém, nem mesmo então foram capazes de adotar uma decisão conjunta e determinada que poderia ter salvado todo o continente, talvez até todo o mundo. Simplesmente limitaram-se a nomear um Comitê Conjunto de Crise, decretar o bloqueio de informações e voltar correndo cada um para seu país. A seguir, quase todos policiaram as fronteiras, confiando que os não mortos dessem meia-volta ao chegar a seus limites. Porém, todos já tinham não mortos dentro de seus países – tomou um gole do seu café e estalou a língua. – E, além disso, os não mortos não entendem de fronteiras, nem de países. São caçadores letais sem nenhum tipo de limitação.

– Mas o que você está me contando... Foi assim no mundo todo?

Alicia riu sem vontade, enquanto me olhava incrédula, como perguntando-se como era possível que eu soubesse tão pouco.

– Ah, claro que não – respondeu, com um olhar obscuro. – No resto do mundo foi ainda pior.

– Pior? O que significa pior? – perguntei, espantado.

– Significa mais rápido, mais forte e com piores consequências, conforme a região – explicou. – Por exemplo, nos Estados Unidos houve mais vetores de infecção simultaneamente que em nenhum outro lugar do mundo. Isto porque os americanos enviaram mais equipes médicas e mais militares ao Daguestão que qualquer outro país. Além disso, parte das tropas destacadas no Kurdistão iraquiano foi encarregada de organizar alguns dos gigantescos campos de refugiados do Daguestão, que atravessaram para essa região fugindo de seu país e também foram afetadas. No conjunto, uma gigantesca bola de merda que ninguém soube como deter a tempo. Quando perceberam o que estava vindo, o vírus já se encontrava fora de controle em mais de trinta cidades espalhadas pelo país.

Assoviei baixinho. Imaginei o que aquilo representou em um país como os Estados Unidos.

— Quando um grupo de repórteres da CBS descobriu o que estava acontecendo, a rede transmitiu um noticiário especial, ao que parece burlando a censura. Imediatamente após a transmissão da reportagem, o pânico se espalhou por todo o país. Milhões de pessoas, lutando para sair das cidades, fizeram os aeroportos e as estradas entrar em colapso. Famílias inteiras enfiaram todas as suas coisas em um carro e saíram voando para pequenos povoados rurais ou cidades que consideravam seguras. O que muitos deles não sabiam é que já portavam o vírus, e, assim, o difundiram rapidamente por todo o país. O governo norte-americano tentou precipitadamente copiar o modelo europeu de Áreas Seguras, mas já era tarde. A histeria coletiva tomara o controle, e as instituições da nação começaram a entrar em colapso à medida que mais e mais funcionários não apareciam para trabalhar, seja porque estavam mortos, seja porque haviam fugido.

Eu podia ver a cena. Os Estados Unidos são (eram, tive que me corrigir) uma nação enorme, com densa e intrincada rede de comunicações. Com um calafrio, compreendi que cada um dos milhares de pessoas que já estavam infectadas agira como pequenos cavalos de Troia, distribuindo o TSJ por todos os cantos do país. Era terrível.

— Acreditamos que ainda existam áreas livres de não mortos, principalmente no Meio Oeste do país. As enormes distâncias, os desertos, a baixa população da região e, principalmente, o fato de que a posse de armas entre a população estava generalizada ali antes do Apocalipse, ajudaram sobremaneira que essas áreas tenham resistido. O que não sabemos é quais são as condições de vida nessas regiões, se há alguém no comando ou se medrou a anarquia total. Pelas poucas informações que temos, a situação oscila enormemente de certas áreas livres a outras. Em algumas partes estão, como nós, tentando reconstruir um arremedo de sociedade organizada a partir das cinzas. Em outras, simplesmente é a lei do mais forte — ela concluiu. — Não deve ser fácil viver por lá.

— E a América do Sul? — perguntei. — Como se saiu?

— A coisa foi diferente em cada região. O México foi, sem dúvida, um dos mais afetados, praticamente no nível da Europa e dos Estados Unidos. Centenas de milhares de americanos acreditaram que cruzando a fronteira estariam a salvo da pandemia, porém, o que conseguiram foi espalhar o vírus — ela sorriu amargamente. — Imagine que situação surreal para os guardas das fronteiras mexicanas quando, certa manhã, descobrirem, atônitos, que os imigrantes clandestinos haviam passado a ser os ricos e orgulhosos vizinhos do Norte. Evidentemente, fecharam as fronteiras, mas já era tarde demais. O pânico se desatou e centenas de milhares conseguiram cruzar a fronteira clandestinamente. Sabemos que em grandes áreas do país houve, durante pelo menos uma semana, a "Caça ao Gringo". Todo aquele que tivesse pinta de ianque engolia chumbo, como estimulava a própria imprensa do país. Atirem primeiro e perguntem depois, este era o

lema. Infelizmente para todos, em menos de dez dias os mexicanos tiveram outros problemas com que se preocupar. Algo do gênero aconteceu na Venezuela, só que lá...

— Lembro-me de que, poucos dias antes de desaparecerem as redes de notícias, se falava de uma guerra entre o Chile e a Bolívia — interrompi, ao recordar subitamente aquele acontecimento.

— É verdade — Alicia respondeu. — Pelo visto, no meio do caos os chilenos esmagaram o pobre Exército boliviano e chegaram a entrar em grande parte do sul do país. Porém, a situação de caos que começavam a viver em sua própria nação os obrigou a retornar. Isto, e os refugiados argentinos, que cruzavam em massa suas fronteiras.

— Os argentinos?

— No meio de todo o imenso oceano de loucura em que o mundo estava se transformando durante aqueles dias, os argentinos ficaram com talvez um dos maiores pedaços da merda toda — Alicia disse, com certa ironia.

Eu sorria ao ouvir a colorida linguagem de Alicia Pons. À medida que a conversa avançava, ela ia se sentindo mais à vontade, e relaxava visivelmente enquanto falava. Devo dizer que o efeito era exatamente o mesmo em mim.

— Buenos Aires — ela continuou —, ou melhor, a Grande Buenos Aires, era talvez uma das maiores aglomerações humanas do hemisfério sul. Estamos falando de milhões de pessoas vivendo em uma superfície relativamente pequena. Pois bem, quando o resto do mundo estava caindo aos pedaços, em Buenos Aires ainda não havia ocorrido nem um único caso de infecção. Nem um único. Era, possivelmente, um dos poucos lugares civilizados "limpos" do planeta, mas, ainda assim, ninguém tomou medidas preventivas. Uma semana depois, quando milhares de refugiados começaram a afluir à cidade, ninguém se encarregou de organizar sua chegada, de verificar seu estado de saúde ou estabelecer uma quarentena. Nada, por mais surpreendente que possa parecer. E quando, uma semana depois, começaram a ocorrer casos da epidemia em uma região urbana hiper massificada, ninguém, absolutamente ninguém, se incomodou de tomar medidas de controle. Pelo visto, os militares queriam imitar seus vizinhos chilenos e tomar o controle do país, e o governo civil não queria facilitar. Manifestações nas ruas, tiroteios, um golpe de Estado abortado in extremis. Enquanto isso, o mundo desmoronava, e os argentinos assistiam atônitos à luta de poder que absorvia por completo seus dirigentes. Finalmente, alguém se assustou de verdade (tarde demais). O governo inteiro passou a mão em todo o dinheiro que pôde pegar e saiu de avião com rumo desconhecido.

Alicia tirou um pacote de cigarros do bolso e me ofereceu um. Peguei-o em silêncio e aceitei o fogo do seu isqueiro. Curiosamente, não acendeu outro cigarro para ela; simplesmente colocou o pacote de novo no bolso.

Absorto, vi como brincava com o isqueiro enquanto continuava falando.

— Não sei onde se meteram esses irresponsáveis políticos, mas espero que algum desses podres aí de fora tenha dado conta de todos eles — suspirou, meneando a cabeça. — Duas semanas depois disso, a Central Nuclear de Embalse, próxima à cidade argentina de Córdoba, voou pelos ares, projetando uma nuvem radioativa sobre todo o norte do país. Nenhum responsável ordenou a paralisação da central. Ninguém tomou nenhuma medida para evitar que o sistema falhasse à medida que os operários desapareciam. Em um exercício de negligência brutal, todos os responsáveis dos ministérios lavaram as mãos durante esses dias. Supomos que a central continuou funcionando sem pessoal durante um tempo, até que o urânio se desestabilizou por falta de manutenção e provocou uma reação em cadeia, que acabou em explosão nuclear. O resultado foi que todo o norte da Argentina e o sul do Brasil são agora um deserto radioativo, onde a vida é impossível, exceto para os não mortos, claro, mas isto é um pouco absurdo, porque eles já estão mortos, não é? — perguntou retoricamente, irritada.

— Mas, mas... — eu não era capaz de falar. — Como é possível?

— É possível, evidentemente — Alicia acrescentou. — E na Ásia as coisas estão ainda muito pior. Os chineses perderam a cabeça e tentaram erradicar a doença de seus principais núcleos de população à base de explosões nucleares controladas.

— Explosões... NUCLEARES? — Eu não podia acreditar, apesar de já ter ouvido aquilo, enquanto ainda havia televisão.

— O valor da vida humana é muito mais relativo em outras culturas — ela explicou pacientemente. — O que para um ocidental é inconcebível, para um oriental é algo extremamente lógico sob sua perspectiva. O importante para eles é a coletividade, não o indivíduo. E, se para salvar a coletividade têm de eliminar de uma vez só várias dezenas de milhões de indivíduos, sadios ou doentes, fazem-no sem hesitar.

— E esta foi a estratégia deles?

— Sim, foi esta a estratégia deles — respondeu Alicia, assentindo com a cabeça.

— E funcionou? — perguntei

— Claro que não. A radiação não pode matar alguém que já está morto. Com certeza incineraram milhões de não mortos nas explosões, e milhões de inocentes, mas, em um país tão superpovoado, o fato de pequena percentagem sobreviver à explosão implica dizer que "sobreviveram" milhões de não mortos, espalhando-se das cidades arrasadas aos quatro ventos — ela bebeu um gole e me olhou com atenção. — Pense. Reina o caos mais absoluto no mundo.

— Caos — murmurei baixinho. — Eu não chamaria simplesmente de caos.

— Nós não estamos pior — replicou. — A Ásia e o Oriente Médio são regiões onde a vida humana já não é possível, pelo menos não como a concebemos; quanto à África, bem... — interrompeu-se para engolir em seco. — Os relatos que nos chegaram por meio dos poucos sobreviventes são assustadores. A África é o inferno na Terra, literalmente. Supomos que não deva restar quase ninguém vivo no continente, afora centenas de grupos isolados na selva tropical ou algum bando de tuaregues rodando pelo Saara. Dezenas de pequenos reizinhos e senhores da guerra ocuparam o vazio de poder que os governos deixaram. As doenças, a guerra, a fome e a natureza selvagem levam consigo todo aquele que não é vítima dos não mortos. Toda a África negra parece ter dado um salto de setecentos anos para trás — olhou para mim muito séria. — Se bobear, os vivos são quase mais perigosos que os não mortos.

— Agora que está comentando, estivemos em um pequeno povoado de pescadores na costa marroquina.

— E conforme disse em sua declaração — ela me interrompeu —, encontraram-no arrasado por sangue e fogo. Eu sei. Esta é a tônica habitual em todo o continente. Já não é apenas a luta pela sobrevivência. É também a luta pelos recursos. E é uma luta de morte.

— Recursos? — fiquei surpreso. — Mas a África deve ser a terra mais fértil sobre a face da Terra! Poderia facilmente dar comida para tudo o que resta da humanidade!

Alicia riu sem vontade. Depois, olhou para mim como alguém que tem um grande segredo, mas não sabe se deve contá-lo.

— Não se trata apenas de alimentos, por mais que sejam fundamentais — explicou-me pacientemente. — Além disso, são necessários medicamentos, combustível, roupa, munição, veículos em bom estado, todas essas coisas que normalmente consideramos imprescindíveis, e que cada vez se tornam mais escassas. Pense bem! Cada caixa de medicamentos que se consome em um dos nossos hospitais significa uma caixa de medicamentos a menos no mundo! Cada litro de combustível que nossos helicópteros queimam significa que nos resta um pouco menos de transporte aéreo! Cada bala que gastamos contra esses bastardos nos aproxima um pouco mais da possibilidade de voltar a usar arcos e flechas para defender nossa pele! Não há indústria, não há mercado internacional, não há tecnologia, não há um petroleiro chegando ao porto carregado de combustível a cada dia. Acha que neste momento o mundo é uma ruína? — ela me perguntou, desafiadora. — Espere apenas alguns anos, e vai sentir saudades desta época como se fossem os bons velhos tempos. Estamos galopando descontroladamente para uma nova Idade Média, e receio que, enquanto esses seres continuarem aí fora, ninguém vai poder fazer nada para impedir!

— Mas, mas... — balbuciei. — Deve haver alguma coisa que possamos fazer... Digo, eu...

– Se tiver alguma ideia brilhante que não tenha ocorrido a nenhum dos nossos, peça-lhe que a apresente agora mesmo – Alicia respondeu, entre irônica e séria. – Eu lhe garanto que isso o transformaria na pessoa mais popular das ilhas.

– Mas eu imaginava que a civilização continuava funcionando nas ilhas! Imaginávamos que aqui era a verdadeira Área Segura, onde todos poderíamos dar continuidade à vida! – protestei, mas começando a entender a verdadeira natureza da situação. Alicia me olhou durante alguns instantes. A seguir, levantou-se e me convidou a segui-la.

– Venha comigo – disse. – Quero lhe mostrar uma coisa.

Sáimos de novo para o convés. Um crepúsculo luminoso tingia de vermelho o horizonte, enquanto um vento quente carregado de areia soprava sobre o porto, fazendo que a atmosfera ficasse quente como um caldo grosso. Assim que abandonamos o refrescante ar-condicionado do interior do Galicia, começamos a suar em bicas. Cada vez que inspirávamos era como um jato de ar fervente nos pulmões. Logo comecei a sentir saudade do refrigerante que acabara de beber.

Alicia aproximou-se da borda e distraidamente me ofereceu outro cigarro, enquanto acendia um para si mesma. Neguei com a cabeça. Minha boca estava seca como o deserto, e eu estava um pouco tonto. Depois de um mês dentro da cela, sentia uma espécie de vertigem ao caminhar pela enorme pista de aterrissagem do Galicia. Por um instante ficamos em silêncio, enquanto contemplávamos a cidade recortada ao fundo da baía, onde começavam a brilhar algumas luzes à medida que escurecia. Após um instante decidi abrir a boca e perguntar pela sorte dos meus, mas, antes que pudesse pronunciar uma só palavra, Alicia levantou o braço e apontou para o porto.

— Vê aquilo? Ali, no fundo, em frente àqueles edifícios altos, o maior de todos — a ruiva indicou.

Segui a direção que sua mão apontava. Um maciço e gigantesco navio de um azul brilhante, muito maior que qualquer outro atracado no porto, balançava indolentemente levado pelas ondas do mar que entravam na baía. Sua linha de flutuação estava alta, muito alta, deixando ver ampla faixa do seu costado pintado de vermelho, que normalmente teria de estar embaixo d'água. Aquilo só podia significar que o navio estava sem lastro, sem uma gota de carga.

— Esse navio que vê ali flutuando é o Keiten Maru, um superpetroleiro japonês pertencente a um dos maiores conglomerados empresariais que existiam antes do Apocalipse naquele país. Esse monstro pode embarcar cento e quinze mil toneladas de petróleo e, de fato, quando o inferno começou, estava voltando do Mar do Norte carregado até a tampa de petróleo norueguês, rumo ao Japão. Antes de chegar á altura das Canárias, três membros da tripulação já haviam tombado por causa do TSJ, um deles o primeiro oficial — notei que cravava em mim seus olhos pálidos. — À medida que iam se infectando, trancavam os não mortos em um depósito, mas o pânico já estourara a bordo, de modo que decidiram fazer escala aqui, em Tenerife. Depois, o mundo ruiu, e o barco ficou aqui para sempre. Paradoxalmente, sua desgraça foi nossa salvação. Sem o Keiten Maru não teríamos tido a menor possibilidade de sobreviver.

— Por quê? — eu não entendia a relação que podia existir entre um simples navio e a luta contra os não mortos.

— Por causa de sua imensa carga de petróleo. Cento e quinze mil toneladas de bom, fantástico e excelente petróleo, que pudemos transformar em combustível na refinaria do porto — ela disse, enquanto apontava para as altas torres que despontavam no horizonte.

A refinaria Cepsa. É claro. Como pude estar tão cego?

— Quando o sistema ruiu e as ilhas ficaram isoladas do resto do mundo, tínhamos combustível suficiente para duas semanas, mais nada. A chegada do Keiten Maru nos garantiu abastecimento suficiente de combustível desde então, mas, apesar de estar severamente racionado, estamos esgotando nossas últimas reservas há um mês. Prosseguindo no ritmo de consumo atual, consumiremos os últimos litros em questão de quatro ou cinco semanas.

— Isso é ruim, não é? — perguntei de uma maneira um tanto absurda e precipitada.

— Isso é pior que ruim. É catastrófico. Sem combustível, perdemos toda nossa vantagem tecnológica. Nada de aviões, helicópteros, barcos ou automóveis. Teríamos de voltar à vela e ao cavalo. E, nessas circunstâncias, seria nossa condenação à morte por inanição, quase com certeza.

— E por que, simplesmente, não vão procurar mais? — respondi. — É questão apenas de navegar até a Nigéria ou a Venezuela, ligar uma linha de bombeamento e carregar o combustível.

— Não é tão simples — ela disse, pesarosa. — Quando o caos começou a se espalhar, muitos países produtores lacraram temporariamente-seus poços de petróleo, diante da evidência de que, sem pessoal para fazer a manutenção, eram uma bomba-relógio. Assim, todos os poços venezuelanos e mexicanos foram lacrados por suas respectivas companhias dirigentes. Na Nigéria, porém, ninguém tomou essas precauções, e os reconhecimentos aéreos mostram que muitos poços explodiram, criando vazamentos e marés negras, e as tubulações, após um ano sem manutenção, são um enorme monte de ferro-velho.

Tragou um pouco de fumaça do seu cigarro e continuou falando, enquanto me olhava de novo.

— Mas, mesmo supondo que os poços estivessem em bom estado, e fluindo normalmente, como antes do Apocalipse, seria impossível bombear desses portos sem deslocar uma enorme equipe de segurança em terra, para se aventurar por um terreno desconhecido, enfrentando uma horda de não mortos — e acrescentou: — e para proteger um grupo de técnicos especialistas, que não temos, que teriam de reparar instalações petrolíferas com materiais que também não temos, para garantir um bombeamento por meio de um sistema de condução que não passa por uma revisão há mais de um ano, para um navio de noventa mil toneladas, que não sabemos se poderia chegar até ali sem a ajuda de um práctico que conheça essas águas e sem um exército de imprescindíveis rebocadores que o ajudem a se



posicionar na estação de bombeamento, que também não sabemos se continua existindo. Portanto, como vê, não é tão fácil.

— E no Golfo Pérsico? Fica mais longe, mas com esse enorme navio se poderia chegar facilmente. Além disso, lá a carga dos navios é feita em alto-mar, por meio de mangueiras que...

— No Golfo Pérsico não resta nada em pé. Sabe quem são os wahabitas? — perguntou-me. Neguei com a cabeça, perplexo. Aquilo era cada vez mais sombrio. — São um ramo ultra religioso do islamismo, maioritário no Golfo, que defendia uma interpretação literal do Alcorão e a aplicação do Direito islâmico. O Oriente Médio foi uma das primeiras regiões afetadas pelo TSJ, por conta de sua posição geográfica. Durante as últimas semanas antes do caos definitivo, os wahabitas apregoavam que o TSJ era um castigo de Deus aos homens por sua cobiça e impiedade, e que a única maneira de escapar da morte e do horrível destino do TSJ era cometendo atos de purificação. O dinheiro havia corrompido a alma do homem, e se o homem quisesse se salvar, devia voltar, segundo suas teorias, ao estado de pureza primitiva. O petróleo inundara de dinheiro os países do Oriente Médio, ou seja, inundara-os, segundo eles, de corrupção e falta de fé. Então, no caminho para a purificação e a salvação, multidões fanáticas começaram a assaltar e destruir todas as instalações petrolíferas dos países do Golfo, buscando com isso que Alá os livrasse de se infectar.

— Mas isso significa... — gaguejei.

— Significa que há centenas de poços no Golfo que continuam em chamas, mais de um ano depois. Significa que, se quiser petróleo, o Oriente Médio já não é a resposta. Significa que, se não encontrarmos uma pronta solução, passaremos de estar fodidos a real e definitivamente fodidos. Significa, finalmente, que uma nova Idade Média está para chegar, se não fizermos alguma coisa.

Neguei com a cabeça, impressionado. O suposto paraíso que as Canárias eram em minha mente, o sonho dourado que eu me permitira viver ao longo de tantos obscuros meses estava se revelando, pouco a pouco, um lugar pobre e desesperado, um lugar sitiado, onde a subsistência não era nada fácil. Perguntei-me o que seria de mim e dos meus, quando uma pergunta evidente, que até então não havia feito, brilhou em minha mente como um lampejo.

— Agradeço muito sua paciência e, sério, estou muito grato por sua acolhida, por me atualizar, e por cuidar de toda a papelada lá embaixo, mas tenho uma pergunta que não para de rodar em minha cabeça. Por que eu? Por que diabos está contando tudo isso a mim?

— Porque, como com certeza já compreendeu, temos um sério problema — Alicia respondeu com um estranho sorriso. — E acreditamos que você e o sr. Pritchenko podem nos ajudar a resolvê-lo.

Por um instante, pensei que tinha escutado mal. Estava pasmo com aquela última frase.

— Víktor e eu? — perguntei. — Para que, diabos, precisam de nossa ajuda?

— É mais que evidente — Pons replicou. — Pritchenko é piloto de helicópteros, com vários milhares de horas de voo, muitas delas em combate real, para não falar da proeza que foi ser capaz de trazer um helicóptero da Península até as Canárias sem escalas. Isto o transforma não só em um elemento valioso da comunidade, mas também, e nestes tempos me atrevo a dizer, imprescindível, um presente caído, literalmente, do céu.

— E eu, que papel tenho nisso? Afinal de contas, sou advogado, ou pelo menos era antes que a civilização acabasse — fiz uma pausa e continuei com certa ironia. — Não creio que meus conhecimentos e experiência ajudem muito a arranjar um poço de petróleo, e, se estão pensando em processar os não mortos, desaconselho enfaticamente. Acho que não são solventes, e é bem provável que nem compareçam ao julgamento.

— Não diga bobagens — Alicia Pons me cortou, categórica. — Se digo que precisamos de você, não é por sua capacidade para fazer gracinhas, e sim por suas aptidões pessoais. Vocês sobreviveram em território infectado por mais tempo que qualquer um dos nossos grupos de incursão, seja por acaso ou por habilidade, e, além do mais, Pritchenko é, possivelmente, um dos profissionais mais valiosos que existem atualmente. Precisamos urgentemente de vocês, dos dois — ela concluiu.

— Entendo que possam precisar dos serviços de Víktor — eu disse cautelosamente. — Mas, duvido muito que, depois de tudo que passamos, eu ou ele queiramos sair da ilha antes de uma longa, muito longa temporada. Estamos mental e fisicamente exaustos, e a única coisa que queremos é um lugar seguro onde viver e trabalhar, longe desses seres de fora. Além do mais — acrescentei, fazendo-me de bobó —, ainda não entendi muito bem para que vocês precisam dos serviços de um advogado.

— Ah! — Alicia pareceu se surpreender de verdade. Meneou a cabeça e falou suavemente: — Acho que não está entendendo. Não é o governo que precisa dos serviços de um advogado.

— Como? Então, quem, diabos...

— É Pritchenko quem precisa de você — Alicia respondeu, pronunciando lentamente as palavras. — E, se me permite acrescentar, espero que seja realmente bom no que faz, porque vai precisar, de verdade. Por alguns instantes fiquei tão atônito que não fui capaz de falar. Se me tivessem pedido que mastigasse a antena do radar do Galicia, não teria achado mais surpreendente. Em poucas palavras, não estava entendendo nada.

– Víktor? Meus serviços profissionais? Mas de que porra está...

– Esta manhã – a capitã Pons se adiantou, subitamente séria –, às 9p5, Víktor Pritchenko foi conduzido de sua cela à sala de reconhecimento, onde estivemos há pouco, para receber alta da quarentena e sua documentação de residente, como você – Alicia me olhava com uma expressão muito séria no rosto. – Quando seguia por um dos corredores, cruzou com outro membro de seu grupo, Irmã Cecilia Iglesias, que se dirigia ao mesmo local de reconhecimento para pegar sua documentação. De repente, e sem uma palavra, Pritchenko arrancou o cassetete de um dos guardas que o escoltavam e começou a bater na cabeça da Irmã Cecilia até deixá-la sem sentidos no chão, antes que pudesse ser controlado pelos agentes.

Cambaleei como se tivessem me dado um soco no estômago. Aquilo era impossível. Víktor agredindo Irmã Cecilia? Não, de modo algum, aquilo não podia ser real, tinha de haver um engano em algum lugar. O pequeno eslavo sentia verdadeira veneração por aquela freira risonha, decidida e vivaz, que tirara o ucraniano do profundo poço da crise nervosa à base de longas conversas e toneladas de consolo e compreensão. Atacá-la? Víktor? Por quê? Aquilo era totalmente ridículo.

– Irmã Cecilia está agora em estado de coma na enfermaria, e pode ser que morra nas próximas 72 horas por causa dos ferimentos – continuou Alicia Pons. – Lamento ter de lhe comunicar tudo isso.

– Deve ser um erro – eu disse, no tom mais calmo que pude encontrar dentro de mim. – Víktor ama essa mulher como se fosse sua mãe. Não é possível que isso que está me contando seja verdade.

– Parece difícil de aceitar, mas, infelizmente, não há nenhuma dúvida sobre como se deram os fatos – Alicia respondeu, com uma nota triste na voz. – Há três testemunhas dos fatos, os agentes de segurança que os acompanhavam naquele instante, e um deles é o chefe da guarda, homem de nossa plena confiança – concluiu. – Não existe a menor discrepância em seus relatos.

Víktor, um assassino. Não, aquilo era impossível. Precisava vê-lo. Tinha de falar com ele, saber que diabos tinha acontecido. De novo tornava a ter a asfixiante sensação de estar preso nas mandíbulas de algo que fugia totalmente ao meu controle. Da última vez que tive essa angustiante sensação foi a bordo de outro navio, o Zaren Kibish, e parecia ter se passado um milênio desde então. Sentia o olhar de Alicia Pons cravado em mim, enquanto minha mente não parava de girar a toda velocidade. Tinha de cuidar daquilo antes que fosse tarde demais. Tinha de traçar um plano. Isso.

– Você quer minha ajuda e a de Víktor, não é? – interpelei Alicia Pons, que me observava expectante. – Então, para começar, preciso que me leve até ele agora mesmo. Não amanhã, nem daqui a dez minutos, nem quando acharem que devem. Preciso ver meu amigo, e tem de ser já, se realmente querem que colaboremos. Posso contar com você?

— É evidente — Alicia respondeu, um tanto impressionada com minha reação. — Siga-me. Por aqui, por favor.

Descemos por escadas estreitas até uma sala fechada. Na porta, dois agentes de expressão feroz montavam guarda. Assim que entrei, fiquei petrificado. Meu amigo jazia em um canto, nu da cintura para cima, com um monte de hematomas no corpo todo. Seu olho direito estava totalmente fechado por causa do inchaço, e um enorme e volumoso lábio se entrevia sob seu bigode manchado de sangue seco.

Ao me ver, o pequeno ucraniano se levantou, mancando. Parecia estar moído.

— Prit! Que diabos fizeram com você? Você está bem? — as perguntas se amontoavam em minha boca, enquanto minhas mãos apalpavam rapidamente as costelas de Víktor, tentando adivinhar se tinha algum osso quebrado.

— Ouça — o eslavo respondeu, enquanto tossia —, não sei que história lhe contaram, mas não fui eu. Está me ouvindo? Eu não fiz nada! — agarrou-me pela manga, quase com desespero. — Não acredite neles!

— Prit — respondi com calma, enquanto passava o braço por cima de seu ombro. — Não tenho a menor dúvida de que está dizendo a verdade. Se eu duvidasse, mesmo que fosse por um segundo, não mereceria ser seu amigo. Não se preocupe, velho. Vou tirá-lo desta confusão.

— Espero que seja melhor advogado que enfermeiro — Víktor respondeu com ironia, enquanto levantava a mão esquerda para mostrar os dois dedos amputados.

A recordação de meus penosos esforços para fazer um curativo de urgência em uma distante concessionária Mercedes conseguiu me arrancar um amargo sorriso. Aquele pequeno e condenado ucraniano e eu havíamos passado muitas aventuras juntos. Não pretendia deixá-lo na mão.

— Sou o melhor que você consegue, seria conveniente que não fosse muito exigente respondi brincando, enquanto lhe dava um soquinho amistoso no braço. — E, para começar, não me importaria que a partir de agora você se dirigisse a mim com a correção e o respeito que seu advogado merece.

Prit respondeu com algo pouco decoroso referente à honra de minha mãe, enquanto esboçava um sorriso que lhe provocou uma pontada de dor ao mover o lábio rasgado.

— Bem, pelo visto, estamos à sua disposição, sra. Pons — voltei-me para a militar que nos observava atentamente. — Agora, diga-me, onde, diabos, está Lucía? E Lúculo?

Antes que pudesse receber uma resposta, vi surgir na porta daquele camarote uma silhueta feminina terrivelmente familiar, ágil e alta. Por um instante pareceu hesitar na entrada, como se temesse dar um passo à frente.

Na luz que se infiltrava podia adivinhar a pele de seus braços, cobertos de sardas, das quais eu poderia fazer um mapa com os olhos fechados, de tantas vezes que as contemplara em silêncio. No meio daqueles braços que eu sabia suaves como o veludo, uma enorme bola de pelo laranja se remexia inquieta, lutando para se livrar do abraço e pular no chão. Finalmente, com um miado de indignação, Lúculo conseguiu se safar e, em quatro rápidos saltos, estava ronronando em meu colo, contente por estar de novo comigo.

Antes que tivesse tempo de fazer qualquer tipo de comentário engenhoso, Lucía já atravessara a sala. Meus lábios a buscaram, sedentos de seu sabor, enquanto nos fundíamos em um enorme e intenso abraço. Finalmente, quando nos afastamos, pude ver com mais clareza minha garota. Tinha um feio hematoma na têmpora esquerda, e parecia estar visivelmente mais magra e um pouco pálida, mas, de resto, estava tão bonita como sempre. Um brilho de fúria cintilava em seus olhos verdes, arrasados pelas lágrimas.

— Sabe o que fizeram esses... esses... — a ira mal lhe permitia articular as palavras, mas eu captava perfeitamente a mensagem.

Segurei-a pelos ombros, enquanto sussurrava palavras tranquilizantes em seu ouvido. Enquanto isso, sentia uma corrente de determinação me invadindo lentamente. Pela primeira vez em meses, sentia-me de novo com as pilhas recarregadas. Sentia-me de novo inundado pela estranha coragem que me permitira sobreviver quando o mundo se tornara um inferno um ano antes.

A capitã Pons disse algo naquele momento referente a "descer à terra de uma vez", mas não consegui prestar atenção. Tinha praticamente toda minha "família" a minha volta, e me sentia enormemente aliviado. A ausência de Irmã Cecília me pesava como uma laje, mas tinha certeza de que a freira, dotada de um espírito inquebrável, sobreviveria. Do resto, inclusive o problema de Prit, já nos encarregávamos. Havíamos enfrentado maiores desafios, e fomos capazes de seguir em frente.

Lucía e eu, apoiando Prit, saímos daquele pequeno camarote sem olhar para trás. Íamos descer à terra. Finalmente saberíamos como era o novo mundo dos poucos sobreviventes. Finalmente conheceríamos o que restara da espécie humana.

Estávamos preparados para isso. Fosse o que fosse. E para o diabo com as consequências.

Estávamos em terra. Antes de sair do barco, foi-nos fornecido um calhamaço de documentos: passaportes, certificados de quarentena, cartões de racionamento, licenças de circulação, e um pequeno cartão plastificado que nos identificava, Prit e eu, como "Pessoal Auxiliar da Armada Classe B". Lucía, porém, recebeu outro diferente, cor de laranja, que simplesmente a classificava como Residente Civil. Não sabíamos se aquilo representaria algum problema.

Para Lúculo não me deram nada, exceto o conselho de que o vigiasse muito bem. Pelo visto, não haviam sobrevivido muitos gatos, e "eram bastante solicitados". Não sei o que quiseram dizer com isso, mas estava preocupado.

O trajeto até o porto foi bastante curto, pouco menos de dez minutos, feito em um pequeno navio auxiliar da Marinha que aparentava ter pelo menos cem anos, movido por um barulhento motor de dois tempos. Aquela antiguidade tinha um motor tão primitivo, que aceitava diesel da pior qualidade, inaceitável para um mais moderno, e por isso o haviam posto de novo em serviço. Eu, de minha parte, não me senti totalmente seguro até que tocamos o píer. Tinha a sensação de que iríamos para o fundo da baía a qualquer momento, acompanhando aquele traste que devia datar da Guerra do Marrocos, pelo menos.

O porto de Tenerife estava abarrotado. Centenas de pessoas andavam de um lado para outro, ocupadas em seus afazeres. No geral, pareciam tranquilos, não muito bem alimentados, mas bem-vestidos e saudáveis. Não podia dizer que as pessoas pareciam imensamente felizes, mas, pelo menos, estavam bastante serenas. Imaginei que a maioria ainda se beliscava para ter certeza de que sobrevivera ao inferno.

O comandante do barco que nos levou à terra, um sujeito espirituoso e expansivo, disse que vivia na ilha cerca de um milhão e meio de habitantes. Parecia muito, porque antes da epidemia viviam em Tenerife mais de oitocentas mil pessoas. Mas, quando chegaram as intermináveis ondas de refugiados da Europa e da América, nos primeiros dias do Apocalipse, o número total de habitantes devia ter alcançado, em algum momento, um valor superior a vários milhões de pessoas, com toda certeza.

Que diabos acontecera com toda essa massa? Onde haviam se metido? Eu não sabia o que estava acontecendo, mas, sendo verdade o que aquele homem contava, faltava gente. Muita gente.

Um sujeito de uniforme estava no píer, esperando por nós para checar nossa documentação. Levemente surpreso, vi que havia bandeiras por todos os lados, como se os sobreviventes tivessem sofrido um repentino ataque de patriotismo. Até no ônibus que nos levaria ao nosso novo domicílio

ondulavam bandeiras, não só a espanhola, mas também aquela curiosa insígnia azul que eu vira no topo do mastro do Galicia.

Alguma coisa estava errada. E ninguém parecia ter vontade de nos contar que diabos estava acontecendo exatamente.

Foi um fim de semana realmente surpreendente. A última vez que estivera nas Canárias fora em umas férias, antes do Apocalipse. Sempre tive vontade de voltar às ilhas, mas nem em meus pesadelos mais loucos teria imaginado uma volta naquelas condições tão... especiais.

Depois que o oficial do porto (um sujeito suado e estressado, que estava fazendo cinco coisas ao mesmo tempo) checou nossa documentação, deu-nos um apressado aperto de mão e se afastou velozmente para cuidar de algum assunto urgente que exigia sua presença em outro lugar. Prit, Lucía e eu ficamos em pé no pier, com toda nossa bagagem aos pés, esperando o ônibus, sem saber muito bem o que fazer.

Eu estava inquieto. Algo em tudo aquilo me fazia ficar com os nervos à flor da pele e, pela expressão de Prit e Lucía, soube que sentiam exatamente o mesmo. O ucraniano passava nervosamente a língua pelo lábio rasgado, olhando com ansiedade para todos os lados, enquanto suas mãos buscavam inconscientemente uma arma que não tinha. Lucía, por sua vez, foi se colando imperceptivelmente em mim, e segurava Lúculo contra seu peito, buscando refúgio. Até o gato vibrava de nervosismo.

Levei um bom tempo para perceber. Eram as pessoas. Só isso. Havia mais pessoas ali. Estávamos cercados por uma multidão de gente que ia e vinha a nossa volta, ocupada com suas coisas, gente que passava roçando em nós sem nem sequer olhar para aquele curioso trio assustado sobre o cimento do porto de Tenerife. Fechei os olhos, tonto. O rumor da multidão nos envolvia por todos os lados. Gritos, fragmentos de conversas, risos, o choro de uma criança, o murmúrio de fundo de centenas de bocas falando ao mesmo tempo, o relincho de um cavalo... Depois de mais de um ano cercado por um silêncio sepulcral, aquela gente era impactante.

Lucía foi quem nos fez notar outro pequeno detalhe. Ali, pela primeira vez em meses, não havia cheiro de podridão. Mil e um aromas flutuavam no ambiente, alguns agradáveis, outros nem tanto (estávamos em um porto, afinal), mas todos eram decididamente humanos.

Além disso, e principalmente, o mais curioso naquele momento era que não tínhamos nada para fazer. Não tínhamos de ir correndo a lugar algum, nem estávamos sendo acoados por nenhum não morto. Pela primeira vez, em muito tempo, estávamos absolutamente ociosos.

Porém, era uma imagem de normalidade enganosa. Tanta gente nunca estaria no caos antes do Apocalipse. Não se via um único veículo a motor circulando, exceto algum URO do Exército, mas viam-se grandes quantidades de animais de carga, arrastando improvisados carros feitos de chassis de vans. Não me surpreendeu descobrir que o "ônibus" que devia nos levar para nosso novo lar era, na realidade, uma carroça puxada por dois bois.



Nosso alojamento era um antigo hotel três estrelas, construído nos anos 1970, que durante décadas alojou incontáveis legiões de turistas europeus que chegavam às Canárias sedentos de sol e praia. Era evidente que o edifício, embora limpo, conhecera tempos melhores, pois tinha um aspecto um tanto surrado. Imaginei que, mesmo antes de se transformar em um monte de casas para refugiados, aquele hotel já não era exatamente o melhor da ilha. A antiga recepção se transformara em um improvisado pátio comunitário por onde circulavam, berrando, as crianças que viviam com suas famílias no complexo. Não tínhamos visto muitas crianças (possivelmente porque não haviam sobrevivido muitas), mas a quantidade de bebês e mulheres grávidas era impressionante. Para onde quer que se olhasse, parecia que metade das mulheres da ilha estava prestes a dar à luz, ou a caminhar disso. Era como se um primitivo instinto de sobrevivência impulsionasse os sobreviventes a se reproduzir a todo custo. Eu lera algo sobre um fenômeno similar ocorrido com os sobreviventes do Holocausto, mas nunca imaginei que poderia chegar a ver isso pessoalmente. A sensação era bastante perturbadora.

A maioria dos residentes daquele edifício era composta por gente que, como Prit e eu, havia sido classificada como "Pessoal Auxiliar da Armada", acompanhados de suas respectivas famílias. A maior parte deles era de mecânicos, engenheiros, técnicos de manutenção, eletricitistas... havia até um veterinário dois andares abaixo. Todos eles tinham conhecimentos essenciais para a sobrevivência da comunidade nesse novo mundo. Era por isso que eram tão importantes. Todos, menos eu, pensei com um travo de amargura. Estava ali só porque a burocracia da ilha determinara que Pritchenco e eu ficávamos no mesmo pacote, como "sobreviventes experimentados". Seria cômico, se não fosse trágico.

Haviam nos designado três quartos contíguos em um corredor do quinto andar. Tendo em conta que só havia eletricidade durante seis horas por dia (das seis da tarde à meia-noite), era um verdadeiro incômodo, principalmente quando se tratava de subir lance após lance de escada.

Felizmente, os inquilinos anteriores tinham decidido tirar as paredes para juntar os três quartos e formar um improvisado apartamento, de modo que pudemos permanecer juntos. Os quartos estavam gastos, mas limpos, havia água, mas não quente, e, pelo que nos contaram, durante as horas em que havia eletricidade podia-se receber o sinal do canal de televisão da ilha nos surrados aparelhos que estavam aparafusados em cima da cama. Enfim, não estávamos tão mal. Essa era a parte boa.

A parte ruim era que, em vinte dias, Prit e eu devíamos nos apresentar em um quartel situado perto do centro da cidade para que nos designassem a um "grupo de trabalho especial".

Algo me dizia que aquele "trabalho especial" não nos agradaria.

Em absoluto.

Outra vez a confusão. Eu não podia acreditar. Fazia apenas algumas semanas que chegáramos à ilha e já estávamos de novo envolvidos em confusão. Era para sentar e chorar. Eu estava com tanta raiva que, quando saímos do gabinete, dei um pontapé em uma lixeira, que caiu rolando pelas escadas, armando um barulho dos diabos. Com isso, só consegui ganhar um olhar fulminante de uma secretária e uma dor infernal no pé durante dois dias, mas minha frustração era enorme.

Após umas felizes semanas de relaxamento e ócio, que havíamos aproveitado basicamente para comer até a fartura, descansar e torrar na praia, Prit e eu havíamos sido convocados para o meio-dia daquela manhã na antiga sede do MALCAN, o comando e apoio logístico das Canárias, na praça Weyler, muito perto do centro da cidade. Um mensageiro apareceu em nossa residência pela manhã com uma convocação urgente para ambos. Cochilando ao lado de Lucía, ouvi Prit no quarto contíguo discutindo com o mensageiro e finalmente assinando o comprovante. Levantei-me com o cabelo revirado e remela nos olhos, e encontrei a expressão preocupada do ucraniano estampada em seu rosto. Aquilo não podia ser bom.

— Que diabos está acontecendo? — perguntei, enquanto enchia a cafeteira com aquela substância infame que ali chamavam de café. — O que esse sujeito queria?

— Veja você mesmo — foi a resposta do ucraniano, enquanto me estendia a folha de papel. — Acho que querem que comecemos a pagar nosso alojamento.

Após tomar o café da manhã e cuidar do asseio pessoal, continuamos com uma sensação de inquietude no fundo do estômago. Não sabíamos muito bem o que queriam de nós, de modo que dizer que ambos íamos com a pulga atrás da orelha é pouco.

Um maltratado URO nos esperava na porta do antigo hotel. O motorista, um garoto muito novo de uniforme, não aparentava ter mais de 18 anos. Eu apostaria um milhão de euros que esse garoto fora alistado havia pouco tempo. Com certeza, apenas alguns meses antes era mais um refugiado entre a multidão. Aquilo me fez refletir. Os militares haviam levado a pior parte de todo o Apocalipse, principalmente durante as primeiras semanas, enquanto defendiam as Áreas Seguras. Com toda certeza, suas baixas foram impressionantes, e tiveram de preencher os vazios com o que havia disponível.

Apenas cinco minutos depois de sair, ficou suficientemente claro para nós que aquele rapaz que nos tinham atribuído como motorista não tinha muita experiência dirigindo um trambolho do tamanho de um URO. Guiava o pesado veículo aos trancos pelas lotadas ruas que levavam ao centro, socando a buzina como um taxista do Cairo em horário de rush e se

aproximando despreocupadamente de carroças, caminhões, pedestres e até, às vezes, subindo na calçada. Cada vez que trocava de marcha, parecia querer arrebentar em mil pedaços a transmissão do pesado veículo militar. Porém, milagrosamente, ao cabo de quarenta minutos de trajeto chegamos finalmente inteiros à praça Weyler.

Ao descer do veículo, Prit e eu demos uma olhada em volta, sem conseguir acreditar no que estávamos vendo. Grande parte dos edifícios que contornavam a praça tinha claras marcas de ter ardido em chamas, em maior ou menor grau. Muitas paredes estavam marcadas por restos de metralha, e buracos de incontáveis tiros testemunhavam que a região havia sido local de cruel batalha. Uma profunda mancha negra tingia o chão sob nossos pés, como uma espécie de tapete sinistro. Intrigado, apontei-a silenciosamente para o ucraniano. Prit se agachou e raspou parte da superfície com suas unhas e cheirou brevemente, com cara de entendido. Sacudindo a cabeça, levantou-se e murmurou "napalm", antes de entrar no edifício.

O antigo quartel estava lotado de funcionários andando apressadamente de um lado para outro enquanto cumpriam sabe Deus que funções.

Durante um tempo nos deixaram esperando em uma pequena sala enfeitada com dúzias de bandeirinhas de regimentos que, depois do Apocalipse, provavelmente já não existiam mais senão no papel ou na recordação. Quando finalmente um atarefado sargento nos mandou entrar em um gabinete contíguo, o sol já avançara bastante no céu.

Sentado à mesa daquele gabinete estava um sujeito pequeno, calvo e com um leve problema de sobrepeso. Devia beirar os 50 anos, e usava um impecável cavanhaque que se destacava como um tiro de canhão

em sua pele branca. Aquele homem não usava uniforme, coisa surpreendente naquele edifício, onde até aquele momento os únicos que tínhamos visto vestidos à paisana éramos nós mesmos. Naquele instante, falava apressadamente em dois telefones ao mesmo tempo, enquanto suas mãos voavam a toda velocidade pelo teclado do computador que estava à sua frente. A seu lado, um assistente segurava um monte de pastas, enquanto outro ajudante vasculhava feito um possesso um monte de documentos empilhados em uma mesa auxiliar. O trânsito de gente entrando e saindo daquele gabinete era incessante, mas sistemático, como em um organizado formigueiro.

Assim que nos viu, o sujeito do cavanhaque nos fez um gesto para que sentássemos em umas cadeiras situadas em frente à sua mesa, ainda ladrando ordens pelo telefone. Enquanto esperávamos que acabasse suas várias conferências simultâneas, tive tempo de dar uma olhada no que nos cercava. A maioria das pastas tinha um carimbo que as identificava como pertencentes ao 2º Grupo Operacional de Intendência. Pelo contexto das conversas, intuí que aquela parte do edifício devia ser a sede administrativa

da unidade, da qual até então não havíamos ouvido falar.

Naquele momento, nosso anfitrião, após se identificar a alguém como "Luís Viena, responsável pela administração do 2º de Intendência", começou a discutir arduamente com a pessoa do outro lado da linha. Pelo visto, havia algum tipo de problema com a disponibilidade de algumas centenas de litros de combustível de helicóptero, que ele queria imediatamente, mas que, do outro lado, ao que parecia, negavam-se a lhe fornecer. Finalmente, pareceu chegar a algum tipo de acordo, após mencionar algo chamado "Prioridade Presidencial", e desligou o telefone com ar satisfeito.

Por um instante ficou em silêncio, mergulhado em pensamentos. Após uns intermináveis segundos ele pestanejou, tirou um lenço do bolso e secou o suor da testa, enquanto se voltava para nós com um amplo sorriso na boca.

– Bom dia, bom dia – começou a falar como uma correnteza incontida.  
– Por favor, desculpem tê-los feito esperar tanto tempo, mas é que organizar uma operação deste calibre é difícil, muito difícil, sim, senhor, principalmente com tão poucos meios disponíveis, e o pessoal, o pessoal... – o homem bufou, depreciativo, enquanto fazia um gesto teatral com a mão.  
– A maioria é boa gente, ah, sim, senhor, homens e mulheres trabalhadores e comprometidos, muito comprometidos, mas a formação e a experiência, sabem? Formação e experiência não se improvisam da noite para o dia, não, senhor – concluiu, abaixando a mão como se fosse um facão imaginário. – E assim não tem jeito.

Prit e eu ficamos em silêncio, enquanto aquele hiperativo homenzinho se levantava e, ainda praguejando, vasculhava um dos arquivos. Finalmente encontrou duas pastas, com nossos nomes escritos nas capas, e se voltou triunfalmente com elas na mão, enquanto as agitava no ar como se fossem leques.

– Organização – disse orgulhoso –, organização e método. Essas são as palavras-chave, ah, sim, ah, sim, senhor – repetiu, enquanto se sentava de novo em sua cadeira e afastava distraído uma montanha de relatórios para apoiar os documentos que tinha nas mãos.

Leu nossos nomes em voz alta, e durante os dez minutos seguintes mergulhou em uma leitura das fichas (de espessura considerável) a uma velocidade surpreendente. De vez em quando soltava um "ah han", ou um "hmm hum", e até, em algumas ocasiões, um audível "oh" de surpresa, enquanto levantava a cabeça para observar nosso rosto. Finalmente, quando achou que já lera o suficiente, deixou as pastas em cima da mesa. O homem tirou seus óculos e esfregou os olhos com um gesto de incrível cansaço, e finalmente começou a falar conosco.

Ao longo da meia hora seguinte nos explicou que se chamava Luís Viena (como já tínhamos adivinhado) e era responsável pela administração daquele grupo operacional. Não usava uniforme porque, apesar de estar

prestando serviços dentro de uma unidade do Exército, não era militar. Até antes do Apocalipse, Luís havia sido um executivo da Inditex, com mais de quinze anos de experiência dirigindo um dos gigantescos centros logísticos de distribuição de roupa que a companhia possuía em Zaragoza. Estava aproveitando umas tranquilas férias em sua casa nas ilhas, com sua mulher e suas filhas, quando o mundo começou a ir para o caralho. Dali assistiu, impotente, à ruína do mundo e à derrota da humanidade nas mãos dos não mortos, assim como à chegada dos restos destruídos dos grupos de sobreviventes, primeiro como uma tromba d'água, e depois pouco a pouco, como um leve gotejamento, que havia acabado, por ora, em nós. Uma vez que as coisas começaram a se acalmar nas Canárias, o Exército o recrutou rapidamente para que se encarregasse de organizar os pedaços quebrados em que sua Intendência havia se transformado. Ele era a pessoa indicada. devido à sua profissão, e a única que tinha alguma experiência em organização de recursos consideráveis. E, pelo visto, seu trabalho havia sido notável até o momento.

Não pude evitar sentir profunda inveja daquele sujeito falante e nervoso que se sentava diante de nós. Não só sobrevivera ao Apocalipse tranquilamente sentado nas Canárias, em sua própria casa e cercado por sua família, como também seu emprego estava justo ali, confortavelmente situado atrás de uma escrivaninha, a centenas de quilômetros do não morto mais próximo. Comparado com nossa experiência, era mamão com açúcar.

Além disso, algo me dizia que Prit e eu teríamos de cheirar a merda muito mais de perto que ele. Na verdade, e se meu instinto não me enganava, na primeira fila.

Evidentemente, o TSJ não tivera a delicadeza de levar de roldão só os inúteis ou malfeitores; infelizmente, grande parte dos tombados eram pessoas com conhecimentos ou habilidades imprescindíveis para a sobrevivência do resto da sociedade. Engenheiros, arquitetos, técnicos agrícolas, enfermeiras, pilotos, médicos, soldados... tudo isso faltava em grande número, principalmente os últimos. Os profissionais da saúde e os militares haviam levado a pior parte na distribuição de morte, por constituírem a primeira linha de defesa na batalha perdida contra o TSJ. Agora, o governo estava tentando reconstruir as unidades militares e sanitárias a marcha forçada, mas, para isso, era necessário tempo, principalmente para os profissionais da saúde.

E era aí que entrávamos nós. Prit era um dos pilotos de helicóptero com mais horas de voo que tinham sobrevivido ao caos, o que o transformava automaticamente em um elemento de valor incalculável. De minha parte, e aos olhos burocráticos do sistema, o fato de ter passado mais de um ano em "território apache" (assim chamavam, no jargão militar, as áreas infestadas de não mortos) me transformava em um veterano experimentado, capacitado não só para sobreviver em um entorno hostil, como também para cuidar do pessoal menos experiente de minha equipe.

Enquanto Viena falava, eu sentia o sangue fugir paulatinamente do meu rosto. Aquele sujeito não podia estar falando sério. Eu, um "veterano experimentado"? De que, diabos, estava falando? Eu passara a maior parte daquele ano correndo como um coelho de um lugar para outro, ou escondido embaixo da terra no porão-bunker do Meixoeiro! Evidentemente, eu não era nenhum Rambo, como eles pareciam pensar.

Educadamente, fiz todas essas observações ao sr. Viena (e, de quebra, comentei que, caso não tivesse percebido, Víktor Pritchenko, embora sem dúvida um piloto excepcional, perdera metade da mão em uma explosão). Não éramos quem eles acreditavam. Éramos apenas dois sobreviventes, esgotados e exaustos, que pretendiam começar uma nova vida ali, nada mais. Fariamos qualquer trabalho que nos atribuíssem, mas não éramos soldados, nem por todo o ouro do mundo voltaríamos ao chamado Território Apache. Disse tudo isso em uma longa conversa, e finalmente me acomodei na cadeira, contemplando meu interlocutor, muito satisfeito.

Viena ficou nos olhando por uns instantes, totalmente imóvel. A seguir, pigarreou e nos dirigiu a palavra.

— Senhores, acho que não entenderam direito. O que estou lhes expondo não é uma oferta, mas uma ordem, e não minha, e sim de muito mais acima. Se por algum estranho acaso pensam que continuam instalados em sua organizada vida anterior ao Apocalipse, é melhor irem abandonando essa ideia o quanto antes. O mundo mudou por completo, e essa mudança nos afeta a todos. A todos, senhores.

É isso inclui vocês — voltou-se para Prit e prosseguiu: — O sr. Pritchenko possivelmente não percebeu que se encontra em uma situação muito delicada. É verdade que, como disse, é possivelmente um dos pilotos mais experimentados que há nas ilhas atualmente, e só Deus sabe como precisamos de bons pilotos. Mas também há esse assunto horrível da freira...

Segurei Prit pelo braço para evitar que pulasse em cima da mesa, enquanto o ucraniano vomitava uma ladainha de palavras ininteligíveis em russo.

— O que nos leva à seguinte situação — Viena balançou a cabeça com ar pensativo, indiferente à reação do eslavo. — Se o sr. Pritchenko se alistar voluntariamente nesse corpo de intendência, imagino que poderíamos... como direi... encontrar uma solução amistosa e agradável para todas as partes no incidente do Galícia, o que equivaleria, sem dúvida, à retirada das acusações e à inexistência de um julgamento. Quanto a você — dessa vez ele se voltou para mim —, não preciso lhe dizer quão necessária é uma pessoa dotada de sua experiência enfrentando essas coisas. A maioria dos membros de nossos grupos de incursão esteve, no máximo, três ou quatro vezes em Território Apache desde que fugiram das suas Áreas Seguras.

Você, porém — interrompeu-se para olhar minha ficha —, sobreviveu

com seus amigos durante mais de um ano lá fora — sorriu —, e isso é algo que não muitos podem dizer por aqui.

Fiquei em silêncio por alguns segundos. Em sua boca tudo aquilo fazia sentido, por mais que eu soubesse que não era totalmente verdade. Além do mais, eu sabia que Prit estava de mãos atadas, e que não teria outro remédio senão aceitar. A simples ideia de deixar meu único amigo na mão me revirava o estômago. Além disso, e por outro lado, se não aceitasse aquele cargo, não sabia de que diabos viveria. Não eram necessários muitos advogados naquele momento, conforme tive oportunidade de comprovar. A decisão estava clara.

Olhei para Prit e encontrei uma expressão resignada no pequeno eslavo. Que se há de fazer, diziam seus olhos.

— Pelo menos ficaremos juntos, não é? — perguntou-me resignado, enquanto apoiava a mão em meu ombro.

— Claro — respondi, tentando não deixar que notasse minha angústia. — Ficaremos juntos, Prit, não duvide — porém, minha mente não parava de pensar a toda velocidade. Outra vez confusão. Caralho.

— Maravilha, senhores! — disse Viena, alegre, enquanto carimbava rapidamente uns impressos e os colocava diante de nós para assiná-los. — Assim que saírem daqui, serão levados ao quartel do grupo. Se tiverem algo para ajeitar em casa, façam-no urgentemente — olhou com seriedade para nós, por cima dos óculos, enquanto mudava o tom de voz. — Vão partir amanhã mesmo para a Península, e não preciso lhes dizer o que vão encontrar ali.

Era uma manhã excepcionalmente fria para a temperatura que normalmente fazia nas Canárias. Era cedo, muito cedo, e ainda se podia ver Vênus cintilando no céu enquanto nosso pequeno grupo esfregava as mãos e pulava no chão de cimento do aeroporto Reina Sofia, tentando combater o intenso frio matutino.

Haviam se passado apenas algumas horas desde nossa reunião com Luís Viena. Desde então, mal tivemos oportunidade de voltar para casa para pegar um punhado de artigos pessoais e nos despedirmos de nossos familiares. O pior para mim foi, sem dúvida, quando disse a Lucía que nos "alistáramos" em uma unidade de apoio. Desde o momento em que lhe disse que Prit e eu teríamos de voltar à Península, minha garota passou por várias fases: raiva, indignação, pranto, fúria... E, finalmente, pareceu aceitar a situação com resignação. Porém, naquela manhã, ao se despedir de mim, notei-a mais distante, mais fria. Não a culpava.

Não se podia dizer que ela me responsabilizasse pela situação, mas para mim estava claro que havia uma barreira entre nós que antes não existia. Eu não estava entendendo, até que Prit me explicou o que até um cego poderia ver. Lucía perdera todos os seus entes queridos em muito pouco tempo, e indubitavelmente fora uma experiência traumática. Tudo o que tinha naquele momento éramos Prit, Irmã Cecília e eu.

E, enquanto a freira se debatia entre a vida e a morte, nós partíamos em uma expedição de alto risco.

Lucia temia sofrer de novo a mesma horrível experiência de Vígo. E a única coisa que eu notara era que estava distante. Achava que estava brava comigo. Maldito idiota!

Eu ardia de desejo de ir correndo para nossa casa, apertá-la em meus braços e lhe dizer que não se preocupasse, que por nada neste mundo deixaria de voltar, que tudo ia dar certo. Mas não fiz isso quando devia, e já era tarde demais para sair dali.

As últimas horas não tinham sido muito mais fáceis. Nós as passamos em uma zona militar em Los Rodeos, no outro aeroporto da ilha. Ali tivemos tempo para conhecer pessoalmente o resto da equipe, bem como para treinamento no uso do material que utilizaríamos naquela missão.

Quinze minutos antes, um oficial espigado se aproximara de nós e nos levava até um hangar vazio situado em uma ponta do velho aeroporto. Ali, subiu no capô de um URO, de modo que todos pudéssemos vê-lo, e nos revelou o destino de nossa missão. Quando saiu de sua boca senti vontade de me beliscar, para ver se estava acordado. Aquilo, pensei, só podia ser uma brincadeira de mau gosto.

Mas não. Era real. Maldita e tristemente real.



Estavam nos mandando de volta à Península. Madrid, especificamente. Possivelmente, um dos trinta pontos mais perigosos da Europa inteira naquele momento. E iam nos jogar ali de cabeça.

Madrid não era exatamente um lugar abandonado e tranquilo, onde fosse difícil encontrar um grupo de não mortos. Antes do Apocalipse, viviam na cidade e seus arredores quase seis milhões de habitantes. Segundo o censo de residentes e acolhidos de Tenerife, não havia na ilha mais de quinze mil pessoas que fossem refugiados procedentes dessa região. Por isso, era fácil supor que entraríamos de cabeça em uma região por onde pululariam vários milhões de não mortos, esperando por nós. Era aterrorizante.

— Nosso objetivo são os restos da Área Segura Três, das cinco que foram criadas na cidade! — gritava o oficial montado no 4x4. — Essa Área resistiu apenas quatro dias aos assaltos dos não mortos, e acreditamos que mais de setecentas e cinquenta mil pessoas perderam a vida lá dentro.

Passou seu olhar pelo grupo, enquanto aquele terrível número ecoava em nossos ouvidos.

— Mas vocês não vão para lá contemplar a paisagem que ficou depois da batalha! Dentro dessa Área estava situado o complexo de edifícios do Hospital da Paz. Era a maior estrutura de toda a Área Segura, e nela foram instalados escritórios, armazéns, refeitórios e dormitórios comunitários. Ao lado foi instalado o maior depósito farmacêutico de toda a capital, com a missão de abastecer de medicamentos as demais Áreas Seguras por via aérea — ele fez uma pausa antes de prosseguir. — Lamentavelmente, a maré de não mortos frustrou, desde o princípio, esse plano.

Olhei para o ucraniano, tão absorto quanto eu nas explicações do oficial. Se as contas não estivessem erradas, dentro desse depósito deveria haver toneladas de medicamentos, confiscados dos depósitos que as indústrias farmacêuticas e os demais fabricantes tinham nos parques industriais próximos durante os últimos dias caóticos. Essas toneladas de medicamentos eram indispensáveis para nós, tanto ou mais que o combustível, ou as armas. Sem eles, nossa assistência médica, já precária pela falta de profissionais da saúde, retrocederia mais ou menos ao século XVIII. Pelo que o oficial contava, a situação estava começando a ficar angustiante nos poucos hospitais abertos em Tenerife. Eram necessários antibióticos, insulina, soros, opiáceos, analgésicos, sedativos... A lista era infinita. As reservas estavam no mínimo, e a produção interna ainda era pequena demais. E isso sem contar que determinados produtos eram impossíveis de se fabricar naquelas condições. De modo que não restava outra opção senão ir até lá.

Todos os hospitais das outras ilhas, infestadas de não mortos, já tinham sido saqueados por equipes parecidas com a nossa, e, infelizmente, as baixas próprias em cada uma dessas viagens acabaram sendo muito altas. Então, decidiram apostar em Madrid, o grande prêmio. Pelo menos não íamos às

cegas.

Até pouco antes de se desatar o caos, Espanha e França compartilhavam o uso de um satélite espião, o Helios II. Embora seu controle central ficasse na França, existia uma subdivisão de controle em algum lugar não revelado da Península.

Após várias tentativas frustradas por parte dos pouquíssimos técnicos e programadores sobreviventes, finalmente se conseguiu criar uma réplica de sua base de controle em Tenerife. Naquele momento, o Helios II e suas câmeras eram nossos olhos sobre o sul da Europa. O fato de não terem tido nenhum problema para tomar o controle do satélite me levava a pensar que, na França, ou não estavam interessados, ou não restava ninguém com capacidade para poder tomar decisões dessa envergadura. Enfim, pensei, imagino que isso não seja problema nosso. Que cada um cuide do seu rabo.

As imagens tomadas pelo satélite sobre Madrid não deixavam margem a dúvidas. A cidade estava praticamente intacta, salvo algum bairro que parecia ter ardido em chamas até os alicerces. Do espaço, o depósito parecia estar intacto, pelo menos aparentemente. O que encontraríamos ali pessoalmente era uma incógnita.

Decolamos na penumbra, coincidindo com a saída do sol. Voamos diretamente até a Península em um Airbus A320, do qual haviam retirado praticamente todos os bancos, menos os da primeira classe, para transformá-lo em um gigantesco cargueiro. Nosso destino era o antigo aeródromo militar de Cuatro Vientos, a oito quilômetros da capital. Alguém, meses antes, percebera pelo satélite que o perímetro do aeródromo, totalmente cercado, estava intacto, e não se via nenhum movimento nas instalações. Após várias semanas de observação, haviam chegado à conclusão de que as instalações estavam desertas, e que "provavelmente" eram totalmente seguras (este "provavelmente" era o que mais me preocupava).

O único acesso possível que podia estar aberto era o edifício principal, e os últimos relatórios confiáveis, obtidos antes de as comunicações caírem junto com as Áreas Seguras, diziam que o aeródromo tinha sido lacrado. Se os cálculos não falhassem, o aeródromo deveria estar fechado, seguro... e vazio.

Portanto, nosso primeiro objetivo era nos assegurar de que o aeroporto estava lacrado. Para isso, nos acompanhava um pelotão de legionários, dos poucos que haviam sobrevivido ao Apocalipse, com uniforme completo de combate e armados até os dentes. Uma vez realizada a ação de reconhecimento, eles ficariam ali, controlando o perímetro, e seria a nossa vez. E, então, as coisas ficariam muito agitadas, sem dúvida.

— Caralho! — Lucía resmungou, enquanto tentava retirar apressadamente a panela de leite do fogo para evitar que transbordasse. Com rapidez, afastou-a da chama, sem poder impedir que metade do conteúdo se derramasse, espalhando instantaneamente um cheiro ardido de leite queimado por todo o quartinho.

Lágrimas brotaram dos seus olhos. Distraía-se só um instante, mas sentia-se uma idiota. Sabia muito bem que o leite era estritamente racionado, um litro por pessoa cada duas semanas, e, por sua culpa, quase meio litro se perdera, irremediavelmente. Como podia ter sido tão tonta? De onde raios tiraria novos cupões de racionamento?

Desanimada, abandonou-se em uma cadeira enquanto dava uma olhada em volta. Desde que haviam chegado às Canárias, tudo ia mal. Primeiro, a quarentena a bordo daquele maldito barco, enfiada naquela cela diminuta, sem saber o que aconteceria. Durante um longo mês acordara no meio da noite, arfando, coberta de suor, sentindo as paredes daquele cubículo esmagando-a, em uma rotina só alterada pelas visitas regulares daqueles médicos espectrais naqueles trajes de proteção. Depois, sem razão aparente alguma, soltaram-na, e viu, horrorizada, um sádico saído de um campo nazista bater na Irmã Cecília quase até a morte.

Apesar de terem feito a denúncia assim que puseram o pé em terra, mais de três semanas haviam se passado desde então, e nada tinha acontecido. A sobrecarregada burocracia da ilha estava mais ocupada tentando alojar a avalanche de refugiados e alimentá-los minimamente, do que preocupada em resolver um "suposto" crime do qual não havia testemunhas, além do pouco que ela vira antes de desmaiar, o que não era muito.

Desde aquele dia, já fazia quase um mês, a freira estava internada em um dos lotados hospitais da ilha, debatendo-se entre a vida e a morte, mal atendida, ao lado de outros milhares de doentes e feridos, por um punhado de médicos exaustos, vários voluntários esgotados, e com bem poucos recursos materiais.

E, depois, aquele maldito apartamento, oh, Deus. Antes do Apocalipse, Lucía vivia com seus pais em uma enorme casa de três andares. Aquele pequenino cubículo quase sem móveis, formado por três antigos quartos de um hotel dos anos de 1970 ligados mediante o expedido método de derrubar a parede divisória, lhe recordava as imagens do gueto de Cracóvia que se viam em A lista de Schindler, com dezenas de pessoas apinhadas em bem pouco espaço. A única diferença era que não havia muros nem guardas em volta, mas a sensação de sufocação era quase a mesma.

Eles tinham sorte, já que moravam em um setor "bom". Graças ao fato de Víktor ser um dos poucos pilotos da ilha, tinham sido classificados como essenciais e, devido a isso, gozavam de uma série de vantagens, como

melhores carnês de racionamento e um "luxuoso" apartamento de dois quartos, sem muitas baratas, só para os três (sem contar Lúculo, evidente). Lucía sabia que havia milhares de pessoas que viviam em condições de aglomeração muito piores, visto que até a menor aldeia estava lotada de refugiados. Porém, a fome era uma ameaça omnipresente para todo o mundo, independente de seu alojamento ou grau, a não ser que tivesse contatos no mercado negro, e algo interessante para vender ou comprar.

Enquanto seu amado e Víktor estavam com ela, Lucía se sentira suficientemente segura e protegida para não pensar em nenhuma das terríveis circunstâncias que agora a sufocavam como uma pesada laje. Com a despreocupação própria da adolescência, apagara tudo aquilo que lhe desagradava, e centrara-se na pequena e improvisada lua de mel que vivia com seu "Mister Letrado", como ela gostava, às vezes, de chamá-lo com ironia, toda vez que ele começava a divagar sobre as injustiças daquele sistema e os problemas que o governo tinha de enfrentar.

Lucía estava totalmente apaixonada, possuída pela absoluta certeza de que só o amor de uma garota de 17 anos pode ter. Às vezes, ficava acordada na cama, observando-o fixamente, enquanto ele se remexia inquieto em seus pesadelos, tentando fugir dos monstros que povoavam sua mente, sem se atrever a fazer barulho, para não acordá-lo. Lucía sabia, em algum nível profundo de sua mente, que ela era para ele a melhor terapia possível. Desde que tinham chegado, apesar de todos os problemas, ele cada vez conseguia dormir melhor e, de fato, até o vira sorrir timidamente dormindo em algumas ocasiões. E, de repente, no dia anterior, Víktor e ele tinham ido embora, quase sem tempo para se despedir.

Ambos sabiam que era questão de tempo até que convocassem os "sujeitos do helicóptero" para ir à Península em busca de sabe Deus que artigos imprescindíveis, mas isso não tornou as coisas mais fáceis na hora da partida.

Embora agora estivesse em Tenerife, uma ilha cheia de policiais e militares por todos os lados, e sem um maldito não morto a menos de cem quilômetros, Lucía sentia-se mais aterrorizada que nunca. Pela primeira vez desde que aquele pesadelo começara, estava sozinha e à mercê de seus recursos.

Uma batida na porta tirou Lucía de seus pensamentos subitamente. Sem vontade, foi até a porta e a abriu. E encontrou sra. Rosário, a porteira do edifício. Era uma mulher pequena, rechonchuda, de uns cinquenta e tantos anos, com terríveis varizes nas pernas. Usava um laço apertado, que segurava umas mechas cinzas no alto da cabeça, e um vestido de tecido grosseiro marrom, que a fazia parecer bem mais compacta do que realmente era. Sra. Rosário contemplou Lucía com seus olhinhos de coruja, enquanto tentava vislumbrar o interior do quarto por cima do ombro da garota.

— Você está bem, querida? — perguntou. — Tive a impressão de ter

ouvido vozes no quarto. — Não se preocupe, Rosário — respondeu Lucía, destituindo-a conscientemente do tratamento de senhora, enquanto se encostava na porta a fim de bloquear a vista de sua interlocutora. — Não há problema algum. Só um pouco de leite derramado, só isso.

A Sra. Rosário era uma "responsável de bloco", segundo a ribombante definição governamental, e ostentava orgulhosamente no peito a pequena insígnia de resina que avalizava seu cargo. Uma das primeiras coisas que Lucía descobreira quando chegara à ilha tinha sido a enorme quantidade de "vigilantes" que pululavam por todos os lados. Na semana anterior, um de seus vizinhos, um engenheiro agrícola que trabalhava em uma das granjas de cultivo intensivo da região norte da ilha, comentara que a sra. Rosário era, na realidade, uma delatora oficial, e que seu cargo lhe havia sido outorgado, diretamente pelas autoridades, para manter sob controle aquele edifício. Como na antiga Alemanha Oriental, cada edifício, cada bairro, cada região tinha seus responsáveis pelo controle.

"E o pior não é isso", acrescentara aquele vizinho, após olhar cautelosamente para os lados antes de falar, "o pior é que, além dos responsáveis oficiais, há dezenas, centenas de informantes secretos. Você não pode nem ter certeza de que sua mulher ou marido, ou seu colega de andar, não está trabalhando para o Serviço de Informação. É como a maldita Stasi".

Aquele comentário amargo ecoava na cabeça de Lucía desde então. Naquele momento, não lhe dera muita atenção. Todo mundo se comportava de uma maneira bastante paranoica nas ilhas, principalmente os militares e os agentes da saúde (chegando quase a extremos obsessivos), e pensou que aquele comentário furtivo na escada não era mais que o delírio de um velho que via conspirações por todos os lados. Agora sabia que aquele vizinho tinha razão. O problema era que não podia lhe dizer.

Duas semanas antes ele havia sido "transferido" para outro complexo residencial. Nada estranho naqueles dias, não fosse pelo detalhe de que a transferência ocorrera às quatro da manhã. E em uma caminhonete motorizada do Exército, em vez de em uma vulgar charrete puxada por cavalos. Talvez aquele engenheiro, por fim, tivesse falado nas escadas com o vizinho errado. Quem sabe.

— Recordo-lhe, senhorita, que é proibido o acesso de visitantes a este bloco depois das quatro da tarde — dizia naquele momento sra. Rosário com uma vozinha monótona. — Se estiver com algum convidado, acho que terá de comunicar às...

— Não há ninguém em casa, eu garanto — resmungou Lucía, rendendo-se e escancarando a porta, de modo que a mulher pudesse ver o quarto vazio. Aquela era a oportunidade que Lóculo andava esperando. Com uma agilidade imprópria para seu tamanho, o peludo persa surgiu da escuridão do corredor e entrou em casa, roçando as pernas de sua nova dona ao

passar, de volta de um desses longos passeios que só os gatos sabem aonde levam.

A Sra. Rosário olhou com tal expressão de desagrado no rosto, que Lucía achou realmente divertido. Por um louco instante, o rosto da porteira lhe lembrou a cara de um buldogue francês farejando um cocô especialmente desagradável no meio da calçada e meditando acerca da tristeza de sua vida de cão.

Lucía teve de fazer um esforço heroico para não gargalhar. Já tinha problemas suficientes com aquela velha harpia para acrescentar mais algum à lista. Era uma recém-chegada à ilha e, de todos os residentes do bloco, ela era a única que não tinha um emprego em um setor dos considerados "essenciais". Isto a tornava especialmente suspeita para a porteira, além do fato de que era uma das poucas pessoas em toda Tenerife que ainda possuía um bichinho de estimação, porque não o sacrificara para um ensopado.

Durante as poucas semanas que seu companheiro e Prit estiveram no apartamento, a velha Rosário ficara à margem, mas, desde que haviam partido, ela exercia um assédio férreo e sem piedade em torno da jovem. Lucía suspeitava que naquela ilha lotada sua casa era bastante cobiçada, e provavelmente Rosário devia estar procurando o menor erro para justificar seu despejo imediato. Ou podia ser simplesmente o ódio mortal de uma velha por outra mulher mais bonita e mais jovem. Uma incógnita. O fato era que devia ter cuidado.

— Garanto que não há nenhum problema — Lucía repetiu com um sorriso forçado. — Além disso, preciso ir agora mesmo. Tenho de ir ao hospital. O trabalho, como sabe.

— Sim, sim, sim, evidente, o hospital — a velha porteira meneou a cabeça, com seu inconfundível ar de "a mim não en-ga-na", e acrescentou como que por descuido: — É uma sorte que seu marido tenha lhe arranjado esse emprego no hospital. Assim, pode cuidar de sua mãe e, de quebra, evita as brigadas de Agricultura Obrigatória. Seria uma verdadeira pena, querida, que estragasse suas mãos com uma enxada. São tão finas...

— Não é minha mãe, e sim uma freira — Lucía retrucou, enquanto pegava sua bolsa e fechava a porta atrás de si com um forte puxão. Para poder passar, teve de afastar Rosário, que permanecia plantada como uma árvore no meio do corredor. A porteira cheirava intensamente a perfume aplicado sobre um fundo de suor rançoso. — Não é meu marido, apenas meu namorado. E, em relação ao emprego...

— Ora, vamos, minha linda, chega de desculpas baratas — a velha lhe dedicou um olhar envenenado, mudando de tom, enquanto Lucía começava a descer as escadas. — Pode ter enganado o Serviço de Informação, mas a mim não engana! Você e seus amigos apareceram um dia, do meio do nada, de repente, e dizem que vieram da Península! Graças a isso os colocam no setor bom, enquanto gente melhor que vocês tem de

arrebentar a coluna nos campos agrícolas! Sei! Uma merda! Eu sei que são uns nojentos espiões Froilos! Está me ouvindo? Uns Froilos, isso é o que vocês são!

Lucía desceu as escadas enquanto os gritos da porteira (Froilos, vocês são uns Froilos!) a acompanhavam lance após lance. Aquela história vinha se repetindo desde o dia anterior, mas a jovem já não lhe prestava atenção. Sabia perfeitamente que, enquanto não lhe desse um bom motivo, a velha não teria nenhum argumento contra ela. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se vigiada. Podia ser que a rechonchuda porteira não fosse a única a considerá-la uma espiã. A psicose espalhara-se, e Lucia tinha certeza de que alguém seguia seus passos.

Ela, porém, não era nenhum Froilo.

Pelo menos, não que soubesse.

Achei que seria algo parecido com cheiro de carne assada, mas não. É um cheiro mais denso, mais pesado, com um toque picante no final, um tanto inquietante, como se nossa pituitária soubesse, de algum modo, que esse aroma não está certo. E, por estranho que pareça, depois de cinco minutos já nem se notava. Porém, quando entrávamos no avião e saíamos de novo, depois de alguns minutos, o cheiro nos assaltava novamente, asfixiando-nos como um abraço excessivamente forte.

Esse cheiro.

Esse aroma.

O perfume da carne queimada de dezenas de cadáveres jogados em uma pira.

Sentado nas escadas do Airbus, via os legionários jogando corpo após corpo na vala aberta em uma lateral da pista. Os primeiros corpos tiveram de ser molhados com gasolina para que pegassem fogo, mas, depois, a própria gordura dos cadáveres alimentou as chamas, que rugiam com fúria cada vez que um novo corpo caía. Eu não podia acreditar que estávamos ali há apenas três horas. Tinha a sensação de que havia se passado um século.

O voo tinha sido uma experiência sedativa. O ruído das turbinas chegava amortecido através do grosso isolante das paredes. Todos os presentes pareciam sentir uma estranha sensação de euforia, totalmente descabida. Levei bom tempo para perceber o que ocasionava aquilo. Lá em cima, a milhares de metros do chão, estávamos totalmente a salvo dos não mortos. Era completamente impossível que durante o voo aqueles malditos seres nos pudessem alcançar, e isso fazia que todo mundo se sentisse estranhamente relaxado e despreocupado, possivelmente pela primeira vez em muitos meses.

Talvez, pensei, aquilo fosse como o momento de pausa em um filme de terror, aquele momento no qual os protagonistas conversam tranquilamente à luz do dia, sentados na varanda, após ter superado os horrores noturnos da casa mal-assombrada. Porém, pensei com meus botões, normalmente isso é só o prelúdio de uma noite de horror ainda maior. Torcia para que não fosse o caso.

No avião éramos um pelotão de vinte e dois legionários e três civis, contando Víktor e eu, formando todos nós a "equipe de infiltração", segundo a definição ribombante que o chefe da missão havia dado. Em conjunto, vinte e cinco pessoas, que com o piloto e o copiloto do Airbus somavam um total de vinte e sete. Um belo número. Se não estivéssemos voando diretamente para o coração do inferno, aquilo pareceria uma viagem de turismo, a julgar pela alegria artificial e forçada que reinava a bordo.

O oficial no comando era uma figura surpreendente, que não parava de



chamar minha atenção. Seu nome era Kurt Tank, mas preferia que o chamassem de Hauptmann Tank, ou Tank, simplesmente. Antes da queda, era militar no Exército alemão, e o Apocalipse o pegou, como a muitos outros compatriotas seus, de férias nas Canárias, onde tinha uma casa. Quando ficou evidente que não poderia voltar ao seu país (porque já não existia país para voltar), Tank decidiu se alistar nas destruídas unidades militares sobreviventes. Era a opção mais lógica, o caminho que muitos seguiram, um caminho arriscado e perigoso, sem dúvida, mas que, pelo menos, permitia estar armado e defender a própria vida. O que não era pouco.

Poder-se-ia supor que um sujeito com um nome tão sonoro, militar, e sendo alemão, ainda por cima, deveria ter uma presença imponente, mas seu aspecto distava muito da arquetípica imagem do superariano. Tank era magro, pálido, com uns inquietantes olhos esverdeados no rosto, que pareciam nos perfurar cada vez que nos fitavam. De modos pausados e delicados, no conjunto passava uma imagem suave. Mas nada mais longe da realidade. Pelo que contavam os legionários que nos acompanhavam em volta de um cigarro, ele era um sujeito capaz de levar seus homens aos extremos mais impensáveis. Contavam que, de uma missão de "infiltração" realizada dois meses antes em Cádiz, voltaram apenas ele e mais dois membros da equipe.

Um sujeito duro. Um lobo em pele de cordeiro.

A aterrissagem na pequena pista de Cuatro Vientos foi uma verdadeira experiência. Desde o início sabíamos que um Airbus 320 era um pássaro grande demais para aquele pequeno e velho ninho. O tamanho da pista do aeródromo, construído no início dos anos 1920, não permitia pouso de aeronaves civis daquele porte. Porém, e tendo em conta que não tínhamos de nos restringir às normas de aviação, nem respeitar rotas de voo, e que, além disso, poderíamos sobrevoar a cidade a pouca altura sem que chovesse uma tonelada de denúncias, o plano era que a aproximação à pista seria a altura bem baixa e a mínima velocidade possível, para que então a operação pudesse ser viável.

Pudesse ser.

Aí estava a graça do assunto.

Então, ali estávamos, dando voltas a menos de mil metros de altura sobre uma Madri absolutamente morta e desolada, enquanto tomávamos nossa rota de aproximação à pista.

Pela janelinha eu podia ver os enormes bairros das cidades-dormitório que perolavam o entorno da antiga capital. Normalmente, eram áreas que não costumavam ter muita vida durante o dia, enquanto a maior parte de seus residentes estava trabalhando na cidade, mas a total ausência de movimento gerava uma sensação dificilmente explicável. As piadas e os risos fáceis, que nos acompanharam por todo o caminho, fazia bom tempo que não se ouviam no avião. Naquele momento, um silêncio denso como o

petróleo os substituíra, enquanto cada um mergulhava em seus pensamentos, e o medo, pegajoso, instalava-se no coração de todos.

Era surpreendente ver como cada um enfrentava aquela situação. Os militares, como faziam todas as pessoas dessa profissão há séculos, eram os que pareciam suportar melhor aquele compasso de espera, pelo menos aparentemente. A maior parte deles revisava criteriosamente o equipamento de combate, enquanto três ou quatro, em um canto, limitavam-se a dar uma cochilada, aproveitando aqueles últimos momentos de tranquilidade. Aqueles legionários (a chamada Equipe Um, com pouca imaginação) seriam os que teriam de sair primeiro para assegurar o perímetro, e correriam grande risco, algo de que tinham consciência. Todos sabíamos que, se as coisas se descontrolassem e eles não conseguissem assegurar a pista e o edifício próximo, a missão teria de ser abortada e teríamos de decolar rapidamente, deixando-os abandonados à própria sorte.

Quanto aos outros, os que tinham experiência militar, como Prit, pareciam estar ocupados pensando em outras coisas. O pequeno e fleumático ucraniano mascava chiclete ruidosamente, enquanto, com sua afiadíssima faca (a mesma com que havia degolado uma não morta em Vigo, salvando minha vida), entalhava um bonequinho de madeira, com mais boas intenções que jeito. De qualquer maneira, aquilo parecia ajudá-lo a controlar a ansiedade que, tenho certeza, devia estar sentindo.

No banco ao lado estavam sentados dois rostos conhecidos. Levei um tempo para perceber quem eram, até que a garota começou a tagarelar nervosamente e reconheci seu riso agudo. Eram Marcelo e Pauli, dois dos membros da equipe de resgate que nos tirara in extremos do aeroporto de Lanzarote. Pelo visto, alguém decidira, com base em um estranho critério, que, já que havíamos voado juntos naquela ocasião, agora daria bom resultado se fizéssemos parte da mesma "Equipe de Infiltração". Inquieto, perguntei-me se seria culpa nossa que tivessem sido destinados àquela missão, que, certamente, não era opcional.

O quinto membro da nossa equipe era, junto com Viktor e eu, o outro civil da operação. Chamava-se David Broto, catalão calado, tranquilo, de uns vinte e poucos anos, corpulento, de cabelo preto e olhar profundo, que não conseguia disfarçar um profundo sofrimento interior que residia em algum lugar de sua alma.

Imaginei que, como a maioria, devia ter sofrido alguma perda pessoal nos dias escuros do caos, e que, por algum motivo, ainda não tinha sido capaz de superar. Há muita gente assim por esses dias, talvez cerca da metade dos sobreviventes. São pessoas aparentemente normais, saudáveis e em bom estado, até que você olha nos seus olhos e vê que, por dentro, estão totalmente arrasadas. Comem, respiram, falam, riem e às vezes até brincam, mas só mecanicamente. Seu espírito está morto. É gente que não foi capaz de superar o fato de ter perdido toda sua vida, sua família e sua história pessoal no prazo de poucas horas. Gente que se sente culpada por ter

sobrevivido enquanto todos os seus entes queridos ficaram pelo caminho. Gente que se pergunta qual foi o significado de tudo isso, ou, pior ainda, que significado pode ter tudo agora. Gente perdida. Gente partida, procurando uma razão para viver.

Estresse pós-traumático, diziam alguns. O caralho. É algo muito mais profundo, que ninguém é capaz de definir. Alguém me contara que, apesar dessa situação emotiva tão generalizada, não havia ocorrido nem um único caso de suicídio nas ilhas desde que a situação se estabilizara. Nem um único. Parece que nós, sobreviventes, apesar do horror, estamos dotados de imensa vontade de sobreviver.

Instinto, talvez.

Fé, quem sabe.

O avião deu uma última volta com certa brusquidão, enquanto o barulho indicava que as rodas do trem de pouso tinham saído e já estavam abertas.

O som dos motores se elevou mais duas oitavas, enquanto os reatores gemiam tentando frear as quase cinquenta toneladas do A320, que se precipitavam sobre a pista de Cuatro Vientos. Preocupado, percebi, como todos os outros, que aquele som devia estar produzindo um efeito imediato nas dezenas de milhares de seres que se aglomeravam na cidade. Se não estava enganado, bem naquele momento, milhares (centenas de milhares, é mais certo, campeão) de não mortos deviam estar saindo de sua letargia e levantando a cabeça enquanto o ruidoso aparelho passava voando sobre eles, quase roçando os telhados dos edifícios.

Uma campainha soou no telefone fixado em uma divisória, ao lado de Kurt Tank. Para diminuir o peso do aparelho haviam retirado não só a maior parte dos bancos, mas também um monte de material considerado não imprescindível, e isso incluía o sistema de alto-falantes da cabine. Aquele telefone era a comunicação direta com a cabine dos pilotos, alguns metros mais adiante. Hauptmann Tank pegou o aparelho e balançou a cabeça duas vezes, enquanto lhe diziam algo pelo telefone. Com um seco "obrigado", desligou e se voltou para nós.

— O piloto informa que em menos de um minuto vamos tocar a da terra!  
— gritou por cima do rugido das turbinas. — Talvez a aterrissagem seja um pouco agitada; portanto, apertem os cintos!

Um pouco assustado, apertei meu cinto o máximo que pude, enquanto ouvia Prit ao meu lado murmurando algo em russo. Imaginei que estava se lembrando da mãe do piloto, ou da de Tank, ou talvez simplesmente estivesse incomodado pelo fato de ter de estar ali sentado, como os demais cordeiros, em vez de estar no comando do Airbus. Nunca se podia saber com Viktor.

— Isso não vai ser fácil! — continuou o alemão, com seu acentuado sotaque, enquanto tentava se manter em pé, segurando no bagageiro. —

Assim que o aparelho parar, quero que a Equipe Um pule imediatamente para a terra e ocupe as posições! Limpem a área, chequem o perímetro e, na dúvida, atirem primeiro e perguntem depois! Mas, se algum dos helicópteros que estão pousados na pista sofrer o menor arranhão, juro por Deus que vou arrancar as tripas pela boca, a pontapés, do imbecil que os acertar! Entendido? – o homem rugiu.

Um grunhido de assentimento saiu de vinte gargantas, enquanto vinte pares de mãos legionárias úmidas de suor engatilhavam vinte HK e apertavam as travas dos capacetes.

Um brusco impacto sacudiu a todos, acompanhado de um aterrorizante chiado do trem de pouso. Um rugido surdo se elevou das turbinas enquanto o piloto as punha em modo reverso à máxima potência, tentando deter o enorme Airbus no pequeno espaço disponível, comprido demais, ouvi Pritchenco murmurar, enquanto observava preocupado pela janela as marcas de controle da pista deslizar rapidamente. Eu concordava com ele.

Uma densa fumaça preta começou a subir de repente das roda, trem de pouso. O piloto bloqueara os rolamentos, em uma tentativa desesperada de diminuir a velocidade do aparelho na pista, e a borracha estava começando a se desfazer em consequência do atrito, no meio jilt intenso cheiro de borracha queimada. Percebi que, se um pneu estourasse naquela velocidade, era provável que o aparelho se desnivelasse e começasse a rodar descontroladamente pela pista, até acabar transformado em uma bola de fogo. Senti que meus testículos se encolhiam por puro terror. Naquele instante, tive certeza de que íamos morrer.

Parecia que o A320 ia se desintegrar antes de poder parar por completo. Porém, pouco a pouco, e de maneira gradual, o Airbus foi reduzindo a velocidade, enquanto toda a cabine trepidava violentamente. A estrutura do aparelho soltava uns sons nada tranquilizantes. Algo se desprende com violência na parte da carga, caindo ruidosamente no chão, mas só. Finalmente, com um som queixoso, o aparelho parou completo, enquanto as turbinas ainda gemiam, esgotadas por conta daquele enorme esforço estrutural.

Naquele instante, os legionários se levantaram e coordenadamente se dirigiram para a porta. Enquanto dois acionavam o mecanismo de abertura, um terceiro fixava uma escada de corda em um suporte, para descer até a pista. Antes de poder piscar três vezes, haviam se separado por completo e se dividiam em grupos no asfalto rachado.

Depois de poucos segundos, ouvimos o primeiro tiro e, pouco pois, duas longas rajadas e uma explosão quebraram o silêncio da pista.

O baile estava começando.

Uma bofetada de calor saudou Lucía quando saiu do edifício. Diante do prédio, no asfalto rachado, uma dúzia de pessoas aguardava pacientemente a chegada do transporte. Não se via nem um único veículo circulando pela estrada, além de algum ciclista ocasional e, de vez em quando, alguma desconjuntada charrete de pneus recauchutados puxada por algum pangaré maltratado.

A viagem até o hospital, a apenas alguns quilômetros, levava uma quantidade enorme de tempo, sinal das novas circunstâncias. Devido ao racionamento brutal de combustível, quase não havia veículos a motor circulando, e os poucos que o faziam se prestavam a serviços essenciais. Quase não havia animais de carga, e as bicicletas tinham se esgotado nos primeiros dias. Naqueles momentos, qualquer ferro-velho com rodas e pedais, que antes do Apocalipse nem sequer teria merecido um olhar, valia verdadeira fortuna. De fato, sob a Lei Marcial, o roubo de uma simples bicicleta era punido com trabalhos forçados. O roubo de gasolina era até pior, castigado diretamente com o pelotão de fuzilamento. Sem dúvida, eram medidas draconianas, mas imprescindíveis para manter a frágil ordem na ilha, que podia voar pelos ares a qualquer momento.

Lucía juntou-se ao grupo de pessoas que esperavam, e pacientemente se dispôs a aguardar, torcendo para que, com sorte, chegasse um transporte suficientemente grande para levá-la ao centro. Depois de um tempo, a sorte lhe sorriu. Um antigo caminhão de distribuição de bebidas sem o baú, substituído por uma plataforma, aproximava-se capenga, envolvido em enormes nuvens de fumaça azulada. A refinaria da ilha começara a produzir algumas quantidades insignificantes de combustível, mas, devido à falta de aditivos químicos, a qualidade era bastante deficiente, e em muitas ocasiões acabava avariando os motores que o utilizavam.

Pelo menos é melhor que nada, pensou Lucía, enquanto a ajudavam a subir na plataforma. Com uma sacudida, o caminhão começou a rodar, com seus passageiros se agarrando a qualquer parte para não sair voando. Lucía lembrou-se de uma viagem que seus pais haviam feito a Cuba dois anos antes, e as fotos daqueles pitorescos caminhões soviéticos utilizados como ônibus no interior da ilha caribenha. Para ela, aquela situação lhe parecia muito engraçada na época; jamais poderia imaginar que um dia seria obrigada a utilizar um meio de transporte similar. A ironia da situação lhe arrancou um sorriso. Perguntou-se se a epidemia teria chegado a Cuba. Sim, evidentemente, sua voz respondeu para si mesma, o maldito TSJ chegara até o último canto do globo terrestre e, se fossem verdade alguns rumores que se ouviam entre os sobreviventes, apenas poucos lugares isolados do mundo, como as Canárias, tinham ficado à margem da praga mais mortal da história da humanidade.

Sabia que aqueles rumores eram verdadeiros. Ela e seus amigos eram os últimos sobreviventes a chegar às Canárias vindos da Europa. Atrás deles haviam deixado só morte, desolação e milhões de não mortos vagando por toda a eternidade. Alegrava-se por ter deixado tudo aquilo para trás. Embora a vida na ilha não fosse exatamente um paraíso, devido ao racionamento e ao excesso de população, pelo menos podia fechar os olhos à noite sem o medo constante de que uma horda de não mortos derrubasse a porta e acabasse com sua vida.

Isso era bom, sem dúvida alguma, mas a situação estava muito longe de ser ideal. Milhares de pessoas passavam fome atroz, pois, apesar dos esforços do governo, as reservas de alimentos eram ridiculamente poucas. Todos os dias, uma frota de pesqueiros, muitos deles a vela, saía para tentar voltar com os contêineres cheios para uma multidão expectante, mas as capturas eram sempre insuficientes. Além disso, grandes áreas verdes da ilha tinham sido desmatadas para montar locais de agricultura intensiva, mas o rendimento ainda era muito pobre. Os técnicos que se esforçavam para pô-las em funcionamento diziam que a falta de adubos químicos e de pesticidas não permitia obter boas colheitas; mas a sensação geral era de que aquela terra vulcânica era fraca demais para alimentar a multidão que andava de lá para cá. Comer carne fresca era, por outro lado, algo ao alcance de uns poucos afortunados. Era habitual encontrar gente muito magra, com as maçãs do rosto salientes e os olhos brilhantes de fome. Não, definitivamente não havia muita gente que estivesse passando bem, mas, sem dúvida alguma, bem poucos quereriam abandonar a relativa segurança da ilha. Não, nem de brincadeira.

E, depois, havia o negócio dos Froilos, evidentemente.

Lucía recordava a confusão que seu pequeno grupo sentira no início, assim que aterrissaram nas Canárias, quando todo mundo falava com total naturalidade dos Outros, ou, mais frequentemente, dos Froilos. No início, pensaram erroneamente que era a maneira que aquela gente tinha de se referir aos não mortos que infestavam o resto do mundo, mas logo foram esclarecidos.

Quando os sobreviventes começaram a se amontoar nas Canárias, logo tiveram consciência de uma dolorosa realidade. O sistema, tal como o haviam conhecido no Velho Mundo, voara pelos ares. Durante um curto período, as pessoas tinham tentado agir com naturalidade, como se as circunstâncias não tivessem mudado, mas aquilo não fazia nenhum sentido.

A maior parte do governo desaparecera no período que precedeu a queda, e apenas um grupo de ministros, com algum presidente, conseguira se pôr a salvo. Do presidente do governo não havia a menor notícia. Alguns rumores diziam que a caravana presidencial se perdera em algum ponto do caminho entre Moncloa e Torrejón de Ardoz, mas ninguém sabia ao certo. O chefe do partido da oposição, por sua vez, alcançara a segurança das ilhas graças a um velho amigo, proprietário de uma linha aérea, que resgatara, in

extremis, ele e sua família, mas seu destino havia sido cruel, pois falecera poucas semanas depois de aterrissar, em um estúpido acidente de trânsito. Com relação à família real, todos tinham conseguido alcançar a segurança das Canárias, exceto o Príncipe das Astúrias e os Duques de Palma. Seu destino era um mistério, mas ninguém apostava um tostão em sua sobrevivência.

No início, o rei tentara formar um governo de esforço nacional para enfrentar a situação (não faltaram os cétricos para comentar cinicamente que, perdida a Península, não restava muita nação pela qual se esforçar). Aquilo funcionou apenas alguns meses, até que, uma manhã, o corpo de Juan Carlos I de Bourbon apareceu caído no chão do banheiro de sua residência, fulminado por um derrame cerebral. O rei Juan Carlos teve a duvidosa honra de desfrutar, provavelmente, o último funeral de Estado que aquela parte do mundo veria, mas a situação provocada por sua morte foi quase mais caótica que a provocada pelos não mortos.

Sem um governo legítimo, descabeçada a Casa Real, os militares se agitavam, inquietos, sem saber a que autoridade prestar obediência, e se angustiavam com a pesada responsabilidade de proteger e alimentar uma multidão de mais de um milhão de pessoas sem nenhuma estrutura administrativa nem sanitária.

Finalmente, um grupo de generais decidiu pegar o touro à unha. Sendo a Infanta Elena a seguinte na sucessão, ela foi levada ao Cabildo de Tenerife e proclamada rainha da Espanha, em uma atropelada cerimônia da qual muitos sobreviventes mal tiveram notícia.

Logo ficou claro que aquela proclamação tinha como único objetivo legitimar o exercício do poder de fato de uma Junta Militar. A rainha Elena não era mais que uma marionete nas mãos da Junta de generais, que governavam de fato as duas ilhas livres de pragas, Gran Canária e Tenerife. Apenas três semanas depois de ter sido proclamada, a rainha Elena I de Bourbon faleceu, assassinada a tiros, em uma visita a uma plantação comunal, por um membro de um grupo republicano articulado em torno dos remanescentes do Partido Comunista.

O caos explodiu. Durante catorze dias as ilhas arderam em distúrbios entre os partidários de Froilán, filho de Elena, e, portanto, novo rei, e os defensores da Terceira República. Cada parte sabia muito bem, desde o início, que era fraca demais para se impor à outra, e que uma guerra civil longa ficava muito acima de suas possibilidades.

Finalmente, ambas as partes estabeleceram um status quo: a ilha de Gran Canária ficava sob o controle dos monárquicos (chamados pejorativamente de Froilos pelos Republicanos), agrupados em torno da figura do pequeno Froilán e da Junta Militar que o tutelava.

Tenerife, por sua vez, declarava-se, pomposamente, "território da Terceira República Espanhola", e elegia um presidente, bem como um

"Governo Democrático de Emergência Nacional". A verdade é que a democracia, tanto em uma ilha como na outra, era apenas uma bela palavra na qual os respectivos grupos de poder se escudavam para tomar posições e tentar sobreviver. Como uma velha dama arruinada, que ainda conserva algum vestido surrado dos bons tempos e o jogo de colherzinhas de prata da avó, os dois governos tentavam vestir os últimos retalhos de legalidade que ainda restavam, enquanto, por baixo Lar da mesa, não paravam de se chutar. Oficialmente, as duas partes não estavam em guerra, mas também não reconheciam legitimidade alguma mutuamente. Os enfrentamentos por conta das cotas de alimentos eram frequentes, e não raro que essas batalhas causavam até mais baixas que os dos próprios não mortos.

Quando o grupo de Lucia chegou às ilhas, o enfrentamento entre Froilos e Republicanos estava a todo vapor, e a paranoia das infiltrações inimigas ardia com força. Apesar da divisão de fato entre as duas ilhas, existisse, cada bando sabia que dispunha de milhares de partidários na ilha da frente... bem como de milhares de infiltrados nas próprias filas. Era só uma questão de tempo para que a [quinta coluna](#) começasse a funcionar.



Ao ouvir os tiros, pulei para uma das janelas tentando ver o que acontecia lá fora. Os legionários, depois de tocar a terra ao pé do aparelho, tinham se dividido em grupos de três homens e se dirigiam a diversos pontos da pista ou do edifício do terminal. Enquanto quatro grupos atuavam nas proximidades do Airbus, o quinto corria ao longo da superfície de cimento, em direção à porta situada no lado mais afastado da base aérea. Sem dúvida alguma, os três sujeitos daquele grupo tiraram a mais feia para dançar. A região à qual se dirigiam ficava fora de nossa vista, em direção aos hangares perto do Museu do Ar. Se tivessem algum tipo de problema, estariam muito longe para que alguém os pudesse ajudar a tempo, e isso era algo que eles com certeza já sabiam. Não os invejava.

Uma nova rajada me assustou de repente. Voltei a cabeça para a origem dos tiros, bem ao lado do edifício do terminal. Três não mortos apareceram cambaleantes, atraídos por nossa presença, por uma das portas que davam para a pista. Eram um homem maduro, de uns 50 anos e farto bigode coberto de grumos de sangue, e duas mulheres, uma com um braço faltando, à altura do ombro.

Lá estavam outra vez, incansáveis.

Os malditos não mortos.

Estremeci ao contemplá-los de novo. O passar do tempo parecia afetar muito pouco aqueles seres. Eu acreditava que, com o passar dos meses, fossem se degradando, ou apodrecendo, mas, apesar de estarem mortos, seus corpos pareciam aguentar bem. Eu não tinha dúvidas de que estavam sofrendo algum tipo de degeneração (não pareciam tão "frescos" como no início do caos, não sei se me entendem), mas era uma coisa difícil de explicar, tão sutil, tão lenta, que dava a impressão de que levariam anos, ou séculos, para morrer por si mesmos. E os sobreviventes não tinham tanto tempo. Era aterrorizante.

Quanto àqueles três, suas roupas estavam em muito bom estado, por isso supus que deviam ter passado a maior parte do tempo dentro do terminal, sem sofrer os efeitos da intempérie. Um deles, o do bigode ensanguentado, ainda usava uma espécie de macacão verde do pessoal da limpeza do aeroporto, enquanto as outras duas pareciam civis, ou comissárias de bordo, ou algo do gênero. O sangue seco que cobria suas roupas não me permitia distinguir com muita precisão.

O grupo de legionários mais próximo à porta não pareceu se alterar com sua presença. Com enorme sangue-frio, simplesmente deixaram que se aproximassem até uma distância inferior a dois metros antes de agir.

Seu modus operandi era muito peculiar. Em cada equipe de três soldados havia um atirador de longo e outro de curto alcance, e um chefe-

observador. Este último ficava no meio dos outros dois, e sua função era garantir que nenhum não morto se aproximasse demais deles sem ser notado, bem como dar apoio aos atiradores, recarregando suas armas.

O atirador de longo e o de curto alcance alternavam suas posições com frequência e, se as circunstâncias aconselhassem, atuavam os dois no mesmo papel.

Como naquele exato momento. Os três membros da equipe cruzaram seus xxs nas costas e, após colocar rapidamente óculos protetores de plástico, desembainharam suas pistolas. Durante uns intermináveis segundos, talvez até mais de um minuto, permitiram que os monstros fossem se aproximando lentamente, quase até chegarem à distância de um braço. Então, ao comando do chefe de unidade, todos apertaram o gatilho, quase à queima-roupa.

A cabeça dos três não mortos explodiu quase simultaneamente, no meio de uma bomba de sangue, fragmentos de osso e vísceras, enquanto os corpos caíam no cimento, sacudidos por uma última convulsão. Não pude reprimir um sonoro "caralho!", enquanto retrocedia involuntariamente um passo e tropeçava em um banco. Aquilo tinha sido tão inesperado e macabro que, de repente, senti o café da manhã me subindo pela garganta, incontrolável.

– Munição explosiva – Pitt murmurou, com um sorriso na boca, enquanto se voltava para me ajudar a levantar. – Até um tiro mal dado se transforma, assim, em algo definitivo. Essa gente sabe o que faz. Não deixam nada ao acaso.

Os três legionários pularam despreocupadamente por sobre os cadáveres e continuaram correndo para dentro do edifício. Outro grupo já entrara na torre de controle, enquanto um terceiro ocupava-se colocando baterias novas em um dos veículos elétricos do aeroporto. Depois de um instante, o pequeno ônibus ganhou vida e começou a rodar lentamente sobre seus pneus murchos, após longos meses sob intempérie. Não serviria para um deslocamento muito longo, mas, sim, para verificar todo o perímetro.

Novos tiros soavam dentro do terminal. Prit saltitava, inquieto, com a expressão de um caçador faminto no rosto. O ucraniano queria sair do avião para, segundo ele, "caçar alguns patos na lagoa". Eu, de minha parte, não tinha tanta vontade de sair. Pelo que me dizia respeito, estava muito confortável dentro do avião.

– Mas que diabos estamos esperando? – grunhia o ucraniano, dirigindo-se para a porta. – Vamos lá!

– Não tenha tanta pressa, senhor Pritchenko – Pauli o deteve com o braço, segurando o inquieto ucraniano, que já se esgueirava como uma enguia pelo corredor do avião, rumo à porta. – Ouçam, por favor! Os legionários treinaram esta operação durante semanas. Temos de ficar no aparelho até que tenham verificado o perímetro. Só então poderemos sair. Além disso, sua missão consiste somente em pilotar um helicóptero, e nada

mais. Entendeu?

— Podem precisar de nossa ajuda! — Víktor resmungou enquanto dirigia olhares urgentes para a porta do avião. — Estão ali fora limpando a área, enquanto nós estamos aqui, sem fazer nada, maldição!

— Eles sabem que estamos aqui — intervim, tentando acalmar meu — Se precisarem de nós, vão nos avisar por rádio. Além disso — acrescentei —, se sairmos agora, correremos o risco de levar um tiro, confundidos com um não morto. Temos de esperar, Prit, compreenda.

O ucraniano se voltou emburrado, praguejando baixinho. Queria para pegar aqueles bichos, mas mantinham-no ali dentro, trancado, que lhe era enormemente frustrante. Eu podia entender. Os não mortos inspiram terror, não tenho vergonha de reconhecer. Ele, porém, só não os teme, como também os odeia, e quer descarregar sua ira são sentimentos diferentes.

Um estrépito de vidros quebrados se ouviu de repente, atraindo atenção. Uma enorme janela do terminal de passageiros acabava voar pelos ares. No meio da chuva de vidros, pude ver três ou quatro corpos com a cabeça destruída caindo no vazio, enquanto os lampejos armas de fogo tingiam de amarelo-sulfuroso a sala de onde tinham saldo. Com uma pancada surda, os corpos caíram no asfalto e finalmente e por um segundo, fez-se silêncio. Dentro do avião podíamos ouvir are o voo de uma mosca. De repente, um rádio crepitou com violência, assustando a todos.

— Alfa Três, pronto e em posição. Terminal seguro, portas fechadas e travadas por dentro. Doze índios caídos, nenhuma baixa própria. Esperamos instruções, câmbio.

— Alfa Três, mantenham posição — respondeu Tank, levantando-se, enquanto nos fazia sinais para que fôssemos descendo pela escada de corda até a pista. — As equipes Dois e Três vão entrar no edifício. Não atirem!

Tank se voltou para nós, engatilhando sua arma. Por um segundo, senti seu olhar aquoso pousado em mim antes de passar pelo resto do grupo. Um calafrio percorreu minhas costas. Adivinhei o que vinha a seguir.

— É a nossa vez, senhores. Vamos lá!

O contato com a escada de mão era áspero e, ainda por cima, ela balançava violentamente enquanto, um a um, descíamos por ela até a pista do aeroporto. Na minha frente descia Marcelo, o alto e silencioso argentino que nos resgatara em Lanzarote. Aquele sujeito estava hermético como de costume, coisa estranha em um argentino, sem dúvida, mas exalava segurança em todos os seus movimentos. Eu, de minha parte, precedia Pritchenko, que, excitado, cantarolava baixinho uma melodia ucraniana indecifrável. Broto, o especialista em informática, e a pequena Pauli já estavam na pista, esperando por nós ao lado de uma das enormes rodas do trem de pouso.

Distraído, dei um pulo quando meus pés encontraram o cimento da pista. Pronto, pensei. Aqui de novo, mais uma vez na bagunça. Olhei com saudade para cima, para a porta do avião, para a segurança. Da janela lateral da cabine de comando o copiloto, atento a toda a operação, fez uma saudação divertida, enquanto fechava o acrílico com um gesto brusco. Malditos filhos da puta. Eles iam ficar ali, quentinhos e seguros, enquanto arrastávamos a bunda por metade de Madri, coberta de não mortos. Porém, não havia outra solução. Só restavam duas dúzias de pessoas no mundo que sabiam pilotar um aparelho daquele tamanho, e dois deles estavam ali. Valiam seu peso em ouro. Não adiantava pensar mais no assunto. Devíamos jogar a partida com as cartas que tínhamos nas mãos.

Juntei-me aos demais membros do meu grupo, enquanto segurava com mãos suadas a pistola que tinham me entregado para aquela operação. Era uma Glock 9 mm, muito parecida com a que eu pegara do cadáver do soldado da Brilat, na porta de minha casa, fazia um milhão de anos. Além disso, levava mais de uma dúzia de pentes distribuídos por vários bolsos da minha mochila, bem como em duas bainhas costuradas na perna do meu neoprene.

Tive de aguentar os olhares incrédulos e os comentários engraçadinhos dos legionários durante todo o trajeto até ali por conta do neoprene, mas algo me dizia que era uma boa ideia continuar vestindo aquilo. Afinal de contas, com ele me mantivera vivo até aquele momento e, se uma coisa funciona, por que diabos trocar?

Além disso, eu tinha a convicção irracional de que enquanto o usasse, nada de ruim poderia acontecer a Prit ou a mim. De qualquer maneira, fazia eu me sentir melhor, e só por isso já valia a pena.

Observei que um dos legionários estava falando naquele momento com Tank, com uma expressão preocupada. Alguma coisa não estava bem. A distância, pude entender que um dos grupos, o que se dirigira ao acesso que dava ao Museu do Ar, não respondia ao rádio. Merda.

Senti o pânico arrepiar os pelos da minha nuca. Se não conseguíssemos assegurar todos os acessos do aeroporto, em poucos minutos aquela pista estaria coberta de milhares de não mortos. Seriam tantos, que o avião nem sequer poderia rodar para decolar, não sem que as turbinas aspirassem meia dúzia de corpos e explodissem em mil pedaços. Estaríamos presos para sempre.

Na alta cerca, em volta da pista, de aço reforçado de mais de três metros de altura, já começavam a se congregiar as primeiras dezenas de não mortos. Eram uma multidão de homens, mulheres e crianças que não paravam de chacoalhar a cerca, produzindo um som cacofônico e desordenado. Soava como se um bando de macacos bêbados socasse uma malha de aço. Senti o suor escorrendo pelas costas. Aquela cerca de metal e cimento parecia firme, mas, se por algum motivo cedesse em um ponto, estaríamos realmente fodidos.

Em pouco mais de dez minutos já se reunira uma multidão de centenas de não mortos no local, até onde a vista alcançava. Se não estava enganado, no prazo de uma hora seriam milhares, ou dezenas de milhares. Eu era capaz de imaginar a enorme procissão de cadáveres que devia estar se aproximando naquele momento de Cuatro Vientos pelos restos da M-30.

Era lógico. Com o barulho que havíamos feito, devíamos ter sido ouvido na outra ponta da cidade abandonada.

— Vocês! Venham aqui! — Kart Tank nos chamou com um gesto seco, enquanto abria um mapa no chão. — Não temos muito tempo. Alfa Quatro não dá sinais de vida, e isso significa que devem ter tido algum contratempo sério.

"Contratempo sério." Belo eufemismo, pensei. "Totalmente fodidos" seria a definição mais correta.

— A porta que separa a pista dos hangares do museu está fechada. Aqui, estamos seguros — continuou Tank, enquanto dava uma olhada para aquela porta pelo binóculo. — Imagino que devem ter ficado presos do outro lado, mas não temos tempo para checar. Temos de prosseguir com o plano, antes que um milhão desses seres se reúna aqui.

— A cerca parece aguentar perfeitamente — argumentou David Broto, o programador, com voz hesitante. Estava assustado, como os outros.

— Essa cerca não foi projetada para aguentar a pressão de vários milhares de corpos contra ela, senhor — replicou o legionário que estava ao lado de Tank, um sargento alto e muito moreno, com profundas rugas no rosto e expressão séria. — Acredite, se lhes dermos tempo suficiente, muitos desses filhos da puta vão se juntar aí fora, então essa maldita cerca vai ceder, e não vai gostar do que acontecerá então, senhor.

— Não temos tempo a perder! — Tank o interrompeu, seco, enquanto apontava para um solitário helicóptero que me parecia vagamente familiar,

pousado perto da torre de controle. — Corram para o helicóptero e façam-no funcionar de qualquer jeito! Não me importa o que tiverem de fazer, mas esse pássaro tem de estar voando JÁ! Vocês têm quinze minutos, nem um a mais, ou haverá problemas para todos! — voltou-se de novo para o legionário, que permanecia em pé, imóvel, a seu lado. — Sargento, mande seus homens organizar patrulhas pelo perímetro, mas que não cheguem a menos de três metros da cerca! E queimem esses malditos corpos, antes que comecem a feder!

Sem saber muito bem como, saí correndo para o helicóptero, com Pritchenko ao meu lado. Alguém nos deu um grande pacote embrulhado em plástico, que pesava uma barbaridade. Logo comecei a arfar, praguejando cada vez que aquele maldito fardo escorregava das minhas secas mãos. Íamos seguindo Pauli e Marcelo, que carregavam juntos duas caixas de madeira não menos pesadas que o pacote que tinham dado a Víktor e a mim. Broto, por sua vez, seguia-nos a trote, carregando sua mochila, com uma expressão angustiada no rosto.

Quando alcançamos o helicóptero, desabei ao lado do aparelho, resfolegando como um trem de carga. A outra equipe ainda estava correndo em direção aos pequenos aviões estacionados na lateral da pista de decolagem. Intrigado, notei que o pequeno ônibus elétrico se dirigia para eles, transportando uma série de bainhas cilíndricas pintadas de vermelho. Imaginei que deviam ser contêineres vazios, prontos para ser carregados de medicamentos assim que chegássemos ao nosso destino.

Se chegássemos.

Cada vez que voltava os olhos para a cerca que delimitava a pista ficava arrepiado. Dezenas de não mortos continuavam afluindo de todos os lados, incessantemente. Aquela região era densamente povoada antes das Apocalipse, e a menos de dois quilômetros havia um enorme centro comercial. Aquele ponto devia ser uma região "quente" pra caralho. Até Víktor perdera o sorriso do rosto.

— Pegue, garoto — Marcelo se voltou e entregou algo com o punho fechado para Broto. — Guarde isso por via das dúvidas, e use-o bem. Pode precisar.

O programador pegou o que o argentino lhe dava. Por um segundo, ficou contemplando aquele objeto com cara de quem não estava entendendo nada. Lentamente, levantou o olhar e abriu a palma da mão. Nela brilhava um reluzente projétil de cobre de 9 mm.

— Para que isso? — perguntou com estranheza.

— É a sua, idiota. Não sei se percebeu, mas agora mesmo temos mais podres a nossa volta que munição disponível. Mesmo acertando todos os tiros, faltaria. De modo que, se você se meter em problemas, já sabe... Bum! — Marcelo concluiu, enquanto apontava uma pistola imaginária para sua cabeça.

Broto empalideceu visivelmente, enquanto guardava o projétil no bolso, com mãos trêmulas. Era o único na expedição que estava desarmado, e imagino que naquele momento percebeu que talvez não tivesse sido boa ideia rejeitar a Glock que lhe ofereceram nas Canárias.

— Ora, vamos, Marcelo, não seja tão filho da mãe, deixe o rapaz em paz!  
— Pauli disse, enquanto dava um amistoso soco no argentino.

— Pura aritmética, garoto — continuou o argentino, ignorando Pauli, enquanto apontava alternadamente para nossas armas e a multidão selvagem do outro lado da cerca. — Pura aritmética — então, se voltou para o helicóptero e começou a abrir o pacote que Víktor e eu tínhamos carregado.

— Não ligue para ele — disse Pauli em tom tranquilizante, voltando-se para o trêmulo David —, ele só quer te perturbar. Não gosta de estar aqui, não gosta dos não mortos, nem de ter de fazer papel de babá de gente inexperiente como você, por isso está de mau humor. Se tudo correr bem, você não ficará mais perto dos não mortos do que estamos agora. Então, não se preocupe, valeu? Olhei para a pequena catalã e pude distinguir um brilho de preocupação em seus olhos. As coisas não iam ser simples como ela acabava de dizer a Broto, e ambos sabíamos. Pelo menos suas palavras pareciam ter acalmado o programador. Já era alguma coisa.

Enquanto isso, Pritchenko entrara na cabine de comando e apertava freneticamente um monte de controles, enquanto checava os níveis de combustível e fluidos do enorme e branco helicóptero Super Puma. Grande parte do painel de comando estava iluminada, o que indicava que, pelo menos, o sistema elétrico e a bateria estavam intactos. Ainda bem.

Havia algo que imediatamente chamava a atenção naquele aparelho. Apesar de ser uma aeronave militar, estava pintada inteiramente de branco, do nariz à cauda, exceto uma faixa azul e vermelha que corria por uma das laterais. Lia-se "Força Aérea Espanhola", a duras penas, embaixo da grossa camada de pó e cinzas que cobria todo o Super Puma, após meses jazendo naquela pista abandonada.

Enchendo-me de coragem, puxei a alavanca de abertura da porta. Com um gemido, a porta lateral se abriu, transformando-se em uma escada de acesso. Engatilhei a pistola e subi os três degraus, enquanto sentia a adrenalina, minha velha conhecida, voltar a rugir em minhas veias, como uma droga.

Para minha surpresa, em vez dos bancos corridos comuns havia umas confortáveis poltronas de couro, cobertas por uma camada de pó mais fina que a de fora que, de algum modo, conseguira entrar ali. Entrei com cautela no aparelho, intrigado. Meus olhos tardaram alguns segundos para se adaptar à penumbra interna, já que as janelas estavam cobertas totalmente de sujeira pelo lado de fora. Quase às cegas, dei um pontapé em algo caído no chão. Era um objeto alongado e cilíndrico, que foi rodando até um canto

com um som abafado.

Agachei-me para pegá-lo. Era uma bengala de mogno, com uma empunhadura de prata repuxada e uma espécie de selo gravado. Com estranheza, fui até a porta para tentar distinguir o desenho.

Não pude evitar que me escapasse um grito sufocado. A bengala tinha gravada a flor de lis dos Bourbons na empunhadura. Fiquei congelado por alguns segundos, enquanto minha mente tentava assimilar aquele dilúvio de informações. Não havia muitos Bourbons no mundo, e menos ainda na idade de se apoiar em algo para caminhar. Eu sabia quem era o dono da bengala. Caralho. Incrível, mas verdade.

Broto entrou naquele momento, arrastando sua pesada mochila, e viu a bengala em minhas mãos.

– Com certeza foram retirados do Palácio da Zarzuela e trazidos até aqui neste helicóptero – comentou, como quem fala do jogo de ontem. – Um avião devia estar esperando-os, e depois, você sabe...

Depois, aquele Super Puma ficara engolindo sol, chuva, pó e cinza durante meses, até que chegamos. Por isso, nas Canárias, sabiam que em Cuatro Vientos haveria pelo menos um helicóptero esperando por nós.

– Que estão fazendo aí atrás, caralho? – Pauli gritou, enquanto aparecia na porta arrastando uma das caixas de madeira. – Deem uma mão, porra, estas caixas não vão entrar sozinhas!

Envergonhados, Broto e eu atacamos a primeira caixa. Um hieróglifo de siglas dançava na tampa, mas pude distinguir perfeitamente os números "7,62 X 51 mm" em preto na madeira. Munição de metralhadora. Levantei os olhos. Marcelo abriu o pacote de plástico que Víktor e eu tínhamos arrastado até ali. Uma enorme metralhadora MG 3, de aspecto malévolo e ainda brilhante de óleo, repousava lá dentro. Assoviei baixinho. Certamente, por falta de poder de fogo não ia ser. Faltava saber se aquilo seria suficiente.

Uma tosse seca saiu das turbinas, acompanhada de uma nuvem de fumaça misturada com pó. As pás da hélice começaram a girar lentamente, enquanto o motor do Super Puma ganhava vida de novo com um assovio.

– Todos a bordo! – Prit rugiu na cabine de comando. – Estamos partindo!

As hélices do Super Puma iam ganhando velocidade à medida que Prit aumentava as revoluções do motor. Dentro do aparelho instalaram-se apertados os dezoito integrantes da equipe e todo nosso material. Na cabine dianteira, Kurt Tank sentou-se ao lado de Víktor, que estava no comando do pesado helicóptero.

Com uma sacudida, o aparelho elevou-se no ar acima da pista poeirenta de Cuatro Vientos. Subitamente, um alarme começou a uivar de forma estridente na cabine, enquanto um enorme indicador vermelho se iluminava no painel de comando.



— Que caralho está acontecendo, Viktor? — perguntei pelo rádio, alarmado.

— Todo mundo calmo aí atrás! — respondeu tranquilo o ucraniano, enquanto brigava com as correntes cruzadas de ar que sacudiam o helicóptero. — Os sensores de temperatura do motor devem estar obstruídos por causa do pó, ou estragaram com a umidade! Segundo o painel de comando, a turbina principal está quase pegando fogo, mas isso é impossível. Acabamos de decolar!

— Tem certeza disso? — perguntei novamente, supondo que aquela falha era de se esperar. Qualquer aparelho que encontrássemos, após tantos meses de abandono e intempérie, estaria em bastante mau estado.

— Não posso ter cem por cento de certeza! — Pritchenko replicou, irritado —, mas é o que se tem! Não podemos aterrissar de novo para arrumar nada! Olhe lá para baixo!

Inclinei-me na janela ao meu lado. Em volta da cerca do aeroporto já se reunia uma enorme multidão de vários milhares de não mortos. Todo o perímetro da pista estava coberto, até o último centímetro, por aqueles seres. Agarravam-se à cerca com fúria, enquanto um coro de gemidos se elevava do chão, atravessando inclusive o estrépito das pás do helicóptero. Alguns tinham introduzido os braços pelos vãos entre as vigas de concreto e a cerca metálica, enquanto a maioria simplesmente se agarrava à cerca e a chacoalhava com fúria.

Era um espetáculo inenarrável, algo que era preciso ver para poder entender. Reunia-se ali todo tipo de seres, jovens, idosos, crianças, gordos, magros... E todos com aquela cor cerúlea, amarelada, além da característica tatuagem de milhares de pequenas veias estouradas salpicando aqui e ali a pele. A maioria usava roupa em bastante mau estado, e não era surpreendente ver aqui e ali um totalmente nu ou completamente coberto de sujeira. Com pavor, verifiquei que, à medida que subíamos, centenas de olhos aquosos e sem vida se cravavam em nós, enquanto esticavam seus braços para o helicóptero. Daquela altura, pude até ver dentro de suas bocas, putrefatas e escuras.

Eles sabiam que estávamos ali.

Não era só o barulho. Sentiam-nos, de alguma maneira. Todos que estávamos a bordo. Sentiam nossa vida, e algo obscuro e malvado dentro deles os impulsionava para nós.

Todos na cabine estávamos petrificados, contemplando aquela cena, saída de um pesadelo. Ouvi alguém murmurar "Oh, senhor". Outra voz rezava baixinho um fragmento do pai-nosso de forma mecânica e repetitiva. Eu, por minha vez, estava com a boca seca demais para poder pronunciar qualquer coisa. Teria matado por uma dose de uísque.

Por todas as ruas circundantes, não mortos solitários ou em pequenos

grupos continuavam se aproximando. A M-40 era um ferredouro. Por entre os restos de pelo menos duas dúzias de enormes acidentes eu via pequenos pontos avançando cambaleantes para nossa posição. Éramos como um ímã para aqueles seres.

— A cerca vai aguentar? — ouvi Broto perguntar pelo rádio, enquanto olhava o espetáculo, contrariado.

— Esperamos que sim — Tank respondeu, dando de ombros. — Os dois pilotos e os soldados que ficaram em terra têm ordens de se refugiar no Airbus, fora da vista dos não mortos, e tentar fazer o menor barulho possível. Acreditamos que com isso não vão se aproximar muitos mais do perímetro. Além disso, o ruído de nosso helicóptero com certeza os atrairá para nós.

— Que animador — Broto murmurou, baixinho, enquanto ficava um pouco mais pálido.

— Por que não atira? — perguntei a Marcelo, que estava com a MG 3 apoiada na janela traseira esquerda. O argentino segurava friamente a arma, enquanto seu olhar passeava mecanicamente por aquela multidão, observando-a com atenção.

— Para quê? — ele replicou. — Seria desperdiçar munição. A essa distância desperdiçaria a maior parte dos tiros — seu olhar se perdeu naquela multidão, e uma sombra de medo cruzou seus olhos. — Seria como atirar no mar. Não faz nenhum sentido.

Permanecemos calados durante alguns instantes, enquanto víamos passar o interminável desfile de não mortos por baixo do aparelho.

— Seis minutos! — a voz de Pauli cortou nosso silêncio. — Todo mundo preparado. Vai ser um voo muito curto.

— Ah merda! — gritou o motorista do caminhão, enquanto dava uma nada para o acostamento.

Os passageiros da caixa aberta situada atrás caíram no chão em uma confusão entrelaçada de braços e pernas, enquanto palavras em vários idiomas cruzavam o ar. Lucía se levantou, olhando à sua volta, tentando adivinhar o que tinha acontecido. A enorme nuvem de vapor branco que saía do motor do Pégaso, junto com a expressão desolada do caminhoneiro, que acabava de pular para a rua, disse-lhe rapidamente que aquele caminhão não continuaria rodando, pelo menos por aquele dia.

— Está maluco? — perguntou um homem idoso, com voz indignada, enquanto ajudava uma criança de não mais de 7 anos a se levantar. — Acha que somos um monte de pedra ou algo assim?

— Que posso fazer? — replicou o caminhoneiro, dando de ombros, enquanto apontava para a nuvem fumegante que saía do motor. — Este traste foi remendado com peças de três caminhões diferentes! Milagre que ainda funcione! Dê graças a Deus por não termos saído da estrada, -'elo menos!

— E agora, o que vamos fazer? — perguntou outra voz.

— Acho que o jeito é caminhar — o caminhoneiro respondeu com ar digno, encaixando bem o boné na cabeça. — No que me diz respeito, vou ficar aqui vigiando o caminhão. Não quero que nenhum filho da mãe roube minha gasolina.

Um coro de gemidos surgiu ao ouvir aquelas palavras. Embora da fosse cedo, o sol já queimava com força, e todos compreenderam que a caminhada que os esperava não seria prazerosa.

Com um ágil salto, Lucía desceu do caminhão e tentou se orientar. Seu turno como ajudante de enfermagem começava às duas da tarde, e ainda era meio-dia e meia. Estava mais ou menos a uns três quilômetros do hospital, de modo que tinha tempo de sobra para chegar andando. Parabenizando-se mentalmente por ter sido tão previdente quanto ao horário de sair de casa, começou a caminhar pelo acostamento, assim como muitos outros passageiros do caminhão, que, como ela, davam ocasionais olhadas por cima do ombro, caso passasse outro veículo paz de levá-los.

Tanto faz, pensou Lucía com seus botões, hoje está um dia lindo, e não me importo de caminhar um pouco.

Muitos pedestres circulavam em um sentido ou outro ao longo da estrada. Até apenas duas semanas atrás, Lucía poderia ter encontrado nos acostamentos uma ou outra barraca de frutas ou hortaliças, mas o governo da República decidira coletivizar a produção agrícola para aumentá-la. Se

isso ia ou não dar resultado já era outra história, além do mais, para ela tudo aquilo não importava muito. Sua mente estava centrada em problemas mais urgentes, como faria para conseguir mais medicamentos para Irmã Cecília no mercado negro.

Embora Lucía aproveitasse qualquer tempo livre em seu turno para visitá-la, cada vez que chegava à ala do hospital onde a religiosa estava internada sentia-se arrasada por conta do rosto exangue e enfaixado da freira, que parecia querer se fundir com os lençóis brancos do leito no qual repousava.

Na semana anterior tivera de vender um pequeno par de brincos de brilhantes que tinham sido de sua mãe, e que ela usara até aquele momento. Sentiu-se arrasada quando os vendeu. Eram a única e última recordação que conservava de sua vida anterior. Ao se separar deles e vendê-los àquele sujeito, sentiu que, de alguma maneira, abandonava os últimos restos da menina que entrara naquele ônibus, mil anos antes, e que embarcava em sua nova vida.

Por outro lado, pensou amargamente, estes novos tempos obrigavam as pessoas a amadurecer de uma forma muito mais rápida. Antes, uma menina de 17 anos era isso, uma menina. Agora, não mais.

Em troca dos brincos, obtivera daquele sujeito suado que trabalhava na Superintendência do Porto meia dúzia de cupons de racionamento extras e, principalmente, quatro caixas de ampolas de morfina, talvez um dos produtos mais escassos e caros da ilha, para Irmã Cecília.

Já tinham sido obrigados a usar dois deles, e Lucía se perguntava, preocupada, o que aconteceria quando os médicos esgotassem a parca reserva de analgésicos para a freira.

O problema não era só este. O médico que atendia à Irmã Cecília dissera que precisava urgentemente de um medicamento chamado Manitol. Pelo visto, era o único que podia reduzir de alguma maneira a pressão que o edema cerebral estava provocando dentro de seu crânio, mas a questão era que a Junta Médica achava que usar um dos preciosos frascos de Manitol na Irmã Cecília era perda de tempo. Sabia que os médicos a haviam abandonado como um caso impossível, mas Lucía não perdia a esperança.

Depois de vinte minutos de caminhada, o motorista de um lotado ônibus, com um extravagante tanque de gásógeno no teto, apiedou-se e recolheu o grupo de Lucía no acostamento. Finalmente, pouco depois a jovem estava em frente às portas do hospital.

Os serviços sanitários estavam totalmente colapsados, visto que não restavam, em toda a ilha, mais de trezentos a quinhentos médicos, incluindo nesse generoso cálculo grande número de estudantes de Medicina da Universidade de Laguna, que tinham sido "graduados" precipitadamente.

O vestibulo era um constante fluir de pacientes, profissionais da saúde e

gente que ia ao hospital com as queixas mais descabeladas. Estar internado garantia três refeições diárias e a possibilidade de se livrar, por alguns dias, do pesado Serviço de Trabalho Obrigatório, de modo que, nas consultas de admissão, todos os dias meia dúzia de médicos esgotados tinham de realizar a tediosa tarefa de separar os verdadeiros doentes dos simuladores.

Ao passar pela porta reservada para os funcionários, Lucía cumprimentou com um movimento de cabeça os seguranças armados que vigiavam o arco detector de metais da entrada. Com um gesto ágil, fruto da prática, tirou seu passe do bolso e o prendeu na gola da camisa sem diminuir o passo. Os guardas, que já a conheciam, dirigiram-lhe um breve olhar, antes de concentrar de novo sua atenção implacável no rio de gente que tentava cruzar a porta para pacientes. No mercado negro, os medicamentos eram a moeda de maior valor, junto com as poucas drogas que ainda se podiam conseguir, e já acontecera várias tentativas de assalto à farmácia do único hospital em funcionamento da ilha. Não havia lugar para brincadeira naquela sala.

— Olá, Lucía! — quem a cumprimentava era uma viva e pequena ATS de pouco mais de um metro e meio de altura, que até aquele exato momento estava se insinuando descaradamente para um dos guardas da porta, enquanto prendia seu cartão em um decote mais próprio de um happy hour que de um hospital.

— Olá, Maite! Como vai? — respondeu Lucía com um meio sorriso, enquanto se aproximava de sua amiga (realmente a considerava uma amiga, apesar de fazer apenas quinze dias que a conhecia). Era surpreendente a facilidade de fazer amizades dos sobreviventes. Dava a sensação de que aqueles que haviam saído incólumes do inferno dos não mortos precisavam desesperadamente se relacionar com outras pessoas para se sentir realmente vivos.

— Muito bem! — Maite replicou, com um sorriso astuto no rosto. — Acho que esta noite Fernando vai me levar para jantar por aí. Ele disse que arranjou cupons especiais de algum lugar, e pode até ser que consiga umas garrafas de vinho!

— Fernando... Quem, diabos, é Fernando, Maite? — Lucía perguntou com estranheza, mas um breve olhar para o guarda da porta e o entusiasmo de Maite explicaram tudo. Ergueu os olhos para o teto, enquanto meneava a cabeça. Cada semana era um diferente, e todos prometiam ser o amor eterno que ela buscava desesperadamente. Claro que na semana seguinte seria outro, mas isso não tinha importância.

A vida segue seu curso, pensou Lucía enquanto punha o uniforme e ouvia a interminável falação de sua amiga. As pessoas se apaixonam e sonham, apesar de toda a merda que tivemos de passar. Mesmo vivendo como vivemos, os sobreviventes são razoavelmente felizes. Parece incrível, mas é assim. A vontade de viver é forte demais.

– ... Cecília?

– O quê, Maite? – disse Lucía, voltando abruptamente de seus pensamentos.

– Perguntei se havia alguma mudança no estado de sua amiga, a freira, essa Irmã Cecília – a enfermeira repetiu.

Lucía pensou por um momento, com uma expressão amarga surpreendentemente descabida em seu rosto.

– Não, não houve nenhuma mudança. Vou vê-la um pouco antes de começar meu turno – nenhuma maldita mudança, gostaria de ter acrescentado, e o mais provável é que se transforme em um vegetal pelo pouco ou muito que lhe reste de vida, mas não quero admitir isso, porque aceitar significa começar a perdê-la, e ultimamente estou até a tampa de perder as pessoas que amo, sabe?, mas se absteve e, em vez disso, esboçou um sorriso forçado, enquanto pegava a mão de Maite nas suas e fazia um biquinho. – Importa-se de me acompanhar? Por favor.

– Claro que não – Maite respondeu –, mas, primeiro, vamos até a central do andar e talvez consigamos um pouco dessa porcaria de imitação de café para beber no caminho, ok? – e, dizendo isso, Maite deu um abraço carinhoso em Lucía.

Em seguida, voltou-se e saiu pela última vez na vida da sala de enfermagem, sem imaginar que em menos de meia hora estaria morta.

Madrid estava morta.

Não restava ninguém ali, em um lugar onde um dia viveram, respiraram e sonharam quase seis milhões de pessoas. Ninguém, exceto eles, claro.

A metrópole estendia-se, silenciosa, ao longo de quilômetros, nem um único som rompia a quietude. O Super Puma cruzava a cidade a toda velocidade, e as ruas e praças passavam rapidamente por baixo de nós a pouca altura. Prit dizia que era melhor assim. Segundo o pequeno piloto, seríamos menos visíveis, já que o som dos motores ricochetearia de tal maneira que seria impossível localizar sua origem.

No que me dizia respeito, passar tão perto dos telhados dos edifícios me deixava extremamente nervoso, principalmente em um aparelho tão pouco confiável como aquele. Por todos os lados se repetiam as mesmas cenas. Avenidas vazias, só pontilhadas aqui e ali por algum veículo atravessado de qualquer jeito na rua. Restos de lixo, vidros quebrados e esqueletos embolorados pareciam estar por todos os lados.

O Parque do Retiro se transformara em verdadeira selva, e muitos de seus caminhos já nem se distinguiam, devorados pelo mato. Brilhando sob o sol, o pequeno lago resplandecia de um jeito apagado, quase sepultado por toneladas de algas que lhe davam um tom esverdeado. Em suas margens, o Palácio de Cristal não era mais que um esqueleto de vigas de aço e vidros quebrados.

A Castellana era um imenso passeio fantasmagórico, só cruzado por enormes turbilhões de pó que sacudiam os poucos postes que restavam em pé. Surpreendentemente, as dez pistas daquela enorme via estavam totalmente limpas de veículos, com certeza por ter sido fechada para o trânsito antes do colapso final, mas isso apenas servia para lhe dar um aspecto ainda mais fantasmagórico. Um solitário Volvo 4x4, com as janelas cobertas por barras soldadas, era o estranho contraponto que quebrava o vazio da avenida. Eu não podia nem imaginar o que teria levado seu motorista a parar ali, no meio de lugar algum, nem o que teria sido dele, ou dela.

Aqui e ali viam-se enormes montanhas de esqueletos e múmias mofadas, marcando os lugares onde alguém enfrentara os não mortos. Em todos os casos, sem exceção, essas montanhas de restos estavam perto de uma poça de brilhantes cápsulas de cobre vazias. Infelizmente, as montanhas de restos, embora abundantes, eram apenas uma pequena gota d'água comparada com o enorme oceano de não mortos que infestavam as ruas.

Era um espetáculo assustador. As ruas e calçadas estavam cobertas de milhares desses seres, mergulhados aparentemente em um estado de transe ou hibernação. De certo modo, era como contemplar uma foto aérea de uma

rua, um instante congelado na vida normal de uma cidade. A única coisa que rompia essa ilusão eram as roupas rasgadas e cobertas de sangue dos personagens (e isso apenas nos que ainda conservavam um pouco de roupa que não se parecesse com um monte de farrapos).

Só quando o barulho das hélices ou a sombra de nosso helicóptero passava sobre eles, os não mortos pareciam sair de seu estado de suspensão e reagir.

– Vejam ali! – gritou Broto, com incredulidade, apontando para um ponto no chão.

Naquele momento, estávamos passando ao lado do Estádio Santiago Bernabeu. Todas as entradas e saídas estavam bloqueadas com veículos pesados e contêineres industriais, e a concentração de corpos mofados nas ruas que cercavam o gigantesco campo era muito maior que em outros lugares. Uma espécie de andaime percorria a fachada sul a meia altura, ligando dois buracos abertos na cara do estádio, por algum motivo que nenhum de nós compreendia.

Estava claro que aquele tinha sido, um dia, um ponto de resistência, mas já não parecia haver ninguém ali. As arquibancadas estavam cobertas de barracas semidestruídas e alguns plásticos partidos flutuavam fantasmagoricamente, pendurados em restos oxidados de ferros. O gramado do campo se transformara em enorme lodaçal, mais da metade coberta por dezenas de pequenos vultos irregulares, e em um canto, onde devia ter sido um dos gols, alguém desenhara uma enorme mensagem que dizia "SOCORRO" com cadeiras arrancadas da arquibancada.

– Que diabos é isso? – perguntei, intrigado, apontando os vultos que pontilhavam o gramado.

– Túmulos – Marcelo respondeu baixinho. Seu semblante era sombrio, e pude ver uma gota de suor escorrendo por seu pescoço. – É um cemitério.

Todos nos calamos por um instante, consternados. Imaginei a angústia das pessoas ali sitiadas, à medida que os meses iam passando, suas provisões acabando, e ninguém respondia a seu mudo grito de socorro. Imaginei o desespero que deviam ter sentido cada vez que um deles falecia por causa da fome, de doença, dos não mortos, ou sabe Deus o quê. Por um instante pude sentir o pânico sufocante que sofreram, à medida que passavam os dias e iam tendo consciência de que estavam condenados, que ninguém os ajudaria. Era impressionante.

– Veja – comentou Pauli –, os últimos túmulos parecem estar quase rentes ao chão.

– Imagino que já não tinham forças nem para enterrar os seus – alguém atrás de nós murmurou baixinho.

– Acha que ainda resta alguém ali? – perguntei.

– Acho que não – Marcelo respondeu –, mas, de qualquer maneira,



não vamos poder parar para descobrir — ele olhou para mim. — Esta não é uma missão de resgate, você sabe tão bem quanto eu.

Calei minha resposta. Sabia que o argentino tinha razão, mas resistia a aceitar isso tão friamente. Sabia que se eu não tivesse me atrevido a sair de casa, em Pontevedra, provavelmente naquele instante seria um indigente meio maluco chafurdando em minha própria miséria dentro dos confins de minha prisão-lar. E também imaginava a sensação tão horrível que devia ser ver um helicóptero passar por cima de mim e não me resgatar. Era melhor nem pensar.

— Todo mundo pronto aí atrás? — soou a voz de Kurt Tank pelo rádio.  
— Chegamos!

Estiquei o pescoço para ver pelo para-brisa, e imediatamente me arrependi. Os enormes edifícios do complexo da Paz recortavam-se nitidamente no horizonte, como monólitos solitários. A seus pés, no meio dos restos destruídos do que um dia fora a Área Segura Três, uma massa ruidosa de não mortos voltava-se naquele momento para a origem do barulho que os tirara de sua letargia.

Estavam nos esperando. E eu não podia imaginar como atravessaríamos aquilo.

— Como vamos aterrissar ali? — perguntou Broto, visivelmente nervoso.  
— Vão fazer picadinho de nós antes mesmo de conseguirmos sair do helicóptero!

— Calma aí — Marcelo respondeu, curiosamente tranquilo. — Tudo está previsto, fique tranquilo — e, impassível, acendeu um cigarro enquanto olhava com olho clínico a multidão lá embaixo.

Eu teria gostado de estar tão tranquilo quanto o argentino, porém, no íntimo, tinha certeza de que o programador é que estava com a razão. Enquanto Víktor traçava uma volta após volta sobre a esplanada situada aos pés da torre do Hospital da Paz, a situação só piorava. Bem embaixo de nós amontoava-se uma multidão que devia rondar os seis mil não mortos, e cada minuto que passava mais e mais monstros confluíam para a esplanada, provenientes de todas as ruas adjacentes.

A porta do edifício principal parecia a saída de um estádio no final de um jogo, com dezenas desses seres aglomerando-se e lutando para sair, cambaleando e tropeçando. Por um segundo pude ver, horrorizado, alguns deles caindo no vazio das janelas estraçalhadas dos andares superiores.

Pelo que sabia, esses seres não tinham tendências suicidas, mas o fato de ver nosso helicóptero revoadando perto deles tinha sido mais forte que o senso de preservação de alguns não mortos, que pululavam nos andares superiores. Sedentos de sangue, jogavam-se pelo vão das janelas em uma inútil tentativa de nos alcançar. Os que caíam simplesmente se limitavam a

girar, como um fardo de roupa suja, até que se estatelavam com um som surdo no chão, várias dezenas de metros abaixo.

— Caralho, é incrível! — Pauli murmurou, enquanto dava uma cotovelada em seu colega argentino. — Esse filho da mãe ainda se mexe depois de cair do décimo andar! Não posso acreditar!

O argentino esticou o pescoço para ver o não morto que a pequena catalã apontava com tanto interesse. Aquele pobre diabo era um sujeito jovem, nu da cintura para cima, que tivera o azar de não quebrar o crânio na queda. Porém, devia ter perdido a espinha dorsal na tentativa, porque estava deitado no chão, com uma trilha de líquidos escuros saindo de seu corpo, com certeza por ter arrebentado todos os seus órgãos internos com o impacto, enquanto era sacudido por movimentos espasmódicos, tentando em vão se levantar.

— Não se preocupe, Paulita — comentou casualmente o portenho. — Não lhe resta muito tempo.

— Por que não lhe resta muito tempo? — perguntei. — Que diabos, vamos...

Minha pergunta foi interrompida por um estalo no rádio do Super Puma, seguido pela voz seca de Tank.

— Já é suficiente! Quase todos devem ter saído! Avante, Segundo Grupo!

O helicóptero traçou uma longa elipse, afastando-se da vertical da praça. Antes que eu tivesse tempo de perguntar que diabos estava acontecendo, um som rouco cortou em seco todas as conversas apressadas da cabine. O helicóptero se inclinou imperceptivelmente quando todos os tripulantes foram para o lado direito, tentando identificar a origem do som. E então, totalmente assombrado, pronunciei um sonoro e categórico "Caralho!".

No início eu não conseguia ver nada. Depois de alguns segundos, adivinhei dois pequenos pontos mexendo-se a grande velocidade, recortados contra o céu, dirigindo-se para nós. À medida que o tamanho dos pontos aumentava, começamos a distinguir todos os detalhes daquelas máquinas voadoras que devoravam os metros que os separavam da praça.

— O quê... O quê... Mas o quê... Que porra é essa? — consegui perguntar, estupefato. Tinha a sensação de estar vivendo algum tipo de sonho bizarro.

— São dois Buchones! — David Broto respondeu, alvoroçado, enquanto colava o nariz no vidro da janela. — Porra, estão voando! É incrível! — o programador dava pulos de excitação enquanto me apontava os dois aviões a hélice, que naquele momento já eram perfeitamente visíveis e traçavam uma elegante volta em torno da torre da Paz.

— Alguém pode me explicar que caralho é um Buchón e de onde saíram, por favor? — perguntei, exasperado, acima da enorme algazarra que reinava dentro do helicóptero. Todos falavam ou gritavam ao mesmo tempo, e aquilo parecia uma casa de doidos.

— São dois Buchones, da Hispano Aviación! — gritou David Broto acima do barulho, sem tirar os olhos dos dois pequenos caças a hélice que continuavam se aproximando. Ao ver a expressão do meu rosto, percebeu que eu não tinha entendido nada, de modo que continuou explicando: — Depois da Segunda Guerra Mundial, o governo franquista conseguiu, de algum jeito, os projetos e as licenças dos ME-109, o avião de caça do Exército nazista, e começou a fabricá-los para equipar o Exército do Ar espanhol. Como as fábricas de motores alemães tinham sido destruídas na guerra, decidiram colocar os motores Rolls-Royce dos Spitfire ingleses. Estiveram em serviço quase até os anos 1960, mas há anos que só restam poucos exemplares nos museus. Dois Buchones! Isso é incrível! — explicou, excitado, o programador, enquanto sua atenção se concentrava de novo nos aeroplanos.

Maldito Tank, pensei comigo, maravilhado com a audácia do alemão. De alguma maneira, a outra equipe havia conseguido, em apenas duas horas, pôr para funcionar aqueles dois pássaros dos anos 1940 que estavam pegando pó no Museu do Ar, e que agora voavam, ameaçadores, por sobre a multidão de não mortos que parecia ter enlouquecido com o alvoroço dos motores.

— Preste atenção, companheiro — disse-me Marcelo, enquanto abria um espaço ao seu lado na janela aberta onde apoiava a MC. — O show vai começar.

Os dois Buchones fizeram um último giro a pouco mais de um quilômetro e embicaram diretamente para a praça situada aos nossos pés, com um rugido ensurdecedor de motores. Só então soube que embaixo de cada um dos aparelhos pendiam os contêineres vermelhos que eu tinha visto a outra equipe carregar arduamente no ônibus do aeroporto. Ali, sob as asas, com sua forma de charuto, compreendi de repente o que ia acontecer.

— NAPALM! - gritei, sem poder me conter. Ai, caralho, aquilo ia ser aterrorizante.

Os dois aeroplanos cruzaram a praça a pouca altura, apenas a pouco mais de cem metros. Como se estivessem esperando um sinal, de repente os contêineres vermelhos debaixo de suas asas se soltaram e caíram girando lentamente sobre a multidão que estava em terra.

O mecanismo foi ativado depois de dois segundos, assim que os contêineres tocaram o chão. Duas enormes bolas de fogo e fumaça preta explodiram quase simultaneamente. As gigantescas chamas se elevaram durante alguns instantes a uma altura assombrosa, enquanto uma formidável explosão retumbava em toda a cidade.

O helicóptero balançou de repente, como que sacudido por um gigantesco soco do ar. Ouvi Prit soltar um enorme jato de palavras em russo. As bolas de fogo agora se transformavam em uma única e gigantesca esfera alaranjada, cortada por linhas escuras de fumaça, enquanto respingos do

gelatinoso napalm salpicavam aqui e ali. Afastei-me da janela, sufocado pelo intenso calor que o fogo gerava. Apesar de estar a várias centenas de metros, podia sentir a temperatura descontrolada que saía daquele inferno. A própria estrutura da praça, cercada de altos edifícios, transformara-se em uma gigantesca panela, concentrando o efeito do napalm. As chamas reativavam a si mesmas por conta dos remoinhos de ar que o próprio calor gerava, em um efeito com certeza imprevisível.

Kurt Tank parecia encantado com o resultado da operação, a julgar por seus comentários pelo rádio. Em certo sentido, ele tinha toda razão do mundo. Não ia restar muita coisa em pé ali embaixo depois daquilo.

Passados alguns instantes, que pareceram intermináveis, a bola de fogo começou a diminuir, uma vez consumido todo o combustível, enquanto as colunas de fumaça preta iam se concentrando em uma solitária e altíssima única coluna, que devia ser visível a quilômetros de distância.

– Vejam isso! – gritou um dos legionários. – Não resta nem um só em pé!

Todo o helicóptero rompeu em gritos excitados. A multidão que um momento antes se concentrava na praça fora reduzida a algumas centenas de tochas fumegantes que cambaleavam, consumindo-se nas chamas, e desabavam pouco a pouco. A imensa maioria dos corpos ardia lentamente no chão, soltando umas chamas azuladas ou de um verde venenoso, configurando uma imensa capa negra que forrava toda a extensão da praça. Um cheiro penetrante de carne queimada assaltou minhas fossas nasais, a ponto de me fazer lacrimejar. Aquela era uma cena saída do inferno.

– Como podem ter queimado assim? – perguntava Broto a Pauli. – É alucinante! A maioria torrou até os ossos em poucos minutos. É... é... é... demais, caralho! – conseguiu balbuciar, incapaz de afastar o olhar daquele tapete carbonizado.

– É muito simples – respondeu a catalã, enquanto ajustava parcimoniosamente as faixas de seu colete. – A maior parte deles estava morta (ou não morta, ou como quiser chamá-los, raios) há mais de um ano.

– E o que isso quer dizer? – Broto perguntou, com cara de quem não entendeu nada.

– Significa que – Pauli disse pacientemente –, apesar de muito lentamente, estão sofrendo um processo de putrefação continuado, e todo processo de decomposição gera...

– Gases – interrompi baixinho, entendendo de repente o que acabava de acontecer.

– Metano, na maior parte – Pauli assentiu. – Quanto mais tempo estiverem nesse estado, maior a concentração de gases e de gorduras saturadas de metano no corpo. Os que queimaram como fósforos com certeza caíram nos primeiros dias, e estavam dando voltas por aí desde

então. Os outros... — apontou com o queixo as poucas figuras que cambaleavam ainda em pé no meio da dantesca praça — possivelmente estavam só há alguns meses como não mortos.

Olhei para baixo mais uma vez. Os corpos ardiem com fúria na praça, enquanto a excitação percorria em ondas a cabine, de uma maneira quase física, à medida que o helicóptero descia lentamente. De soslaio, vi o rosto tenso da maioria, preocupado o dos outros, enquanto dois veteranos faziam comentários jocosos para espantar o medo.

Porém, eu não seria capaz de definir meu estado de ânimo naquele momento. Medo, acima de tudo. Mas também infinita tristeza, pensando nos milhares de vidas que, de algum modo, acabávamos de ceifar. Angústia, pensando que todos lá embaixo não eram bonecos de trapo, e sim pessoas que um dia tiveram vida e sonhos próprios, e que não mereciam ter acabado assim. Desolação, pensando em que só por circunstâncias e acaso eu não acabara como a maioria, como um dos incontáveis não mortos.

Mas, acima de tudo, sentia medo.

Pânico, atrevo-me a dizer.

Porque em breves instantes aqueles garotos tão jovens e cheios de vida entrariam naquele edifício. E, de toda aquela equipe, só Víktor Pritchenko e eu intuíamos por experiência os horrores que podiam estar esperando lá dentro.

Basilio Irisarri estava de mau humor. Aqueles poucos que o conheciam poderiam até achar que estava com um humor homicida, pela forma como olhava para seu interlocutor, com os olhos semicerrados e uma expressão ausente neles, e porque acabava todas as frases com aquela estranha expressão "sabe, cara?", que na sua boca, e dita em tom glacial, tinha muito pouco de agradável. Era um tique inconsciente que o próprio Basilio nem sequer percebia, mas fora aumentando nos últimos dias, à medida que A Decisão ia se formando em sua mente. Durante aquelas últimas horas, uma vez que A Decisão já tinha sido tomada, havia se transformado em um mantra repetitivo para qualquer um que o escutasse, menos para Basilio. Para ele, não.

As coisas foram se complicando de um modo ruim, principalmente desde aquele negócio da freira. Já antes tivera bastante problemas com seus chefes (Basilio sempre acabava tendo problemas com seus chefes, fossem quem fossem, de um jeito ou de outro), mas agora a coisa estava bastante confusa.

Para começar, não estava mais destinado ao Galicia. Enquanto se desenrolava a investigação interna estabelecida pelo protocolo da Armada, Basilio tinha sido temporariamente "afastado" de suas funções. Aquilo, no fundo, também não lhe importava muito. O Galicia estivera praticamente vazio nos últimos meses, desde que o gotejamento de refugiados se interrompera por completo. De fato, aquela maldita freira dos diabos e seus amiguinhos tinham sido os últimos hóspedes das celas de isolamento do barco atracado no meio da enseada, que servia como barreira de isolamento.

Montar guarda em um barco vazio não só desagradava profundamente a Basilio (de fato, embora jamais admitisse, achava um pouco assustador andar pelo enorme navio às escuras, iluminado somente por uma lanterna, escutando os barulhos de mil divisórias rangendo), como também, além do mais, novos negócios o chamavam no porto.

Como todo mundo sabia, o centro do mercado negro era nas docas, sob o olhar mais ou menos atento dos inspetores e encarregados. Duas caixas de cigarro ou uns brincos de ouro colocados no momento adequado podiam fazer um vigilante sentir, de repente, a imperiosa e irresistível necessidade de ir ao banheiro para dar uma mijadinha de meia hora, ou a lancha de patrulha do porto sofrer uma inexplicável pane no motor, que se consertava sozinha, misteriosamente, duas horas depois. Nesse mundinho, Basilio movia-se como um peixe na água, com aquele talento inato que possuem os verdadeiros gênios, e que só se descobre por acaso, quando se cai de cara no assunto.

Pela primeira vez na vida, Basilio sentia que as coisas iam bem; aliás, se se empenhasse, as coisas poderiam ir muito bem. Seus primeiros contatos estavam dando frutos e, apesar de estar há poucas semanas no "negócio", já

começava a ganhar bastante dinheiro, ouro principalmente.

O problema da falta de moeda circulante legal nas ilhas era um verdadeiro pé no saco, até para o mercado negro, mas, por ora, era inevitável. Com um continente arrasado e à livre disposição de quem quisesse (ou se atrevesse a enfrentar os não mortos), havia literalmente dezenas de milhares de milhões de euros jogados de qualquer jeito. Muitos refugiados chegaram trazendo consigo milhões de dólares, euros e libras que tinham encontrado abandonados em seus países de origem, inundando, assim, o mercado local com umas moedas que já nenhum governo respaldava e que ninguém queria. O ouro, a prata e as pedras preciosas eram as verdadeiras moedas do momento, e Basilio sabia como se virar para consegui-las.

Mas, justo duas semanas antes, as coisas tinham começado a foder de novo. Primeiro, aquela maldita blitz, no momento mais inoportuno, na qual perdera um enorme carregamento de rum ilegal, e depois a notícia de que a maldita freira ainda estava viva!

Basilio Irisarri podia ser brutal em seus métodos, mas não tinha nada de bobo. Se a religiosa estava viva, sabia que era questão de tempo até que acordasse e contasse a realidade do acontecido. E então, nem futuro brilhante, nem negócio no mercado negro, nem nada. O único caminho que o esperaria seria o que levava às gruas do porto, onde enforcavam sumariamente os condenados à morte.

Assim, a partir do momento que soube, por meio de um de seus clientes (um médico do hospital que mantinha estreita relação de dependência com a cada vez mais rara cocaína), que a maldita velha se agarrava obstinadamente à vida, A Decisão começou a tomar forma na cabeça de Irisarri.

Basilio não era nenhum covarde, mas sabia que uma coisa era apagar alguém à noite em um beco escuro, e outra, muito diferente, era entrar em plena luz do dia em um hospital lotado de seguranças e matar uma velha em um quarto comunitário de hospital. Eram tempos complicados, e a camada de gelo sobre a qual Basilio estava pisando era muito frágil e traiçoeira. Se a velha morresse de um jeito espetacular demais, ele chamaria imediatamente a atenção sobre si, e chamar a atenção era a última coisa que Basilio queria naquele momento.

Durante alguns dias Basilio ficou avaliando a possibilidade de deixar correr. Segundo seu contato, a maldita velha estava em coma, e era altamente provável que não acordasse jamais. Talvez, com um pouco de sorte, a freira batesse as botas de repente e fosse para o outro lado, poupando-lhe um monte de preocupações.

Mas, justo um dia antes, aquela expedição partira para a Península em busca de medicamentos, e era provável que dentre o que trouxesse estivesse o necessário para reanimar a velha. Havia muitas probabilidades de que a

expedição nunca voltasse, devorada pelos não mortos, mas Basilio não podia correr o risco de deixar na mão do acaso. Não com tanta coisa em jogo.

De modo que, finalmente, tomou A Decisão. Ia cuidar da freira pessoalmente. É, uma vez decidido, como quase sempre acontecia, sentira-se instantaneamente muito melhor.

Por isso, aquela manhã estava em um corredor do hospital vestido de enfermeiro, empurrando uma cadeira de rodas na qual estava sentado Eric Desauss, um robusto belga ruivo e sardento, que tossia muito convincentemente, enquanto segurava debaixo das mantas uma Beretta 9 mm que insistira em levar "por via das dúvidas".

Arranjar o uniforme e o passe fora simples, mas custara uma verdadeira fortuna em forma de pozinho branco para o Doutor Viciado. A colaboração de Eric foi muito fácil também. O belga, um velho conhecido de Basilio em seu mundinho, era o que um psiquiatra descreveria como uma personalidade esquizoide. A simples expectativa de poder ajudar a matar a freira lhe provocava um mórbido prazer antecipado (bem como uma intensa e dolorosa ereção, que disfarçava convenientemente sob as mantas).

O que estava sendo realmente complicado era orientar-se dentro daquela maldita casa de doidos. Doutor Viciado lhe explicara como chegar à sala onde a freira se encontrava, mas se negara categoricamente a acompanhá-lo. "No que me diz respeito, não quero nem saber que porra vai fazer, não os conheço."

Por isso, Basilio e Eric estavam há quase vinte minutos rodando pelo hospital, com cara de poucos amigos. E o humor de Basilio, como o mercúrio em um termômetro abandonado em cima de uma estufa, ia se aproximando do vermelho rapidamente. Não podiam ficar o dia todo rodando por ali, sem rumo. Cedo ou tarde, alguém perceberia que aquele enfermeiro já passara três vezes com o mesmo paciente pelo mesmo lugar, e se meteriam em encrenca.

— Eric, acho que temos um problema, sabe, cara?

— Nem me diga — Eric resmungou. — Já estivemos duas vezes nesta sala. Acho que um dos guardas nos olhou mais que o necessário. Talvez devêssemos tentar outro dia, Basilio.

— Nem fodendo — sussurrou Irisarri suavemente enquanto empurrava, incansável, a cadeira de rodas. — Tenho morfina suficiente no bolso para apagar um elefante. Ao sair do hospital revistam todo mundo, até mesmo funcionários. E o que acha que vão dizer ao encontrar esse berro que você leva escondido na cadeira?

— Podemos deixar tudo escondido aqui dentro — queixou-se Eric, cada vez menos excitado com aquela aventura —, e voltar outro dia.

— Não há outro dia, sabe, cara? Tem de ser hoje. Agora. Não podemos arriscar e... veja! — Basilio Irisarri levantou o braço em um gesto de triunfo,



enquanto indicava uma placa que dizia "Sala de Convalescença 12", com uma flecha apontando para a direita, embaixo. – Conseguimos!

Apertando o passo, Basílio empurrou a cadeira de rodas até chegarem à Sala de Convalescença. Era um antigo anexo utilizado antes do Apocalipse como área de estacionamento de ambulâncias, que, naquele momento, com o hospital lotado, tinha sido transformado em sala de repouso para pacientes terminais, pelo simples e expeditivo método de pintar o interior de branco e abrir quatro grandes janelas na parede que dava para o sul. Apesar de tudo, o cheiro de doença e morte era tão súbito e intenso ali dentro, que até mesmo os dois sicários se sentiram sufocados assim que passaram pela porta. Nos círculos dos funcionários do hospital, aquela sala era conhecida como "O Morredouro". Muitos entravam ali, mas poucos conseguiam sair caminhando com seus próprios pés. Naquela sala concentravam-se todos os casos para os quais não havia esperança ou, mais frequentemente, meios materiais para a cura. Algumas doenças que nos velhos tempos não teriam requerido mais que alguns dias de hospitalização, no máximo, eram, no Morredouro, fantasmas temíveis que ceifavam vidas diariamente. Aquilo não era o inferno, mas algo muito pior. Era a sala para onde se afastavam os desenganados, para que o resto não tivesse de vê-los e pudesse continuar vivendo e fingindo que tudo ia dar certo, e que não aconteceria nada de ruim.

Na espaçosa sala alinhavam-se uns cinquenta leitos, ordenadamente dispostos em duas fileiras, separadas por um amplo corredor central. A maior parte dos leitos estava ocupada, exceto um ou dois, cujos colchões estavam enrolados e os estrados tomando ar. Basílio reparou que um daqueles colchões tinha uma mancha escura que só podia ser sangue, mas não se deteve muito nisso. Seu olhar pulava de um leito a outro, tentando encontrar o rosto da freira no meio daquela multidão agonizante.

Duas enfermeiras, no outro canto da sala, inclinavam-se naquele momento sobre um paciente que parecia estar sofrendo algum tipo de crise ou algo parecido. Subitamente, uma das enfermeiras se afastou e saiu pela porta do fundo, com certeza em busca de um médico ou de mais enfermeiras. A outra estava de costas, de modo que não podia ver que Basílio e Eric tinham parado no meio do corredor e que o belga abandonava a cadeira de rodas e rapidamente, com uma Beretta na mão, colava seu corpo rente à parede, vigiando as duas portas.

Basílio não perdeu tempo. Colocando a mão no bolso, tirou a seringa de morfina e se aproximou do leito onde jazia, inerte, Irmã Cecília. O antigo marinheiro metido a chefão mafioso observou-a por um segundo. A velha parecia ter encolhido no período de poucas semanas, e fazia Basílio se lembrar de um enorme casulo de inseto, principalmente com aquela gigantesca bandagem na cabeça. Lamento, velha, pensou, enquanto segurava com uma mão o gotejador que lentamente administrava soro à freira, e aproximava a seringa do corpo dela. Não é nada pessoal, mas não

devia ter se metido. Teria sido mais sábio se...

BANG! Aquele som, como um tiro de canhão amplificado um milhão de vezes por conta do tamanho daquela imensa sala, tirou Basilio Irisarri de seus pensamentos. Surpreso, voltou os olhos para Eric, que naquele momento atirava de novo com a Beretta, em uma rápida sequência de três tiros, enquanto se abaixava. Na porta do fundo da sala, um médico que entrava apressadamente naquele momento estacou de repente, como se tivesse trombado com uma parede de cimento, e a seguir desabou, enquanto uma bomba de sangue saía em longas pulsações de seu pescoço. O corpo de outra enfermeira jazia caído a seus pés, enquanto a AIS que estava de costas, atendendo o paciente da crise nervosa, estava caída por cima dele em um estranho e obscuro abraço mortal banhado em sangue e miolos.

— Eric! — rugiu Basilio, furioso. — Que está fazendo, caralho?

— A enfermeira nos viu! — replicou o belga, de forma estranhamente pausada, com um sorriso demente na boca. — Iam dar o alarme de qualquer jeito, Bas! O que queria que eu fizesse? — e deu de ombros, com o gesto universal de "A culpa não é minha".

Basilio sentiu a ira exalar por todos os poros de sua pele, mas não se deixou levar por ela. Em vez disso, dois pensamentos brilhavam com força na fria escuridão de sua mente. O primeiro era que não devia ter levado consigo um maluco como Eric o Belga para fazer aquele trabalho. O segundo, que tinham de sair dali o quanto antes. Ouviam-se vozes e gritos por todo o hospital, e ao longe soava uma campainha insistente e irritante, que só podia ser um alarme.

— Você cagou tudo, sabe, cara? — Basilio murmurou furioso, enquanto esvaziava rapidamente o conteúdo da seringa na via intravenosa da freira. Permitiu-se desperdiçar alguns segundos do precioso e pouco tempo de que dispunham para fugir dali para contemplar até a última gota do líquido entrar no organismo da velha. Não tinha tempo para observar com calma a velha morrer enquanto fumava um cigarro, como teria sido seu desejo, mas, pelo menos, tinha certeza de que uma vez em seu organismo tamanha quantidade de morfina, não haveria nada a fazer para salvá-la, e menos ainda no meio daquela confusão. — Está feito — guardou a seringa usada no bolso enquanto dava uma última olhada no rosto pálido de Irmã Cecília e seguia para a porta. — Vamos embora daqui antes que...

As últimas palavras de Irisarri ficaram congeladas no ar. O antigo contramestre arregalou os olhos, atônito, enquanto via duas imagens surgindo no batente da porta. Uma era uma enfermeira baixa, com intenso ruge no rosto e um decote nada regulamentar, mas a outra... Basilio reconheceria aquela figura esbelta e aqueles profundos olhos verdes em qualquer lugar do mundo. De fato, durante semanas o assaltaram em sonhos.

— É ela..., é ela... — murmurou baixinho, incrédulo. De súbito, recuperou

o controle de suas emoções e se voltou gritando para Eric. — É ela! É a outra cadela! Acabe com ela!

Com um sorriso demente que teria feito o próprio diabo tremer de pavor, o belga levantou a pistola enquanto passava a língua pelos lábios. Um segundo depois, dois rápidos tiros ecoaram em sucessão.

O Super Puma pousou com uma sacudida na praça, em meio a remoinhos de fumaça levantados pelas hélices. Assim que tocaram a terra, algo que parecia metal rasgado se ouviu dentro da cabine. Imediatamente uma série de alarmes começou a uivar, e meia dúzia de luzes vermelhas se acendeu no painel de comando do aparelho.

— Prit! Que porra foi essa? Viktor! — gritei pelo interfone, sem conseguir controlar o tom de medo em minha voz.

— Não sei! — o ucraniano limitou-se a replicar, sem dizer mais uma palavra. Todos os seus esforços se concentravam na tentativa de controle do aparelho, que, com as duas rodas da frente no chão, girava como um peão descontrolado. Tudo o que não estava amarrado ou aparafusado dentro da cabine saiu voando pelos ares, em meio aos gritos dos passageiros, que se seguravam aos assentos com todas as suas forças.

Após um interminável minuto, os giros foram se reduzindo, até que o Super Puma parou completamente. Por um longo instante não se ouviu nem um barulho dentro da cabine.

— Estão todos bem? — perguntou uma voz depois de um tempo. Um coro de grunhidos respondeu, enquanto nos levantávamos com cautela, como se temêssemos que Prit decidisse nos obsequiar com uma voltinha extra. Estávamos cheios de hematomas, mas, pelo menos, inteiros.

— Alguém pode me dizer que diabos aconteceu? — Tank perguntou.

— Pergunte ao piloto, meu comandante — replicou com parcimônia um sargento. — Eu ainda estou tentando encontrar meu estômago.

Mas Tank não pôde perguntar ao piloto, porque este, após soltar seus cintos de segurança, pulara para fora e se dirigia para a parte traseira do aparelho saltando sobre os corpos carbonizados. Depois de alguns segundos que me pareceram eternos, o familiar rosto bigodudo do ucraniano voltou para dentro da cabine.

— O rotor da cauda se soltou — disse com calma, enquanto desenroscava sua garrafa de bolso. — Não podemos decolar.

— O que quer dizer não podemos decolar? — perguntou um soldado em voz baixa. — Até quando não podemos decolar?

— Até nunca — replicou tranquilamente o ucraniano, com o mesmo tom de voz que utilizaria para falar do jogo de domingo. — A explosão do napalm ou um escombro que voou arrancou o rotor de cauda. Ou pode ter caído sozinho. Este Puma estava há meses abandonado à intempérie, de modo que é difícil dizer — coçou a cabeça, pensativo. — O que sei é que o pássaro está capute. Morto.

— Não pode consertar? — Tank o interpelou.

– Poderia – respondeu Víktor, após meditar por alguns instantes –, se tivesse uma hélice nova, um jogo completo de diferenciais, uma caixa de cervejas, dois mecânicos especialistas que me ajudassem e umas vinte horas em uma oficina. Sendo assim, acho que não, não posso – concluiu, fleumático.

– E o que vamos fazer? – ouviu-se uma voz que não podia disfarçar o medo. – Como vamos voltar?

– Arranjando outro meio de transporte, suponho – replicou Pritchenko, dando de ombros. – Não restam muitas opções.

Uma sensação gélida percorreu todo o aparelho. Não precisava ser muito esperto para perceber que nossas possibilidades de sobrevivência haviam se reduzido muito rapidamente.

– Prit – eu disse, de repente, com voz assustada –, isso significa que temos de acompanhá-los. Temos de ir com eles lá para dentro.

– Eu sei – replicou calmamente o ucraniano, como se eu estivesse falando de dar uma volta na praia.

– Como, diabos, pode estar tão tranquilo? – explodi, indignado.

– Fatalizm – disse com um sorriso triste. – Fatalismo.

– De que caralho está falando, homem?

– Veja, por um lado – ele prosseguiu, enquanto dava um longo trago de sua garrafa –, o helicóptero está avariado e não vai decolar. Por outro, ficar aqui não vai fazer que se arrume sozinho. É o destino, *panjemajo*? É o que é, e o que é tem de ser, e lamentar-se não adianta nada, *niet*?

– Sabe de uma coisa? – respondi, exasperado. – Às vezes sua mentalidade é russa demais para mim. Você me dá nos nervos!

– Ucraniana – pontuou Prit com um sorriso imperturbável. – Mentalidade ucraniana. Os russos ficam mais para o norte.

– Como quiser, Víktor, como quiser – respondi, desanimado, enquanto deixava para lá. Às vezes, como naquela, assim como tinham feito seus antepassados ao longo dos séculos, Prit mostrava sua alma de camponês eslavo e aceitava com resignação as adversidades. Sua única resposta nesses casos era apertar os dentes e seguir em frente, porque não havia lugar algum para onde retroceder.

Alguns membros da equipe já tinham aberto a porta lateral do aparelho e estavam prontos para saltar. Olhei para o portão, hesitante. De repente sentia frio, muito frio, embora o suor escorresse por minhas costas.

Tentei engolir, mas minha garganta estava seca como um deserto. Pus a mão no bolso para pegar um cigarro. Horrorizado, vi que meu pulso tremia tanto que não conseguia sequer abrir o botão. A angústia começou a me consumir, enquanto sentia uma mão invisível oprimir meu coração. Naquele estado, não seria capaz de dar sequer dois passos lá fora antes de foder tudo.

Tive uma revelação. Ia morrer ali. Minha vista estava ficando nublada, eu estava tonto, oh, meu Deus!

— Ei! Calma! — a voz familiar e alentadora de Viktor Pritchenko em meu ouvido me devolveu à realidade. O ucraniano apoiava a mão em meu ombro e me olhava fixamente, a poucos centímetros de distância do meu rosto. Com parcimônia, tirou o pacote de cigarros de meu bolso, acendeu um e o pôs em meus lábios.

— Prit, não posso ir lá para fora — minha voz soava como um grasnado. — Vão me matar, vão me pegar em menos de um segundo. Oh, caralho, não sei que diabos estamos fazendo aqui.

— Você vai conseguir — o pequeno eslavo me ajudou a levantar, enquanto com a outra mão colocava o fuzil no ombro. — Você se saiu muito bem antes, e vai se sair muito bem agora, não se preocupe. Já estivemos em lugares piores, você e eu sozinhos, e conseguimos, não é verdade?

Assenti, hesitante. Quase todos já tinham saído do aparelho, e ouviam-se gritos excitados lá fora. Tank estava nos chamando aos gritos, enquanto o resto da equipe se distribuía em suas posições.

— Lembra-se da lojinha de Vigo, onde os paquistaneses... — um sorriso aflorou no rosto de Viktor. — Ali, sim, estávamos metidos na merda mais absoluta, sozinhos, sem veículos, sem armas e cercados por esses animais, enfiados naquele maldito armário. Acho que, se saímos daquilo, isto aqui... como se diz em Espanhol? Chupado isso é!

Assenti, com um sorriso trêmulo no rosto, sentindo pena de mim mesmo. Na verdade, pensando bem, Pritchenko tinha razão. Quando nos catalogaram como "veteranos" eu tinha estranhado, mas, com certeza, devia existir pouca gente que passara tanto tempo entre os não mortos como nós e que ainda estava em condições de contar a história.

De qualquer maneira, suspirei, desanimado. Se éramos a melhor coisa que a espécie humana podia oferecer para sua salvação, então o panorama estava mais fodido do que eu achava no início.

Enfim. Dei uma profunda tragada no cigarro, enquanto observava o argentino colocar a MG 3 no tripé com ar de expert e o cansaço de quem já tinha feito aquilo um milhão de vezes. Muito bem, pensei, podia ser que estivéssemos de novo no meio daquela merda, mas pelo menos desta vez, tínhamos um plano e estávamos cercados de gente que parecia bastante competente no que fazia. E, além do mais, Viktor e eu tínhamos um ao outro, o que não era pouco. E podia ser que os rapazes do napalm decidissem dar outra passadinha por ali, para limpar a área. Talvez tivéssemos alguma possibilidade de sair com a pele intacta. Podia ser.

— Pronto? — perguntou o ucraniano, enquanto engatilhava ruidosamente seu HK.

— Pronto, colega — respondi, desembainhando minha Glock com

cautela. — Não perca meu rabo de vista, ok?

— Fique tranquilo. Lucía me mataria se acontecesse alguma coisa com você, e não estou a fim de arcar com seu gato — replicou com um sorriso. — Andando!

Saltamos para a superfície da praça, ou para aquilo que eu pensava ser a superfície da praça. Assim que apoiamos os pés fora do helicóptero, uma das minhas pernas pareceu afundar em um buraco saído da nada. Um bafu putrefato assaltou meu nariz, enquanto Pauli me observava entre preocupada e divertida.

— Tome cuidado — advertiu-me com uma expressão travessa. — Acabou de enfiar o pé nos pulmões desse pobre diabo!

Verifiquei com horror que o que achava que fosse uma superfície chamuscada da praça era, na realidade, um tapete de corpos carbonizados e fumegantes. Ao pular do aparelho, minha perna direita atravessara o tronco calcinado de um cadáver e, após despedaçar suas costelas, repousava sobre algo que possivelmente eram os restos da sua coluna. Enojado, dei um passo para trás, para liberar minha bota, o que quase me fez cair ao perder o equilíbrio.

O braço de aço de Tank me segurou com força, evitando que eu caísse entre os restos carbonizados.

— Vá com sua equipe — disse secamente, enquanto me cravava seus olhos de tubarão. — E proteja o programador. Sem ele, tudo isto é inútil.

Soltei-me, perguntando-me que diabos aquele tal de Broto sabia para ser tão importante. Dando de ombros, fui até Prit, saltando os corpos chamuscados no chão.

— Nós vamos com aqueles — indicou o eslavo, apontando para Pauli e Marcelo. — Pelo visto, temos de cuidar do programador grandalhão com cara de susto.

— Sabe por quê?

— Não tenho a mínima ideia — respondeu Víktor, com um suspiro —, mas imagino que em poucos minutos... Cuidado!

O ucraniano deu um pulo para o lado, enquanto me afastava de sua linha de tiro. Aturdido, voltei-me, bem a tempo de ver às minhas costas, a menos de três metros, que dois não mortos horrivelmente chamuscados se aproximavam de nós. Era impossível distinguir sua idade ou sexo, porque estavam em brasas, mas seus movimentos eram imensamente ágeis naquele estado.

Víktor levantou seu HK e abriu fogo contra o que estava à direita. O repique de seu fuzil quase se fundiu no mesmo segundo com as rajadas de outras armas. Nossa presença ali estava atraindo a atenção de todos os não mortos que ainda estavam em pé na praça.

O napalm acabara com a maioria, mas restavam umas boas três ou quatro dezenas de monstros que pouco a pouco iam se aproximando, fechando um círculo de morte em volta do helicóptero. O rugido dos HK se misturava com o latido seco das Glock, tudo isso pontilhado ao fundo pelos soluços cadenciosos da MG 3, que o argentino disparava em rajadas curtas e espaçadas.

Nossos dois não mortos estavam terrivelmente perto, e apenas Víktor e eu os enfrentávamos. O resto da equipe estava tão aflita quanto nós, atirando em outras direções, e ninguém prestava atenção em nada além de seu entorno imediato. O estrondo era ensurdecedor, e isso atraía mais e mais não mortos, à medida que os primeiros iam caindo.

A primeira rajada de Pritchenko abriu um monte de buracos no peito do não morto. Por um momento, ele cambaleou para trás, sacudido pelos impactos, mas continuou avançando, ameaçador. Retificando o tiro, o ucraniano apontou cuidadosamente para a cabeça, e com outra curta rajada transformou-a em uma polpa viscosa que espirrou em todas as direções. O não morto desabou como um fardo, mas Prit já não prestava mais atenção nele. Parcimoniosamente apontou para o outro e, após inspirar profundamente, apertou o gatilho.

Um clank metálico nada promissor saiu de sua arma. Por um instante ficamos congelados, enquanto o não morto se aproximava.

– Travou! – gritou o ucraniano. – Caralho, travou! Atire nesse, rápido!

Como em um sonho, levantei a Glock inconscientemente. Vi meu polegar liberar a trava, como o instrutor em Tenerife me ensinara. Por um instante, toda minha atenção se concentrou no ser que avançava para nós. Pouco a pouco, o som dos tiros que nos cercava foi desaparecendo para mim, assim como o resto do mundo. Só existíamos no universo aquele monstro carbonizado, a mira da pesada Glock e eu.

Ouvi minha respiração. Senti meu indicador pressionar lentamente o gatilho.

Atirei.

E, como resposta, apenas um horrível e abafado clank metálico saiu da arma.



A primeira coisa que chamou a atenção de Lucia foram os tiros. Depois, ao cruzar as pesadas portas anti-incêndios com aquele 12 vermelho pintado em cada folha, foi o silêncio estranhamente pesado que reinava na sala dos pacientes. A seguir, seu olhar pulou para o corpulento enfermeiro que, de costas para ela, estava inclinado sobre a cama de Irmã Cecilia com a cabeça quase colada à da freira, como se estivesse lhe contando um segredo especialmente importante.

Mas, antes que sua mente pudesse pensar mais naquilo, captou um movimento com o rabo do olho. Colado à parede da direita deslizava, naquele momento, um sujeito ruivo que escondia a mão direita atrás do corpo.

Esse cara está parecendo um cavalo no cio, teve tempo de pensar, desconcertada e divertida, antes que o ruivo (que se parecia muito com o vocalista dos Spin Doctors) tirasse a mão de trás das costas e lhe apontasse uma pistola preta fosca.

O tempo não podia parar, Lucía tinha certeza. Pelo menos, estava certa disso até cinco segundos depois de abrir aquela maldita porta. Porém, no instante em que o ruivo apertou o gatilho pela primeira vez, Lucía sentiu que o tempo havia parado, ou pelo menos se transformado em algo extremamente pastoso e denso, como bala derretida.

O primeiro tiro levantou uma explosão de lascas junto à sua orelha direita. Isso bastou para tirá-la de seu aturdimento e, mecanicamente, dar um passo para trás, colocando-se fora do alcance do tiro. Porém, Maite permaneceu em pé na porta, estupefata, com o copo da imitação de café inutilmente apertado contra o peito, enquanto seu olhar não conseguia se afastar do atirador, que avançava correndo pela lateral da sala, levantando de novo a arma.

O segundo tiro acertou Maite um pouco abaixo do coração, com força suficiente para erguer a pequena AIS no ar durante um segundo, em meio a um festival de sangue e café derramado em todas as direções. Finalmente, fazendo uma pirueta que não teria destoado no balé russo, voou contra a lateral da porta e dali deslizou para o chão, onde ficou imóvel, sem perder, em nenhum momento, a expressão de espanto nos olhos.

— Essa não, imbecil! A outra! É a outra! A alta! — Lucía ouviu o suposto enfermeiro dizer.

Uma chicotada de compreensão sacudiu a mente de Lucía ao ouvir aquela voz. Soube imediatamente que a vida da freira já estava condenada. E também que, se não fugisse, sua vida não duraria muito mais.

Soltando um gemido de medo que só ela pôde ouvir, Lucia saiu em disparada pelo corredor por onde chegara.

O hospital era um caos absoluto. Os alarmes soavam por todo lado, enquanto grupos de homens armados (alguns uniformizados e outros não) cruzavam com dezenas de doentes arrastados pelo pânico, médicos confusos e zeladores descontrolados.

— São os Froilos! São os malditos Froilos! — berrava um indivíduo vestindo uniforme militar que Lucía não pôde reconhecer, enquanto levava atropeladamente para dentro do edifício um grupo de soldados.

De outra parte do edifício chegou uma série de soluços longos que Lucía reconheceu imediatamente como rajadas de HK. A seguir, ouviu-se uma explosão amortecida e o repique de outro tipo de arma que a jovem não pôde identificar (mas que Pritchenco, se estivesse ali, teria reconhecido sem nenhuma dúvida como um AK 47). O caos de gente dentro do edifício e a paranoia de uma infiltração dos Froilos haviam feito dois grupos de segurança começarem a atirar entre si. Em poucos minutos aquilo seria um maldito hospício.

Uma maca surgida não se sabe de onde acertou a jovem no quadril e a derrubou no chão. Lucía segurou um palavrão, enquanto uma dor quente subia por sua perna, como se lhe tivessem aplicado um ferro em brasa. Enquanto se levantava, aproveitou para dar uma olhada no corredor que levava à Sala 12. No meio do tumulto e do tiroteio, conseguiu ver o ruivo da pistola ao lado de Basilio Irisarri. Este, por sua vez, viu-a e, dando uma palmada no ombro do pistoleiro para que o seguisse, começou a abrir caminho por entre a multidão aglomerada.

Lucía não perdeu tempo. Segurou-se na maca com as duas mãos e se levantou, aproveitando o movimento para derrubar aquele traste no meio do corredor. Contava com a vantagem de que pelo menos conhecia o interior do hospital, porém, tinha menos força para abrir caminho por entre as dezenas de pessoas que corriam enlouquecidas em todos os sentidos. Sem se atrever a olhar para trás, sabia que seus perseguidores, à base de empurrões, se aproximariam pouco a pouco.

Lucía chegou a um cruzamento de corredores. Sabia que, se fosse para a direita, chegaria à porta de acesso e dali para o lado de fora. Acreditava que, apesar da bagunça reinante, haveria algum tipo de guarda na porta. Eram apenas cem metros por aquele corredor.

Uma rajada de metralhadora quase lhe arrancou a cabeça assim que pôs o pé no corredor. Seguindo um instinto automático, jogou-se ao chão. De suas costas surgiram mais tiros, em direção ao ponto de onde tinham saído os primeiros projéteis. Antes que entendesse o que estava acontecendo, Lucía e mais cinquenta pessoas viram-se presas em um fogo cruzado entre dois grupos que não paravam de vociferar ordens e instruções.

Saia daqui, ou pode se considerar fodida, pensou, rangendo os dentes, enquanto se arrastava para uma porta lateral. Um enfermeiro que ela não conhecia desabou ao seu lado, com a cabeça escancarada por um tiro. O ar

cheirava a pólvora, sangue e fezes, e os gritos de dor dos feridos se misturavam aos gritos histéricos dos mutilados por alguma explosão.

Um capitão da Guarda Civil com a jaqueta desabotoada, saído sabe Deus de onde, tentava pôr ordem naquele caos, enquanto se esgoelava gritando.

— Cessar fogo! Estamos atirando nos nossos, caralho! — seu gesto pareceu pôr ordem nas coisas por um momento, e alguns dos atiradores atarantados pararam de atirar.

Lucía sentiu uma súbita sensação de alívio. Finalmente, havia alguém que parecia segurar as rédeas da situação. Começou a se arrastar em sua direção, mas deteve o movimento no meio do caminho ao ver surgir ao lado do capitão o rosto sorridente do ruivo que matara Maite.

Com um gesto elegante, como um cabeleireiro que tira um fio de cabelo da camisa de seu cliente após um bom corte, Eric levantou sua pistola e atirou a menos de um centímetro da nuca do desprevenido capitão. O guarda-civil caiu fulminado, enquanto uma enorme fonte vermelha brotava aos borbotões de sua nuca. Os seguranças que tinham parado de atirar tentaram mirar no pistoleiro, mas, antes que conseguissem, uma rajada de metralhadora saída do outro lado do corredor varreu três ou quatro deles.

O caos explodiu novamente. Os guardas se esqueceram totalmente do atirador solitário e se concentraram de novo no grupo que os fustigava desde o início, ocasião que Basilio Irisarri aproveitou para pegar um dos HK caídos no chão.

— Ela foi por ali! Entrou por aquela porta! — ele disse.

Cantarolando uma musiquinha, Eric o Belga passou por cima do cadáver sangrento do guarda-civil e se dirigiu à porta, seguido de perto por Basilio, enquanto checava o carregador da arma. Sentia a braguilha em ponto de bala e uma sensação de intensa felicidade percorria seu corpo. Enquanto atravessava rapidamente o fogo cruzado, a imagem de si mesmo se masturbando sobre o cadáver daquela cadelinha lhe arrancou um luminoso sorriso.

Durante um interminável segundo fiquei congelado, contemplando a Glock como um espantinho, incapaz de compreender o que estava acontecendo. A maldita pistola não atirava. Porém, não houve tempo para muito mais. O não morto se jogou em cima de Viktor, que, atarefado, tentava trocar o carregador de seu HK. Com um rugido gutural, o semi carbonizado não morto pegou o pequeno ucraniano pelo ombro e se jogou em cima dele com intenções assassinas.

Foi só o acaso que salvou Pritchenko de uma morte certa. Em um ato reflexo, levantou o fuzil e, utilizando-o como se fosse uma estaca, cravou violentamente a boca do cano no peito do não morto, o que jogou os dois de costas. O não morto ficou imobilizado de repente, com certeza com alguma costela quebrada por causa da pancada, mas Prit, pego no contrapé, cambaleou e caiu de costas no chão da praça, totalmente indefeso.

Aquela era a única oportunidade de que o não morto necessitava. Deixando-se cair de joelhos, desabou sobre meu amigo, que lutava para se livrar daquele abraço mortal. Como em câmera lenta, eu podia ver os dentes do Podre (perfeitamente visíveis porque os lábios estavam reduzidos a uma estreita e horrorosa careta por causa do fogo) estalando como uma armadilha para urso a poucos centímetros do rosto do eslavo, pálido de terror.

– Tire-o de cima de mim! Dobai, Dobai! – gritava Viktor, fora de si.

Correndo, dei um violento pontapé em um dos lados do não morto, descarregando todo meu peso no pé. Aquele chute teria bastado para deixar sem fôlego e meio morta uma pessoa normal, mas, infelizmente, os seres que estavam a nossa frente eram feitos de outra matéria. O não morto, desequilibrado por meu chute, soltou Viktor por uns segundos, que o ucraniano aproveitou para fugir rastejando.

Naquele momento, toda a atenção do monstro estava focada em mim. Dei uns passos para trás, aumentando a distância, enquanto o não morto se levantava com dificuldade. Viktor se postou silenciosamente atrás dele, com sua gigantesca faca de caça desembainhada, pronto para cortar seu pescoço.

Antes que o eslavo pudesse fazer um único movimento, um vulcão em miniatura se abriu em uma das têmporas do não morto, salpicando restos de matéria orgânica por todos os lados. O corpo desabou como um fardo, e Viktor e eu ficamos por uns instantes frente a frente, estupefatos e imensamente aliviados por estarmos vivos.

– Estão brincando de que, porra? – a voz de Pauli nos sobressaltou, e por um breve momento me pareceu o som mais delicioso sobre a face da terra.

A pequena catalã estava com um joelho apoiado em terra, e do cano de

seu HK ainda saía um fiozinho de fumaça azulada. Fora ela quem, providencialmente, atirara no não morto, e agora nos observava com uma expressão de sarcasmo nos olhos.

– Vejo que vocês dois gostam de um corpo a corpo – havia escárnio em sua voz. – Mas deviam saber que esse negócio de rolar com monstros e de muito mau gosto – levantou-se com dificuldade enquanto sacudia o pó de seu joelho. – E, além do mais, podiam pegar alguma coisa ruim, mas, enfim, vocês é que sabem.

– Essa maldita escopeta travou – reclamei indignado, enquanto apontava para o HK de Prit –, e minha pistola não funcionou muito melhor – sacudi a Glock diante do seu nariz. – De modo que não me venha com gracinha, caralho!

– Para começar, não é uma "escopeta", é um fuzil – Marcelo corrigiu, enquanto esfregava seu ombro direito, dolorido por conta das contínuas rajadas da MG 3. – Além do mais, como conseguiram travar duas armas ao mesmo tempo? Nunca vi uma coisa dessas em toda minha vida!

Como resposta, estendi-lhe minha Glock, com cara de poucos amigos. O portenho tirou o carregador e o examinou atentamente. A seguir, levantou o rosto, com uma expressão de incredulidade. – Você tirou a primeira bala, imbecil?

– Eeehh... sim – respondi, sentindo de repente meu sangue se aglomerar no rosto. Caralho.

Apesar do rápido período de instrução nas Canárias, eu não tinha conseguido vencer o medo de que a pistola disparasse acidentalmente enquanto a desembainhava, por isso optei por tirar a primeira bala do pente, para que não ficasse nenhuma bala na agulha.

Apesar de eu saber perfeitamente que devia engatilhar a arma antes de atirar, na confusão daquele momento me esquecera por completo. Se a Glock não tinha disparado fora somente por minha negligência. Senti tanta vergonha que, por um segundo, desejei que aquele churrasco de não morto que jazia aos meus pés me tivesse matado.

– Que tipo de gente mandaram conosco? – comentou em voz alta um dos legionários mais jovens, cuspiendo no chão com desdém. – Amadores!

– Cuidado com o que diz, moleque – Prit encarou o legionário com um perigoso brilho homicida cintilando em seus olhos azuis. – Quando você ainda brincava no pátio da escola, eu já degolava muyahidin na Chechênia – a voz do ucraniano era gélida e controlada. De repente, me dei conta de que ele seria capaz de estripar ali mesmo aquele legionário linguarudo se lhe desse o menor pretexto. Prit apontou para mim com a mão. – Esse sujeito passou mais coisas dessas do que você pode imaginar, e saiu de situações nas quais você teria se cagado de medo; portanto, feche essa boca, ok?

O legionário deu uma olhada para o lado, buscando apoio, mas o resto de

sua equipe estava longe, alheia a nossa discussão. Engoliu em seco ruidosamente e levantou as mãos, conciliador.

— Calma, cara! Só espero que saibam cuidar do próprio rabo, porque eu não pretendo mexer um dedo por vocês, ok? — e dando meia-volta, dirigiu-se, com o rabo entre as pernas, para a porta do depósito onde íamos entrar.

— O que aconteceu com seu HK, Prit? — perguntou Pauli, sem prestar atenção ao que acabava de ocorrer. — Esse traste travou?

Como resposta, o ucraniano tirou o carregador e puxou o percutor do HK, fazendo um brilhante projétil sair voando. A bala caiu no chão tilintando, e Víktor a recolheu rapidamente, entregando-a a Pauli.

— Ah, merda! É da série 48! — exclamou a catalã, preocupada, passando o projétil para Marcelo. O argentino examinou-o e fez uma careta.

— Está mal calibrado, caralho!

— O que foi, Marcelo? — perguntei, inquieto. Era evidente que alguma coisa não estava certa, mas que me matassem se eu fosse capaz de adivinhar de que diabos se tratava.

— Desde que tudo foi para o caralho, consumimos quantidades enormes de munição enfrentando os não mortos — Pauli explicou, enquanto checava seu carregador apreensivamente. — Cada incursão representa o gasto de centenas de cartuchos insubstituíveis. Há seis meses, não tivemos mais remédio que começar a fabricar nossos próprios projéteis, já que os arsenais tinham atingido um nível crítico. O problema foi que nas Canárias não havia a maquinaria necessária para fabricar as cápsulas com o grau de precisão necessário, de modo que foi preciso fabricá-las do zero.

— Mas isso é bom, não é?

— Nem tanto — Pauli respondeu, com uma expressão cansada. — Nem todo o material produzido atinge o padrão de qualidade, e de vez em quando passa um lote defeituoso de munição. Perdemos dois grupos de exploração até descobrir o que estava acontecendo. Supunha-se que nossa munição tinha sido testada várias vezes antes de ser embarcada no avião, mas, pelo visto, isso não aconteceu.

— Um erro? — perguntou David Broto, inocentemente. O programador superara bastante bem seu primeiro contato com os não mortos, e parecia inteiro, dadas as circunstâncias.

— Ou uma sabotagem — comentou em tom lúgubre um dos sargentos, enquanto checava outro carregador. — Este também está com defeito! Filhos da puta!

— Os Froilos? — Broto inquiriu.

— Os Froilos, pode ser. Quem sabe? — Marcelo esticou-se como um gato, se levantou e começou a caminhar para sua MG 3. — A única coisa que sei é que Tank não vai gostar nada disso tudo.

Sabotagem? Minha cabeça girava. Por que isso? Antes que tivesse tempo de formular qualquer pergunta, Tank caiu como um míssil no meio do nosso grupo, ladrando ordens.

– Que, caralho, estão fazendo aqui parados? Corram, porra, corram! – pegou um dos legionários pela tira da mochila e o arrastou em direção ao edifício. – Temos pouco tempo!

Tropeçando com a mochila, levantei-me e comecei a seguir o resto do grupo em direção à enferrujada escada de emergência do depósito que ficava a poucos metros.

Com um calafrio, compreendi que, se a maior parte de nossa munição era defeituosa, teríamos um problema, e muito cabeludo, aliás.

Subitamente, tive o pressentimento de que bem poucos daquele grupo veriam a luz do dia seguinte.

O corredor onde Lucía estava pertencia a uma ala do enorme complexo hospitalar totalmente desconhecida para ela. Em contraste com o resto do edifício, naquele corredor iluminado por um exército de lâmpadas fluorescentes não havia absolutamente ninguém. De fato, não havia nem uma só maca, nenhuma cadeira de rodas, nada. Nem mesmo uma maldita porta para se esconder atrás, pensava Lucía furiosamente enquanto percorria a longos passos o corredor. A pancada que levava no quadril minutos antes estava latejando, e tinha certeza de que em poucas horas teria um lindo hematoma, mas aquilo não lhe importava muito.

O som do tiroteio chegava amortecido através de uma pesada porta isolante dupla que acabava de ultrapassar, mas podia ouvir perfeitamente as vozes excitadas de seus perseguidores. Suando, redobrou o ritmo, desejando que a qualquer momento aquele corredor desembocasse em uma Área Segura, ou, melhor ainda, lá fora.

Ao virar uma esquina, Lucía parou de repente em frente a um posto de segurança atravessado por um grande arco detector de metais. Estava abandonado, não se via viva.

Em cima de uma mesa havia um jornal, ao seu lado, uma xícara daquele café, meio cheia, ainda fumegava. Um rádio colocado sobre uma pilha de pastas tocava uma música leve em um volume muito baixo. Dava a sensação de que os vigilantes daquele posto de controle tinham saído correndo rumo ao corredor principal quando os alarmes dispararam. Provavelmente era um dos grupos que estavam trocando tiros ao lado da porta.

Apressadamente, passou a mão por cima da mesa em busca de alguma arma, jogando uma montanha de papéis no chão. A única coisa que encontrou foi um carregador de pistola e um pequenino canivete.

Maldição, disse em voz alta enquanto tentava abrir, sem sucesso, as gavetas da mesa. Pense em alguma coisa rápido, Lucía, senão você está fodida. Fodida de verdade.

Seu olhar se deteve em um colorido pôster que mostrava alguns soldados sorridentes distribuindo rações de emergência do Exército em um caminhão com a legenda "A III República Espanhola vela por você". Embaixo do pôster havia um arquivo com a gaveta superior aberta. Ao que parecia, os guardas dali tinham saído tão apressadamente que se esqueceram de trancar aquela gaveta.

Com o coração apertado Lucía inspecionou a gaveta. Com desânimo, comprovou que só havia um punhado de cartões magnéticos e uma tabela de controle, na qual alguém anotara à mão uma série de nomes e de horas. Lucía imaginou que era um registro de quem havia recebido os cartões. Justo



quando ia guardar a tabela, notou que uma mão diferente anotara algo na parte superior: 71410NK.

Com um gesto rápido, arrancou a folha e a guardou no bolso, enquanto saía correndo de novo pelo corredor. Os passos de seus perseguidores já se ouviam mais perto.

Depois de poucos metros parou, hesitante, em frente de umas escadas, enquanto engolia em seco. Durante todo o tempo acreditara que aquele corredor ia dar no lado de fora, mas a única coisa que tinha diante de si eram escadas que desciam. Sabia muito bem que estava no térreo do edifício, de modo que aqueles degraus só podiam levar para o porão.

Oh, não, porra, de novo o porão de um hospital não, por favor. A situação, pensava, era tão absurda que parecia cômica. Qual é a probabilidade de eu ter de me refugiar duas malditas vezes no porão de um hospital para salvar minha vida?

Poucas, imaginou. Possivelmente menos do que as de ganhar na loteria. Talvez as mesmas de ser acertada por um raio. Quem, caralho, se importava com aquilo? A verdade era que se não fosse lá para baixo, aqueles dois malucos a pegariam. E o olhar daquele sujeito ruivo a fizera sentir-se terrivelmente assustada... e suja. Não queria ficar para discutir com ele.

Com resignação, começou a descer as escadas. Era um lance grande, escrupulosamente limpo e muito bem iluminado. Um ténue cheiro de sabão hospitalar flutuava no ar, e não fosse pela total ausência de janelas (e de pessoas, anotou mentalmente), seriam escadas totalmente banais.

Desceu lance após lance até chegar à parte inferior. Aquela região tinha um tipo de azulejo diferente no chão e nas paredes, de cor esverdeado-clara bastante feia, mas de resto não se diferenciava em nada do corredor superior. Só umas flechas vermelhas desenhadas na parede e um símbolo que Lucía não soube identificar davam um ar especial àquela área.

Arfando, Lucía parou por alguns segundos tentando recuperar o fôlego. Um doloroso ponto na lateral de seu corpo a estava incomodando fazia alguns minutos e sentia que, se não parasse um pouco, seu coração explodiria. O ruído de passos descendo pelas escadas a toda velocidade a convenceu de que tinha de continuar em frente. Sem hesitar, começou a seguir as flechas do corredor, enquanto uma vozinha em sua mente lhe perguntava insistentemente que diabos pretendia fazer se encontrasse um beco sem saída.

Finalmente, desembocou em uma espécie de sala quadrada onde havia uma pesada porta de aço com o mesmo símbolo desenhado que vira no corredor. Aquela emblema fazia Lucía se lembrar de alguma coisa que tinha visto em alguma ocasião, mas estava tão assustada que sua cabeça se negava a fornecer o maldito dado.

Ao lado da porta havia um painel com uma série de botões e uma

ranhura. Lucía se aproximou para examiná-lo. Era um teclado alfanumérico, muito parecido com o de um celular, com cada tecla correspondendo a várias letras e números. Sem hesitar um minuto sequer, tirou o cartão magnético do bolso e o inseriu na ranhura. Imediatamente uma tela se iluminou e mostrou uma mensagem de boas-vindas, ao lado da foto digitalizada de um médico jovem, grisalho e de ar distraído por trás dos óculos.

BOA TARDE, DR. JURADO.  
INSIRA SEU CÓDIGO DE ACESSO, POR FAVOR

Lucía ficou paralisada por um instante. De repente, recordou o garrancho desenhado na tabela de controle. Com dedos trêmulos, tirou o papel do bolso e digitou o código no teclado. A tela ficou em branco por um milissegundo e a seguir apareceu uma nova mensagem.

CÓDIGO INCORRETO.  
RESTAM DUAS (2) TENTATIVAS ANTES DO BLOQUEIO.  
INSIRA O CÓDIGO DE ACESSO, POR FAVOR

Lucía passou a mão na testa para afastar uma mecha suada de seus olhos. Caralho, você não é capaz nem de digitar um maldito código direito. Acalme-se de uma vez por todas, caralho.

Tentou de novo, com toda a calma que lhe foi possível, certificando-se de que desta vez estava digitando certo. Depois de apertar o ENTER, a tela tornou a ficar em branco.

CÓDIGO INCORRETO.  
RESTA UMA (1) TENTATIVA ANTES DO BLOQUEIO.  
INSIRA O CÓDIGO DE ACESSO, POR FAVOR

Por um instante sentiu um punho de gelo formando-se em seu estômago. Se aquela anotação na tabela não era o código, então, estava acabada. Aquela maldita máquina não lhe daria mais oportunidades, e, por outro lado, não tinha muito tempo. Os passos já estavam bem perto. De repente, deu um soco na porta. Que imbecil! O antepenúltimo caractere do código não era um "O", e sim um zero. Digitou pela terceira vez, agora com os dedos voando sobre o teclado, enquanto Basílio Irisarri, respirando como um fole, aparecia virando uma esquina. A tela brilhou pela terceira vez e apareceu

uma nova mensagem:

CÓDIGO CORRETO.  
BEM-VINDO AO ZOO™, DR. JURADO.  
TENHA UM BOM-DIA

A porta se abriu com um assovio. Lucía teve o tempo exato para entrar antes que uma rajada de HK fizesse voar o gesso da parede onde estivera apoiada. Uma das balas acertou o painel de controle, que explodiu com um estouro abafado e um leve cheiro de circuito chamuscado. Lucía tentou fechar a porta, mas o sistema mecânico estava absolutamente frito. Sentindo a morte em seus calcanhares, Lucía voltou-se para o interior daquela sala. Enquanto isso, uma parte remota de sua mente, que se esforçava para recordar o significado do símbolo que havia na porta de segurança, disparava um alarme.



As escadas em caracol tremiam sob nossos pés à medida que subíamos para o terceiro andar, em meio a estalos nada tranquilizadores. Pequenos jorros de ferrugem caíam das juntas conforme os membros da equipe subiam lance após lance. Dava a sensação de que aquela escada já era pouco usada mesmo antes do Apocalipse, possivelmente por conta de seu mau estado. Todas as superfícies, até onde a vista alcançava, estavam cobertas por grossa camada de cinza e pó, que se levantava quando passávamos em forma de nuvens brancas que nos faziam espirrar e dava um aspecto irreal e um tanto sinistro à atmosfera. Alguém lá atrás ia assoviando entre dentes, nervoso. Era angustiante.

Finalmente chegamos ao terceiro andar. Uma porta de emergência, reforçada por uma corrente de elos grossos, interceptava nossa passagem naquele ponto. Sentei-me, sem fôlego, em um dos últimos degraus, assim como a maioria do grupo. O ar extremamente seco, o calor gerado pela bola de napalm e o pó que remoinhava a nossa volta nos provocava uma sede terrível.

Com mãos desajeitadas desenrosquei o cantil e dei uns goles longos. Resfolegando, passei o cantil a Broto, que desabara seus bons cento e tantos quilos ao meu lado, fazendo toda a estrutura trepidar. O programador bebeu durante um longo tempo. Fascinado, eu não conseguia afastar meu olhar de seu pomo de adão, que subia e descia enquanto ele matava meio cantil como se fosse uma taça de licor. Finalmente respirou, e me devolveu o recipiente, com um longo arrote e um sincero "obrigado".

— Como vamos abrir essa maldita porta? — perguntou, após um tempo de agradável silêncio.

— Não faço ideia, mas não tenho a menor dúvida de que Tank deve ter pensado nisso — respondi, buscando inutilmente um cigarro dentro da minha mochila. Lembrei-me, de repente, de que meu último pacote ficara em um dos bancos do Super Puma que nos levava até ali.

— Para trás! Todos para trás! — um dos legionários estava desenrolando um cabo que saía de uma substância plástica que um de seus colegas colocara em volta do batente da porta até um ponto situado dois degraus mais embaixo. Naquele momento estava conectando-o a uma caixa metálica do tamanho de um pacote de cigarros com um botão na parte superior.

— Merda! Isso vai fazer muito barulho. Vamos sair daqui, colega — Prit disse baixinho, enquanto ajudava Broto a se levantar. O catalão enroscara sua mochila entre duas barras da escada e parecia um enorme caracol preso, tentando inutilmente se libertar. Com um puxão, os dois juntos o levantamos e abandonamos aquele descanso.

Pusemo-nos atrás do legionário que operava o detonador. Após se

certificar de que não havia mais ninguém no andar superior, ele levantou a trava do botão. Abri um pouco a boca, antecipando-me à explosão, conforme haviam me ensinado no curso acelerado nas ilhas, para não ferir meus tímpanos.

Justo nesse instante ouviram-se umas rajadas de metralhadora na parte baixa das escadas, junto com uns gritos excitados. Os não mortos tinham começado a subir, e o pessoal da parte de trás da coluna estava acabando com eles. Sua posição era vantajosa, mas com a pouca munição que tínhamos não poderíamos mantê-los na linha por muito tempo.

Algo do gênero deve ter pensado o responsável pela detonação. Com um movimento do punho apertou o botão. Uma explosão surda, abafada, e uma nuvem de fumaça de cheiro químico chegaram do andar superior. Um pedaço de cimento de dimensões consideráveis saiu disparado por cima da balaustrada e caiu sobre a massa de não mortos da praça, mas isso foi tudo, pelo menos pelo que podíamos ver dali.

— Vamos subir! — ouvi Tank rugir do centro da coluna. — Pessoal aí da frente, andando, caralho!

Prit e eu nos olhamos. Como tínhamos sido os últimos a descer, éramos os primeiros da fila, junto com o responsável pela detonação e o suado programador. O resto tinha sido mais esperto e nos "cedido" gentilmente a vanguarda, ocupados que estávamos levantando Broto. Que trabalheira!

— Estamos fodidos, não é, colega? — perguntei, desolado, enquanto vestia, inconscientemente, a parte superior do neoprene.

— Quem sabe — respondeu o ucraniano com um sorriso tenso no rosto, enquanto checava pela enésima vez o carregador de seu HK. - Quem sabe. Mas, por via das dúvidas, não saia de perto, ok?

E com passo decidido subiu o último lance de escada, pronto para entrar no edifício.

Lembrando-me de todos os mortos sob o comando de Tank, subi o último lance grudado em Viktor. O patamar estava como o tínhamos deixado apenas uns segundos antes, exceto a porta, que parecia ter sido arrancada da parede pelo soco de um gigante. Nas dobradiças restavam apenas dois enormes buracos, de onde saía uma fina chuva de concreto e tijolo triturado. A porta jazia retorcida encostada na balaustrada onde um momento antes estávamos apoiados.

Prit ajoelhou-se diante do vão da porta, com o HK apontado para dentro. Resfolegando, coloquei-me ao seu lado, esperando seu movimento seguinte. Eu sabia muito bem que o ucraniano encararia a situação muito melhor que eu.

— Aí dentro está mais escuro que o cu de um grilo — suspirou baixinho.

— Espere — repliquei, voltando-me para trás. — Broto! Broto! Puta que pariu, Broto! Venha aqui, porra!

O catalão trotou até nossa posição, deixando seu fuzil cair no caminho. Assustado, parou para pegá-lo, batendo com sua mochila num legionário que estava bem atrás dele. Uma torrente de palavras acompanhou o pobre programador até nossa posição.

– Ei, cara – eu disse quando ele se ajoelhou ao meu lado, apoiando a mão em meu ombro. – Procure se acalmar, ok? – Broto assentiu com a cabeça, enquanto seus olhos giravam exorbitadamente em todas as direções. Era evidente que naquele exato momento ele preferiria estar em qualquer outro lugar do mundo, em vez de naquela escada nojenta.

– Tem uma lanterna em sua mochila? – perguntei.

– S-s-s-sim – Broto respondeu, vasculhando-a. Após uma furiosa busca, tirou triunfalmente uma Polar Torch, muito parecida com a que eu levava comigo fazia uma eternidade, no dia em que me vira no dilema de fugir de casa, em Pontevedra, ou ficar ali até morrer de fome.

Agitei a lanterna, como de costume, e a liguei, apontando para dentro do recinto. A fumaça e o pó levantado pela explosão ainda não haviam se dissipado por completo, e milhões de pequenas manchinhas dançavam enlouquecidas no fecho de luz que projetei lá para dentro, refletindo-se em um milhão de direções.

De repente, uma sonora explosão sacudiu a atmosfera e toda a escada tremeu com violência, seguida de um estalo impressionante, como se uma gigantesca folha fosse rasgada ao meio.

– O que foi isso? – perguntei, alarmado.

– Acho que explodiram um lance de escada um pouco mais abaixo – Prit respondeu, após dar uma olhada por cima da balaustrada. Ao se apoiar no ferro enferrujado, este cedeu com um gemido, soltando uma nuvenzinha de ferrugem. O ucraniano retrocedeu cuidadosamente, olhando com desconfiança para todo o descanso da escada.

– Toda esta estrutura de merda pode vir abaixo a qualquer momento, sem necessidade de mais explosivos – afirmou, enquanto se aproximava da porta arrastando nossas mochilas. – Vamos sair daqui antes que seja tarde demais!

Viktor estava certo. A velha estrutura, já em ruína antes de nossa chegada, agora estava no limite. O intenso calor do napalm e as vibrações produzidas por nossa equipe ao subir tinham deixado as escadas à beira do colapso, mas a explosão para detonar um lance de degraus e impedir o acesso dos não mortos fora a gota d'água. Toda a estrutura rangia e tremia, prestes a ruir, enquanto jatos de pozinho de cimento caíam por todo lado.

– Vamos embora daqui! – gritou alguém atrás, e aquele grito pareceu esporear os legionários para a porta. Julguei reconhecer a voz de Marcelo e a de Tank incitando seus homens a subir a escada, mas não fiquei lá para comprovar.

Os parafusos que fixavam a escada ao edifício começavam a pular para fora com um som metálico, transformados em perigosos projéteis metálicos de doze centímetros de comprimento, e a situação só piorava. Um trecho situado mais acima se soltou com enorme estrondo e caiu quicando por vários andares até se arrebentar no chão, várias dezenas de metros abaixo. Ouvi um uivo de dor quando alguém foi atingido por um fragmento de aço, mas não pude distinguir de quem se tratava. A nuvem de pó que já nos envolvia não me permitia ver além de meio metro.

Segurando uma manga da camisa de Broto, pulei para dentro do edifício. Víktor nos seguia, pulando como um perdigueiro, e bem atrás dele aglomeravam-se duas dúzias de aterrorizados legionários, na superfície cambaleante da estrutura. De repente, todo mundo queria ser o primeiro a entrar no edifício.

O interior estava escuro como o fundo de um poço à meia-noite, mas maravilhosamente fresco comparado com o exterior. Apesar da lanterna, quase não se podia ver nada através do pó. Broto se soltou da minha mão com um grito abafado, como se algo o tivesse alcançado. Voltei-me às cegas, com os braços para a frente, mas a única coisa que consegui foi bater a virilha em alguma coisa. Por um segundo dobrei-me de dor, tentando inutilmente respirar. Uma sombra passou ao meu lado, derrubando-me no chão, e uma pesada bota tropeçou na minha perna. Em volta tudo eram gritos, imprecações e gente arfando, mas o pozinho em suspensão não permitia ver absolutamente nada. De repente, a escada se soltou totalmente, com um rugido bestial que fez o edifício tremer. Um segundo depois, o som das centenas de toneladas de aço enferrujado caindo na praça chegou aos nossos ouvidos, junto com o rugido de ira dos não mortos. Com certo consolo, pensei que a estrutura com certeza teria esmagado várias centenas desses filhos da mãe sob seu peso. Isso era como um copo de água em um oceano, mas já era alguma coisa.

Tossindo, tentei me levantar, enquanto à minha volta os gritos se multiplicavam. Ouvi os rugidos de Tank dando ordens, e uma voz que pedia aos gritos um médico; aquilo era uma gritaria dos diabos.

Pouco a pouco, Tank conseguiu recuperar o controle da situação. Aqui e ali foram se acendendo diversas lanternas, e a sala onde nos encontrávamos encheu-se gradualmente de um brilho fraco. Olhei em volta. A primeira imagem que me veio à mente foi a dos bombeiros do World Trade Center no 11 de Setembro. Todos estávamos cobertos por uma grossa camada de pó e cinzas, e tínhamos um aspecto fantasmagórico. A queda da torre fizera o forro de gesso daquela sala ruir sobre nossa cabeça. Além disso, e por algum estranho motivo, o chão estava coberto por uma camada de cinza fininha de quase um palmo de espessura e, ao entrar tão precipitadamente, a fizéramos levantar na fechada atmosfera da sala. Pela porta mal se podia distinguir o tênue rastro de luz da tarde que começava a cair sobre Madri, no meio daquela rarefeita atmosfera.

Tank começou a gritar nossos nomes. Cada vez que pronunciava um, um breve "sim" ou um abafado "presente" respondia, entre uma tempestade de tosses e espirros. Porém, sete nomes não responderam à chamada. Sem dúvida, aqueles que estavam fechando a retaguarda na escada agora jaziam mortos (ou querendo estar) no chão da praça, arrebatados entre os restos retorcidos da escada.

Prit se arrastou até o meu lado, com seus enormes bigodes absolutamente brancos e uma expressão de ansiedade no rosto.

– Você está bem?

– Acho que não quebrei nada – respondi, enquanto apalpava todo meu corpo.

– Está sangrando – disse laconicamente o ucraniano, enquanto apontava para minha testa.

– Ei, não encha o saco! – resmunguei baixinho, após tocar meu rosto e retirar a mão coberta de algo vermelho brilhante. Eu não tinha percebido, até então, que umas gotas de sangue quente escorriam de minha cabeça. Algum pedaço de gesso devia ter me acertado no meio da confusão, e uma pequena fenda sangrava em meu couro cabeludo.

– Eu também estou bem, obrigado – disse Broto amargamente, em meio a uma nuvem de espirros. – Não precisam se preocupar comigo.

– Lucía vai me matar – Prit disse, ignorando o programador, enquanto me fazia um curativo de emergência na cabeça. – Eu lhe prometi que o devolveria intacto, e você fica aí tentando rachar a cabeça assim que sai do helicóptero. É um panaca – concluiu, dando-me um soco amistoso no ombro.

A seguir, voltou-se para Broto.

– Está bem mesmo? Deixe-me ver – pegou o programador pelo braço e o aproximou de si. Após inspecioná-lo bem, passou-lhe seu cantil.

– Enxágue as fossas nasais e beba um gole, mas só um, entendeu? – disse em tom funesto. – Acho que não vamos encontrar muitas fontes de água dentro deste edifício, de modo que vai ser melhor racionarmos a que temos.

Broto não lhe deu muita atenção, porque estava tão assombrado quanto eu com o que nossos olhos viam naquele momento. De fato, o cantil não caiu de suas mãos por milagre.

– Prit – murmurei. – Que caralho, é isto?



Lucía entrou arfando em um cubículo de pouco mais de dois metros quadrados. Tanto o chão como as paredes não tinham revestimento cerâmico, mas sintético, um material liso de aspecto macio. Ao fundo, uma porta com uma janelinha à altura do rosto estava trancada, como ela comprovou após chacoalhá-la insistentemente. Um pequeno banco de metal estava encostado na parede da direita e, na outra, um enorme botão vermelho cintilava de forma intermitente, com uma pulsação compassada.

Lucía nem sequer pensou no que estava fazendo quando apertou o botão da parede. De repente, uma luz vermelha se acendeu acima de sua cabeça, enquanto uma sirene era ativada em algum lugar do outro lado da porta hermética. Assustada, deu um passo para trás, mas nesse exato instante outra porta, disfarçada na parede, fechou-se atrás dela, deixando-a momentaneamente presa naquela pequena sala. Lucía sentiu seus ouvidos se obstruírem quando uma bomba de ar selou hermeticamente o interior da sala. Antes que tivesse tempo de se perguntar que diabos estava acontecendo, um soco furioso na porta a suas costas a distraiu.

Voltou-se rapidamente. Aquela porta era igual à que levava ao resto do corredor, e também tinha uma pequena janela à altura da cabeça. Do outro lado do vidro, Basilio Irisarri a contemplava, vermelho, tentando recuperar o fôlego. O contramestre gritou algo que Lucía não pôde ouvir.

Estão totalmente isolados — pensou, fascinada. Nenhum som entra nem sai. O marinheiro fazia sinais evidentes para que abrisse a porta.

— Ah, era só o que me faltava! — disse Lucía com amargura e, como resposta, ergueu a mão direita até a janelinha e levantou o dedo do meio.

Irisarri a contemplou fixamente por alguns segundos, com um gélido olhar de tubarão que deu lugar, de súbito, a uma expressão diabólica. Após apontar acusadoramente para Lucía com seu indicador, deu um passo para trás e checkou o HK que tinha nas mãos. A seguir, levou-o até o ombro e apontou para a porta.

— Merda! — Lucía gritou, enquanto se jogava no chão.

A porta não era tão extremamente grossa a ponto de não ouvir os tiros, e podia também perceber o repicar surdo das balas ao impactar nela. Incrédula, levantou os olhos. Ao que parecia, aquela porta não era apenas hermética, mas também blindada. Um arranhão no vidro, bem onde um projétil havia acertado, era tudo que se podia ver. Com muita cautela, Lucía se levantou lentamente. Justo nesse instante, uma fina chuva de um líquido com forte cheiro de desinfetante começou a cair sobre ela saindo de uns aspersores situados no teto. Ao mesmo tempo, dos canos situados na parede, outro produto químico vaporizado começou a fluir sob pressão, criando instantaneamente uma nuvem de vapor denso dentro da sala. Os olhos de

Lucia começaram a lacrimejar imediatamente, enquanto uma sensação abrasadora percorria sua garganta.

Esse filho da mãe está me intoxicando, foi o primeiro pensamento que lhe veio à cabeça, mas a expressão perplexa de Irisarri do outro lado do vidro indicava que não tinha nada a ver com aquilo.

Parecia um sistema automático, que se ativara por si só ou... Ou foi ativado porque alguém foi tão estúpida a ponto de apertar o botão da parede sem parar para pensar o que aconteceria, corrigiu-se rapidamente.

Com um brilho de compreensão, entendeu que se enfiara dentro de algum tipo de câmara hermética de descontaminação.

O pensamento seguinte foi que não estava usando nenhum traje de proteção.

E, na verdade, não sabia se aquele gás que estava respirando podia matá-la.

Irisarri estava do outro lado do vidro, com jeito de quem está prestes a sofrer um infarto. Com uma expressão irritada, o marinheiro jogara o HK, já vazio, na porta, enquanto se voltava para o sujeito de cabelo ruivo.

O belga foi até a porta e colou seu rosto no vidro. No início não pôde ver nada, exceto um monte de vapor. Mas, finalmente enxergou Lucía, que o contemplava impotente, encolhida no banco metálico da parede, com os olhos irritados pelas substâncias químicas liberadas pelos aspersores.

Eric lhe dedicou um sorriso que teria sido imensamente doce, não fosse pela expressão morta e fria como o gelo de seus olhos. O belga sorria raras vezes (e eram poucas as pessoas que viviam muito depois de ver aqueles assustadores sorrisos), mas aquela tarde estava sendo ótima para ele. De fato, nos últimos dez minutos estava acumulando tantas fantasias que achava que ia poder passar dias inteiros masturbando-se sem parar. Pegar aquela gazela seria o encerramento perfeito do dia.

Excitado, sentiu necessidade de passar a língua pelo vidro da porta hermética. Uma farpa levantada pelo tiro cravou-se em sua língua e deixou um pequeno rastro de sangue no vidro, mas ele nem percebeu. Seu olhar não se afastava de Lucía, que, hipnotizada como um coelho diante de uma serpente, não podia parar de observá-lo, enquanto sofria náuseas por causa dos desinfetantes.

Uma sirene começou a soar dentro da sala, enquanto os aspersores paravam de borrifar líquido. Com os olhos semicerrados por conta da irritação, Lucía se levantou apoiando-se no banco. Uma mudança de pressão em seus ouvidos lhe indicou que a sala já estava despressurizada. Uma das portas se abriu (não aquela pela qual havia entrado, felizmente), igualando a pressão entre essa sala e a adjacente.

Cambaleando, foi até a porta e passou para a área interna. Amargamente percebeu que já se lembrava do significado do símbolo da porta de entrada.

Significava "risco biológico".

Pela primeira vez naquele longo dia, perguntou-se quanto tempo lhe restaria de vida.

— Isso... Que é isto, caralho? — murmurou Pauli atrás de mim, repetindo a pergunta que acabava de fazer ao ucraniano.

As luzes hesitantes de nossas lanternas iluminavam uma sala que devia ter uns trinta metros quadrados. Espalhados pelo chão jaziam os restos do gesso do teto, alguns meio enterrados na grossa camada de cinza que cobria até o último canto da sala. Enterrei a mão naquela camada e a desfiz um pouco com os dedos. Era papel queimado, sem dúvida. Em alguns pontos, inclusive, haviam ficado restos de folhas meio carbonizadas, mas absolutamente ilegíveis.

— Parece que queimaram pelo menos metade da Biblioteca Nacional aqui — murmurei, enquanto meu olhar passeava pelas paredes, enegrecidas pela fumaça, e os botijões metálicos espalhados pela sala, onde sem dúvida alguém havia realizado aquela tarefa.

— Dá a sensação de uma destruição apressada de documentos. De muitos documentos — apontou Broto, enquanto remexia com o pé um monte de cinzas empilhadas em um canto. — Ou estavam com muito frio, ou alguém não queria que esses papéis ficassem ao alcance do primeiro que passasse por aqui.

— Acho que os não mortos não se interessam muito pelo que está escrito em um papel — comentei. — Aliás, nem acho que esses condenados saibam ler uma única letra.

— Imagino que quem queimou esses papéis devia pensar que os não mortos não seriam os únicos que poderiam passar por aqui — replicou Pauli, levantando-se. — Pelo visto, estava certo. Nós chegamos até aqui, não é verdade?

— Certo. Chegamos até aqui — assentiu Prit, e acrescentou em voz baixa: — Outra coisa é se conseguiremos sair inteiros.

— Ou se seremos capazes de entrar — eu disse, enquanto apontava para a enorme porta de aço que se levantava ao fundo daquela sala.

Era uma porta gigantesca, de mais de dois metros e meio de altura e outro tanto de largura, cruzada transversalmente por umas barras de aço. Parecia a porta de uma câmara blindada (é a maldita porta de uma câmara blindada, corrigi) que, de alguma forma, alguém arrancara da abóbada de um banco e a plantara ali, no meio de uma grossa parede de concreto. Jogados de qualquer jeito em um canto, vários sacos de cimento e umas tábuas abandonadas pareciam indicar que a parede de concreto tinha sido construída precipitadamente pouco antes de se instalar a porta.

— Transformaram este edifício em um forte. Aposto o que quiser que o resto dos acessos originais do edifício ou está bloqueado totalmente, ou tem

uma porta parecida com esta.

Em frente à porta, montando guarda dos dois lados, havia dois ninhos de metralhadoras abandonados, com MG 3 idênticas à que Marcelo carregava, situadas entre sacos de terra. Os ninhos estavam dispostos de tal modo que cobriam perfeitamente a porta externa por onde tínhamos entrado. Era um funil de fogo perfeito. Se aquela porta estivesse defendida, teria sido quase impossível chegar até ela.

Tank estava ajoelhado no chão, com um mapa do edifício iluminado por uma lanterna e aberto à sua frente. O alemão parecia tenso, mas com ar de quem tem a situação sob controle.

— Estamos aqui — dizia naquele momento a dois sargentos que, de cócoras, o escutavam atentamente. — Segundo os registros da Área Segura, o depósito de medicamentos está exatamente dois andares abaixo. As escadas de acesso estão aqui, aqui e aqui — seu dedo dançou sobre três pontos do mapa. — Duas delas estão fechadas com meia tonelada de concreto, mas a outra tem apenas uma porta.

— E qual é a da porta, meu comandante? — perguntou um dos sargentos.

— Não faço ideia — Tank replicou. — Ninguém que trabalhava nesse setor do edifício sobreviveu, de modo que não temos como saber.

— O que havia aqui? — quis saber o outro sargento enquanto apontava por cima de seu ombro para a enorme porta de aço.

— Neste andar estava reunido o que restava do governo da Comunidade de Madrid, junto com algumas unidades do 22 Regimento de Transmissões do Exército — Tank respondeu, após revisar as anotações do mapa. — Teoricamente, foram todos evacuados três dias antes da queda da Área Segura, mas o comboio jamais chegou a Barajas. Com certeza, estão todos mortos.

— Enquanto estavam aqui, protegeram-se incrivelmente bem — replicou o mais velho dos dois sargentos legionários, um veterano durão que parecia ter a confiança de Tank. — Como vamos cruzar essa maldita porta, meu comandante?

— Foi para isso que o garoto veio — foi a resposta de Tank, enquanto apontava para o programador. — Senhor Broto! Senhor Broto, a porta não vai se abrir sozinha. Comece o quanto antes, por favor.

David Broto engoliu em seco e se levantou, respirando com dificuldade. Nervoso, passou a mão pelo rosto, deixando com os dedos um rastro de cinza que lhe dava uma cômica expressão de guaxinim. A seguir, tirou de sua mochila um computador portátil, junto com um longo cabo e uma caixa de ferramentas. Com ar de expert, desmontou com uma pequena broca uma tampa acoplada à base da porta e introduziu por ela o cabo conectado ao notebook.

Uma série de caracteres começou a correr pela tela à medida que Broto ia ativando os programas do Disco Duro. Para minha surpresa, em um canto da tela apareceu de repente uma imagem da maquinaria do interior da porta. É uma câmera de fibra óptica, pensei, pasmo ao ver o "programador" manipulá-la com uma destreza fora do comum.

— Quem é este sujeito, realmente? — perguntei a Marcelo, dando-lhe uma cotovelada.

O argentino deu de ombros simplesmente, tão pasmo quanto eu. A voz de Tank, tingida de ironia, soou atrás de nós, esclarecendo nossas dúvidas.

— Broto é um verdadeiro especialista em abrir portas e quebrar sistemas supostamente invioláveis. Era bastante provável que encontrássemos isto — apontou com um gesto displicente para a enorme porta blindada. — Por isso pensamos que seria uma boa ideia "convidá-lo" para vir conosco. É uma sorte que estivesse morando em Tenerife, não é, Broto?

David corou intensamente ao ouvir aquilo e abaixou a cabeça um pouco mais, até ficar escondido atrás da tela do computador. Naquela posição parecia um grão prestes a pôr um ovo grande demais.

— E o que você fazia exatamente em Tenerife, Broto? perguntou Prit, em um tom inocente. Víktor tinha o estranho dom de fazer perguntas constrangedoras com uma naturalidade impressionante. Qualquer um pensaria, ao ouvi-lo, que era simples curiosidade misturada com muito pouco tato, mas eu sabia que o ucraniano estava anotando mentalmente até o último detalhe de tudo. Era uma raposa muito velha.

— Broto vivia em Tenerife havia dois anos e meio... Na prisão Tenerife II, especificamente Tank falou com voz pausada. — O último trabalho dele não saiu tão bem quanto o planejado e, bom, o resto é melhor que ele mesmo conte, se é que isso lhe interessa.

David Broto abaixou a cabeça e resmungou algo incompreensível, enquanto desviava o olhar de novo para a tela do computador. Sorri, pensando que, no fundo, Prit e eu não éramos os únicos "voluntários" que estavam ali a contragosto.

Após quinze minutos de tensa espera, durante os quais Broto só se levantou para introduzir um segundo cabo pela abertura, finalmente o "programador" soltou um grunhido satisfeito e se endireitou. Com a mão direita afastou o equipamento da porta e com a esquerda digitou uma rápida sucessão de números no painel da porta blindada. Depois, simplesmente se afastou.

— Já está aberta — disse com voz calma, mas na qual era inevitável perceber o tom de orgulho de um artista satisfeito com seu trabalho bem executado.

— Já? — Tank se levantou. — Maravilhoso. Diez, Huerga, vocês dois, abram essa porta. O resto, cobertura. Vamos entrar.

Os dois soldados indicados rapidamente seguraram as enormes rodas giratórias da porta e as moveram ao mesmo tempo. Suavemente, e sem soltar mais que um leve miado, a pesada porta blindada girou sobre suas dobradiças engraxadas e nos franqueou a passagem para dentro da última fortaleza da Área Segura Madrid Três.

– Maldição! Não consigo ver essa cadela! – Basilio observava pelo vidro, tentando adivinhar a figura de sua presa. – Onde, diabos, você se meteu? – perguntou-se, furioso, enquanto sua cabeça trabalhava a toda velocidade. Não gostava nadinha daquela situação. O plano, tão cuidadosamente organizado, estava indo para o caralho.

Talvez fosse porque estavam a muitos metros de profundidade, mas já fazia alguns minutos que não se ouviam tiros no andar superior. Não era preciso ser muito esperto para perceber que alguém finalmente conseguira pôr ordem no caos e tranquilizar os gatilhos fáceis. Era só questão de tempo até que o corpo de segurança do controle pelo qual haviam passado descesse até ali para dar uma olhada, e então estariam irremediavelmente presos. A luz situada em cima da porta ficou verde de repente, acompanhada de um assovio prolongado. Basilio pegou um dos trajes de proteção pendurados ao lado da sala e o jogou para Eric.

– Tome, vista um desses e, quando acabar, ajude-me a abotoar o meu – ele disse, enquanto pegava outro. – Vamos entrar atrás dela.

– Isso aqui é realmente necessário? – Eric perguntou, com uma expressão receosa no rosto. – Que diabos há aí dentro para ter de vestir isso?

– Vacinas contra gripe e coisas do tipo – Basilio arriscou, enquanto colocava as pernas em seu traje. – É aqui que fabricam medicamentos, e há todo tipo de merda química que pode ser perigoso. Você sabe, ácidos e tudo isso.

– A cadela entrou sem traje – Eric objetou, ainda não totalmente convencido. – E não a vi cair dura ao entrar.

– Faça o que quiser – replicou Basilio, dando de ombros. – Mas, se depois seu pau cair aos pedaços, não diga que não avisei.

Aquilo pareceu convencer definitivamente o belga, que, com uma expressão resignada, pegou o traje que estava a seus pés. Sem mais uma palavra, os dois pistoleiros vestiram os desconfortáveis trajes de proteção. A estreita viseira do capacete permitia-lhes ter um reduzido campo visual e, além do mais, amortecia ainda mais o som. No peito, tinham um bolso para colocar as baterias dos rádios, mas, por mais que procurassem, não encontraram pilhas em lugar algum.

Por meio de gestos, Basilio indicou a Eric que entrariam sem elas. Não podiam perder mais tempo. Uma vez dentro da sala de descontaminação, apertaram o botão vermelho da parede. Em poucos segundos, a fina chuva de produtos desinfetantes os envolveu em uma neblina de cheiro adocicado e pesado. Eric manuseava nervosamente a Beretta, enquanto Basilio lamentava-se amargamente por não ter levado mais armas consigo.



Quando a porta se abriu, os dois pistoleiros saíram em direções opostas, dando-se cobertura mutuamente. O aposento estava aparentemente deserto. Uma longa mesa coberta de tubos de ensaio e microscópios atravessava a sala de ponta a ponta. Em um canto, um monitor piscante banhava com uma luz tênue toda a sala. De fundo, só se ouvia o suave zumbido de uma centrífuga em funcionamento, mas, da garota, não havia nem sinal.

Com um gesto, Basilio indicou a Eric que começasse a revistar a parte mais afastada do laboratório, enquanto ele avançava pela outra.

Sabia que a jovem ainda estava ali. Sabia.

Mas seu velho instinto, que salvara sua vida em mais de uma ocasião, gritava até enrouquecer que alguma coisa não estava bem naquele laboratório.

O interior do edifício estava escuro e cheirava a umidade, pó e lixo em decomposição. Em grupos de três e quatro fomos entrando lentamente pela porta blindada, enquanto as luzes das lanternas dançavam nervosamente, apontando em todas as direções.

— Por que, diabos, não temos óculos de visão noturna? — grunhiu Pauli, enquanto se esforçava para penetrar a escuridão com seus olhos. Supostamente, somos uma unidade de elite, e olhe para nós, mais cegos que toupeiras em um túnel.

— Cale-se e vigie — Marcelo replicou, cortante. — E meta chumbo no primeiro imbecil que vir.

Não era preciso que o argentino lhe recordasse. Todos os membros da equipe permaneciam alertas, atentos ao menor movimento de um não morto nas sombras.

Alguém tropeçou em um cesto de lixo e o mandou rolando para o outro lado da sala com um pontapé. O cesto metálico bateu contra um arquivo com um estrondo que retumbou até no último andar daquele edifício esquecido por Deus. Um sibilo furioso surgiu da garganta de Tank, enquanto se dirigia com a velocidade de uma cobra à posição do pobre desgraçado que havia tropeçado. Internamente, fiquei feliz por não estar na pele daquele sujeito. Se não me enganava (e achava que não), Tank acabava de escolher o "voluntário" que teria de ir abrindo caminho pelos escritórios.

O cheiro de ambiente fechado era tão intenso, que chegava a dar tontura. Intrigado, notei que a maior parte das salas que percorríamos tinha sido adaptada como escritório. Em quase todas elas acumulavam-se mesas vazias, computadores desligados e montanhas de papéis cobertos por grossas camadas de pó.

Um daqueles escritórios era especialmente perturbador. Era um cubículo, com uma mesa, uma cadeira e um arquivo cobertos quase totalmente por origamis. Era impossível contá-los, talvez houvesse uns quatro mil, de cores e tamanhos diferentes. Em um primeiro momento, pareceu-me extremamente engraçado (a imagem do funcionário ocioso zanzando pelo escritório, fazendo origamis o dia todo, brilhou em minha mente durante um segundo), mas, de repente, senti um calafrio. Aquilo não era trabalho de um dia, nem um passatempo distraído de um burocrata entediado. Aquilo era a obra obsessiva de um maniaco. Eu quase podia ver um indivíduo encurvado, no escuro, em cima da mesa, dobrando folha após folha, enquanto sua mente afundava em poços cada vez mais profundos.

Com um calafrio afastei-me daquela mesa. Voltei-me procurando o ponto de luz da lanterna de Víktor, mas não pude ver nada.

Abalado, compreendi que me separara do grupo, e estava sozinho.

Procurando dominar o pânico que ameaçava subir por meu estômago, fui novamente para o corredor. Havia chegado pela direita, mas o corredor da esquerda bifurcava em duas direções diferentes. Meu senso de orientação nunca tinha sido especialmente bom e, para ser sincero, eu deixara nas mãos de Víktor e dos outros legionários a rota dentro do edifício, enquanto me limitava a contemplar o panorama.

Praguejando baixinho, parei na intersecção. Pareceu-me ouvir um leve ruído proveniente do primeiro ramal, algo que parecia umas ordens sussurradas em tom imperativo. Após verificar a trava da Glock, deslizei pelo corredor rumo ao ponto onde julgava ter ouvido as vozes.

Pelo caminho tive de saltar vários montes de pacotes vazios de rações de emergência do Exército. Havia encontrado bom número deles desde a porta blindada, mas, quanto mais entrava no coração do edifício, com mais frequência apareciam.

Ao virar uma esquina tropecei de repente no primeiro corpo. Era o cadáver de um homem magro, usando somente uma calça militar e uma camiseta preta. Na camiseta havia o desenho de um escudo de uma unidade militar, com um punho segurando um feixe de raios e as palavras FIERI POTEEST embaixo.

Prendendo a respiração, agachei-me para checar o corpo. A julgar pelo grau de decomposição, devia estar havia vários meses morto. Na mão direita segurava um copo de papel amassado, e na esquerda algo que eu não pude distinguir direito. Tentando evitar a náusea, arranquei aquele objeto da mão semi dissecada. Era a foto de duas crianças, de uns 5 ou 6 anos, que olhavam sorridentes para a câmera, enquanto o vento revirava seus cabelos, numa brilhante manhã na praia.

Levantei o olhar e observei de novo o cadáver. Não tinha ferimentos à bala, nem cortes aparentes, mas o estado do corpo era tão asqueroso que meu exame poderia ter ignorado algo facilmente. Mas tinha quase certeza de que o último pensamento daquele homem não tinha sido para um escuro corredor; antes de morrer, sua mente estava correndo por uma praia em uma luminosa manhã de verão.

Apertei a foto com força. Quase podia sentir o cheiro do mar e os gritos das gaivotas. Com um gesto reflexo, coloquei a fotografia no bolso da perna da calça e continuei caminhando, procurando não perturbar o descanso daquele corpo ao passar por cima dele.

Cinco metros mais adiante encontrei mais dois corpos, também com roupa militar. Esses estavam sentados a uma mesa. Um deles usava a camiseta com o mesmo logótipo que o primeiro corpo, e também segurava um copo de papel na mão, mas o outro usava um uniforme completo de coronel. Sobre seu peito brilhavam três medalhas, como joias esquecidas na tumba saqueada de um faraó. Em sua mão direita repousava uma pistola regulamentar, com o cano ainda manchado do sangue que voara na parede

do fundo quando aquele homem estourara os miolos.

Umaz vozes ao longe arrancaram-me do estupor. Afastei-me daquela cena macabra, seguindo o reflexo de umas lanternas do outro lado do enorme vão central de ventilação do edifício. Com um suspiro de alívio, percebi que tinha errado só em uma curva. Avançava em paralelo ao resto do grupo, mas pelo lado oposto do vão de ventilação. Tinha apenas de continuar avançando colado àquela parede e virar à direita no momento em que terminasse, e daria com meu grupo de frente.

Obcecado por aquela ideia, apertei o passo. Não é nada agradável caminhar sozinho em plena escuridão, mas essa sensação, em um edifício abandonado e cheio de cadáveres, era mil vezes pior. Era como caminhar por uma casa mal-assombrada.

Minha imaginação começava a aprontar comigo, e algumas vezes quase atirei em minha própria sombra refletida nas paredes. De vez em quando ouvia sussurros e barulho de passos me seguindo. Em minha mente febril podia ver o soldado das medalhas levantando-se da mesa e me seguindo pelas salas, com suas condecorações tilintando suavemente em seu peito, enquanto esticava suas mãos descarnadas para me pegar pelo pescoço e me arrastar de novo para a sala da mesa, onde me obrigaria a sentar, e eu teria de ficar com eles para sempre.

O pânico começava a me invadir. Naquele momento já não andava, corria. Até então tentara manter o controle do meu medo, por uma simples questão de orgulho. Não queria fazer papel de bobo na frente de todo o grupo (veja só, o imbecil que se perdeu assim que entrou no edifício. Um inútil que não é capaz de dar dez passos sem foder tudo. Precisa ver como gritava de medo quando o encontramos), mas, naquele momento, já não me importava. Enquanto corria, comecei a gritar por Pritchenko, Tank, Broto e todos os membros do grupo dos quais podia recordar o nome. Já não me importava passar por covarde. A única coisa que eu queria era não estar sozinho no meio daquela escuridão que cheirava a morte, medo e desespero.

Se tivesse prestado mais atenção, talvez pudesse evitar o corpo, mas aturdido como estava, não pude e tropecei nele. A ponta da minha bota esquerda afundou em algo mole, que murchou com um suave shuuuuufff, enquanto um cheiro indescritivelmente nauseabundo queimava minhas fossas nasais. Caí de lado, enquanto o ar escapava de meus pulmões. A lanterna saiu disparada de minhas mãos e escorregou dois metros antes de parar, virada para baixo, ao lado de um monte de roupa empilhada no chão.

Por uns segundos fiquei deitado no chão, do jeito que caíra, tentando recuperar o fôlego. Finalmente, fiquei de quatro e, arrastando-me, fui até a lanterna, que soltava apenas breves raios de brilho espectral. Enquanto a pegava e agitava, murmurei uma prece silenciosa, rogando a todos os deuses que não estivesse quebrada.

Para minha satisfação, o raio de luz permanecia brilhante e estável.

Foquei o corpo no qual havia tropeçado. Era o cadáver de uma mulher à paisana, enormemente inchado por conta dos gases da decomposição. Minha bota esquerda perfurara seu abdômen, que naquele instante se esvaziava a olhos vistos. Tinha um aspecto grotesco, como uma boneca inflável de um doente mental. Enojado, afastei os olhos e, ao passar o foco de luz pelo resto da sala, o grito de horror que até aquele momento tinha conseguido conter saiu da minha garganta de modo incontrolável.

Lucía não podia ver absolutamente nada. Sem traje de proteção, os produtos químicos da sala de descontaminação haviam irritado tanto seus olhos que só podia abri-los um pouco. Talvez tenha até queimado minhas córneas, pensou apreensivamente, enquanto caminhava entre brumas, como se já não tivesse problemas suficientes.

A primeira coisa que percebeu foi um tênue cheiro de ozônio e o zumbido de fundo das máquinas de purificação de ar. Tateando, mais que vendo, conseguiu encontrar uma pia em uma das paredes. Após abrir a torneira, lavou seus olhos com bastante água. O ardor diminuiu bastante, e finalmente a jovem chegou à conclusão de que provavelmente não ia ficar cega, mas certamente ganhara uma conjuntivite fenomenal para os dias seguintes.

Com o rosto escorrendo, levantou a cabeça. A sala estava fechada de novo, com a luz vermelha em cima da porta acesa. Sob o vapor desinfetante, Lucía pôde adivinhar duas figuras. Aqueles filhos da mãe não se davam por vencidos.

O processo de desinfecção durava apenas dois minutos. Lucía já utilizara um pouco menos da metade desse tempo para lavar os olhos, de modo que não dispunha de muito mais para decidir seu próximo movimento. Com desespero, pegou um telefone fixado em um suporte na parede. O aparelho, que não tinha botões, deu linha assim que o pegou, mas onde quer que estivesse o aparelho do outro lado, não havia ninguém que o atendesse naquele momento. Frustrada, deixou-o de lado, e seus olhos pararam em uma bandeja coberta de material cirúrgico. Dentre todo o material, pegou um pequeno bisturi. Não maior que uma faca de sobremesa, não parecia constituir uma grande defesa, mas, pelo menos, era melhor que nada. Com ele na mão sentia-se muito melhor.

Uma porta ao fundo da sala chamou sua atenção. Ao abri-la, notou uma suave corrente de ar para dentro. Um técnico de laboratório poderia ter lido isso que era uma sala com pressão negativa, e que a diferença de pressão entre as salas fazia que o ar sempre circulasse para dentro, para evitar fugas. Porém, Lucía não sabia nada de salas com pressão negativa, e pensou erroneamente que aquilo era seu sinal de saída.

A corrente de ar deve significar que em algum lugar tem de haver uma janela que dê para fora, pensou, animada. Outra saída.

Confiante, cruzou o umbral. Um corredor iluminado por uma série de luzes ultravioleta abria-se diante de seus olhos, dando acesso a uma série de salas envidraçadas de um dos lados. Na primeira, uma pessoa sem traje de proteção estava inclinada sobre uma mesa, mexendo-se de um jeito desajeitado em volta de algo que estava oculto por seu corpo.

— Ei! Olá! Preciso de ajuda! — Lucía esmurrou furiosamente o vidro, enquanto tentava chamar a atenção do técnico. — Ei! Pode me ouvir?

O homem de dentro da sala voltou-se ao ouvir os golpes, e Lucía ficou com o sorriso congelado no rosto. O sujeito tinha o rosto coberto por uma miríade de veias estouradas, e uma expressão vazia nos olhos que Lucía conhecia bem demais. Era o rosto de um não morto.

Com um gemido, o não morto jogou-se no vidro com tanta força que toda a estrutura tremeu. Aterrorizada, Lucía deu um passo para trás, esperando que o vidro cedesse a qualquer momento, mas os projetistas daquele cubículo tinham feito bom trabalho, e a janela resistiu aos socos.

Uma sirene começou a ulular muito perto. A sala de entrada acabava de se abrir, e seus dois perseguidores já estavam na sala contígua. Passando reto pelas salas envidraçadas, Lucía continuou avançando pelo corredor. Fascinada, observou que dentro de cada cubículo havia um ou dois não mortos em diferentes estados de deterioração. Em um dos habitáculos havia um não morto amarrado a uma maca que tinha somente a cabeça e o tronco. Em outro, meia dúzia de cabeças flutuava em potes de formol em uma prateleira. Para seu espanto, ao passar em frente daqueles potes, as cabeças abriram os olhos e seguiram seus passos com olhares furiosos e movimentos desconexos das mandíbulas.

A porta do fundo dava para outro laboratório igual ao da primeira sala. Com o coração palpitando ferozmente, Lucía percebeu que aquela última porta tinha uma tranca por dentro. Empurrando-a com todas as suas forças, fechou a porta atrás de si e a seguir passou a tranca.

Afastou-se da porta caminhando rapidamente de costas. De repente, seu quadril trombou com uma cadeira que um técnico descuidado deixara no meio da sala. Surpresa, tentou não perder o equilíbrio. Por um segundo, teve a sensação de que ia conseguir, mas havia retrocedido muito rápido e com impulso demais. Esticou a mão esquerda desesperadamente para um painel de controle próximo, mas seus dedos escorregaram por cima dos botões, apertando-os ao acaso enquanto caía. O bisturi que segurava na mão direita traçou um amplo arco em sua própria perna e deixou uma fina linha na calça de seu uniforme branco de enfermeira, que, imediatamente, começou a se tingir de vermelho.

— Aaaa! Caralho! — o grito de dor escapou enquanto amaldiçoava sua falta de jeito. A lâmina do bisturi, pequena, mas muito afiada, fizera um fino corte ao longo de sua coxa. Não era excessivamente profundo, mas sangrava bastante.

Um ruído surdo soou do outro lado da porta. Mancando e praguejando, Lucía se levantou o mais rápido que pôde, apoiando-se no painel de controle. Quando seus olhos ficaram à altura dos botões que acabava de apertar acidentalmente, parou, horrorizada, ao ler o que dizia uma placa aparafusada em um canto.

A placa dizia: "Sistema de abertura de celas". E o grunhido abafado que se ouvia do outro lado da porta lhe disse exatamente quais celas acabavam de se abrir por conta de sua inépcia.



O grito de horror se afogou em meus lábios quando meus pulmões ficaram sem ar. Muito impressionado com o que via, esquecera-me de respirar durante alguns segundos.

Aquela sala era um enorme mausoléu, o cenário escolhido para o ato final de um filme com um desenlace terrível.

Distribuídos por todos os lados, em grupos de dois, três ou mais indivíduos, dezenas de corpos forravam aquela sala. A maioria estava tão inchada quanto o cadáver no qual tropeçara ao entrar, mas alguns estavam totalmente ressecados, como múmias desidratadas após milhares de anos enterradas no deserto. Havia mulheres e homens quase na mesma proporção, a maioria civil, mas alguns usavam uniformes militares. Todos os corpos seguravam nas mãos um copo de papel amassado como o que eu tinha visto em dois dos cadáveres anteriores.

— Aqui estás! — a voz familiar de Víktor Pritchenko soou a minhas costas, enquanto o ucraniano entrava como um foguete na sala, seguido por dois legionários, que estancaram ao ver o espetáculo.

— Como, diabos, chegou até aqui? — perguntava o ucraniano, enquanto me apalpava todo o corpo, para se certificar de que estava inteiro. — Não fosse porque o ouvi gritar feito um louco, nunca o teríamos... — a última palavra de Prit ficou flutuando no ar, quando contemplou a cena, ao levantar os olhos.

— Que diabos... — começou dizer um dos legionários.

Uma terrível suspeita começava a tomar forma em minha mente. Afastando com extrema precaução um corpo, fui até uma mesa situada no meio da sala. Em cima dela repousava uma enorme marmitta militar, com dezenas de garrafas de refrigerante vazias em volta. Ao me aproximar mais, pude ver que, embaixo da mesa, havia mais duas garrafas de vidro, menores, que tinham rolado até ali. Peguei uma delas e a iluminei com minha lanterna. Uma sorridente caveira com dois ossos cruzados, impressa sobre fundo laranja, contemplava-me imperturbável, bem em cima de uma fórmula química e o logotipo do hospital. Sobre esta etiqueta alguém escrevera à mão Ácido Cianídrico.

— Suicídio coletivo — murmurei enquanto deixava cair a garrafa dentro da marmitta.

Qualquer resto de líquido que pudesse ainda estar ali evaporara fazia muito tempo, mas eu não tinha a menor dúvida de que em algum momento aquela marmitta estivera cheia de refrigerante misturado com o poderoso veneno.

— Quem são? E por quê? — perguntou-se Víktor, perplexo.

– Imagino que são os últimos sobreviventes do Governo da Comunidade de Madrid. Tank disse que o comboio de evacuação nunca chegou a Barajas – meu olhar passou por aqueles corpos, sujos e magros, de terno e gravata. – O mais provável é que o comboio de evacuação nunca tenha saído daqui. Esqueceram-se deles.

– Caralho – sibilo o mesmo legionário que falara antes. – Que cagada. Deve ter sido terrível para eles descobrir que todos os comboios tinham saído.

– Imagino que se sentiam tão seguros dentro de seu bunker que nem lhes ocorreu dar uma olhada do lado de fora a tempo – parei ao lado do cadáver de uma mulher de meia-idade, sentada em uma caríssima poltrona, com os braços caídos de lado e a cabeça apoiada no peito. Estava elegantemente vestida, e de seu pescoço pendia um caro colar de pérolas, parcialmente coberto por uma meia cabeleira loura, suja e sebosa. Eu tinha quase certeza de saber de quem era aquele corpo. Antes do Apocalipse, eu a vira na imprensa uma infinidade de vezes. Estremeci.

– Estavam abandonados à sua sorte, sem armas nem provisões – proseguiu Prit, seguindo o fio de meus pensamentos. – Podiam escolher entre se jogar na multidão de não mortos aí de fora ou morrer de fome lentamente. Os mais corajosos com certeza se arriscaram a sair – o ucraniano estalou a língua, pensativo. – Pelo visto, os que decidiram ficar escolheram uma terceira via mais rápida e menos dolorosa para escapar da situação.

– Tinham equipamentos de rádio – objetou o outro legionário, apontando para um enorme transmissor militar, apoiado em um canto entre dois corpos. – Por que não o usaram para pedir ajuda?

– Não há luz elétrica, rapaz – Prit replicou, enquanto apontava com a lanterna para as luzes apagadas do teto. – Provavelmente perceberam que algo estava errado quando os geradores ficaram sem combustível e desligaram.

Por um momento fizemos silêncio, imaginando a terrível angústia que devia ter assaltado aquela gente em seus momentos finais. A entrada de Tank, acompanhado dos outros sete sobreviventes do grupo, quebrou o tenebroso feitiço.

– Encontramos as escadas! – disse o alemão assim que entrou na sala. Por um instante ficou mudo, enquanto contemplava a cena. Mesmo ele, com toda sua fleuma germânica, empalideceu um pouco ao ver aquele antigo massacre. Finalmente, pestanejou e fez um gesto cansado. – Vamos, pessoal, temos de descer dois andares. Ainda não terminamos.

Tank voltou-se e saiu da sala, sem dizer mais nada. Com resignação, nós o seguimos lentamente. O ambiente opressivo do interior daquele edifício estava começando a abalar o espírito de toda a equipe.

As escadas ficavam em um canto do vão central de ventilação. Tinham sido fechadas com o método de atravessar grossas correntes pela parte de dentro da porta anti-incêndios. Meu olhar cruzou com o de Viktor ao ver aquilo. Era exatamente o mesmo sistema que haviam utilizado em Vigo para entrincheirar o Meixoeiro. Por um breve instante, imaginei que algum burocrata da Defesa redigira um dia um protocolo de comportamento em caso de invasão de não mortos que incluía o entrincheiramento em edifícios públicos. Eu teria adorado poder trocar umas palavrinhas com aquele gênio para lhe contar como tinha sido o resultado da sua genial proposta.

Marcelo adiantou-se com um alicate e, com uma facilidade ofensiva, cortou a corrente. A seguir, afastou-se de lado, enquanto um dos grupos de três soldados cruzava a porta. Não se passou mais de um segundo até que ouvimos um único tiro do outro lado da porta, seguido de um grito de "Limpo!".

Cruzamos a porta que dava para as escadas. Ao pé do lugar em que estávamos, jazia o corpo de um não morto com a testa sangrando por um ferimento à bala. Engoli em seco, enquanto apertávamos o passo.

Se daquele lado da porta havia um Não Morto, isso queria dizer que com certeza haveria mais.

Muitos mais.

Por um prego, perdeu-se um Reino.

Por um acidente estúpido, provocado pelo pânico de uma garota aterrorizada que tentava salvar a vida, o caos saiu da caixa de Pandora mais uma vez.

Porém, naquele momento, ninguém, nem mesmo seus protagonistas, tinham consciência disso.

Nem teriam.

Eric e Basilio Irisarri atravessaram rapidamente o primeiro laboratório, observando até o último canto. Ao chegar à porta situada ao fundo, Basilio fez um sinal a Eric para que ficasse de frente para ela. Com um mudo gesto de assentimento, o ruivo se colocou a dois metros da porta, segurando a Beretta com as duas mãos. Irisarri, por sua vez, aproximou-se cauteloso da maçaneta e colou-se à parede. Se aquela maldita garota os esperasse de tocaia do outro lado, tentando surpreendê-los com algo, ficaria na vontade.

Ergueu seus olhos para o belga e levantou três dedos. Com a mão direita na maçaneta, contou mentalmente três segundos e, a seguir, deu um forte puxão, afastando-se com um salto.

Um monte de coisas começou a acontecer em poucos segundos. A primeira foi que alguém totalmente nu saiu disparado como um míssil assim que a porta se abriu (Algo, não alguém, corrigiu-se Eric, totalmente aterrorizado ao contemplar o não morto que vinha para ele). Nesse momento, o belga trocou a agradável e quente sensação de excitação sexual que desfrutava por um medo frio e pegajoso. Com os olhos arregalados, levantou a Beretta e deu dois rápidos tiros à queima-roupa no Não Morto.

O primeiro projétil atravessou o pescoço da coisa, liberando um denso jato de sangue preto. O segundo acertou-o no meio da cara, deixando um enorme buraco sanguinolento onde até um segundo atrás estivera seu nariz. O não morto caiu como um fardo, mas Eric não teve oportunidade de relaxar, pois mais três saíam como uma enxurrada pela porta.

Xingando em francês, o ruivo começou a retroceder, enquanto voltava a atirar com sua arma, a poucos metros das criaturas. Um jorro de sangue saiu feito uma bomba da cabeça aberta de um dos não mortos (um africano enorme, de mais de dois metros) e salpicou a viseira plástica do capacete de seu traje de proteção, cobrindo-o totalmente. Eric passou a mão enluvada pela viseira, mas o resultado foi ainda pior, pois a embaçou totalmente.

Uma mão feito garra segurou seu braço. Às cegas, o belga voltou-se e descarregou um golpe seco com o cotovelo em alguém (algo), enquanto atirava a esmo em outro vulto que se aproximava. De repente, sentiu que algo segurava seu joelho por trás e, ao mesmo tempo, uma dor intensa, como

uma queimadura, subia por sua panturrilha.

Voltando-se, o belga atirou duas vezes no não morto que, depois de contornar a mesa, o surpreendera pelas costas. O suor escorria por seu rosto e a temperatura dentro daquele maldito traje de proteção parecia ter aumentado um milhão de graus, mais ou menos. Além disso, a desgraçada viseira encharcada de sangue não lhe permitia ver mais que um estreito ângulo bem na sua frente, por isso aquele filho da mãe pudera surpreendê-lo por trás.

Um uivo lancinante gelou seu sangue. Espremido em um canto, Basilio Irisarri, desarmado, enfrentava dois não mortos que o açoitavam simultaneamente. O contramestre, com os olhos injetados de sangue, dava socos que teriam matado um boi. Os não mortos não só não faziam o menor movimento para se esquivar, como também sequer pareciam sentir seu efeito.

Irisarri soltou um demolidor uppercut no não morto à sua direita. A mandíbula da coisa estalou como um cepo enferrujado e fragmentos de dentes quebrados voaram pelos ares. O outro não morto aproveitou o momento em que o marinheiro estava com o braço estendido para cravar seus dentes no seu antebraço. Os caninos do monstro perfuraram facilmente o fino plástico do traje de proteção e a fina camisa de algodão do disfarce de enfermeiro.

Basilio voltou-se como um tornado e lhe deu um pontapé demolidor que teria merecido a aprovação do próprio Chuck Norris. A coisa, caída feito uma tartaruga, de barriga para cima, tentou se levantar desajeitadamente, enquanto mastigava com fruição um fragmento do bíceps de Irisarri que ficara em sua boca.

— Eric! — o grito de Basilio era lancinante. — Ajude-me de uma vez, porra!

O belga, com uma expressão ausente no rosto, atirou no não morto que estava no chão. A criatura morreu com a mandíbula meio aberta e um pedaço do braço de Irisarri saindo de sua boca, como uma pequena língua rosada e brincahona. Aquela imagem, mesmo no meio daquela situação, arrancou um sorriso sádico do rosto do ruivo.

Os dois últimos não mortos estavam, agora, totalmente em cima de Basilio, e um deles (ou o próprio Basilio, isso Eric nunca saberia) lhe arrancara o capacete do traje. O belga atirou duas vezes em um deles. que caiu como um boneco de pano, mas o outro foi mais rápido e cravou seus dentes no pescoço do contramestre. Com um rugido abafado, Basilio Irisarri fez um último esforço e lançou o corpo de seu agressor por cima da mesa, arrastando um monte de provetas, tubos de ensaio e microscópios, que se estatelaram no chão com um estrondo enorme.

Eric aproveitou esse momento para esvaziar as duas últimas balas de sua Beretta no corpo retorcido do não morto. Com a velocidade de uma cobra,

voltou-se de novo, mas já não havia ninguém em pé no laboratório, exceto ele. Seis não mortos jaziam no chão com a cabeça arrebentada por seus tiros.

Basilio Irisarri deixara-se escorregar lentamente e estava sentado no chão, com as costas apoiadas na parede. Eric observou, fascinado, sair da ferida de seu pescoço jorros de sangue em impulsos regulares, cada vez que o coração de Basilio batia.

— Eric... — a voz de Basilio soava estranhamente encharcada. Um grumo de sangue vermelho saía de sua boca e escorria pelo canto dos lábios até o pescoço, onde se fundia com o fio que saía dentre seus dedos apertados. — Eric, ajude-me a levantar. Não consigo... Eric...

O belga apontou para o capacete do traje e, por meio de sinais, disse que não estava ouvindo. A seguir, meneou a cabeça e levantou a mão, despedindo-se de Irisarri.

— Não... pode... filho da mãe... — gorgolejou Basilio. — Tire-me...

— Não consigo ouvir direito, Basilio — disse Eric de dentro do capacete. — E não sei se você me ouve bem, mas isso já não é mais divertido. Estou cansado, estou com tesão, estou a fim de uma cerveja gelada e acho que aquela sua cadelinha deve ter sido devorada por essas bestas. Além disso, caso não tenha notado, acho que você está morrendo, sabia?

O corpulento contramestre o olhava fixamente, sem dizer nada. A cada batida de seu coração, um punhado de vida escapava pela impressionante ferida do pescoço. Eric estalou os lábios e sacudiu de novo a cabeça.

— Tenho de ir, amigo — ele disse, enquanto se agachava e colocava a Beretta descarregada na mão livre de Basilio, sem parar de tagarelar alegremente. — Não quero que pense que vou embora assim sem mais, ou que não me preocupo com você, sério. Deixo isto de recordação. Quando alguém chegar aqui, é melhor que pensem que você é o responsável por este estrago, e não eu.

Olhou à sua volta, com a expressão sofrida de alguém que vê o jardim de sua casa arrasado por uma noite de farra louca.

— Dê um abraço em Satanás por mim, velho — ele se despediu, dedicando um último olhar a Basilio antes de se voltar e ir para a sala de descontaminação. Quando apertou o interruptor de abertura, ouviu o estalo abafado do percussor da Beretta. Voltou-se e viu Basilio, num último esforço, levantando a pistola e apontando diretamente para ele. O antigo contramestre contemplava a pistola descarregada em sua mão com a expressão derrotada de alguém que acaba de descobrir que foi enganado.

— Somos bestas raivosas, Basilio — disse Eric em voz baixa, mesmo sabendo que o agonizante marinheiro não podia ouvi-lo. — Voltamo-nos uns contra os outros na primeira oportunidade, não podemos evitar. Veja só estas malditas ilhas. Qual foi a primeira coisa que os sobreviventes fizeram quando se organizaram? Começaram a se matar entre si! Estamos à beira de

uma puta guerra civil, se acreditar no que diz a mídia! Esses malditos monstros nos roubaram a pouca humanidade que nos restava. De modo que você, pelo menos, poderia tentar morrer com dignidade, caralho!!

A porta se abriu a suas costas. Fazendo uma paródia de saudação militar, Eric entrou na cabine. Os olhos de Basilio, nublados pela morte, seguiram-no, cada vez mais fora de foco. Seu cérebro, sem oxigênio, morria, mas por suas veias já corriam milhares de pequenos seres que aproveitavam o calor de seu corpo agonizante para se multiplicar de forma explosiva.

Em poucas horas, quando fossem suficientes, fariam que Basilio se levantasse uma vez mais. Mas Eric Desauss não estaria ali para ver, se dependesse dele.

O belga apertou o botão da cabine e imediatamente o jato de desinfetante o envolveu totalmente. Quando o líquido entrou pelo buraco aberto em sua panturrilha, sentiu uma intensa sensação de ardor. Abalado, verificou que tinha um enorme buraco na calça do traje, com as bordas pingando sangue. Com os dedos torpes, levantou o farrapo de plástico até deixar à vista uma série de fendas regulares.

— Foi um desses malditos vidros quando se quebraram — disse a si mesmo, sentindo o suor gelar sobre sua pele. — Sim, tem de ter sido isso. O último filho da mãe voou em cima da mesa e quebrou um milhão desses tubos de vidro. Com certeza, algum saiu disparado e acertou minha perna, foi isso — sua voz não soava tão segura quanto teria gostado, mas pelo menos, ao se ouvir, relaxou um pouco.

Respirando um pouco mais tranquilo, Eric aguardou pacientemente que a ducha desinfetante terminasse. Quando a luz vermelha se apagou, ele empurrou a porta externa e saiu de novo para o corredor que dava acesso aos laboratórios. Sem tirar o traje, passou pelo vão da porta de segurança, que Basilio arrebentara a tiros, e afastou-se do laboratório arrasado andando tranquilamente.

Uns metros antes de chegar à guarita de controle, cruzou com um grupo variado de guardas civis e militares que vinham correndo.

— No laboratório! — apontou com seu braço para o ponto de onde vinha. — Um sujeito com uma pistola e uma garota! Entraram atirando em todo mundo! Eu consegui escapar, mas ainda há gente lá dentro!

— Merda, o Zoo não, por favor. Que não tenham chegado ao Zoo — murmurou o militar mais graduado enquanto empalidecia. — Você está bem, doutor?

— Uma bala acertou meu joelho — Eric mentiu com desenvoltura, enquanto apontava para sua perna ensanguentada —, mas foi só um arranhão, eu acho. É melhor algum colega dar uma olhada o quanto antes.

— Evidentemente, doutor, vá logo até o andar de acima para que deem uma olhada nisso. Os Froilos armaram uma boa confusão, mas a coisa já se

acalmou — replicou o militar, dando por encerrada a conversa. — Vamos lá, mas com muito cuidado. Se uma das portas do Zoo estiver aberta, atirem primeiro e perguntem depois, entendido?

O grupo se afastou trotando rumo ao laboratório. Com um sorriso satisfeito, Eric tirou o capacete do traje de proteção e, por fim, pôde afastar de seu rosto as mechas de cabelo encharcadas de suor. Ao passar pelo posto de controle, deixou o traje apoiado no balcão e cruzou, mancando, o arco detector de metais. A maldita ferida da perna doía cada vez mais, e ele a sentia pulsar a cada passo que dava.

Dois minutos depois, Eric atravessava as portas do hospital, transformado em caos absoluto, com dezenas de militares entrando e saindo e filas enormes de doentes de pijama amontoados na rua. Assoviado, afastou-se rumo ao centro da cidade, arrastando levemente a perna direita ao andar.

Talvez seja boa ideia desinfetá-la ao chegar em casa, mas imediatamente se corrigiu: que diabos, é só uma merda de corte. Não é uma merda de corte, e você sabe perfeitamente bem, imbecil. É uma porra de uma mordida, gritou a parte razoável e lógica de sua mente. E se você fosse esperto, daria um tiro na cabeça agora mesmo, desgraçado.

Não, certeza que é só um corte. Lembro perfeitamente que me cortei com um daqueles vidros, pensou, enquanto sacudia a cabeça.

Você está mentindo, está mentindo!!, gritou a vizinha, mas desta vez muito mais fraco (Eric ouvia vozes em sua cabeça desde os 14 anos, e aprendera a não ouvi-las às vezes). Ela pode esperar um pouco.

Eric percebeu, naquele exato momento, que, antes de ir para casa, o que desejava desesperadamente era um trago. Parecia uma ideia muito boa. Porra, era uma ideia colossal. Era a mãe de todas as Geniais Ideias Brilhantes da História.

Talvez uns tragos acalmassem a dor de sua perna, onde milhões de pequenos cajados de pastor se multiplicavam naquele exato momento, embora ele não pudesse vê-los.

Quem sabe, de quebra, calassem aquelas malditas vizinhas que gritavam em sua cabeça e que não o deixavam pensar com clareza.

E, ainda, talvez desfizessem a bola de gelo em que seus testículos haviam se transformado.

Caralho! Valia a pena tentar.

Por um prego, se perdeu um Reino.

Por um só prego. Um único e fodido prego.



Os andares inferiores do edifício eram um caos, comparados com a serenidade sepulcral do andar-bunker por onde havíamos entrado. Aquela parte não tinha sido transformada apressadamente em um centro de comando, como outros andares; ainda apresentava a estrutura e o aspecto original do hospital. Víktor e eu caminhávamos em silêncio, ombro a ombro, enquanto em nossa cabeça se aglomeravam as recordações do dia em que entramos, exaustos e quase agonizantes, no hospital Meixoeiro. Era como voltar à cena do crime.

Nosso pequeno grupo abriu caminho rapidamente. Só parávamos em algum ponto, para que Tank pudesse dar uma olhada apressada em seu mapa do edifício, e depois seguíamos em frente a toda velocidade. De vez em quando cruzávamos com algum não morto, mas os soldados da parte da frente iam abatendo-os com uma eficácia letal. Víktor e eu contemplávamos o espetáculo no centro do grupo, sem que precisássemos utilizar nossas armas uma única ocasião.

Finalmente, após cruzar o último corredor, chegamos à porta do depósito médico. Sabendo quão valiosos e escassos eram os medicamentos, eu imaginara que se trataria de uma pesada porta blindada, mas, na verdade, era uma simples porta dupla de madeira com uma tranca simples que parecia poder cair com um só olhar. O soldado que ia à frente lhe deu um pontapé, sem contemplanções, e a porta se escancarou.

O interior era uma ampla sala, com fileiras de prateleiras organizadas onde se acumulavam milhares de caixas de medicamentos.

— Isto é enorme! — eu disse. — Aqui deve haver toneladas de medicamentos. Não podemos levar tudo isso!

— Não queremos levar tudo — replicou Pauli enquanto passava velozmente ao meu lado. — Só precisamos dos que constam da lista do comandante.

— E os reagentes — acrescentou Marcelo, enquanto vasculhava a toda velocidade uma prateleira e me jogava um pote de plástico, que peguei no ar. — É o mais importante.

— Reagentes? Para quê? — perguntei, confuso, enquanto enchia a toda pressa minha mochila com as caixas e potes que Marcelo ia me passando velozmente.

— São elementos imprescindíveis para poder fabricar nossos medicamentos em Tenerife — explicou. — Quanto mais desses potes levarmos, menos teremos de voltar à Península para arranjar medicamentos.

— Então, acho que é uma ideia maravilhosa — disse Prit, entusiasmado, sacudindo seus bigodes enquanto socava caixas e mais caixas no fundo de

sua mochila.

Não levamos mais de quinze minutos para encher as mochilas de medicamentos e de princípios ativos. Pelo que pude ver, na lista havia de tudo um pouco: antibióticos, opiáceos, estimulantes e várias coisas que eu não saberia dizer o que eram. Para ganhar espaço, tiramos os medicamentos das caixas, e muitas delas vazias forravam, amontoadas, o chão da farmácia. Sentado como um bunda em cima de um dos montes, David Broto ia tirando caixas de um enorme cesto e, após examiná-las, descartava-as, jogando-as por cima do ombro. Finalmente, deu um grito de alegria, ao encontrar o que estava buscando.

— Maravilha! Já estava achando que não ia encontrar dessas — levantou-se de um salto e veio até nós, desenroscando a tampa de um pote. Tirou dois comprimidos de um branco anódino e colocou um na boca, com uma inconfundível expressão de satisfação. A seguir, ofereceu-me o frasco.

— Quer? — perguntou. — Acho que podem cair muito bem.

— O que é isso? — perguntei com desconfiança.

— Metanfetamina — Broto replicou, piscando para mim. — Sem sono, sem fome, sem sede e com os sentidos mais alertas do que um índio apache. A bomba, amigo.

Eu não queria nenhum tipo de droga em meu organismo, e neguei com a cabeça, mas Prit se adiantou e tirou dois comprimidos do pote, decidido. Colocou um deles na boca e me deu outro.

— Tome — e disse, sério —, e deixe de bobagens. Qualquer ajuda nestas horas cai bem, mesmo que seja se dopando. Não sabemos como vamos passar as próximas horas.

Compreendi a lógica do ucraniano e engoli o comprimido que me oferecia. Não notei nenhuma sensação no momento, mas supus que os efeitos levariam um tempo para aparecer.

Levantei-me, enquanto colocava a mochila nas costas. Pesava bem mais do que já tinha pesado, e suspirei quando Prit me passou a lanterna e a Glock que eu deixara descuidadamente no chão.

— Isso pesa uma tonelada — reclamei. — Vou estar suando feito um boi daqui a cinco minutos.

— Não seja frouxo — disse Víktor alegremente, enquanto punha no ombro sua mochila, tão cheia quanto a minha. — Minha tia Ludmila carregava, todas as semanas, uns cinquenta sacos de batatas deste tamanho na fábrica de Koljoz, onde trabalhava. Claro que minha tia pesava 115 kg, tinha um olho de vidro e era feia como o cão — acrescentou o ucraniano pensativamente, e, sem pausa, começou a contar uma delirante história sobre sua tia Ludmila, um palheiro incendiado e uma vaca leiteira presa em um poço de barro.

Escutando a tagarelice incansável de Víktor sobre sua família, perguntei-me se aquilo seria um indício de que a metanfetamina estava começando a fazer efeito. Rezei para que não fosse isso, porque, do contrário, eu seria capaz de estrangular meu amigo em menos de dez minutos.

— ... Então meu primo Sergei, que ainda estava nu, saiu pela janela com uma enxada e... — Víktor estava falando, quando ouvimos dois tiros do outro lado da linha de prateleiras. Em menos de um segundo, o ucraniano interrompeu sua alegre conversa. Com uma expressão seca, engatilhou seu HK e deslizou cautelosamente para o lugar de onde tinham soado os disparos. Eu o segui, meio sepultado pela mochila, enquanto Marcelo se desembaraçava a toda velocidade da sua para poder manipular a MG 3 com mais conforto.

Chegamos à porta quando se ouviu nova rajada de fuzil e gritos de alerta. Três legionários tentavam conter um grupo de não mortos que aparecera na entrada da farmácia. Aquilo significava que nosso tempo acabara. Nossa presença no edifício já não era segredo: toda a estrutura retumbava enquanto centenas de criaturas gritavam, batiam nas paredes ou subiam desajeitadamente as escadas rumo a nossa posição. Estavam se concentrando, atraídos por nossa presença, e em um instante aquilo seria um ferredouro de criaturas.

— Temos de sair daqui! — ouvi um dos sargentos gritar.

— A única possibilidade é chegar até o térreo! — rugiu Tank, tentando se fazer ouvir acima do repique das armas de fogo. — Nas fotos do satélite veem-se alguns blindados estacionados do outro lado da esplanada de trás do edifício! Temos de chegar até eles e cair fora voando: Vamos, vamos, vamos!

Suas palavras nos deram asas. Reanimados, formamos um compacto grupo e começamos a andar para o vão das escadas. A cada poucos metros, um grupo de não mortos surgia de repente, saídos sabe-se lá de onde, mas a disciplina de fogo dos soldados que encabeçavam a marcha era perfeita e, embora de maneira desesperadamente lenta, íamos ganhando metros. Se estivéssemos em um espaço mais amplo, não teríamos tido nenhuma possibilidade, mas, dentro do edifício, a própria estreiteza das escadas era nossa maior aliada. As criaturas só podia: nos atacar pela frente ou por trás, e não mais de dois ou três ao mesmo tempo, tudo jogando a nosso favor.

Encolhido no centro do grupo, eu me concentrava em não perder o passo nem tropeçar em nenhum dos corpos sem vida que íamos deixando como uma trilha atrás de nós.

O repique das armas de fogo ricocheteando dentro dos estreitos limites do edifício era tão ensurdecedor que nos deixara praticamente surdos. Cada vez que um dos soldados que marchava à frente precisava de munição, via-se obrigado a se voltar e dar um tapa no ombro do que ia atrás, já que era impossível ouvir qualquer coisa. Broto e eu lhes passávamos os carregadores

feito possuídos, enquanto, atrás de nós, um dos sargentos e Pauli faziam maravilhas enchendo os carregadores vazios com munição que tiravam de uma mochila, sem parar de caminhar. O brilho alaranjado dos tiros tingia a escuridão de uma cor espectral, enquanto os fachos das lanternas oscilavam loucamente de um lado para outro. O ar cheirava a pólvora, sangue e suor.

O legionário que estava bem à minha frente se voltou para me pedir um carregador. Justo nesse momento, um não morto apareceu por trás de uma esquina, rodeou seu pescoço com os braços e o arrastou para fora do grupo. Ouvi o grito desesperado daquele garoto, mas antes que alguém pudesse fazer qualquer coisa, a criatura já cravava seus dentes no braço do desafortunado soldado. Sem diminuir o passo, Tank levantou sua pistola e soltou uma rajada de tiros no não morto, que desabou a seus pés. A seguir, virou o cano de sua arma para o soldado ferido.

— NÃO! — foi a única coisa que aquele pobre diabo teve tempo de gritar antes de Tank estourar seus miolos.

Fiquei gelado. O fato de saber que aquele homem estava condenado desde o momento em que foi mordido não havia me preparado para a brutal reação de Tank. Era a única alternativa possível e, com toda certeza, a mais humanitária para o soldado, mas, ainda assim, senti o sangue abandonar meu rosto.

Tank se inclinou para mim e me disse algo, mas, ensurdecido pelos tiros, não pude entender uma só palavra do que dizia. Um apito agudo estava definitivamente instalado em meus tímpanos, e até as detonações soavam amortecidas, como se tivesse uma tonelada de algodão em minhas orelhas. Alguém me empurrou por trás e, antes que me desse conta, estava na vanguarda do grupo ocupando o lugar do soldado morto.

Três não mortos balançavam-se a poucos metros de nós. Marcelo, situado a minha direita, levava a MG 3 atravessada nas costas (era impossível usar aquela arma de enorme retrocesso sem apoiá-la em algum lugar, a não ser que o atirador fosse um verdadeiro Hércules) e atirava com sua pistola, com sangue-frio, em tudo que cruzava nosso caminho. Do outro lado, o sargento veterano da cicatriz no pescoço inclinou-se para mim e gritou algo. Não precisava ouvi-lo para saber o que queria me dizer.

Apertando os dentes, levantei o HK e comecei a atirar.

Eu não saberia dizer em que momento as coisas começaram a fugir do controle. É muito difícil calcular o tempo quando se está atirando em uma escada escura em tudo aquilo que se move. A bem da verdade, acho que minha contribuição para a equipe que abria caminho foi muito modesta. Na maior parte das vezes, tanto Marcelo como o velho sargento já haviam liquidado os não mortos antes mesmo que eu tivesse tempo de apontar. Porém, naquela área do edifício em que nos encontrávamos, parecia haver menos criaturas, já que nosso avanço era cada vez mais rápido. Possivelmente, o som dos tiros, ao ricochetearem pelas infinitas curvas das escadas e corredores, criava um repique grande demais para que os não mortos pudessem nos localizar com facilidade.

Em todo caso, e fosse o que fosse, era uma bênção. Nos últimos cinco minutos consumiríamos praticamente toda a munição não defeituosa que nos restava. Alguns soldados já tinham se livrado de seus fuzis, porque os carregadores estavam vazios, e se agarravam a suas pistolas com o desespero dos náufragos pintado nos olhos.

– Carregadores! Um maldito carregador, caralho! – Marcelo gritou, ao meu lado.

– Tome! – Broto, suando profusamente, passou-lhe um carregador, enquanto acrescentava com voz trêmula – É o último!

Para se certificar de que o argentino entendera direito, fez um gesto inconfundível com as mãos vazias. Voltei-me para ele com a incredulidade estampada no rosto. Ainda faltava descer um lance de escadas e, depois, percorrer todo o térreo até a saída da praça, onde supostamente estavam estacionados os blindados. Sem mais munição, não poderíamos chegar nem à porta do edifício.

Meu olhar cruzou com o de Tank, que caminhava no extremo direito da coluna, perto do final, onde Víktor e o outro sargento cobriam nossa retirada, mantendo na linha os poucos não mortos que pudessem aparecer. O alemão me olhou e balançou a cabeça, com uma expressão sombria no rosto. Não há o que fazer, diziam seus olhos.

E justo naquele momento, como se os deuses se apiedassem de nós (ou, ao contrário, quisessem que nosso sofrimento se prolongasse um pouco mais), o lance de escadas desembocou em um patamar com uma janela.

Era uma janela alta e suja, que só deixava entrar um quadrado de luz turva, mas uma janela, afinal. Por meio de sinais, mostrei-a a Tank.

– Estamos no primeiro andar! – gritei, sem saber se seria ouvido. – Vamos sair por aí! Não pode ser muito alto!

Nunca soube se o alemão me entendeu ou não, mas o caso é que, como um cão pastor, foi levando nosso grupo para o pé daquela janela. enquanto

se colocava na posição mais exposta para proteger os últimos homens que chegavam ao patamar naquele momento.

Já apoiados na parede, exalei um suspiro de alívio. Situados daquele modo, tínhamos só de proteger um flanco, mas, ainda assim, a situação continuava sendo terrivelmente comprometedor. Dos onze sobreviventes que restavam, tínhamos munição para menos da metade e essa reserva não duraria muito.

— Suba em meus ombros! — Pritchenko vociferou com tanta força em meu ouvido que pensei que estouraria meu tímpano. Várias mãos apareceram para me desembaraçar da mochila e me colocar nos ombros do ucraniano. Com um empurrão, estava em cima de Víktor e com a cabeça à altura da janela.

A janela estava a uns dois metros de altura, e dava a sensação de que não tinha sido aberta nem uma única vez desde a inauguração do edifício. Um pequeno cerco de ferrugem cobria as ferragens, dando-lhe um aspecto triste, e a parte externa estava coberta de tão grossa camada de sujeira que mal deixava entrar luz.

Com os nós dos dedos brancos por causa do esforço, segurei na esquadria de alumínio e olhei pelo vidro. Dali podia ver parte de uma pequena área de fundos que um dia devia ter servido como estacionamento para os funcionários do hospital. No chão ainda se viam as faixas de tinta que delimitavam as vagas, mas a areia, a cinza e as rachaduras que foram aparecendo no cimento davam-lhe, naquele momento, um aspecto mal-assombrado. Ao fundo da área, dois pesados veículos blindados pintados de verde-oliva repousavam tranquilamente, com as pontas dos canhões cobertas por capas de pano. De resto, não se via viva alma. Imaginei que os não mortos que tinham andado vagabundeando por ali até aquele momento deviam estar tentando entrar no edifício, atraídos pelo som dos tiros, deixando, assim, o campo livre. A ocasião era perfeita.

Tentei a fechadura, mas não consegui movê-la nem um centímetro, nem em um sentido nem no outro. Sem tempo para contemplações, bati no vidro com a culatra da minha Glock. A janela se quebrou com um ruído tenebroso, enquanto uma chuva de cacos de vidro caía para fora. Apressadamente, limpei o quanto pude as bordas da esquadria e pus a cabeça para fora.

O ar externo tinha um cheiro maravilhosamente fresco e limpo, comparado com o rarefeito ambiente de dentro do edifício. À minha direita, pelo muro, corria um tubo metálico de uma cor fosca. Era fino demais para ser de esgoto (possivelmente uma conduta, ou algo similar), mas parecia estar solidamente fixado. Embora não fosse muita a altura até o chão, pensei que seria preferível descer segurando aquela tubulação, aparentemente firme o suficiente para suportar nosso peso.

— Vamos sair por aqui! — gritei, olhando para dentro.

Em rápida sucessão, passaram-me as onze mochilas cheias de

medicamentos e, depois, sem contemplações, fui jogado pela janela. Passei pelo vão e, retorcendo-me com a graça de um acrobata com artrite, segurei na tubulação e comecei a descer palmo a palmo, até chegar ao chão.

A primeira coisa que fiz foi olhar em volta com apreensão. Eu tinha só umas cinco balas no carregador de minha Glock e, se naquele momento um grupo de não mortos dobrasse a esquina, eu não teria tido outro remédio que não fosse sair correndo. Felizmente, não parecia haver nenhum por ali, pelo menos por enquanto.

Vi como Víktor se desprendia da tubulação, com sua inseparável faca batendo ritmicamente em seus rins. A seguir, apareceu Marcelo, e um pouco depois o sargento veterano de lenço no pescoço. Quando David Broto saiu, houve um momento de tensão, já que o programador ficou entalado durante um angustiante segundo no vão da janela. Foi preciso que Marcelo subisse de novo pela tubulação para ajudar a catalão a desentalar.

Enquanto isso, a situação lá dentro se degradava a cada instante que li passava. Naquele momento, só se ouvia o tiro de dois fuzis, que a duras penas conseguiam conter a multidão de não mortos. Um dos soldados saiu pela janela, com o pânico estampado no rosto, e optou por pular diretamente ao chão. Ao aterrissar, seu tornozelo direito fez um estalo tão terrível que por um momento todos esquecemos a situação e nos voltamos para o pobre infeliz, que se contorcia de dor.

Já se ouvia só o soluço cadencioso de um fuzil dentro do edifício. Tank saiu pela janela e se voltou para dentro, esticando sua mão para o seguinte a sair, um soldado muito moreno, com o rosto marcado pela acne. Mas, quando já estava seguro pelo punho, o soldado soltou um grito lancinante, enquanto algo o puxava para dentro do edifício.

— Aaaaaii, porra, isso dói, dói, Dói! — gritava o garoto, tentando se segurar desesperadamente no braço do comandante.

Sem cerimônias, e murmurando um breve "sinto muito", Tank soltou os punhos daquele pobre diabo. Em menos de um segundo, o corpo do garoto foi trago para dentro do edifício e desapareceu com a mesma rapidez que um boneco dentro de uma caixa. Seus gritos de agonia ecoaram durante um tempo, e depois, só silêncio.

Estávamos mudos quando Tank chegou ao chão e sacudiu o pó da jaqueta, manchada do sangue de alguém (ou algo) na manga. Além do soldado moreno, faltava outro legionário e o segundo-sargento do pelotão, que também tinham ficado lá dentro. Todos nós estávamos fazendo as mesmas contas, e ninguém se atrevia a dizer nada.

Do grupo inicial de dezoito pessoas que haviam entrado menos de uma hora antes naquele edifício, só restavam oito: Marcelo, Pauli, Tank, Broto, o sargento veterano, o soldado do tornozelo quebrado cujo nome eu desconhecia, Víktor Pritchenko e eu.

– O que estão esperando? – grunhiu Tank, ostentando uma sensibilidade tipicamente germânica. – Corram para os veículos antes que tenhamos companhia!

Sem pronunciar uma palavra, pegamos as mochilas do chão (mas três delas tiveram de ficar abandonadas ao pé do muro) e, seguindo Tank, chegamos aos veículos. Os blindados eram dois carros de assalto de aspecto extravagante, com quatro enormes pneus de cada lado e uma torreta com um canhão desproporcionalmente grande na parte superior. Embora dessem a sensação de ter sido desenhados por um engenheiro sem noção da estética, transmitiam uma imagem de força fora do comum.

– Que tipo de geringonça é esta? – perguntei, enquanto tentava recuperar o fôlego.

– Um Centauro – disse o sargento veterano, enquanto desamarrava o lenço do pescoço e o passava pela testa. – Um blindado leve de reconhecimento. Apesar de parecer feio, é formidável. Tive um desses sob meu comando na Bósnia, há alguns anos.

– Se for capaz de nos tirar daqui, para mim já é o mais formidável do mundo – murmurei, sem compartilhar o entusiasmo do militar por aquele monte de aço. – Acha que vão funcionar?

– Ah, com certeza – respondeu o sargento com um sorriso, enquanto subia no blindado e abria a escotilha de acesso. – Estes equipamentos são muito robustos. Se tiver um pouco de combustível, com certeza vai funcionar.

Enquanto o militar se inclinava sobre os comandos do veículo tentando fazê-lo funcionar, aproximei-me de Viktor. O ucraniano estava suado, mas não parecia cansado. Eu, de minha parte, fiz a mim mesmo a enésima promessa de parar de fumar, enquanto tentava recuperar o fôlego.

– Por que acha que os deixaram aqui? – perguntei, entre uma inspiração e outra.

– Boa pergunta – Prit retrucou. – Ou esses veículos não funcionam, ou acharam que não valia a pena levá-los.

– Porque dizes isso?

– Veja – Pritchenko apontou. – Têm um canhão tão enorme quanto inútil nesta situação e, além do mais, não deve caber mais de quatro tripulantes dentro deles, e muito apertados. Realmente, em caso de evacuação, ao lado de um ônibus ou de um caminhão do Exército, não são lá muito valiosos. Se tinham poucos motoristas, é bastante lógico que os deixassem para trás.

– Espero que você tenha razão – murmurei, esperançoso.

Nesse momento, o motor do Centauro soltou uma tosse asmática, seguida de uma série de otegos mecânicos. Por fim, em meio a uma inacreditável



nuvem de fumaça preta, o motor do blindado ganhou vida com um espetacular rugido, enquanto o sargento dava umas vigorosas aceleradas.

– Pronto! – grunhiu o suboficial, satisfeito, tirando a cabeça pela escotilha do condutor. – Vamos embora daqui!

Entusiasmado, peguei minha mochila do chão para entrar em nosso veículo. Já estava na metade do blindado quando Broto fez um ruído abafado, enquanto arregalava os olhos.

– Não vai rolar, sargento – ouvi Pauli dizer. – Saia do blindado, com as mãos onde eu possa ver. Vamos!

Estupefato, levantei a cabeça. Pauli apontava para o surpreso sargento com seu HK, enquanto Marcelo, ao seu lado, segurava a MG 3 apontada para nós, na torre do Centauro. Por sua vez, o soldado do tornozelo quebrado se aproximou de nós mancando e lentamente nos desarmou, um a um, jogando nossas armas dentro do veículo.

– Não se zanguem, senhores – a voz de Marcelo, suave e fria como uma adaga, soou com clareza –, mas vocês ficam aqui.

– Quem é você? Como chegou aqui? – a voz chegava amortecida pelo pesado traje de proteção. – Você não está com o traje de proteção! Não pode entrar aqui sem ele!

Lucía voltou-se ao ouvir a voz abafada atrás de si. Viu uma mulher de uns 50 anos de idade que a observava fixamente pela viseira do traje de proteção. A mulher segurava uma bandeja de provetas em uma mão e uma tabela de anotações na outra, e permanecia em pé ao lado de um microscópio.

– Está ferida! – disse a mulher, com voz alarmada, enquanto apontava para a perna ensanguentada do uniforme de enfermeira de Lucía. – Esta é uma área de isolamento! Você pode se contaminar!

Antes que Lucía pudesse pronunciar uma só palavra, uma série de tiros rápidos soou do outro lado da porta. Ambas ouviram grunhidos e barulho de pancadas, pontuados por mais tiros. Em determinado momento, ouviu-se a voz tronante de Basilio Irisarri gritando: "Eric, ajude-me de uma vez", e depois, só o silêncio.

A mulher do traje se aproximou da porta e colou sua cabeça à pequena janela ovalada do centro. O que viu a fez sentir um calafrio e afastar a cabeça bruscamente.

– Estão ali fora! Os não mortos estão ali fora! Há seis cubículos abertos! – voltou-se para Lucía, com os olhos faiscando de raiva. – Você os soltou? Responda!

– Ei, calma, ok? – replicou a jovem, sem se amedrontar. – Lá fora há dois sujeitos que...

– Acho que não há muita gente lá fora, pelo que vejo – murmurou a mulher, enquanto corria para um dos computadores. Após digitar um código, uma sirene começou a soar insistentemente.

Outro médico, também usando um traje de proteção, pôs a cabeça para fora do gabinete contíguo. Parecia confuso com o alarme, e segurava uma pistola na mão.

– Eva, que diabos está acontecendo? – perguntou. Quando seu olhar pousou em Lucía, seus olhos se arregalaram. – Quem é essa?

– Não sei – respondeu a mulher que atendia pelo nome de Eva, voltando-se para Lucía. – Mas é uma boa pergunta. Quem é você, garota?

– Meu nome é Lucía e trabalho neste hospital – respondeu atropeladamente. – Há dezenas de pessoas atirando por todos os lados nos andares de cima, uma loucura. Há um monte de mortos e feridos! Uns homens me seguram até aqui tentando me matar. Mataram Irmã Cecília! Você tem de me ajudar! – até para ela mesma soava incompreensível o que

dizia, mas não conseguia se acalmar depois de quase ter morrido.

— Calma, calma. O pessoal da segurança logo vai chegar e se encarregar de tudo, ok? — a mulher disse, olhando para Lucía e pondo a mão em seu ombro. — Enquanto isso, por que não se senta um pouco e se acalma?

Lucía sentiu instantaneamente uma onda de alívio percorrendo todo seu corpo. Estava a salvo. Tudo ia dar certo.

Deixou-se cair em uma cadeira, sentindo-se de repente terrivelmente esgotada. Recostou-se, mas instantaneamente sentiu o ardor do fino corte que se auto infligira por acidente com o bisturi. Levantou a cabeça para pedir àquela gente tão gentil um pouco de água oxigenada, ou algo do gênero, mas a mulher que se chamava Eva estava de costas.

Fascinada, notou que a viseira do capacete do outro médico, em pé bem embaixo de uma das luzes do teto, refletia como um espelho a mulher. No momento em que ia abrir a boca, Eva fez um gesto que transformou a fascinação de Lucía em terror. Com uma mão, apontava discretamente para a arma que o médico segurava, enquanto passava a outra pelo pescoço com um gesto inequívoco.

— Sabe de uma coisa? — disse a mulher. — Acho que é melhor esperarmos dentro desta... Eeeeei! O que está fazendo?

Lucía pulara feito uma mola e passara um de seus braços em volta do pescoço da mulher. Com a outra mão, segurava o bisturi à altura de seus olhos. Por um terrível instante percebeu que não tinha nem a mais remota ideia do que fazer a seguir.

— Quero sair daqui — disse simplesmente, após um segundo de hesitação. — Agora.

— Acalme-se! Solte a dra. Méndez, por favor! — disse o outro indivíduo, com voz trêmula, enquanto levantava a arma.

Lucía tinha quase certeza de que aquele sujeito (provavelmente um ajudante ou um auxiliar) não se atreveria a atirar. É preciso ter algo especial no sangue para poder atirar em outra pessoa olhando-a nos olhos, dissera Víktor uma vez. E Lucía tinha quase certeza de que o ajudante não possuía o que se devia ter.

Então, respirando fundo, apertou seu braço com mais força em volta do pescoço da doutora.

— Quero sair daqui. Agora — repetiu —, ou juro por Deus que corto seu pescoço de lado a lado.

— Ouça, você não pode sair daqui! — disse a doutora Méndez com voz entrecortada. — Os não mortos feriram sua perna, possivelmente a infectaram.

É melhor me soltar. — Ninguém feriu minha perna — disse Lucía, concisa.

– Você está sangrando – apontou desajeitadamente o outro médico, como se aquilo não fosse uma obviedade do tamanho de um elefante.

– Eu mesma me cortei sem querer! Estava com este bisturi na mão e, ao entrar, tropecei e caí. Então, eu mesma me cortei, entendem? – protestou, mas com poucas esperanças de que acreditassem nela.

– Claro, claro, você se cortou sozinha ao passar por meia dúzia de infectados. Eu ouvi essa mesma história na Área Segura de Valência um milhão de vezes antes que nos evacuassem – Eva arfou. – Ouça... você... vai..., me... estrangular.

– Há outra saída? – perguntou Lucía enquanto afrouxava um pouco o abraço no pescoço da doutora. Não era sua intenção que ninguém mais saísse ferido, mas tinha de fugir dali. Se achassem que estava infectada, não tinha muitas ilusões acerca do "tratamento" que a esperava.

– Há a outra sala de acesso, a que dá para a área de escritórios – respondeu o outro médico com voz hesitante, enquanto apontava para a porta às suas costas.

– Maldição, Andrés. Por que não se cala de uma vez? – grunhiu Eva, furiosa, enquanto seus olhos soltavam faíscas. Naquele instante, aproveitando que Lucía afrouxara o abraço, a doutora impulsionou bruscamente sua cabeça para trás. A parte posterior do capacete acertou Lucía com força na testa e, por um instante, a única coisa que pôde ver foi um monte de manchinhas coloridas dançando na frente dos seus olhos.

Aquela era a oportunidade que a dra. Méndez estava esperando. Com uma cotovelada seca no tórax de Lucía, que deixou a jovem sem ar nos pulmões, livrou-se dela e se afastou rapidamente.

– Atire, Andrés, atire! – gritou. – Ela está infectada!

– Não posso atirar, Eva! – replicou o médico chamado Andrés, com voz queixosa. – Não posso! Atire você!

– Dê aqui, imbecil! – grunhiu a dra. Méndez, enquanto arrancava a pistola de Andrés bruscamente.

Esse pequeno instante foi suficiente para que Lucía deslizasse feito enguia até a última sala, onde a porta da sala de descontaminação estava tentadoramente aberta. Com um salto, jogou-se ali dentro e empurrou a porta atrás de si. Uma mão apareceu no último segundo pelo vão da porta, agarrando seu braço.

– Peguei, doutora, peguei! – a voz do ajudante soava triunfal, ate que Lucía, sem contemplações, cravou-lhe o bisturi com força no antebraço, obrigando-o a retirá-lo. – Aaaii, estou ferido, doutora! Acho que ela me mordeu!

Lucía fechou a porta com força e apertou o botão da parede. Em poucos segundos, seus olhos voltavam a lacrimejar por causa dos produtos químicos.

Após dois intermináveis minutos, a luz mudou para verde e a jovem saiu em um belo gabinete, lotado de papéis e com montanhas de livros empilhados pelos cantos. Tropeçando entre eles, Lucía conseguiu chegar até a janela, que dava para um poço de ventilação mal iluminado.

Colada a uma parede, uma escada de incêndios subia para os andares superiores. Sem hesitar um segundo, a jovem começou a subir por ela até chegar ao nível da rua.

O exterior era um caos. Dezenas de pessoas desciam empurrando-se pelas escadas, tropeçando entre si e gritando histericamente. Um Igrupo de enfermeiros tentava inutilmente atender os feridos nos corredores, mas não davam conta da aluvião de gente que chegava sem parar. De dentro do hospital ouviam-se tiros isolados de vez em quando. Dava a impressão de que alguns dos grupos de segurança ainda não tinham percebido que estavam caçando sombras.

– Ei! Ouça! Venha aqui! – um enfermeiro corpulento e de pele escura pegou-a pelo braço. Lucía, aterrorizada, tentou se soltar, mas aquele homem era muito forte. – Calma, garota, só quero ajudar! Deixe-me ver esses cortes.

Antes que pudesse perceber o que estava acontecendo, Lucía foi levada quase arrastada pelo enfermeiro para uma área do jardim externo, onde algum médico com iniciativa montara um apressado hospital de campanha.

– O corte da perna não parece muito profundo, mas levou uma bela pancada na testa. E que diabos jogaram em seus olhos? – o enfermeiro perguntou-lhe, enquanto esvaziava um jato de água destilada em seus globos oculares. Lucía sentiu instantaneamente uma agradável sensação de alívio. – Ei, acho que alguém aí dentro está usando gás lacrimogênio!

– Estou bem, obrigada, estou bem – foi tudo o que Lucía pôde murmurar.

– Parece que sim. É melhor se afastar um pouco desta confusão, pelo menos até que as coisas se organizem – respondeu o enfermeiro, observando-a fixamente.

Nesse instante, dois enfermeiros depositaram ao seu lado uma padiola que trazia um soldado agonizante com um enorme ferimento à bala no peito. O médico, então, concentrou toda sua atenção no ferido, e Lucía aproveitou esse momento para sair por uma lateral do jardim.

Quando se afastou alguns metros do hospital, parou, tonta, em frente à vitrine vazia de uma loja. Contemplou seu reflexo durante alguns instantes, pensativa. Seu cabelo estava enebado por conta das duchas de produtos químicos, e um furacão parecia ter passado por sua roupa. A perna da calça branca estava tingida de vermelho por causa do corte, e tinha um enorme galo no meio da testa, bem acima de seus olhos congestionados.

Não me admira que as pessoas olhem para mim, ela pensou. O estranho é que não saiam correndo, assustadas. Pareço uma drogada viajando no crack.

Uns guardas civis se aproximavam naquele momento trotando pela rua. O primeiro impulso de Lucía foi se aproximar deles e contar o que havia acontecido. Tinham assassinado Irmã Cecília praticamente diante de seus olhos, assim como Maite. As autoridades tinham de fazer alguma coisa, tinham de pegar os responsáveis por aquilo. Talvez até estivessem ali por perto ainda. Estremeceu ao pensar nisso, e não pôde evitar dar uma olhada aterrorizada à sua volta.

Quando já começava a atravessar a rua, parou subitamente, assaltada por um tenebroso pensamento. Se abordasse os guardas e lhes contasse aquela estranha história de pistoleiros, freiras e não mortos, o mais provável seria que a retivessem por um bom tempo, enquanto aquela confusão não se esclarecesse (Principalmente com a pinta de drogada que você está). E não tinha a menor dúvida de que naquele momento os médicos do laboratório (do Zoo; assim chamavam aquele lugar horrível) já estariam dando aos guardas armados do hospital uma descrição detalhada da enfermeira de olhos vermelhos que tinha sido "ferida" pelos não mortos. E aqueles médicos também quiseram matá-la.

Sem que tivesse feito nada de errado e sem dar ouvidos a suas explicações, quiseram matá-la.

Por quê? Perguntou-se, à beira das lágrimas. Por quê?

Porque têm medo de você, idiota. Porque têm medo de que o vírus se espalhe de novo, e acham que você pode ser a porta do inferno. Mas eu não fiz nada, protestou. Nada! Nem sequer me aproximei dos não mortos.

Acha que alguém se importa com isso?, riu amargamente a voz de sua cabeça. Agora, seja uma boa garota e saia daqui voando. Para seu próprio bem.

Sem se atrever a levantar os olhos, Lucía passou pelos guardas civis. O som de uma buzina a assustou quando um pesado caminhão militar passou a toda velocidade e parou com um chiado de freios na porta do edifício. Um grupo enorme de legionários com armamento pesado desceu em um salto e correu para dentro do hospital.

Com um estremecimento, Lucía deu-lhes as costas e começou a correr.

Só nesse instante percebeu que não tinha aonde ir.

Era uma fugitiva.

– Caralho, o que é isso? grunhiu o sargento, surpreso demais para poder se mexer. – Deixem de bobagens, não estamos para brincadeiras, porra!

– Não é brincadeira, imbecil – Marcelo respondeu lentamente, quase mastigando as palavras. – Nós vamos, vocês ficam. É simples.

– Vocês estão mal da cabeça ou o quê? – gritou Broto, sem poder se conter. – Os não mortos estão para chegar! Temos de sair daqui voando!

– Claro que vamos embora, mas não para Tenerife – respondeu Pauli, sem afastar seus olhos de nós. – Estes medicamentos são propriedade do legítimo governo espanhol, e vamos para Gran Canária com eles, está claro?

Tank ficara em silêncio até aquele momento, pasmo demais para poder falar, mas aquilo era demais para ele. Vermelho de fúria, aproximou-se dos dois soldados do veículo, ignorando as armas que lhe apontavam.

– Malditos Froilos! Escória Froila! – cuspiu. – Corja barata! Vocês não têm honra nem dignidade! São uns miseráveis traidores!

– Vocês são os traidores! – rebateu Pauli, indignada, também aos gritos. – Julgaram-se no direito de suplantar a legalidade vigente! Traíram o legítimo governo democrático para instaurar essa patranhada de República que está em Tenerife!

– Governo democrático? – Tank estava lívido de ira. – O maldito governo Froilo não tem nenhuma legitimidade! São um bando de militares escondidos atrás do nome de uma criança, usada para seus interesses sob a aparência de uma monarquia democrática!

– Essa criança é o rei da Espanha! O representante do governo legítimo! Só um traidor ou um comunista pode pensar em instaurar uma República pelas costas do povo! – Pauli esbravejou, com a voz quase tremendo.

– Ninguém agiu pelas costas do povo, grande imbecil! O governo da República é democrático!

– Democrático? Sei! O caralho! Quando houve eleições? Ou um plebiscito para aprovar a República?

– E vocês, nessa sua maldita monarquia, fizeram algum tipo de eleição, hein? Hein! Vocês não têm um caralho dessa legitimidade que tanto alardeiam!

De repente, a metralhadora de Marcelo soltou uma ruidosa rajada por cima de nossa cabeça. Aterrorizado, joguei-me no chão, sentindo as moscas de chumbo zumbindo a poucos centímetros de nós. Quando me atrevi a levantar os olhos, o argentino nos observava do Centauro com os olhos brilhantes de fúria. Só Tank e o sargento tinham permanecido em pé sob a chuva de balas, impávidos, enquanto Víktor, Broto e eu tínhamos achado

mais prudente lançar o corpo em terra.

— Sinto muito, mas não temos tempo para conversa fiada. Os não mortos estão se aproximando, e o tempo acabando. Senhores, vamos embora — Marcelo ordenou, enquanto fazia um gesto para Pauli, que ainda tremia de fúria, para que entrasse no blindado. Ao fazer isso, afastou a vista de nosso grupo apenas um milésimo de segundo, mas foi o suficiente para Tank.

O alemão puxou uma pequena pistola escondida no cano de sua bota direita e atirou no soldado coxo que naquele momento subia no blindado. O soldado voou para trás, enquanto uma enorme mancha vermelha florescia sobre seu peito, e acabou estatelado no chão. Sem pausa, com o ritmo compassado de um pistoleiro profissional, Tank se voltou para Marcelo e abriu fogo duas vezes. A primeira bala pegou o argentino no braço e arrancou-lhe um grito de dor, enquanto a segunda passava a poucos centímetros de sua cabeça. O portenho reagiu com extrema rapidez e se encolheu atrás da chapa blindada que protegia o posto de atirador da torre. Tank, sempre atirando e se movendo com desenvoltura, fez um esforço para subir no veículo blindado, enquanto suas balas acertavam inofensivamente a blindagem.

Nesse instante, Pauli, com uma máscara de ódio concentrado no rosto, apareceu por uma escotilha do veículo como um boneco de mola e, levantando sua arma, deu quatro tiros quase à queima-roupa no peito do comandante alemão.

Por um segundo, Tank boquejou como um peixe fora d'água, enquanto seu olhar se agarrava ao de Pauli, a poucos centímetros de seu rosto. Finalmente, com uma expressão de incredulidade desenhada em seus olhos, o alemão caiu no chão, incapaz de acreditar que Kurt Tank, o grande sobrevivente, fora abatido (e, ainda por cima, por um de seus soldados).

Outros tiros soaram a nossa esquerda. Marcelo, com o braço direito sangrando, abriu fogo contra o velho sargento, que tentava alcançar a escotilha do encouraçado com as mãos nuas. O sargento, pego pelo fogo do argentino, sacudiu-se como um boneco insuflável quando foi atingido pelas balas e finalmente caiu, imóvel, no pó, ao lado do corpo do alemão.

Por um microssegundo, fez-se um silêncio tão insuportavelmente denso que pensei que ia sufocar. Com horror, vi Marcelo girar a MG 3 para nós, com a morte dançando em seus olhos.

Estamos mortos, tive tempo de pensar. Acabou.

— Cessar fogo! — gritou Pauli. — Não atire, Marcelo! Caralho, espere, não atire!

O argentino nos contemplava sem mudar de expressão. Desarmados e indefesos no chão, não nos atrevíamos a mover nem um músculo. Àquela distância, uma rajada da MG 3 nos partiria ao meio antes que pudéssemos fazer o menor movimento. Finalmente, Marcelo suspirou e afastou o dedo



do gatilho. Achei que naquele momento morreria de alívio.

— Ouçam bem! Vocês são civis, e não deviam estar metidos no meio de tudo isso! — Pauli disse, enquanto nos observava muito ereta na escotilha. — Mas vivemos em tempos difíceis, que exigem sacrifícios enormes de todos nós na luta pela liberdade e o futuro da humanidade, e isso inclui vocês também!

Está fazendo um maldito discurso!, pensei, alucinado. A expressão de Víktor era inescrutável, mas eu apostaria o que fosse que ele estava pensando o mesmo. Felizmente, nós dois fomos bastante ajuizados para não dizer nada.

— Chegou o momento de decidirem! — Pauli continuou. — Ou República ilegítima, ou governo legítimo! Ou conosco, ou contra nós! O Airbus que nos espera em Cuatro Vientos já deve estar nas mãos de homens leais agora mesmo. Se estiverem com o legítimo presidente do governo da Espanha e com Froilán, há um lugar neste veículo para vocês. Do contrário, terão de lutar pela vida!

Eu não podia acreditar. Aquilo era tão absurdo que pensei que devia ser um pesadelo. Eu sabia das tensões políticas nas ilhas, evidentemente, mas nem em meus delírios mais descabidos imaginei-me preso no meio de uma guerra civil sem nem sequer saber qual bando era bom e qual era ruim. Se é que havia bando bom e bando ruim, evidentemente.

— Minha mulher está em Tenerife — disse eu enquanto me levantava, já que estava claro que Pauli esperava uma resposta. — E uma amiga, Irmã Cecilia, também está lá, gravemente doente. Parte desses remédios — aponte para as mochilas — pode significar a diferença entre a vida e a morte para ela. Não posso abandoná-las, assim, sem mais. Tenho de voltar para elas. Eu não vou para Gran Canária.

— E você, Pretyinko, o que diz? — Pauli voltou-se para Víktor. — Esse governo terrorista republicano queria mandá-lo para a prisão, não é verdade? É sua oportunidade de se livrar deles e servir os legítimos representantes do povo.

— É Pritchenko, senhora — replicou o ucraniano, com porte régio. — E, sim, não nego que o que diz seja verdade. Mas as duas ilhas estão cheias de espíes e, se soubessem em Tenerife que colaboramos com vocês, fariam nossas amigas pagar por isso e, o que é pior, diriam que fugimos com covardes. Víktor Pritchenko jamais fugiu, e não vai fugir justo agora.

O código de honra do camponês eslavo mais uma vez, pensei com ironia, olhando para o chão para disfarçar um sorriso de orgulho.

— Além disso — Víktor acrescentou, passando o braço por cima de meu ombro e olhando fixamente para Pauli com seus assustadores olhos azuis —, nunca se deixam os amigos para trás. Se ele fica, eu fico. Vamos juntos. Foi assim até agora e assim será. Camaradas, ele e eu. Simples assim. *Panjemajo?*

Pauli nos observou durante alguns instantes com um olhar indecifrável, entre o desprezo e o assombro. Finalmente, tirou-nos de seus pensamentos com um rápido pestanejar e se voltou para Broto, em pé ao nosso lado com o cabelo coberto de terra e pó.

— E você, Broto, o que quer fazer? Vem ou fica?

David se voltou para nós e nos olhou fixamente durante alguns segundos, enquanto sua mente tomava uma decisão. Depois de um momento, engoliu em seco, pigarreou ruidosamente e se agachou para pegar a pistola de Tank, que estava caída no chão, a seus pés.

— Vocês são formidáveis, não quero que me entendam mal — disse, dirigindo-se a nós. — Vocês dois se portaram muito bem comigo, mas em Tenerife só me espera uma cela, e em Gran Canária não tenho nada a perder, e muito a ganhar. Eu vou com eles. Lamento, rapazes.

— Está bem, garoto — Víktor disse, muito sério, mas com um tom de decepção na voz. — Sem rancores.

— Chega de rasgação de seda! — Marcelo trovejou. — Vamos embora! Vocês dois, passem essas mochilas que estão a seus pés. Ligeiro, vamos!

Obedientemente, passamos as mochilas a Broto, que, por sua vez, as ia introduzindo pela escotilha, enquanto Marcelo, sempre apontando-nos a MG 3, não tirava os olhos de nós.

— Espere um momento, Marcelo! — Pauli disse, como se repentinamente se lembrasse de algo. Com um salto, desceu do Centauro e, com uma rápida corrida, foi até o outro blindado, abandonado a apenas alguns metros. A seguir, abriu a tampa do motor, inclinou-se lá dentro e, após um breve gesto de hesitação, pegou sua faca e arrancou um emaranhado de fios, que guardou no bolso. — Não é por nada, mas não queremos que nos sigam, pelo menos por um bom tempo — foi tudo que disse, a título de explicação.

— Isso é assassinato a sangue-frio — articulei com dificuldade. Sem aquele veículo estávamos mortos, e ela sabia tão bem quanto nós.

— Não é verdade — Pauli replicou, com cara de tédio, enquanto deslizava de novo para dentro de seu Centauro. — Tenho certeza de que em algum lugar de todo esse monte de merda deve haver um jogo de cabos de reposição para essa bateria, ou algo parecido. Mas, quando o consertarem, se é que vão conseguir, nós já estaremos voando rumo a Gran Canária.

— Não temos armas! — Prit interveio.

— Isso não é problema meu. Vocês escolheram o lado, e não é o nosso — Pauli falou com certo desprezo. — Mas, de qualquer maneira, que não digam que...

E, dizendo isso, pegou a faca de combate de Víktor e a jogou aos pés do ucraniano. A seguir, fechou a escotilha e o pesado blindado arrancou, em

meio a uma nuvem de fumaça preta. Impotentes, nós os vimos se afastar até desaparecer pela esquina da praça. O som do motor, porém, só parou de se ouvir muito tempo depois, em meio ao silêncio sepulcral de Madrid.

Uma fina garoa começou a cair, à medida que o som do Centauro ia se apagando a distância. O plop-plop das gotas foi se tornando mais intenso à medida que a chuva recrudescia no asfalto ressecado e empoeirado. Ia cair uma tromba d'água, mas eu nem sequer notava. Estávamos sozinhos, desarmados e sem nenhum meio de transporte, em algum lugar de uma gigantesca cidade abandonada e infestada de não mortos. Vítima do desespero mais absoluto, um gemido escapou da minha garganta.

– Ânimo – disse o ucraniano, dando-me uma palmada nas costas. – Poderia ser pior.

– É? – voltei-me indignado para meu amigo. – Como poderia ser pior? Hein? Diga! Explique como poderia ser pior!

– Ah, fique calmo – foi a resposta do ucraniano, enquanto se agachava para pegar sua faca. – Temos um ao outro, e já saímos de situações parecidas, não é verdade? Vamos sair desta, não se preocupe. Tudo que temos de fazer é ligar esse bicho e sair daqui o quanto antes. Agora, vamos pensar de onde podemos tirar cabos de bateria antes que as coisas fiquem feias por aqui.

Exatamente naquele momento, ouvi atrás de mim um gemido característico que me deixou arrepiado. Aterrorizado, dei um pulo para a frente, enquanto meu olhar procurava o não morto, mas não havia nada à vista. E o gemido se repetiu mais uma vez. Confuso, olhei para o chão, e vi a mão do sargento veterano se mexer debilmente.

– Viktor! – gritei – Ele este está vivo!

Inclinei-me sobre o sargento. Tinha quatro ou cinco buracos de bala no peito, mas incrivelmente ainda estava vivo. Quando peguei sua mão nas minhas, ele levantou os olhos. Seu olhar estava perdido, e levou um tempo para focar sua vista em meu rosto. Quando tentou falar, só pôde cuspir uma espuma ensanguentada pela boca.

– Calma, amigo, calma eu disse enquanto olhava o distintivo em sua jaqueta, no qual constava o nome "Jonás Fernández". – Ouça, sargento, olhe para mim, ok? Fique comigo, Jonás! Vamos! Assim que Viktor puser esse Centauro para funcionar, vamos embora daqui voando.

– Merda! – bradou Viktor, subitamente furioso. – Aquela vadia arrancou totalmente os cabos da bateria! Mesmo que encontremos reposição, não terei como encaixá-los, não sem ferramentas. Sem bateria, este monstro não vai ligar nunca. Maldição!

Meu sangue fugiu do rosto ao ouvir aquilo. Os não mortos apareceriam a qualquer momento, e não tínhamos para onde ir.

– Viktor – afastei do rosto uma mecha de cabelo encharcado de chuva e tentei controlar minha voz para não deixar transparecer meu medo – ,

este homem vai morrer, a menos que receba assistência médica imediata, e nós não vamos ficar em situação muito melhor se não lhe ocorrer uma solução rápida. Sendo assim, pense em alguma coisa, porra!

– Não podemos fazer nada! – Víktor replicou, descarregando um soco na lateral do Centauro. – Sem bateria para o arranque estamos mortos!

O ucraniano endireitou-se de repente e me olhou fixamente.

– Temos de sair daqui, e rápido! Talvez, se seguirmos esta rua larga, Castellana, acho que é o nome...ou talvez pelos túneis do metrô. Pode funcionar – a mente do ucraniano funcionava a toda velocidade.

– Víktor – eu disse, apontando para o sargento ferido. – E que vamos fazer com ele, caralho?

Como única resposta, Víktor tocou a faca que descansava em sua perna. Se tivéssemos de fugir em uma corrida suicida, não poderíamos levá-lo conosco, mas também não poderíamos deixá-lo ali, como uma isca indefesa para que os não mortos se servissem dele como em um self-service.

Respirei fundo, tentando juntar coragem. Uma coisa era atirar em um não morto, outra muito diferente era acabar conscientemente com a vida de um ser humano.

– Víktor – comecei a dizer, sem saber muito bem como acabar a frase. Mas, então o sargento Jonás Fernández levantou debilmente o braço, tentando chamar nossa atenção.

– Auxil... auxili... – um borbotão de sangue intensamente vermelho escorreu pelo canto dos lábios, fazendo-o engasgar.

– Sim, sargento, fique tranquilo – tentei acalmá-lo, enquanto afrouxava a gola de sua jaqueta para que ficasse mais confortável. – Vamos buscar auxílio, não se preocupe.

– Auxil... auxiliar... imbecil... – um brilho de impaciência surgiu nos olhos do sargento, enquanto cuspiu vermelho. – A bateria... auxiliar.

– Bateria auxiliar? – Prit se inclinou para a frente, ansioso. – Onde está?

– A... torre... bateria... auxiliar – a chuva se misturava com os rastros de sangue do sargento e criava uma poça avermelhada que ia crescendo em volta dele. – Mesmos plugues... e... voltagem.

Antes que acabasse de falar, Prit já subia com a agilidade de um macaco pela lateral do Centauro e entrava na torreta. Ouvi o ucraniano revirar lá dentro, enquanto eu levantava a cabeça do sargento, tentando fazer que pelo menos pudesse respirar melhor. Não sabia o que podia fazer para ajudá-lo; embora tivesse os conhecimentos médicos necessários, suspeitava que o estado do sargento Jonás Fernández estava além de qualquer possível cura. Ele devia saber também, sem nenhuma sombra de dúvidas, e aguentava estoicamente a dor que devia estar rasgando-o por dentro.

— Aqui está! — Pritchenko apareceu no alto da torreta, segurando triunfalmente uma caixa retangular nos braços. — Dê-me dois minutos e estará pronto!

Não teríamos tanto tempo. Pela esquina da praça já surgia um grupo de três não mortos cambaleando.

— Prit! — vociferei com todas as minhas forças — Depressa! Temos de ir embora. AGORA!

Coloquei o sargento Fernández no ombro e o deposei da maneira mais delicada que pude dentro do Centauro pela escotilha superior. Felizmente para ele, Jonás Fernández, sargento veterano do Tercio Juan de Austria, parecia ter perdido a consciência, e não teve oportunidade de reclamar. Quando ele já estava lá dentro, voltei-me para comprovar que os não mortos já tinham avançado a metade da distância que os separava de nós. Em um arroubo de inspiração, corri para as três mochilas que tinham ficado abandonadas ao pé da janela. Os não mortos hesitaram por um momento ao me ver, e começaram a caminhar na direção para a qual eu me dirigia. Peguei duas mochilas e, arrastando-as pelo asfalto, voltei para o blindado, dando, de vez em quando, um cauteloso olhar por cima do ombro. As criaturas já estavam a menos de cem metros de nós.

— Viktor! Acabe de uma vez com isso, ou vão arrancar suas bolas! — gritei, enquanto jogava as mochilas para dentro do veículo.

— Já... quase... pronto — o ucraniano suava profusamente, enquanto suas mãos se moviam a uma velocidade endiabrada dentro das tripas do motor. — Pronto! Para dentro, para dentro, para dentro!

Com um salto, entramos no Centauro e fechamos as escotilhas de acesso acima de nossa cabeça. Bem na hora. Quando nos posicionamos nos bancos dianteiros, os não mortos já estavam batendo nas laterais do blindado, provocando uma barafunda incrível.

— Arranque de uma vez, por Deus! — gritei para o ucraniano.

— O quê? — Pritchenko me olhou de repente, como se eu tivesse perdido o juízo. — Nem sei como se liga este trambolho!

— Como não sabe? — meus olhos se arregalaram. — Você é piloto, caralho!

— Piloto de helicóptero! De helicóptero! — o ucraniano rebateu, irado. — E na Força Aérea não temos nada parecido com esta caixa com rodas! Eu achei que você saberia guiar esta coisa!

— Eu? — então foi minha vez de ficar espantado. — Viktor, eu nunca entrei em um blindado em minha vida, nem sequer fiz serviço militar. Eu era advogado, diabos!

— Diga isso para o pessoal aí de fora! — Pritchenko gesticulou. — Você sabe ou não ligar este negócio, então?

— Não! Claro que não! — de repente, um brilho de lucidez me assaltou com força. — Espere! O sargento sabe! Ei! Ei! Jonás! Ouça, sargento, acorde! Vamos, sargento, abra os olhos, precisamos do senhor!

O sargento Fernández levou um bom tempo para reagir. Sua respiração era espasmódica, e de vez em quando se via assaltado por repentinos arrotos de sangue, que se misturava com o que saía dos buracos abertos em seu peito. Eu não entendia como podia estar vivo ainda.

Com voz trêmula e entrecortada, ele foi dando instruções ao ucraniano para que pudesse ligar o encouraçado. O sistema de ignição era ultrarresistente (graças a isso aguentara mais de um ano à intempérie e ainda funcionava), mas também dolorosamente complexo. Víktor se enganou duas vezes na sequência de acesso e teve de recomeçar. Enquanto isso, dezenas de não mortos haviam se concentrado em volta do Centauro. Alguns tinham até subido no veículo e passeavam sobre nossa cabeça, tentando encontrar um jeito de entrar. Com um calafrio, compreendi que se não conseguíssemos ligar o motor, ficaríamos presos ali dentro para sempre (ou até que morrêssemos de fome e sede). Apesar de ser um trambolho de várias toneladas, as pancadas dadas pelos não mortos faziam o blindado vibrar de lado a lado, e o barulho dentro era ensurdecedor.

Com um rangido estrepitoso, Víktor conseguiu finalmente engatar a primeira, enquanto o motor tossia pela primeira vez em mais de um ano. O Centauro deu um pulo para a frente, e se calou.

— Trate de ligar isso! Trate de ligar, por Deus! — assim que me ouvi dizer essa frase, e apesar da gravidade da situação, não pude evitar que um riso histérico escapasse de meus lábios, incontrolável.

— Caralho, o que há com você? — Víktor me dirigiu um olhar fugaz, como se pensasse que eu tinha enlouquecido. — Isso aqui parece engraçado?

Víktor tentou pela segunda vez. Então, o Centauro engasgou um pouco, mas não se calou. Triunfante, Víktor me olhou e secou o suor da testa. Pisou no acelerador, e um poderoso rugido saiu do motor a diesel.

— Ronrona como um gato! — disse, satisfeito, enquanto colava seus olhos no visor do painel de comando. — E agora, vamos embora!

— Temos de chegar a Cuatro Vientos antes que eles, senão não vai adiantar nada, Víktor — apontei, pensativo. — E já levam boa vantagem.

Este não era o único problema. O marcador de combustível do Centauro estava na reserva. Além do mais, não tínhamos a mais remota ideia de que obstáculos poderíamos encontrar atravessando uma Madrid abandonada. Eu nem sequer tinha certeza de poder encontrar o caminho até o aeródromo.

— Que se foda — eu disse após um segundo. — Tire-nos daqui voando.

Com uma acelerada, o Centauro começou a se mover lentamente,

empurrando a massa de não mortos amontoada em volta. Após uns quatro metros de agonia (e um ou outro corpo esmagado), Víktor finalmente dominou os controles do blindado e conseguimos sair da praça.

O ucraniano e eu nos olhamos e assentimos.

Começava uma corrida contra o relógio.



– Prit, cuidado!

O Centauro deu uma guinada que quase o levantou de lado, esquivando-se no último instante de uma pilha de contêineres de lixo atravessados no meio da pista. Com um gemido, o veículo recuperou sua posição natural, e continuamos circulando pelo meio da rua a toda velocidade que podíamos.

Após meia hora pela Castellana, em um percurso que nos mantinha à beira do infarto, estava claro que levaríamos bastante tempo para sair de Madri por terra. A enorme via, com suas dez pistas de largura, era ampla o suficiente para que pudéssemos nos esquivar dos ocasionais grupos de não mortos que encontrávamos pelo caminho. De vez em quando, os restos de um veículo ou de um posto de controle abandonado nos obrigavam a avançar em zigue-zague, mas, de resto, ela estava bastante limpa. As ruas secundárias que desembocavam no eixo principal estavam, na maior parte, interceptadas por barricadas, feitas à base de montanhas de carros empilhados de forma improvisada. Algumas dessas barricadas tinham caído com o passar do tempo (ou foram derrubadas pela pressão dos não mortos), e alguns milhares desses seres passeavam pela calçada, como pedestres bêbados. Prit se esquivava deles com relativa facilidade, mas o número aumentava a cada minuto que passava.

– O que acha dessas barricadas? – perguntou o ucraniano, sem afastar a vista da rua.

– Imagino que quiseram criar um corredor seguro para ligar as Áreas Seguras com a parte externa da cidade – repliquei, com os olhos colados no periscópio de observação do comandante. – Assim, teriam uma rota de evacuação bastante decente.

– E então? – o ucraniano deu uma guinada que fez meu queixo bater na borda do visor. – Como é que ninguém sobreviveu?

– Não faço ideia. Com certeza a rota deve estar interceptada mais adiante – respondi, xingando baixinho, enquanto sentia o sabor salobro de meu sangue na boca.

– O que vamos fazer? – Não sei. Quando chegar a hora, decidiremos – respondi pensativo, enquanto passávamos por baixo das Torres KIO. Uma delas estava queimada quase até o alicerce, e era apenas uma montanha de ferros retorcidos que se elevavam no ar como as raízes de um dente podre. O Centauro sacudiu como uma coqueteleira quando Prit o fez subir nos escombros caídos na rua.

Eu estava arrepiado. A sensação de circular pelo coração de uma cidade morta era fantasmagórica. A Castellana, normalmente cheia de trânsito, estava vazia, exceto por um ou outro destroço ocasional; em alguns lugares, uma grossa camada de pó, escombros e cinza cobriam totalmente o asfalto.

Em um ponto, a vegetação começara a brotar entre as juntas de dilatação do asfalto, rachando-o. Mas, o mais opressivo era o silêncio. Enquanto o Centauro corria a pouca velocidade, não se ouvia nenhum outro som além do rugido do motor a diesel do blindado. As janelas dos edifícios, muitas delas destruídas, contemplavam-nos como olhos escuros nas calçadas. Em determinado momento, meu coração galopou ferozmente ao ver, em uma esquina, um grupo de pessoas amigavelmente reunidas na porta de um restaurante. Quando nos aproximamos um pouco mais, porém, vimos que eram não mortos, que chegavam sem parar de lojas e pórticos atraídos pelo ruído da passagem do Centauro.

Após mais alguns minutos de marcha, chegamos à praça Cibeles. Alguém mutilara a estátua, que estava sem cabeça. No peito da deusa tinham escrito com tinta vermelha e mão trêmula: "Isaías 34-35". O tanque da fonte estava repleto de esqueletos cobertos de farrapos. Uma mente transtornada colocara, organizadamente, dezenas de caveiras apoiadas na beira da fonte. Ao passar, era como se os olhos sem vida de todos aqueles crânios sorridentes nos seguissem, ameaçadores.

Um tempo depois, quando chegamos a Glorieta de Atocha, Viktor parou o Centauro com uma freada tão brusca que quase me derruba no chão.

— O que foi, porra? — perguntei. — Por que está freando?

— Olhe ali adiante — Pritchenko apontou. — Não podemos seguir por aqui.

A praça de Atocha já não existia. Um dos edifícios que fazia esquina fora explodido, e seus restos obstruíam grande parte da rua. Nos pontos onde não existiam escombros, haviam aberto largas valas no chão, de vários metros de amplitude, que estavam cheias de água estagnada. Para arrematar a cena, diversos caminhões jaziam tombados, formando uma muralha intransponível, que partia aquele eixo da cidade ao meio.

— Fim do caminho — o ucraniano murmurou. — E agora, o que vamos fazer?

— Retroceda — resmunguei. — Talvez, se voltarmos todo o caminho e pegarmos a M-30 possamos chegar mais longe. Ou, se isso não funcionar, poderemos tentar atravessar algumas ruas secundárias até passar por cima desta área.

Nem eu mesmo acreditava no que estava dizendo. Em uma pista tão larga quanto a Castellana o Centauro tinha alguma possibilidade de avançar, mas, nas ruas secundárias, estreitas e cheias de destroços de veículos e edifícios desabados, ficaríamos entalados em três tempos. Porém, não tínhamos alternativa.

Obediente, Prit fez ampla curva e virou o Centauro na direção contrária. Naquela parte, a Castellana se transformara no Passeio do Prado, mais estreito e terrivelmente cheio de árvores. Prit estava sofrendo para serpear

por entre os troncos com o Centauro cada vez que um grupo de não mortos o obrigava a mudar de pista. Eu não saberia dizer a quantidade de não mortos que nos cercava naquele momento, mas superava em muito os dois mil. Se o Centauro ficasse entalado, não teríamos a menor chance.

Sentia meus olhos ardendo, enquanto os apertava na borracha do periscópio. Uma gota de suor entrou por um canto e me inclinei para trás para secar o rosto. Quando tornei a colar o rosto no visor, um reflexo do sol sobre algo brilhante chamou minha atenção. Girei o periscópio para minha direita e dei um grito de advertência.

– Prit! Pare!

– O que foi? – perguntou o ucraniano, alarmado.

– Vi alguma coisa, à direita, em cima desse telhado – indiquei-o a Víktor, que, por sua vez, olhou na mesma direção. Estávamos parados bem em frente à porta principal do Museu do Prado. Entre a folhagem das árvores podia-se distinguir a cúpula do corpo central do enorme edifício, mas, bem em frente a ela, no telhado, uma superfície de acrílico soltava lampejos cada vez que o sol ali incidia. Se não tivesse surgido um vão entre as nuvens bem no momento em que passávamos por ali, não o teríamos visto de modo algum.

– É o que penso que é? – perguntei, tentando controlar a emoção de minha voz.

– Se isso não for a cabine de um helicóptero, então eu jamais pilotei um na vida – respondeu o ucraniano depois de alguns segundos. – É um aparelho pequeno, mas, caralho, sim, é um helicóptero!

Meu coração começou a palpitar com tanta força, que pensei que ia sair do peito. Se aquele pássaro pudesse voar, era nossa melhor possibilidade de sair daquele inferno.

– Está pousado no telhado – disse Víktor, sem afastar os olhos do visor.

– E parece estar inteiro, mas enquanto não entrarmos nele não saberemos se pode voar ou não.

– Vamos entrar no edifício – respondi, decidido. – Derrubaremos a porta com o Centauro e depois procuraremos as escadas de acesso ao telhado.

– Vai ser apertado passar entre as colunas do pórtico, mas não me ocorre outra opção – Pritchenko respondeu depois de pensar um pouco. – Ok. Ponha o cinto e segure bem o sargento! Isto aqui vai balançar bastante!

Com um salto, o Centauro subiu na calçada e, guiado por Víktor, acelerou para cima da porta do museu a toda velocidade. Quando estávamos a apenas dois metros de distância, percebi que o espaço entre as colunas era terrivelmente estreito para o blindado, mas já era tarde demais para corrigir o curso. Ouviu-se um rangido espantoso quando as laterais do veículo raspavam nas colunas do pórtico. A coluna a nossa direita caiu com

um estrondo indescritível, e enormes pedaços de granito do tamanho de uma máquina de lavar roupas caíram em cima do teto do blindado, quando ele finalmente bateu na porta do Museu do Prado e a pôs abaixo.

Durante alguns segundos só se ouviu o barulho de dezenas de pedras de diferentes tamanhos caindo sobre o teto do Centauro. Eu me sentia como se alguém tivesse me arrancado pela boca todas as minhas tripas, e depois as enfiado de qualquer jeito de novo dentro de mim. O cinto de segurança me mantivera preso no banco, mas podia apostar que debaixo do neoprene eu tinha um imenso hematoma no ombro esquerdo.

— Tudo bem? — a voz de Pritchenko soou junto aos meus pés, reconfortantemente calorosa. O ucraniano já se livrara do cinto de segurança e engatinhava para a torre de comando.

— Perfeito — respondi. — E você?

— Estou inteiro — foi a parca resposta do piloto. — Vamos sair daqui antes que se juntem muitos não mortos.

Com extrema cautela, levantei a escotilha dianteira do Centauro e pus a cabeça para fora. O impacto havia sido tão grande, que a metade do veículo estava dentro do vestíbulo principal do museu, enquanto a metade traseira ainda permanecia fora, sepultada sob enormes cascalhos e restos da coluna que derrubáramos. Um gigantesco pedaço do pórtico, do tamanho de um carro pequeno, estava caído bem ao lado do Centauro. Soltei um suspiro de alívio. Se aquele enorme pedaço de granito tivesse caído em cima do veículo, nem sequer sua blindagem teria nos salvado de morrer esmagados.

Dentro do museu estava fresco, em penumbra e, acima de tudo, vazio. Não havia rastros de sobreviventes e, o mais importante, nem um maldito não morto à vista. Isso não significava que não pudesse haver algum vagando por dentro do edifício, mas eu apostaria até meu último cigarro que não havia nem uma alma, humana ou não humana, dentro do Prado. Afinal de contas, o enorme palácio era como uma fortaleza, com seus grossos muros de pedra e suas portas trancadas. O mais provável é que Víktor e eu fôssemos os primeiros visitantes do edifício desde que fora fechado por causa da Quarentena.

O chassi do Centauro e os escombros bloqueavam a porta de acesso e impediam a entrada dos não mortos, como pude comprovar, com alívio. Voltei-me para dentro e passei o braço do sargento Fernández por meus ombros para tirá-lo dali.

— Vamos, sargento, aguente um pouco mais — animei-o. — Há um helicóptero no telhado, e vamos sair daqui.

— Guarde seu fôlego — disse Víktor baixinho, enquanto levantava uma pálpebra do sargento e observava sua pupila. — Está morto.

Consternado, apoiei com delicadeza o corpo do sargento no banco do motorista. Recordei o entusiasmo com que falara do Centauro minutos antes

de ser alvejado por Marcelo. Mentalmente, reconheci que, de fato, aquele veículo era soberbo, e provavelmente tinha salvado nossa vida. Agora, aquele Centauro em particular seria seu ataúde. Fechei a gola de sua jaqueta, encharcada em seu sangue, e com o lenço de seu pescoço limpei a sujeira de seu rosto. Aquele homem fora corajoso, e merecia viajar para a eternidade com dignidade. Com um último olhar para o corpo do militar, saí definitivamente do Centauro, arrastando atrás de mim uma das pesadas mochilas cheias de medicamentos. Víktor estava fora do veículo, com a outra mochila a seus pés, e permanecia abobado olhando em volta. A poucos metros de nós, as bilheterias dormiam, abandonadas e solitárias, enquanto sobre as pilhas de folhetos e guias acumulava-se uma grossa camada de pó.

— É uma pena, este lugar — comentou pensativamente o ucraniano. — Quando menos se esperar haverá um incêndio, metade da cidade arderá até o alicerce, sem que ninguém enfrente o fogo e, então, tudo que está aqui dentro vai se transformar em cinzas. É uma puta pena, não acha?

Fiquei em silêncio por uns instantes. De repente, seguindo um súbito impulso, comecei a caminhar para dentro do edifício a passos apressados. Víktor, confuso, seguiu-me a curta distância.

— Aonde está indo? — perguntou-me, com os olhos muito abertos. — Os acessos para o telhado são por ali!

— Só um minuto — respondi, sem dar mais detalhes. — Pode me emprestar sua faca, por favor?

— Minha faca? Sim, claro — o ucraniano disse, confuso, enquanto a passava para mim. — Mas, para quê?

— Só um instante, Prit, prometo — eu disse, enquanto pegava o punhal que Víktor me entregava. Minha cabeça pensava a toda velocidade. Era impossível salvar todos aqueles quadros, mas, pelo menos, poderíamos levar um ou dois. A pergunta que eu me fazia era quais, dentre toda a enorme coleção do museu.

Estávamos nas salas do século XVII. Penduradas em uma parede, As Meninas nos contemplavam tristemente, como adivinhando que em muito pouco tempo seriam pasto das chamas. Desanimado, compreendi que qualquer quadro daquele andar era grande demais para que pudesse levá-lo, mesmo se o tirasse da moldura. De repente, notei que em um canto havia um óleo muito pequeno. Fui correndo até ele e o contemplei.

Era uma paisagem muito pequena, um jardim cheio de ciprestes, com um elegante arco de mármore branco ao fundo. O arco estava coberto por umas tábuas mal colocadas e, de um nicho à direita, um Deus grego contemplava pensativamente o espectador, enquanto alguns personagens em primeiro plano conversavam calmamente. Aquele quadro transmitia uma imediata sensação de paz e tranquilidade absoluta. O autor havia conseguido, com o talento de um verdadeiro gênio, capturar um instante de calma e sossego em uma calorosa tarde de verão.

Cercado pelos majestosos e enormes retratos dos Reis Magos e rainhas, mortos muitos séculos atrás, aquele pequeno óleo brilhava com luz própria. Tinha muito mais força e vida própria que qualquer um dos óleos que o acompanhavam na sala. A placa situada embaixo dizia "Vista dei Jardín de la Villa Médicis", e um pouco mais abaixo, o nome do autor, Velázquez.

Seria aquele, então. Tirei o quadro da parede e o apoiei virado para baixo em um banco. Em tempos normais, aquilo teria disparado instantaneamente um alarme e, antes que eu pudesse sequer ter respirado, haveria meia dúzia de guardas armados a minha volta. Porém, nem um único ruído se ouviu quando comecei a soltar, um a um, com a ponta da faca de Viktor, os grampos que uniam a tela à moldura. Quando terminei, enrolei-a cuidadosamente, até formar um tubo de pouco mais de quarenta centímetros de altura e um dedo de espessura, e o guardei na bacia vazia dos virotes, na minha coxa.

— Muito obrigado — agradei a Viktor, enquanto lhe devolvia a faca.

— Por que fez isso? — perguntou o ucraniano, perplexo.

— Porque tinha de fazer. Esses medicamentos que levamos nas mochilas são importantes, sem dúvida, mas estes — respondi, impotente, enquanto apontava para as telas que pendiam a nossa volta —, isto é igualmente importante, Viktor. É nossa herança, nosso legado, a soma de tudo que somos. Quando tudo isto se perder, uma parte de nós se perderá para sempre. Quando isto desaparecer, e isso acontecerá daqui a poucos meses, ou anos, a civilização será um pouco menos brilhante. Não podemos levar todos, Viktor, mas pelo menos vamos tentar salvar um. Nem que seja um.

— Concordo — suspirou o ucraniano, arrastando-me pelo braço para as escadas. — Mas vamos embora de uma vez, se não quiser que tenhamos a mesma sorte que estes quadros.

Meu olhar passeou pela última vez por aquelas telas famosas. De seu cavalo, Carlos v despediu-se com uma expressão debochada no rosto, como se soubesse que éramos os últimos espectadores que percorriam aquela sala.

As escadas que subiam para o telhado partiam de uma porta escondida atrás da cabine do guarda. Era um vão estreito e bastante escuro, já que só entrava a luz da claraboia superior, coberta por bastante sujeira. Com bastante cautela, as subimos, com Víktor abrindo a marcha, faça CM riste.

Tivemos de empurrar os dois juntos para abrir a folha de vidro blindado e aço que fechava o vão das escadas. Quando saímos para o telhado, ficamos estupefatos. Até onde a vista alcançava, contornando o museu, uma multidão de dezenas de milhares de não mortos se apinhava a nossa volta. Dei um passo para trás, tonto.

— Meu Deus... — murmurei —, são... muitíssimos!

Um coro de gemidos ergueu-se da multidão quando nos viram avançar para o helicóptero. Embora soubéssemos que não podiam chegar ali em cima, aquele som nos fazia bater os dentes.

Rapidamente checamos o estado do aparelho. O helicóptero, pintado inteiramente de branco, não tinha nenhum desenho nem emblema, além da matrícula na cauda. Aquilo não nos dizia nada sobre quem era seu proprietário, onde, diabos, estava e o motivo que o levava a aterrissar ali, nem em que momento, mas não tínhamos tempo nem vontade de investigar. Afinal de contas, se estava morto, não precisava dele, e se estava vivo, pois bem... Não devia ter deixado a chave no contato.

— Há eletricidade na bateria — Víktor checava rapidamente os controles. — E ainda tem uns cem litros de combustível, pouco mais de um quarto de tanque. Seu último piloto era um sujeito cuidadoso, sem dúvida. Cruze os dedos, amigo. Se o motor funcionar, iremos embora daqui em menos de cinco minutos.

Lentamente, as hélices do helicóptero ganharam vida, girando devagar sobre nossa cabeça, enquanto a turbina começava a zumbir. A cabine tinha um aspecto muito frágil comparada com a do Sokol ou do Super Puma, mas Víktor parecia estar bastante satisfeito com o aparelho. Empurrando a alavanca dos gases, as pás ganharam velocidade, e, de repente, notei que nos elevávamos no ar.

— Você conseguiu, Prit! — gritei alvoroçado. — Consegui! Estamos voando de novo! Onde está seu fatalismo agora, caralho?

— Muito longe daqui, espero — foi a simples resposta do ucraniano, acompanhada de um brilhante sorriso sob os bigodes. — Longe daqui. Agora, vamos embora de uma vez por todas, se não se importa.

Com um suave giro do punho, o helicóptero se elevou no ar e, por fim, nos afastamos, rumo ao aeródromo de Cuatro Vientos.

Deixamos a cidade condenada e em ruínas atrás de nós, enquanto nos tornávamos um ponto cada vez menor na distância, até, finalmente,

desaparecer.

E então, de novo, chegou o silêncio.



O Airbus descansava em uma ponta da pista, brilhando sob um sol poente que arrancava os últimos lampejos de sua chapa polida. O helicóptero deu duas passadas por cima do avião, mas nem uma viva alma apareceu. Não fosse pelo brilho da fuselagem, poder-se-ia pensar que aquele aparelho estava há tanto tempo abandonado quanto os demais objetos espalhados pela pista.

– Veja ali – apontou Viktor, enquanto inclinava o pássaro em uma espiral para que eu pudesse ver o que apontava.

Segui a direção que meu amigo indicava. No final da pista havia um monte de ferros retorcidos, que ainda exalava um pouco de fumaça e chamas.

– É um dos Buchones! – gritei, surpreso. – Acha que os Froilos o derrubaram?

– Acho que não – ele meneou a cabeça. – O mais provável é que o piloto tenha se estatelado ao tentar aterrissar. Esses pássaros não eram fáceis de pilotar, nem mesmo em sua época. Imagine a quantidade de coisas que podem ter falhado depois de passar cinquenta anos em um museu.

– Acho que o piloto não sobreviveu – murmurei, lúgubre, enquanto contemplava a pira que ardia aos nossos pés.

– Também acho – o ucraniano concordou. – Mas, o importante não é quem se matou, e, sim, quem está vivo ali embaixo neste momento.

Com um último giro, o helicóptero ficou na vertical de aterrissagem e começou a descer. Assim que tocou o chão, Víktor diminuiu as revoluções do motor, mas não o desligou. Se precisássemos sair correndo, era melhor que estivesse ligado.

Desci do aparelho e me aproximei com cautela do Airbus. Comprovei que as luzes internas estavam acesas e as gigantescas turbinas do avião de passageiros estavam ligadas, como se estivessem prestes a sair de um momento para o outro. De repente, a porta lateral se abriu e um nervoso soldado surgiu, apontando um rifle para mim.

– Alto! – gritou. – Quem vem lá?

– Somos amigos! – respondi, também gritando.

– Amigos! – trovejou de novo a voz do soldado que apontava para mim. – Amigos de quem?

Pelo tom de voz do meu interlocutor, adivinhei que estava terrivelmente nervoso, e isso, quando alguém está lhe apontando uma arma, não é nada bom. Milhares de pessoas mortas ao longo da história por causa de um dedo inquieto no gatilho respaldariam essa afirmação. Então, por isso, meditei por um segundo sobre minha resposta, antes de voltar a falar. Havia duas

opções, e só uma era a correta.

– República! – gritei, apostando tudo. – Amigos da República!

Prendi a respiração, esperando o resultado da minha aposta. Se os Froilos infiltrados na equipe do avião tivessem conseguido tomar o controle do aparelho, o que me esperava era uma chuva de balas e a morte no meio da pista de Cuatro Vientos. Se, ao contrário, os republicanos é que estivessem a bordo, ainda tínhamos uma possibilidade.

O soldado relaxou ostensivamente, e abaixou a arma. A descarga de adrenalina foi tão grande, que quase caí desfalecido no meio da pista. No cara ou coroa, deu cara. Mais uma vez.

– Onde está o resto da equipe? E onde está o comandante? – perguntou atropeladamente o soldado, que eu já podia ver melhor. Era um garoto muito jovem, pouco mais que um adolescente. – Temos um grupo de Froilos infiltrados entre nós!

– Nós sabemos – respondi, cansado, enquanto pegava uma das mochilas que Víktor trazia arrastando do helicóptero. – Só restamos nós. O resto morreu, inclusive Tank.

– Todos mortos? – o garoto quase engasgou de susto. – Tank também?

– Sim – Pritchenko interveio, com voz cansada. – E um grupo de três Froilos fortemente armados, que neste momento deve estar vindo para cá em um carro blindado com um canhão bem grande. Não acho que seja prudente ficarmos aqui.

– Isso quem decide é o piloto, suponho – respondeu, hesitante, o soldado.

Entramos apressadamente na cabine. No chão, jaziam três corpos cobertos por mantas manchadas de sangue. Debaixo de uma das mantas saía um braço terminado em uma mão crispada.

– Eram três? – perguntou Víktor.

– Não, eram apenas dois – respondeu o soldado, meneando a cabeça.

– O outro é o alferes Barrios. Acabou com um deles antes que o matassem.

Nesse momento, saiu da cabine um tenente de meia-idade. Pelo aspecto de seu uniforme, adivinhei que devia ser um dos pilotos do avião.

– Ainda bem que chegaram! – disse, enquanto nos dava a mão efusivamente. – Se demorassem mais uma hora, teríamos partido sem vocês! Tentamos fazer contato com Tank por rádio há horas, mas ninguém respondia. Quando esses dois filhos da mãe tentaram sequestrar o avião, imaginamos que algo similar devia ter acontecido com a equipe em terra.

– Mais ou menos – respondi, enquanto recordava que o operador de rádio caíra quando as escadas de acesso desabaram. – Só que, em nosso caso, os Froilos conseguiram tomar o controle. E agora mesmo estão vindo para cá, e têm um blindado com um canhão que poderia explodir este avião

em mil pedaços, se quiserem, tenente.

— Então, não vamos perder tempo — replicou o piloto, enquanto voltava a toda pressa para sua cabine. — Depois vocês nos contam o que aconteceu. Agora, vamos decolar!

Esgotado, deixei-me cair em uma das poltronas, enquanto os dois soldados sobreviventes e o piloto fechavam a porta do Airbus. Víktor, por sua vez, muito excitado por conta da metanfetamina, estava no assento do copiloto desaparecido (que nesse momento ardia em fogo lento entre os restos do Buchón), após comentar em voz suficientemente alta, para que todos ouvissem, que não estava disposto a viajar de novo no compartimento de passageiros.

Alguns minutos depois, o Airbus rodava lentamente pela pista até chegar à ponta mais afastada. Ao girar, uma de suas asas passou brevemente por cima da cerca, cobrindo com sua sombra várias centenas dos milhares de furiosos não mortos que se concentravam do outro lado da paliçada. Enquanto o piloto fazia as últimas checagens, olhei com curiosidade pela janela, tentando adivinhar a silhueta do Centauro aproximando-se pela estrada, mas a única coisa que pude ver foi uma maré interminável de não mortos.

Descobrir que o avião fora embora sem eles seria um trago muito amargo para Marcelo, Pauli e Broto, sem dúvida, e, provavelmente, uma condenação à morte. Quase sem munição, nem provisões, e no meio de lugar algum, suas possibilidades eram mínimas. Lamentava especialmente por Broto, mas ele fizera sua escolha. Cara ou coroa. E ele escolhera coroa.

Pelo menos ainda tem a bala que Marcelo lhe deu, pensei. Espero que também tenha coragem suficiente para usá-la.

Os dois motores do Airbus rugiram quando o piloto os pôs em máxima potência. Entre uma sinfonia de ruídos e estalos, o avião acelerou pela pista, sacudindo-se com força, até que, milagrosamente, se elevou no ar, vencendo a cerca do outro lado por menos de meio metro de distância.

Depois de dez minutos, o avião se estabilizou a cinco mil metros de altura, e começou sua viagem de duas horas de volta a Tenerife. Excitado demais pelas drogas, não consegui dormir. Além disso, estava eufórico por estar vivo, voltando para casa. Minha mente divagava, pensando na recepção de heróis que nos dariam. Víktor limpava sua reputação, levávamos duas mochilas com medicamentos suficientes para abastecer uma farmácia, e eu tinha uma linda garota me esperando em casa. Tudo era perfeito.

Dei uma palmada na bainha de minha perna, onde repousava, seguro, o Velázquez que eu resgatara do Museu do Prado. Podia imaginar a cara de estupefação de Lucía quando lhe desse aquele quadro, único, para pendurar na parede de nossa sala. Sorri, satisfeito, enquanto me acomodava em minha poltrona. Lucía ficaria maravilhada.

— Ei! Que diabos está acontecendo aí embaixo? — era o soldado com acne perguntava em voz alta, enquanto nosso avião realizava a manobra de aproximação ao terminal de Los Rodeos, em Tenerife.

O voo transcorreria sem sobressaltos, e um dia maravilhoso de início de verão nos acompanhava enquanto aterrissávamos. Sorridentes, embora cansados, Víktor e eu nos abraçamos antes que o aparelho parasse, quando aquela frase jogada no ar chamou nossa atenção.

— O que foi? — perguntei, enquanto soltava meu cinto de segurança e me aproximava da janela do outro lado do avião.

Ninguém me respondeu. Todo mundo estava muito absorto contemplando o panorama que se oferecia aos nossos olhos. Todo o aeroporto parecia um formigueiro depois de uma criança travessa lhe dar um pontapé. Dezenas de homens corriam daqui para lá, enquanto uma longa fileira de caminhões militares com os baús abertos saía ordenadamente das instalações. Em cada veículo, apertados feito estorninhos, dezenas de soldados com expressões tensas e armados até os dentes davam uma última checada no equipamento.

— Isso não está cheirando bem — murmurou uma voz conhecida em meu ouvido. Voltei-me para Víktor Pritchenko, que, ao meu lado, observava com ar preocupado todo o movimento externo.

— Pode ser só um exercício, ou algumas manobras — comentei casualmente.

— Não acredito — o ucraniano respondeu. — Repare em todos esses caminhões. Com a escassez de combustível que a ilha sofre, deslocar tantos veículos ao mesmo tempo é uma sangria para as reservas. Não, isso só pode ter alguma razão. Alguma séria razão de verdade.

Não tivemos muito mais tempo para divagar, pois, naquele instante, a escadinha externa se acoplou ao Airbus e as portas se abriram. Antes que pudéssemos sair, um grupo de soldados cobertos com trajes de proteção e fortemente armados entrou na cabine.

Oh, não, caralho, de novo não, pensei instantaneamente, mas logo me acalmei. A atitude dos soldados não era hostil, mas bastante amigável. Após observar atentamente todos os presentes (e comprovar que não havia um bando de não mortos babando dentro do compartimento de carga), abaixaram as armas e se despojaram dos capacetes e dos trajes. Todo mundo relaxou ostensivamente.

— Bem-vindos de volta, rapazes — disse o oficial no comando do grupo, enquanto passava o dorso da mão na testa. — Escolheram um dia complicado para voltar. Está um calor do caralho, e, ainda por cima, estamos

em alerta máximo.

– Que diabos está acontecendo? – Prit perguntou.

– Pelo visto, os Froilos atacaram o hospital do centro de Tenerife, ou algo assim – comentou o oficial superficialmente. – Pelo que ouvi, a coisa já está sob controle, mas parece que há dúzias de mortos.

– Viktor! – segurei meu amigo pelos braços, enquanto empalidecia. – O hospital! Lucía e Irmã Cecília!

– O que aconteceu exatamente? – perguntou o ucraniano, enquanto me fazia um leve gesto para que me acalmasse. – Quantos são?

– Ninguém parece saber muito bem, pelo menos por aqui – replicou o oficial, visivelmente perplexo por aquele interrogatório. – Há quem diga que o alvo poderia ser o laboratório de bacteriologia do hospital, mas eu acho que o mais provável é que tenham tentado assaltar a farmácia. Hoje em dia, todos sabem que medicamentos valem uma fortuna.

Nesse momento, seu olhar pousou nas mochilas lotadas que descansavam no meio do corredor, e automaticamente um brilho de cobiça surgiu em seus olhos.

– E com vocês, como foi, rapazes? Trazem só essas duas mochilas? Onde está aquele velho filho da mãe do Tank?

Como única resposta, guardamos silêncio. A expressão do oficial passou da cobiça à incredulidade.

– Tank? Morto? – balbuciou, atônito, enquanto meneava a cabeça. – E o resto? Então só restam... Vocês? Caralho! Mas que diabos aconteceu ali fora?

– Os Froilos – Víktor respondeu baixinho. – Como aqui.

– Merda! – praguejou o oficial, dando um soco em uma das divisórias do avião. – Esta maldita guerra civil vai acabar com os poucos que os não mortos deixaram. Quem, caralho, precisa de uma infecção para exterminar a espécie humana? Nós sozinhos nos bastamos, obrigado!

– Escute, oficial – adiantei-me, enquanto seus homens escoltavam o resto da equipe de Tank para fora do aparelho. – Temos de ir para casa quanto antes possível. Minha namorada trabalha nesse hospital, e temos, ainda, uma amiga internada ali, e queremos saber...

– Há um procedimento a seguir – replicou o oficial, taxativo. – Sete dias de isolamento para toda a equipe, vocês sabem muito bem. Foram informados antes de sair.

Tentei conter minha impaciência. Eu não podia esperar sete dias em quarentena, nem sequer uma hora. Tinha o pressentimento de que algo estava terrivelmente errado, e precisava encontrar Lucía e Irmã Cecília o quanto antes.

– Escute – disse, puxando-o de lado. – Só preciso de uma hora para ter certeza de que ela está bem. Uma maldita hora. Antes que alguém perceba, estarei de volta na área de quarentena, eu juro por Deus.

– Sabe que não posso fazer isso – ele replicou. – Íamos nos meter em uma confusão horrível, você e eu, se alguém soubesse.

– Ninguém vai saber, eu prometo – disse ansiosamente, enquanto vasculhava um dos bolsos de minha jaqueta.

Finalmente encontrei o que buscava, meia dúzia de caixas de antibióticos, do pacote que havia embutido em meus bolsos apressadamente quando saímos do depósito de Madrid. Aquela pequena muamba valia uma fortuna em Tenerife, e os olhos do oficial se abriram com cobiça quando viu o que eu lhe oferecia disfarçadamente. Minha ideia original era vendê-los no mercado negro, mas sair dali o quanto antes era muito mais urgente.

– Uma hora, nem um minuto a mais – murmurou baixinho o oficial, enquanto guardava os pacotes nos bolsos disfarçadamente. – Se daqui a uma hora não estiver de volta, vou dizer que fugiu, e o problema será inteiramente seu. Vão atirar para matar, você sabe.

– Vou correr esse risco – repliquei, enquanto pegava uma das Glock e a colocava na cintura.

– Vamos correr esse risco – Prit me corrigiu, enquanto pegava um dos HI( e se punha ao meu lado.

– Prit, muito obrigado, mas não precisa ir – eu disse. – Isto é assunto meu. É um palpite, e talvez eu esteja errado, mas acho que Lucía precisa de mim agora mesmo, e não daqui uma semana. Se nos pegarem lá fora, vamos nos meter em encrenca, e Deus sabe que você já tem problemas suficientes para...

– Chega dessa tagarelice de uma vez por todas! – interrompeu-me, seco, o ucraniano. – Vou com você, e acabou. E agora, corra, se quiser que tenhamos tempo de estar aqui em uma hora.

Olhei agradecido para o ucraniano, e contive a vontade de lhe dar um forte abraço. Aquele pequeno sujeito era um grande homem e, acima de tudo, um amigo leal até a morte. Eu tinha sorte de contar com ele.

Saímos atropeladamente do avião, enquanto o oficial se afastava trotando rumo ao terminal transformado em área de quarentena. Eu não sabia que desculpa ele usaria para justificar nossa ausência, mas não tinha a menor dúvida de que controlaria o assunto, pelo menos durante a hora prometida. Esse tipo de pessoa sempre se vira, de uma forma ou de outra.

Após cinco minutos de furiosa negociação (e o gasto de duas caixas adicionais de antibióticos, que desapareceram rapidamente dos bolsos indicados), Víktor e eu nos encontramos sentados sobre uma pilha de metal reciclado no baú de um asmático caminhão que rodava para Tenerife, com seu motorista terrivelmente contente pela repentina e inesperada fortuna

que lhe havia sorrido.

A viagem me pareceu interminavelmente longa. Quanto mais nos aproximávamos do centro da cidade, mais intenso era meu palpíte. O número de controles militares era abundante, mas passávamos por eles sem nenhum problema. Em um deles, o suboficial no comando nos confessou que estavam à caça de uma mulher, uma agente dos Froilos, que participara do assalto ao hospital, mas não nos deu mais detalhes.

— O que você acha, Víktor? — perguntei a meu leal amigo, que subitamente parecia cansado.

— Não gosto disso. Não gosto nada disso — respondeu o ucraniano. — Espero que encontremos sua garota o quanto antes. Toda essa gente está paranoica e, caso não tenha percebido, todos estão armados até os dentes. Quando menos se esperar, algum maluco vai perder o controle e começar a atirar. Então, será o caos.

— Eu também acho — respondi. — Espero que pelo menos Lucía esteja em um lugar seguro.

Cinco minutos depois, o caminhão chegou a uma barreira mais guarnecida que os controles anteriores. Naquele check-point, além de uma companhia de soldados e guardas civis, havia dois pequenos tanques estacionados, e até um ninho de metralhadoras.

— A viagem acaba aqui — disse o motorista do caminhão, após conversar brevemente com um dos oficiais ao comando do controle. — Toda a área em volta do hospital, em um raio de mil metros, foi evacuada, e não permitem passar.

— Por quê? — perguntei, enquanto descíamos do caminhão. — Que diabos aconteceu?

— Não faço ideia — replicou o motorista, com uma expressão assustada. — Pelo visto, os Froilos assaltaram um laboratório médico, ou algo assim, e eles acreditam que algum tipo de germe pode ter sido liberado. Será que essa gente não aprendeu nada com o que aconteceu? Só a um imbecil ocorreria assaltar um laboratório depois do TSJ, por Deus!

O motorista acendeu um cigarro com mãos trêmulas, enquanto continuava murmurando baixinho, e apoiando no banco da cabine um folheto que o oficial da barreira lhe dera. Com uma terrível sensação de déjà vu, estiquei a mão e peguei aquele papel.

Era uma fotocópia um pouco apagada da fotografia de uma carteirinha, feita de maneira apressada. Sob a fotografia, em caracteres grossos, estava escrito PROCURA-SE, e embaixo, uma advertência para que quem visse aquela pessoa não se aproximasse e avisasse as forças militares.

Mecanicamente, passei o folheto a Víktor. Um suor frio escorria por minhas costas enquanto uma sensação de fatalidade me envolvia.

A pessoa que aparecia naquele folheto era Lucía.



Não sei como nos afastamos daquele check-point. Durante os cinco minutos seguintes, minha mente ficou tão bloqueada que eu não tinha consciência do que acontecia a minha volta.

Lucía, uma agente dos Froilos. Isso era impossível, caralho. Minha garota era totalmente alheia às tensões políticas da ilha. Maldição, ela nem sequer sabia muito bem que história era aquela entre Froilos e Republicanos, como ia se meter no meio? E se tivesse decidido fazer isso, teria me contado. Ou não? As ideias se aglomeravam em minha mente, em um remoinho infinito.

— Ei! Preste atenção! — Víktor estalou os dedos diante de meus olhos. — Posso entender que esteja preocupado, mas, se realmente quer ajudar Lucía e Irmã Cecilia, então é melhor se ligar. Elas precisam de nós dois a cem por cento. Está comigo?

— Claro que sim — respondi, depois de respirar profundamente. — Evidente que sim, caralho. O que vamos fazer?

— Primeiro, encontrar Lucía, claro — disse o ucraniano —, depois, tentar esclarecer esse imbróglio, se é que vamos poder.

— E como pretende encontrá-la no meio desse caos? — perguntei, apontando para o posto de controle, aonde um caminhão inteiro de efetivos anti distúrbios acabava de chegar. — Metade da ilha deve estar procurando Lucía neste momento, e a outra metade deve estar escondida pensando que os Froilos estão prestes a invadir.

— Por que não começamos por nossa casa? — apontou Víktor. — É o lugar mais lógico.

Não tínhamos muitas alternativas, de modo que concordei com o que o ucraniano propunha. No início, o motorista do caminhão se negou categoricamente a nos levar até nosso domicílio. Porém, após manter uma breve conversa com Víktor longe dos olhares indiscretos, mostrou-se subitamente muito mais cooperativo. Talvez o pequeno arranhão de navalha que se adivinhava em seu pescoço tivesse algo a ver com aquela repentina mudança de atitude.

Não me surpreendeu encontrar um URO do Exército estacionado em frente à porta de nosso edifício. Dois soldados estavam apoiados no capô do veículo, enquanto outro lia uma revista muito velha e suja no banco do motorista.

— Estão vigiando — sussurrei para o ucraniano quando o caminhão parou. — Acho que Lucía não vai se aproximar daqui com esses sujeitos rondando.

— Evidente que estão vigiando. O que você achou? — Prit perguntou, enquanto saía do caminhão. — É com certeza não vamos encontrar Lucía sentada no sofá de casa lendo Tolstói, idiota. Mas, pelo menos, espero que

possamos tirar algo a limpo ali em cima para entender que diabos está acontecendo.

Cruzamos a entrada sem atrair mais que um breve olhar dos soldados que montavam guarda. Afinal de contas, eles estavam procurando uma garota morena de 17 anos, e viam apenas um sujeito espigado com cara de sofrimento e outro louro e baixinho de bigode.

Ao passar pela portaria, alguém abriu a porta de repente e pôs a cabeça para fora. Tive o tempo exato de pegar Pritchenko pela camisa e arrastá-lo comigo para trás de um vaso empoeirado, onde crescia uma erva-do-diabo selvagem grande o suficiente para nos esconder. Um retângulo de luz saía da porta aberta, junto com um forte cheiro de couve cozida.

Reconheci a vigilante de bloco, uma velha fofoqueira que sempre nos olhava com desconfiança. A mulher (eu achava que se chamava Rosaura ou Rosário, ou algo assim) escrutinou com olhos míopes o vestibulo em penumbra (a maior parte das lâmpadas queimara meses atrás e não fora substituída).

– Alguém aí? – gritou com voz estridente.

Víktor e eu prendemos a respiração. Se aquela introneta nos visse, daria o alarme e teríamos de dar umas explicações que não tínhamos para a guarda armada que estava parada do lado de fora.

Após alguns instantes de tensão, a porteira se voltou e, resmungando baixinho, entrou de novo em seu cubículo. Dei um suspiro de alívio. Foi por pouco.

Após deixar o vestibulo para trás, subimos as escadas tentando não chamar a atenção de ninguém. A presença de tropas armadas na porta parecia ter atemorizado nossos vizinhos, pois não vimos uma viva alma nas escadas, normalmente abarrotadas.

Quando chegamos ao nosso apartamento, não me surpreendeu encontrar a porta de acesso destruída. O interior parecia ter sido arrasado por um furacão. Alguém tinha revistado a fundo o domicílio, e sem contemplações de nenhum tipo. Não restava nada no lugar, e tinham até rasgado os colchões e as almofadas em busca de sabe Deus o quê. Em pé, no meio daquela devastação, senti-me completamente desolado. Se Lucía tinha deixado algum tipo de pista ou indicação do que acontecera, sem dúvida já a teriam encontrado.

De rabo de olho captei um movimento fugaz na porta. Agindo por puro instinto, desembainhei a Glock e aponte para a entrada, preparado para me defender de qualquer possível atacante. Porém, o miado desolado que um pequeno borrão laranja soltou me fez abaixar a arma imediatamente.

– Lúculo! – gritei alvoroçado, enquanto meu gato persa pulava aos meus pés. Aquele safado estava maravilhoso e, enquanto o pegava no colo, tive a sensação de que engordara mais. Cocei sua barriga, e ele

imediatamente começou a ronronar, extasiado.

Parei de repente, o que me valeu um olhar irado de Lúculo. Observava com atenção a coleira do gato. Em todos os anos que Lúculo passara comigo, sempre usara uma simples coleira antiparasitária preta. Porém, naquele momento, em volta do pescoço havia uma correia de couro vermelho, que eu conhecia muito bem.

Conhecia muito bem porque não era uma correia, e sim uma pulseira que eu dera de presente a Lucía tempos atrás.

Tremendo de emoção, desamarrei a correia do pescoço do gato e a girei nas mãos, sob o expectante olhar de Pritchenko.

Ao virar a pulseira de couro, na face interna pude ver que tinha algo escrito com a familiar letra de Lucía. Era apenas uma palavra, algo que só poderia ser compreendido por Víktor Pritchenko ou por mim mesmo.

Dentro da pulseira estava escrito Corinto.

Levamos quase duas horas para chegar ao Porto de Tenerife. Em primeiro lugar, tivemos de fazer verdadeiros milagres para sair do edifício sem que alguém nos visse. Depois, precisamos dar uma grande volta para evitar os controles, já que Víktor achava que era apenas questão de tempo até que alguém relacionasse Lucía a nós e começassem a espalhar nossas fotos por todos os lados.

Tive de lhe dar razão. Além disso, o prazo de uma hora que o oficial do aeroporto nos havia concedido já expirara fazia tempo. Tecnicamente, nesse momento Víktor e eu éramos desertores e fugitivos. Essa não era a recepção triunfal que eu imaginara durante o voo de volta, mas, pelo menos, estávamos vivos e livres.

Quando finalmente chegamos ao porto, já havíamos estabelecido um plano de ação. Suspeitávamos que Lucía se refugiara em um dos veleiros que estavam atracados na enseada (só nós conhecíamos o nome Corinto, o barco que me levava até Vigo e até Víktor, e por isso Lucía tinha nos deixado aquela mensagem tão cifrada, que só podia se referir a um veleiro), mas não tínhamos a menor ideia em qual deles ela estaria. Eu suspeitava que minha garota teria sido esperta o suficiente para nos deixar outra pista que nos levasse até ela, mas que não fosse excessivamente evidente.

Ao chegarmos ao porto, nossos ânimos desabaram. Havia literalmente centenas de barcos a vela atracados ao abrigo da enseada, além de dezenas de enormes cargueiros e navios de guerra enferrujando sob a brisa. Milhares de refugiados tinham chegado a conta-gotas naqueles barquinhos. Quando o combustível começou a escassear, o governo da ilha os organizara em forma de uma pequena frota pesqueira, que todas as manhãs saía para pescar e alimentar a sempre faminta multidão apinhada em Tenerife.

Para um apaixonado por barcos como eu, era tragicômico ver aqueles puros-sangues do vento meio enterrados sob redes, mastros e cestos, mas não havia outro remédio para evitar a fome. Porém, por mais que me esforçasse, eu não conseguia localizar uma embarcação parecida com o Corinto.

— E agora? — Prit perguntou, nervoso, enquanto vigiava o movimento dos trabalhadores do porto do nosso esconderijo, no meio de duas montanhas de contêineres abandonados em um canto do quebra-mar. — Em qual de todos esses ela está?

— Se eu soubesse, não estaríamos aqui perdendo tempo — respondi, mal-humorado, enquanto segurava Lúculo como podia; ele não sossegava, tentando se soltar. Minha mente não parava de pensar a toda velocidade, e meus olhos percorriam a enseada inteira em busca de algum sinal. Mas, por mais que me esforçasse, não via nada que me recordasse o Corinto.

Bem quando estava prestes a desistir, por ser impossível, meu olhar se

deteve em um pequeno veleiro atracado em uma extremidade do porto. Pisquei duas vezes, para ter certeza de que estava vendo o que mirava. Então, sorri.

Porque na ponta do mastro maior daquele barco pendia, á guisa de bandeira, uma velha e desbotada roupa de neoprene.

O barco se chamava Cocodrilo II, um velho veleiro de oito metros e um só mastro. Antigamente devia ter sido uma verdadeira joia, mas quando Víktor e eu nos aproximamos remando uma canoa, vimos que tinha um aspecto bastante deteriorado. Seu dono original era, com certeza, um apaixonado pelo mar, e mimara aquela embarcação, algo que ainda se notava nos acabamentos de madeira teca ou nos elegantes e funcionais equipamentos de aço. Mas longos meses servindo como barco de pesca em mãos menos cuidadosas haviam cobrado seu preço.

O mastro estava mal colocado, e os cabos enrolados de uma maneira tão malfeita que arrancariam gritos de espanto de um navegante de verdade. Toda a parte da proa estava sepultada sob uma grossa camada de redes de diferentes tessituras e espessuras, e do barco saía um penetrante fedor de peixe podre. Se Lucía decidira se refugiar ali, eu não tinha a menor dúvida de que tinha sido uma solução excelente. Qualquer um preferiria passar longe a entrar naquele monte de lixo flutuante.

Com um golpe de remo, paramos a canoa ao lado do veleiro e subimos a bordo. A bagunça era aterrorizante. Haviam transformado a metade dianteira da cabine em um depósito para guardar a pesca. Da porta, só se via um monte de caixas brancas de plástico empilhadas de qualquer jeito e um colchão nojentos jogado no chão.

— Não há ninguém aqui — disse Prit com desânimo. — Acho que não...

Antes que ele pudesse acabar a frase, Lúculo pulou a bordo do Cocodrilo II e se enfiou como uma flecha entre as caixas de plástico situadas ao fundo. Ouviu-se um gemido abafado de surpresa e, de repente, uma mão que eu conhecia muito bem empurrou um dos montes de caixas.

Em pé diante de nós, e com um alvoroçado Lúculo no colo, Lucía nos contemplava com lágrimas de alívio nos olhos.

Busquei com minhas mãos as de Lucía, e ela me devolveu o aperto com força e em silêncio. Ficamos assim alguns segundos, emocionados demais para dizer qualquer coisa, até que Prit pigarreou para chamar nossa atenção.

— Lamento interromper o reencontro, mas temos muitas coisas a fazer — disse o ucraniano com certa urgência na voz. — Estão nos procurando, e ainda não sabemos como está Irmã Cecília. Talvez devêssemos...

— Oh, Víktor — Lucía soltou minhas mãos e abraçou o ucraniano. Havia verdadeira dor em sua voz, que tremeu quando começou a chorar. — Víktor, lamento tanto... Eles a mataram, na minha frente... Foi horrível!

— Calma, calma — Pritchenko conseguiu dizer enquanto lhe dava umas palmadinhas desajeitadas nas costas. O ucraniano empalidecera de forma mortal, e suas pupilas pareciam duas bolinhas de gude pretas. Se eu conhecia bem meu amigo, quem quer que fosse que matara a freira ganhara

um inimigo mortal.

Lucía se afastou de Víktor e, soluçando, contou-nos atropeladamente a odisseia que vivera durante os dois últimos dias, desde que entrara no hospital até que, fugindo atarantada, tivera a ideia de se refugiar em um barco do porto.

– Como você sabia que ninguém a encontraria aqui? E a tripulação do barco? – perguntei, enquanto a abraçava com força.

– Estão internados no hospital com botulismo. Comeram conservas estragadas – Lucía respondeu aos soluços. – Eram pacientes da minha ala. Eu sabia que antes de quinze dias, pelo menos, não voltariam por aqui.

– E se não a tivéssemos encontrado? O que teria feito?

Lucía parou de chorar, e um triste sorriso iluminou seu rosto. Segurando minhas mãos, deu-me um longo beijo na boca.

– Eu tinha certeza de que viriam – disse com serenidade, enquanto me olhava fixamente. – Era a única certeza que tinha. Não há nada no mundo que possa acabar com vocês, nem vivos nem não mortos. Eu sabia que chegariam.

Abracei minha garota com ímpeto, enquanto uma tempestade de emoções disparava dentro de mim. Eu não permitiria que nada lhe acontecesse, de modo algum. Faria o que fosse necessário para protegê-la.

Voltei-me para Víktor. O ucraniano estava sentado na borda da escada da cabine, com os braços caídos e uma expressão derrotada no rosto. Não só tinha perdido sua melhor amiga, como também tinham lhe roubado a possibilidade de vingança. Para ele, o jogo resultara em amargo final.

– Víktor – eu disse, ajoelhando-me ao seu lado –, não desanime agora. Precisamos de você, velho amigo. Somos camaradas, lembra?

O ucraniano levantou seus olhos vidrados para mim. Vi uma faísca de vida renascer no fundo de seu olhar quando lhe dei um forte aperto de mão.

– Fatalizm – disse, com um sorriso amargo na boca. – É o que se tem.

– Fatalizm – eu repeti, também com meio sorriso. – Mas prometo que faremos isso mudar em bem pouco tempo, eu juro.

Cinco horas depois, coincidindo com o alvorecer, a frota pesqueira de Tenerife levantou âncoras em direção às calas situadas a poucas milhas náuticas. Da margem, a imagem de centenas de veleiros abrindo suas velas sobre um mar fragilmente iluminado era inesquecível.

Um observador atento poderia ter percebido que um dos veleiros navegava com o mastro bastante fechado, a sotavento, como se estivesse pronto para participar de uma regata, enquanto seus tripulantes andavam pelo convés esticando cabos.

Quando, depois de duas horas, os barcos chegaram à cala, aquele veleiro não jogou as redes, como os demais. Em vez disso, soltou mais pano e, com a brisa matutina inchando o spinnaker de proa, rumou para a ilha Gran Canária. Ninguém na frota pareceu se dar conta enquanto o veleiro se afastava.

Pouco a pouco, foi se perdendo no horizonte.

Até que, finalmente, desapareceu.



## Em algum lugar, a duas milhas em frente à costa do Senegal

Marcel Mbalo tinha 12 anos, e seu primo Yayah, 14. Ambos tinham saído em seu barco de pesca muito cedo naquela manhã, para aproveitar os ventos alísios do amanhecer. Embora sua longa pirágua dispusesse de um barulhento e velho motor, seu tio os proibira de usá-lo, salvo em caso de extrema necessidade, já que quase não restava combustível na aldeia. Então, Yayah e ele tinham de remar com força todas as manhãs para se afastar das pedras da praia, e depois soltar as velas até chegar às áreas onde havia pesca.

Para Marcel, aquela vida era excitante. Há apenas um ano, os homens da aldeia não teriam permitido que duas crianças saíssem para trabalhar sozinhas em um dos preciosos barcos de pesca, mas, naquele momento, não havia alternativa. A maioria dos homens fora recrutada à força pelo Exército, quando os demônios saíram do inferno e se apoderaram da alma de muitos vivos e, dado que nenhum tinha voltado, quase não restavam adultos em idade de trabalhar na aldeia.

Os poucos que ficaram estavam montando guarda permanentemente na pequena ponte que atravessava os pântanos, o único acesso à península de N'Gor, onde ficava a aldeia. O tio de Marcel dizia que estarem tão isolados era uma bênção de Alá, mas Marcel e Yayah não compreendiam que vantagem podia haver em viver em um lugar tão remoto, a centenas de quilômetros da cidade mais próxima. Eram pouco mais de duzentas pessoas na aldeia, entre homens, mulheres e crianças, e viviam da pesca e das plantações em volta do povoado. Não passavam fome, mas também não podiam se permitir excessos. E, à noite, todos eram obrigados a dormir dentro do prédio da antiga escola, coisa que eles achavam muito divertido.

Yayah controlava o timão, enquanto Marcel esticava a pequena vela latina que impulsionava a pirágua. Sua mente divagava olhando o horizonte, quando lhe pareceu ver uma mancha branca mexendo-se ao longe. Pouco depois, aquela mancha se transformou em um barco a vela que parecia se aproximar rapidamente deles.

Marcel apontou aquele veleiro a Yayah. Naquelas circunstâncias, um homem maduro e precavido teria dado meia-volta e se afastado a toda vela do barco desconhecido, mas Marcel e Yayah eram apenas uns adolescentes sem noção do perigo, e, levados pela curiosidade, deixaram que a pirágua fosse derivando lentamente para o veleiro.

Quando chegaram a pouco mais de cem metros de distância, Marcel, inconscientemente, pôs a mão no gri-gri, amuleto contra os demônios que usava pendurado no pescoço. Aquele barco lhe dava medo.

O veleiro parecia ter passado por uma tempestade feroz. O mastro maior estava quebrado a meia altura, e a banheira de popa estava inundada de

água do mar. O timão, abandonado, rodava livremente impulsionado pelo vento. Não se via viva alma a bordo.

Marcel gritou duas vezes, mas ninguém apareceu na coberta. Quando Yayah parou a pirágua ao lado do veleiro, Marcel saltou a bordo, segurando com força o pequeno facão que usava para cortar cabeça de peixe.

O pequeno pescador sentiu imediatamente vontade de sair correndo daquele barco de aspecto sinistro e arruinado, mas seu primo mais velho estava ali, observando-o. Se demonstrasse medo, depois teria de aguentar o deboche dos outros meninos do povoado. Engolindo em seco, empurrou com a mão livre a porta encostada que dava acesso à cabine interna do veleiro.

O camarote parecia estar deserto. Um fuzil de assalto preto repousava em cima da mesa, ao lado de uma faca de grandes dimensões. Marcel se aproximou com cuidado, e pisou numa camada de vidros quebrados que cobria o chão. Em um dos bancos havia uma pintura que lhe chamou a atenção. Era uma paisagem de um jardim, com uma estátua e uns homens brancos falando tranquilamente em primeiro plano. Marcel achou aquela pintura bastante feia, e a deixou cair no chão cheio de água do mar, onde ficou flutuando virada para baixo.

Depois de revistar toda a cabine, viu que estava deserta. Ao sair, pegou o fuzil de assalto e a faca. Satisfeito com o butim, e pensando na cara de Yayah quando visse tudo aquilo, voltou-se para dar uma última olhada no interior do barco abandonado.

Em um canto, pendurado em um cabide preso no teto, um velho traje de neoprene o observava, balançando-se ao compasso das ondas.

Pontevedra, julho de 2009.

## Agradecimentos

É muito complicado incluir em poucas linhas todas as pessoas que, de um modo ou de outro, fizeram parte desta aventura chamada Apocalipse Z. O que começou como um pequeno relato publicado em uma obscura página da internet, acabou se transformando em uma série de livros da qual agora o leitor tem o segundo volume (por ora) nas mãos. E são muitos os que colaboraram para que isso tivesse acontecido.

Em primeiro lugar, agradeço a minha mulher e minha família, por sua infinita paciência, amor e compreensão nos momentos em que encalhávamos nos arrecifes do desconcerto.

Evidentemente, a Juan Gómez-Jurado, colega escritor, mas principalmente amigo, que me abriu portas e me iluminou caminhos que de outra maneira me teriam permanecido ocultos. Ele me levou pela mão nos passos mais difíceis. A dívida que tenho para com ele é tão grande, que dificilmente poderei pagá-la. Ele foi meu Pritchenko particular nessa viagem (mas não tem bigodes, nem é louro).

Como não podia deixar de mencionar, a Emilia Lope, da Random House Mondadori, não só por sua simpatia, paciência e compreensão, como também por acreditar neste projeto e apoiá-lo de maneira decidida. Emilia, você é fantástica, e sem você isso não seria possível.

Ao pessoal da internet, às centenas de milhares de leitores on-line que viram esta história crescer como um blog, que assistiram, como eu, passo a passo a sua transformação em livro, e que a todo momento me transmitiram seu apoio e seu caloroso estímulo. Este livro, como o anterior da série, é tão meu como de vocês.

Manel Loureiro nasceu em Pontevedra, 1975. Formou-se em direito pela Universidade Santiago de Compostela. Durante o período em que estudava, trabalhou na tv como apresentador de diversos programas e, posteriormente, como jornalista, época em que começou a escrever.

Apocalipse Z tornou-se um fenômeno na internet, onde foi lido por milhares de pessoas em todo o mundo.

Atualmente mora e trabalha em Pontevedra, Espanha.

Começou em 2005 em forma de blog. Manel Loureiro contava em tempo real uma hipotética invasão de zumbis na Espanha do ponto de vista de um advogado morador de Pontevedra.

O relato foi crescendo e chamando a atenção da população que não sabia o que não era real e o que era.

O blog virou um livro de sucesso. E este já é o segundo da série. Os sobrevivente Viktor Pritchenko, Lucia, Irmã Cecília e o advogado, protagonista da história(cujo nome continua sendo um mistério), havia decidido fugir em busca de salvação para as Ilhas Canárias, um dos únicos pontos que ainda pareciam seguros na terra. Porém, ao chegar ao local, Encontra um estado militar, enredado em uma guerra civil, com uma população faminta e com poucos recursos para sobreviver.

Lá, recebem uma missão quase suicida: devem acompanhar uma equipe de soldados até Madrid e saquear um hospital que fora um dos primeiros locais a ser invadido pelos não mortos, a fim de conseguir medicamentos imprescindíveis para os sobreviventes. Abandonando a segurança da ilha, o advogado, Victor Pritchenko e os demais soldados, terão de voltar a um inferno inimaginável: uma cidade pós-apocalíptica, cheia de zumbis agressivos que colocarão à prova, seu desejo de lutar pela vida.

Quinta Coluna - é um termo usado para se referir a grupos clandestinos que trabalham dentro de um país ou região, ajudando a invasão armada promovida por um outro país em caso de guerra internacional, ou facção rival no caso de uma guerra civil. Por extensão, o termo é usado para designar todo aquele que auxilia a ação de forasteiros, mesmo quando não há previsão de invasão. (N. E.)

Assistente Técnico Sanitário - umas das especialidades do serviço de enfermagem na Espanha. (N. T.)